

**O “TÊNIS” COMO ELEMENTO DE MOBILIDADE CONTINUADA
RELACIONADO A SAÚDE E AO BEM-ESTAR**

Por:

TAISE SOARES DA COSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. SIDNEY FERREIRA FARIAS

Dissertação Apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física na
Universidade Federal de Santa Catarina, como Requisito para Obtenção do Título de
Mestre em Educação Física

Fevereiro, 2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Dissertação: **O “TÊNIS” COMO ELEMENTO DE MOBILIDADE CONTINUADA
RELACIONADO A SAÚDE E AO BEM-ESTAR**

Elaborada por: TAISE SOARES DA COSTA

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de concentração
Atividade Física relacionada à Saúde

Data: 28 de Fevereiro de 2005.

Prof. Dr. Adair da Silva Lopes
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sidney Ferreira Farias (Orientador)

Prof. Dr. Juarez V. do Nascimento (membro)

Prof. Dr. Paolo Meneghin (membro)

Prof Dr.Emílio Takase (suplente)

Reach - Glória Stefan

*Some dreams live on in time forever
those dreams, you want with all
your heart
and i'll do whatever it takes
follow through with the promise i made
put it all on the line
what i hoped for at last would be mine*

*if i could reach, higher
just for one moment touch the sky
from that one moment in my life
i'm gonna be stronger
know that i've tried my very best
i'd put my spirit to the test
if i could reach*

*some days are meant to be remembered
those days we rise above the stars
so i'll go the distance this time
seeing more the higher i climb
that the more i believe
all the more that this
dream will be mine*

*if i could reach, higher
just for one moment touch the sky
from that one moment in my life
i'm gonna be stronger
know that i've tried my very best
i'd put my spirit to the test
if i could reach*

*Alguns sonhos duram para sempre
Aqueles sonhos, que você deseja do fundo do
coração
E eu os farei não importa o que haja
Seguindo em frente com a promessa que fiz
Colocando tudo na frente
Que eu esperei um dia ser meu*

*Se eu puder alcançar, mais alto
Apenas por um momento tocar os céus
A partir daquele único momento em minha vida
Eu serei mais forte
Saberei que tentei o máximo
Coloquei meu espírito à prova
Se eu puder alcançar*

*Alguns dias significam que devam ser lembrados
Estes dias que nos erguemos acima das estrelas
Então eu irei longe nesta hora
Vendo o mais alto que eu possa subir
Por mais que eu acredite
Tanto mais este sonho será meu*

*Se eu puder alcançar, mais alto
Apenas por um momento tocar os céus
A partir daquele momento em minha vida
E vou ficar mais forte
Sabendo que eu tentei o máximo
Tenho colocado meu espírito à prova
Se eu puder alcançar*

*À minha mãe, Maria de Lourdes... que
aos 65 anos de idade voltou a estudar...
Este é o meu melhor exemplo de vida e de
mobilidade!*

AGRADECIMENTOS

Ao poder maior, sustentando-me onde a razão não se suporta (Deus) e a minha Fé...

Aos meus pais por terem sido o canal da minha vinda ao mundo.

A minha família como um todo, principalmente minhas irmãs Anair e Rosa, mulheres fortes e detentoras do significado da palavra CORAGEM.

Ao cunhado Joca por ter me mostrado o mundo através do tênis.

Ao meu orientador Sidney por me mostrar o processo e não o caminho... “isso é mestrado!”

Ao programa de pós-graduação em Educação Física da UFSC, pela credibilidade em ter-me como mestranda neste programa.

Aos amigos e colegas presentes e ausentes... ambos contribuíram para meu crescimento.

Ao companheiro Rogério Massarotto, um doce beijo na sua alma... obrigada por existir.

A quem, no início, foi apenas um sujeito da amostra, mas depois se concretizou como amigo em um processo cheio de significados tão complexos quanto a nossa existência... André Quadros Mademan, você foi indispensável nesse processo!

Ao apoio do CNPq.

Aos servidores do Centro de Desportos presentes a todas as minhas vindas a sala do mestrado.

Meu muito obrigada!

RESUMO

O “TÊNIS” COMO ELEMENTO DE MOBILIDADE CONTINUADA RELACIONADO A SAÚDE E AO BEM-ESTAR

Aurora: Taise Soares da Costa
Orientador: Prof. Dr. Sidney Ferreira Farias

O Homem em busca da sobrevivência interage com diversos elementos do ambiente, elementos estes inseridos num contexto genético, cultural e espiritual. Um desses elementos é a competição, estereotipada principalmente nas práticas esportivas, mas entendida de maneira Ecológica, passa a representar um elemento importante para a Mobilidade Sustentável na vida. Este estudo teve como objetivo principal, investigar a competição como elemento inerente da prática esportiva em adultos jovens do sexo masculino e feminino praticantes de tênis de campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A fundamentação teórica abordou temas norteadores, tais como a Teoria Ecológica sobre Competição (Donald Pierson, 1953); a Competição no Esporte e nas Relações Sociais; A Importância da Mobilidade Cotidiana na Sustentabilidade da Saúde e, a Teoria da Ação Racional - (Ajzen & Fishbein, 1980). Esta investigação teve como população os praticantes de tênis de campo da Cidade Universitária em Florianópolis – SC e foi realizada em duas etapas; a primeira etapa, com característica descritivo-exploratória utilizando para coleta de dados o Questionário Internacional de Atividade Física Habitual (Soares, 2003); a segunda etapa, caracterizou-se como descritiva do tipo estudo de caso, utilizando-se como instrumento para coleta de dados uma entrevista semi-estruturada. Os resultados obtidos constataram uma população situada entre a faixa etária de 15 e 34 anos, solteiros, cursando nível superior e pertencentes a classe econômica “B” e “C”. A maioria (82,1%) realizavam atividades físicas regulares e se consideravam mais ativos (56%) que outras pessoas da mesma idade. O principal fator evidenciado na dificuldade em realizar a prática de atividades físicas foi a falta de tempo (51,2%) e o que mais facilitou foi a vontade (45,2%) em realizar esta prática. Grande parte (70%) apresentou consumo acima de 3500 kcal/mets/semana e preferem como local para a prática de suas atividades físicas as ruas, os parques (53,9%), os clubes e as academias, respectivamente. A competição se constituiu no elemento essencial para a realização da prática esportiva em questão, possuindo estreita relação com os elementos norteadores da Mobilidade Sustentável. Ocorreu o aparecimento do elemento “vontade” vislumbrado como inerente aos praticantes de tênis aproximando-se do conceito de competição da Teoria Ecológica de Pierson (1953), fazendo emergir uma nova vertente da Mobilidade Sustentável a qual chamamos de Mobilidade Continuada voltada as características pessoais de cada indivíduo.

Palavras-chave: Competição, Tênis, Mobilidade Sustentável, Ambiente, Atividade Física, Bem-Estar, Saúde.

ABSTRACT

THE "TENNIS" AS ELEMENT OF CONTINUED MOBILITY RELATED THE HEALTH AND WHEN WELL-BEING

Author: Taise Soares da Costa
Adviser: Prof. Dr. Sidney Ferreira Farias

The Man in search of the survival interacts with diverse elements of the environment, elements this inserted in a genetic, cultural context and spiritual. One of these elements is the competition, printed mainly in the practical of the sports, but understood in Ecological way, it starts to represent an important element for Sustainable Mobility in the life. This study it had as objective main, to investigate the competition as inherent element of the practical of the sports in young adults of the masculine and feminine sex practitioners of tennis of field of the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The theoretical recital approached subjects considered general objective, such as the Ecological Theory on Competition (Donald Pierson, 1953); the Competition in the Sport and the Social Relations; The Importance of Daily Mobility in the Sustentained of the Health and, the Theory of the Rational Action - (Azjem & Fishbein, 1980). This inquiry had as population the practitioners of tennis of field of the University City in Florianópolis - SC and was carried through in two stages; the first stage, with characteristic description-exploratória using for collection of data the International Questionnaire of Habitual Physical Activity (Soares, 2003); the second stage, characterized as descriptive of the type case study, using itself as instrument for collection of data a half-structuralized interview. The results gotten with the accomplishment of this study had evidenced a situated population between the ages of 15 and 34 years, bachelors, attending a colleges student and pertaining economic classroom "B" and "C". The majority (82,1%) carried through regularly physical activities and if they considered active more (56%) that other people of the same age. The main evidenced factor na difficulty in carrying through the practical one of physical activities was the lack of time (51,2%) and the one that more facilitated was the will (45,2%) in carrying through this practical. Great part (70%), presented consumption above of 3500 kcal/mets/semana and prefers as local for practical of the its physical activities streets, the parks (53,9%), the clubs and the academies, respectively. The competition if constituted in the essential element for the accomplishment of the practical of the sports in question, possessing narrow relation with the elements of Sustentável. Ocorreu Mobility the appearance of the element "will" glimpsed as inherent the tennis practitioners coming close itself to the concept of competition of the Ecological Theory of Pierson (1953), making to emerge a new source of Sustainable Mobility which we call Continued Mobility directed the personal characteristics of each individual.

Key words: Competition, Tennis, Sustainable Mobility, Physical Activity, Well-being, Health.

ÍNDICE

	Página
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
ÍNDICE.....	vi
LISTA DE QUADROS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE FIGURAS.....	ix
LISTA DE ANEXOS.....	x
Capítulo	
I . INTRODUÇÃO.....	01
Formulação da Situação Problema	
Objetivos do Estudo	
Delimitação do Estudo	
Limitação do Estudo	
Definição de Termos	
II . REVISÃO DE LITERATURA.....	05
Mobilidade Sustentável	
A Genética na Mobilidade Cotidiana	
“Enciclopédia de Referência”: um processo bio-social (Cultural)	
Bem-Estar e Conectividade com o Ambiente	
A Competição no Esporte e nas Relações Sociais	
A Competição e a Teoria da Ação Racional	
Teoria da Ação Racional	
Definir e Medir o Comportamento	
III .METODOLOGIA.....	25
Caracterização do estudo	
População	
Processo de Seleção da Amostra	
Instrumentos	
Matriz Analítica	

Estudo Piloto
Coleta de Dados
Tratamento do Dados/Análise e Interpretação dos Resultados

IV . CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS.....	31
Notas Finais Sobre a Primeira Fase	
Notas Finais Sobre a Segunda Fase	
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
ANEXOS.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1. Relação de variáveis, medidas utilizadas e tipos de escalas.....	29

LISTA DE TABELAS

Tabelas	Página
1. Distribuição dos casos Omissos segundo o sistema de trabalho e a carga horária.....	34
2. Distribuição da fonte de renda e imóveis.....	36
3. Critério de renda familiar por classe (ANEP).....	36
4. Distribuição da população segundo o nível socioeconômico.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figuras	Página
1. Diagrama representativo das relações entre os fatores que determinam o comportamento do indivíduo, de acordo com a TRA. (Gallani, 2000).....	21
2. Distribuição da população segundo o sexo.....	33
3. Distribuição da população segundo a idade.....	34
4. Distribuição da população segundo o estado civil.....	34
5. Distribuição da população segundo o número de dependentes.....	35
6. Distribuição da população segundo o número de filhos.....	35
7. Distribuição da população segundo a participação em atividades físicas regulares.....	37
8. Distribuição da população segundo a comparação com pessoas de mesma idade.....	38
9. Distribuição da população segundo o primeiro fator que dificulta a prática de atividades físicas.....	39
10. Distribuição da população segundo o primeiro fator que facilita a prática de atividades físicas.....	39
11. Distribuição da população segundo o cálculo de kcal/mets/semana.....	40
12. Distribuição da população segundo o local de preferência para a prática de atividades físicas.....	41
13. Distribuição da população segundo a preferência de companhia na realização da atividade física.....	41
14. Esferas da Mobilidade.....	67

LISTA DE ANEXOS

Anexos	Página
1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	76
2. Instrumento 1ª fase (Questionário).....	78
3. Declaração do coordenador do mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.....	84
4. Instrumento 2ª fase (Roteiro de Entrevista).....	86
5. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.....	88
6. Entrevistas.....	90

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Formulação da Situação Problema

Atualmente especula-se a respeito de um conceito de saúde que contemple aspectos mais amplos da existência do homem e não esteja vinculado apenas ao antigo conceito do “perfeito bem-estar físico, mental e social do indivíduo” difundido pela Organização Mundial da Saúde - OMS. Tais conceitos são alavancados por outros, associando-os estreitamente aos hábitos relacionados às práticas de atividades físicas, sugerindo, assim, uma relação de causa e efeito nos indivíduos que as praticam, proporcionando-lhes melhores níveis de saúde e qualidade de vida (Nahas 2003).

Porém, no processo de desenvolvimento das sociedades, a revolução industrial, assim como a revolução tecnológica nos dias atuais, têm proporcionado modificações nas rotinas corporais no que diz respeito a sua mobilidade, sugestionando o ócio, a inatividade e o sedentarismo no tocante da diminuição dos movimentos realizados pelos grandes grupamentos musculares em substituição pela realização de grupos musculares menores.

Neste panorama, a diminuição da mobilidade, entre outros processos associados a vida moderna, passou a relacionar-se com algumas disfunções orgânicas como a obesidade e as doenças crônico-degenerativas, tornando-se alvo das pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Na Educação Física, pesquisas sobre Bem-Estar, Qualidade de Vida e Estilo de Vida ganharam destaque, principalmente nos últimos vinte anos, sendo desenvolvidas em diversos grupos populacionais - crianças, adolescentes, adultos jovens, mulheres de meia idade e idosos – numa tentativa de investigar as principais causas e conseqüências, assim como sugerir soluções, na intervenção dessas disfunções para melhoria da saúde.

De alguma maneira a Educação Física relacionada a saúde, em parte, assumiu discussões relacionadas diretamente aos seus fatores de risco, passando a ser cada vez mais freqüentes, pesquisas enfatizando a reabilitação da saúde através de uma rotina fisicamente ativa, mas não necessariamente colocando-a, à priori, como profilaxia destes fatores de risco.

Diversos estudos comprovam a eficácia de uma rotina fisicamente ativa como um componente necessária a uma vida saudável, melhorando assim, a qualidade de vida (American Heart Association, 1995; Canadian Health 2002). No entanto, “*uma educação*

para a saúde não é uma educação médica, é uma educação para a fruição da vida” enfatiza Bento (1995, p.149). Pode ser então, nesse sentido da fruição da vida e, principalmente, na manutenção da saúde de forma preventiva que a Educação Física almeje seus esforços.

Embora a rotina de um comportamento ativo seja importantíssima para a saúde, estudos sobre o comportamento humano supõem que apenas o valor informativo desta questão não seja suficiente na determinação em assumir este comportamento ativo. Torna-se necessário, por sua vez, mudar os hábitos (Meneghin, 1993; Rojas, 2003).

Aparentemente esta mudança acontece, mais fortemente, quando o indivíduo sente-se ameaçado de alguma maneira; seja por conseqüências orgânicas, estéticas ou emocionais por exemplo, tornando o comportamento, dessa forma, influenciado por padrões individuais e pela cultura ao qual este indivíduo encontra-se inserido, ou seja, de maneira geral pelo ambiente.

Inicialmente, as pesquisas sobre comportamento destinavam-se, quase que exclusivamente a área médica, aos diagnósticos de doenças como alcoolismo ou sobre comportamentos considerados sexualmente de risco. Na última década, tem-se percebido um crescimento nas pesquisas em Educação Física referentes à aderência de programas de atividades físicas objetivando evidenciar, entre outras coisas, as causas que determinam estes comportamentos (Souza, 2003; Doshi, Patrick, Sallis, Calfas, 2003; Trost, Pate, Dowda, Ward, Felton, Saunders 2002; Trafimow & Trafimow 1999, Blue, 1995).

A cada dia percebe-se que os comportamentos provenientes dos hábitos determinam as relações de Bem-Estar do indivíduo e relacionam-se estreitamente com as condições de saúde. Subtende-se, assim, que uma rotina saudável proporcione conforto e estabilidade nas relações de Bem-Estar dos indivíduos. Porém, quando o contexto social sugere a inatividade, - pelas regalias da vida moderna como as escadas rolantes, os elevadores, carros automáticos, vidros elétricos e uma incontável série de controles remotos, entre outros exemplos - aderir a uma rotina ativa parece ser um embate paradoxal constante sobre a comodidade instalada.

Do ponto de vista da atividade física, parece salutar incentivar a mobilidade, mas em contrapartida, encontrar elementos que a sustentem longe da obrigação e mais próximos da satisfação parecem ser a essência da inserção deste comportamento na forma de viver dos indivíduos.

A satisfação em realizar atividades físicas, por muito tempo, esteve alicerçada nas práticas esportivas. O esporte, originalmente chamava-se *deportare* e significava divertir-se, distrair-se. Estas características se modificaram ao longo da história e das sociedades. Numa análise mais aprofundada, um dos elementos essenciais ao esporte

manteve suas características, no entanto, no decorrer do processo histórico assumiu outras formas sociais diferenciando-o apenas na estrutura de suas instituições, mas mantendo em essência o seu significado.

A história do esporte conta que na antiga Grécia já existia o caráter competitivo (Elias, 1992). Atualmente, a competição faz parte não só dos esportes, mas do contexto capitalista inserido nas sociedades (Brohm, 1978). Ecologicamente contextualizada, a competição é primordial a existência da vida (Pierson, 1953). Nesta instância, acredita-se que a competição pode ser uma característica presente no ambiente e através da prática esportiva, se constitua num elemento determinante da mobilidade cotidiana na sustentabilidade da saúde.

OBJETIVOS DO ESTUDO

GERAL

Investigar a competição como elemento inerente da prática esportiva em adultos jovens, do sexo masculino e feminino, praticantes de tênis de campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

ESPECÍFICOS

- Identificar o perfil socioeconômico dos praticantes de tênis;
- Verificar a percepção dos praticantes de tênis sobre suas participações em atividades físicas;
- Constatar se a competitividade é o elemento que atua como agente desta prática esportiva;
- Constatar se a competitividade é o elemento essencial a esta prática esportiva.

Delimitação do Estudo

A população deste estudo foi formada pelos praticantes de tênis da quadras do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em

Florianópolis/SC, de ambos os sexos e idades variadas e que no ato da coleta de dados (jul/ago/2004), em sua maioria, eram estudantes universitários.

Limitações do Estudo

O estudo apresenta as seguintes limitações:

- O uso de questionário na coleta de dados da primeira fase pode apresentar imprecisões nas respostas, mesmo que o instrumento tenha sido testado em estudo piloto.
- A população da pesquisa foi constituída grande parte por estudantes, prejudicando, em parte, a análise dos questionários sobre as variáveis relacionadas ao trabalho.
- Foi necessário mudar o cronograma destinado a segunda fase, no tocante a não coincidir com o recesso acadêmico.

Definição de termos

- Atividade Física – “Qualquer movimento corporal realizado pelos músculos esqueléticos que resulta em um aumento substancial de energia consumida acima do repouso” (Bouchard, Shepard & Stephens, 1993, p. 11). Inclui não somente exercício e esporte, mas equivale ao gasto de energia em outros tipos de atividades de lazer, trabalho ocupacional e trabalho doméstico.
- Competição - É um ato inerente a natureza biológica e social do homem e por isso assume características inconscientes na sua realização (Pierson, 1953).
- Mobilidade cotidiana – Todas as ações e interações diárias vivenciadas pela espécie humana no que concerne seus aspectos genéticos, culturais e espirituais, necessários a estabilidade de suas funções mais primárias de sobrevivência (Farias, 2004).
- Mobilidade Sustentável – Resultado das inter-relações do ambiente para manutenção da estabilidade essencial (Farias, 2004).

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo abordará os temas norteadores do estudo em questão, na tentativa de elucidar os principais termos envolvidos e aproximando-os da área de concentração da Atividade Física relacionada a Saúde. Neste intuito, dissertaremos a respeito do entendimento dos componentes da Mobilidade Sustentável, da genética no contexto da mobilidade cotidiana, da importância da “Enciclopédia de Referências” no processo bio-social (cultural); da conectividade do Bem-Estar com o ambiente; também em como a competição pode ser entendida no esporte e nas relações sociais e por fim, na competição como componente do comportamento vista pelo prisma da Teoria da Ação Racional.

Mobilidade Sustentável

O termo *mobilidade sustentável* é bastante utilizado nos temas que se referem a Educação Ambiental. Atualmente, encontra-se vinculado a veiculação de transportes no meio urbano e suas relações com as políticas públicas na manutenção do ambiente, proporcionando assim, uma reflexão sobre a produção de equipamentos que atuem de maneira menos agressiva. Nesse sentido, algumas empresas automobilísticas aderiram a este pensamento, o qual vislumbra automóveis que possuam uma maior mobilidade sustentável, amenizando desta forma, a inter-relação entre a máquina e o ambiente para que ambos se beneficiem e garantam longevidade.

Ao estabelecer uma analogia relacionada às características observadas no homem moderno e a sua busca em manter-se vivo e com saúde no contexto ao qual é submetido nos dias atuais, passou-se a pensar na mobilidade sustentável em proporções que logo fomentam discussões sobre o combate da inatividade, propostos pelos principais estudos da atualidade sobre atividade física relacionada à saúde, enfatizando a importância do hábito do comportamento ativo para as pessoas. Estas reflexões sugeriram o termo “mobilidade cotidiana” que engloba não apenas as práticas de exercícios físicos, mas compõem o conjunto de inter-relações vividas pelo indivíduo no dia-a-dia, não só quando este encontra-se em movimento, mas também quando sofre organicamente, culturalmente e/ou espiritualmente influência do contexto ao qual está inserido. Sendo assim, surgiu o interesse em desenvolver de forma mais aprofundada esta analogia, tentando pontuar aspectos importantes na discussão sobre a influência da

mobilidade cotidiana na saúde para uma melhor sustentabilidade da vida, esclarecendo a forma de visualizarmos a *mobilidade sustentável* nessa analogia com o Homem.

O Homem faz parte de um ecossistema dinâmico podendo ser entendido dentro de um contexto *genético*, por se tratar de uma estrutura biológica com caracteres pré-determinados por uma existência anterior; *cultural* por estar inserido em um contexto social determinado, em parte, pelas relações sociais transmitidas por outras descendências e, *espiritual* no que se refere às relações, supostamente subjetivas, de bem-estar, inerentes a vida dos indivíduos. Sendo assim, buscamos na literatura, assim como, na vida diária, alguns exemplos que possam, de alguma maneira, explicitar este entendimento ao qual nos referimos.

A Genética na Mobilidade Cotidiana

Ao nascermos, somos catalogados e institucionalizados como constituintes de uma espécie (*homo sapiens*) caracterizada por uma estrutura genética, biológica, antropológica. Fazemos parte, geneticamente, de um padrão que possui suas características próprias de desenvolvimento, maturação e degeneração; além disso, trazemos marcados em nossas células, desde a nossa gênese, características de toda a nossa descendência que nos identificam de modo mais específico e permitem que nos diferenciem (fenótipo) dentro da igualdade da espécie (genótipo). Tais características são, supostamente, imutáveis. Atualmente, nascemos com elas e somos fadados a assumi-las pela vida. De alguma maneira, essas características também podem sofrer influência do ambiente ao qual estamos inseridos, por encontrarmos-nos a todo o momento interagindo com outros sistemas presentes neste ambiente.

Pensar sobre o início da vida, muitas vezes nos remete diretamente ao fato de sermos expostos ao mundo, a partir do acontecimento do nascimento em si, do parto, da primeira exposição do corpo, mas não necessariamente a primeira inter-relação orgânica, com um contexto diferente ao qual este já vivia. Porém, se pensarmos nos mecanismos que envolvem a gênese do homem, podemos imaginar uma série de outros processos que favorecem este acontecimento. Desde o percurso dos gametas masculinos ao encontro do gameta feminino e todos os outros processos necessários a fecundação; todas as divisões celulares que permitem a cada instante uma ploriferação cada vez maior de células que se especializam, complexamente, em cada uma de suas funções, mas que passo-a-passo, neste movimento contínuo, constroem o que chamamos de vida. Vida esta, que parece interdepende, desde o princípio, destas inter-relações móveis e orgânicas, aparentemente inerentes à natureza do homem.

Consideradas inerêntes, passam a apresentar-se de maneira indissociável à natureza humana; indissociável ao ponto de se manifestar através de comportamentos impulsivos, independente de reflexão primária, assumindo características instintivas e conseqüentemente relacionadas ao fator de sobrevivência da espécie (Revista Eletrônica Fantástico, 2005).

Observações como estas, no contexto da mobilidade sustentável, são importantes por refletir sobre as inter-relações influentes no desenvolvimento do homem, que também interage neste processo. Exemplo disto, são fatos ocorridos no momento da gestação que podem comprometer a formação deste Ser em seu processo de desenvolvimento, assim como, acompanha-lo no decorrer de sua vida.

Para que possamos vislumbrar este entendimento, imaginemos uma visão “*micro*” de determinados processos biológicos em suas inefáveis quantidades de acontecimentos mútuos que parecem obedecer a uma lógica natural, garantindo o funcionamento do organismo como um todo para a sua própria sobrevivência.

Supostamente, cada pequena transformação provém de uma necessidade real adaptada àquele momento, como por exemplo o mecanismo de transpiração quando existe um super aquecimento do corpo ou os fechamentos dos poros epidérmicos e ouriçamentos dos pêlos nas sensações de frio; seja pelo aumento da frequência cardíaca em sensações de medo ou esforço físico ou pela estimulação das glândulas lacrimais pelo sentimento de emotividade ou, seja simplesmente pela organização motora e sincrônica de todos os processos envolvidos no simples ato de caminhar, onde existe, além de toda mobilidade *micro-biológica* a nível celular, existe também a influência *macro-física* de outros fatores como o campo gravitacional sobre o peso do indivíduo e conseqüentemente sobre o atrito, a inércia, a força e outras grandezas que se relacionam com este movimento, aparentemente simples, realizado pela maioria de nós.

Esta reflexão nos permite inferir que o movimento por sua essência faz parte da natureza viva do homem, a medida em que, se faz necessário a sua existência e sobrevivência, caracterizando a possibilidade de ser um dos elementos de sua sustentabilidade. Também nos permite refletir acerca dos problemas gerados, atualmente, pela inatividade, pois, neste caso, a mobilidade cotidiana pode e deverá ser tratada como fator primordial não só na relação desta com a saúde, mas como sustentáculo de preservação da espécie humana, desembocando numa discussão mais aprofundada sobre os aspectos sugeridos pelas práticas e programas de atividades físicas atuais como sugere Achour Júnior (1995, p. 4) quando comenta que:

“Tem sido evidenciado que as pessoas ativas demonstram menores incidências de doenças crônico-degenerativas comparado com pessoas inativas. Se inúmeros

indícios nos levam a estabelecer uma relação de causa-efeito entre atividade física e saúde ou entre a inatividade e as enfermidades, pode-se questionar quais são as reais dificuldades de adoção de um estilo de vida ativo?”

Nesta perspectiva, questionamos se a prática de atividades físicas merece status de implantação na rotina de vida das pessoas ou se trata de tê-la como característica inerente à natureza humana, merecendo portanto apenas de um estímulo que a faça interagir com as necessidades orgânicas dos indivíduos, mesmo porque, algumas características deste comportamento móvel de interagir com o ambiente, aparentemente, não se relacionam com comandos cognitivamente conscientes como o exemplo da transpiração ou do aceleração dos batimentos cardíacos; existe sim, um estímulo que os fazem acontecer, mas não necessariamente um comando que afirme: - Agora devo transpirar! - Agora meu coração deve bater mais rápido e mandar mais sangue para os meus músculos, caso eu precise me defender da ameaça. Acontecem naturalmente num processo dinâmico ao qual nos tornamos conscientes, ou não, a medida em que os sentimos.

Outro exemplo comum é o choro dos bebês. Eles sabem chamar a atenção como ninguém. Muitos estudos comprovam o quanto o choro dos bebês são sofisticados e como cada timbre emitido relaciona-se com uma necessidade, ou seja, quanto maior a necessidade, maior o barulho. O choro de um bebê é um exemplo clássico de um poderoso instrumento de sobrevivência, poderoso ao ponto de ser capaz, inclusive, de fazer brotar leite do peito de sua mãe. Esse mecanismo é tão inerente e natural a natureza do ser humano quanto a própria sucção que o bebê faz para mamar e esses mecanismos acontecem antes de qualquer coisa, para manter viva a espécie e consequentemente estabilizar funções que necessitem de suporte nesses momentos (Revista Eletrônica Fantástico, 2005).

Dessa forma, é clara a potencialidade de possuímos um processo naturalmente móvel de mantermos nossa estabilidade orgânica, de forma que as nossas funções sustentem-se pelo maior período de tempo e da melhor maneira possível. Quando, de fato, a estabilidade é alterada surgem disfunções orgânicas e atualmente algumas destas disfunções tem sido ocasionadas pelos efeitos, principalmente, da inatividade e do sedentarismo, ou seja, pela diminuição da mobilidade cotidiana, que em parte está diretamente associada a revolução tecnológica que o mundo sofreu nas últimas décadas, mas também relaciona-se a influência das culturas sobre os hábitos das pessoas.

“Enciclopédia de referência”: um processo bio-social (Cultural)

O rompimento do cordão umbilical entre os seres humanos, marca fortemente a separação física entre o indivíduo concebido de outro ao qual o gerou. Entretanto, esta ligação perdura ainda ao longo de muitos anos numa relação de interdependência vital para com este indivíduo em desenvolvimento que ainda não é capaz de sobreviver por esforços próprios, mostrando o quanto pode ser frágil a vida dos seres humanos.

Neste organismo em formação, o cérebro atua como um forte receptor e armazenador de informações codificadas cognitivamente a medida em que o organismo se desenvolve. Subentende-se que esta atividade computante¹ constitui um processo assimilativo de diversos tipos de informações sobre os costumes, crenças e linguagens, entre outros conhecimentos, colocando o homem num processo dinâmico que parece alimentar-se a medida em que o organismo encontra-se apto a compreender tais fenômenos. Esta reflexão, aproxima-se dos escritos de Morin (1987, p.191) quando comenta:

“O espírito humano, que só pode emergir numa cultura, é inconcebível sem o cérebro, que é inconcebível sem inter-retro-policomputações. O conhecimento humano é ao mesmo tempo cultural, espiritual, cerebral e computante”.

Estas *inter-retro-policomputações* dizem respeito à dinamicidade de um processo reafirmando-se a cada instante onde novos conhecimentos passam a fazer parte deste rol de informações formatados no centro nervoso. A este processo computante de armazenamento de informações, Farias (1988) denomina de *enciclopédia de referência*.

Sendo assim, se somos geneticamente, fisicamente e biologicamente determinados por nossos ancestrais, culturalmente esta herança reside nas características não inatas, mas formadas, influenciadas, assimiladas e preservadas, aprimorando-se através da comunicação e cooperação entre indivíduos viventes em uma mesma sociedade calcada pelos padrões coletivos vigentes.

A partir do momento em que podemos tornar essa quantidade de informações mais seleta aos nossos interesses, podemos direcionar à nossa importância os valores aos quais desejamos cultivar a partir desta escolha em diante e, conseqüentemente, transmiti-las aos nossos semelhantes, seguindo o mesmo processo. Este processo dinâmico de armazenamento de informações parece ilimitado, visto que, ocasionalmente somos surpreendidos com novas descobertas acrescidas a nossa enciclopédia de referenciais, acumulados durante a nossa existência, nos fazendo ter a impressão da

¹ Morin, Edgard (1987). O método: o conhecimento do conhecimento. Lisboa: publicações Europa – América (pp. 191-221)

soma de um conhecimento conectando-se exatamente onde outro havia estacionado. Assim, a atividade computante do cérebro exerce um papel fundamental na assimilação de conteúdos culturais sugerindo formas para homem inserir-se no contexto social ao qual vive.

Torna-se interessante evidenciar que embora sejam eventos distintos, cultura e genética interagem simultaneamente possibilitando, em alguns casos, aspectos de um influenciar no outro, principalmente, considerando-se a globalização acontecida em meados do século XX, proporcionando uma difusão das diversas culturas existentes no planeta. Embora muitas culturas possuam raízes existenciais muito fortes, estas acabaram por, de alguma maneira, descobrir, experimentar e até vivenciar um pouco dos costumes de outras culturas. O Brasil é detentor de um grande número de culturas evidenciadas pela miscigenação de povos que habitaram o nosso território, em muitos casos, fugindo da repressão e das guerras em outros países, fato este bastante evidenciado pelas colônias holandesas, alemães, italianas e japonesas espalhadas pelo Brasil. Pierson (1953) comenta que este conflito resulta de um certo tipo de instinto competitivo de sobrevivência do ser humano, constantemente buscando meios para manter-se vivo e perdurar a sua espécie. Esta miscigenação nos remete a outra realidade; a de perceber que independente da raiz cultural, é possível adaptar-se a novas culturas sem, no entanto, descaracterizar a original, enfatizando um outro processo citado por Pierson (1953) chamado de acomodação auxiliando na sustentabilidade do homem, a medida em que este necessita estabilizar-se no contexto ao qual está sendo submetido.

Se o conhecimento pode ser um elemento proveniente das “trocas” de experiências com o ambiente; quanto maior a quantidade de referenciais para essas experiências, maior a possibilidade de aumentarmos a nossa *enciclopédia de referências* (Farias, 1984) e conseqüentemente estarmos mais aptos a entender diversas outras realidades que nos são apresentadas diariamente nessa interatividade genética (orgânica/biológica) e cultural (social). Podemos destacar então, a naturalidade ocorrida a partir desta interatividade através de processos necessários a subsistência individual ou em função do grupo social vivido, constituindo assim um processo dinâmico inerente a existência do ser humano, possibilitando-o uma convivência menos conflituosa com seus semelhantes melhorando a qualidade do seu bem-estar geral.

Mesmo sendo estas concepções de bem-estar individualmente subjetivas, elas caracterizam noções de conforto e satisfação, qualidades eminentemente sensitivas e assim sendo, são capturadas não apenas pelo cérebro ou vivenciadas pela cultura, mas constituem um conglomerado de acontecimentos captados por nossos sentidos.

Bem-Estar e Conectividade com o Ambiente

Nesta interatividade de acontecimentos, “as descobertas” parecem não passarem de fatos “encobertos”, ou seja, aparentemente, estiveram lá até adquirimos maturidade, capacidade ou lucidez suficientes para encontrá-los, enxergá-los e visualizá-los, transcendendo a nossa percepção, tais fenômenos. Esta interatividade também nos proporciona inúmeras experiências que se somam a nossa *enciclopédia de referências*, transformando o corpo em uma espécie de radar, que através dos sentidos, interagem com o mundo das relações extra corporais detectando sons, imagens, cheiros, sabores e infinitas sensações táteis.

Como diz Weber², *nada acontece, tudo é*. A partir do momento que entramos no entendimento das coisas eminentemente implícitas, estabelecemos, de alguma forma, uma conexão a materialização deste entendimento, computando-o e reafirmando em nós, seu novo significado.

Para um melhor entendimento, levemos em consideração o exemplo cibernético do mundo virtual, constituído por placas, chips, conectores, entre outros elementos responsáveis a suas funções. Cada peça é responsável por uma função específica diferenciando-se das demais peças, mas ao mesmo tempo possuem uma característica comum permitindo a operacionalização de todas em conjunto. Estas peças unidas, traduzem suas informações em programas e softwares, para enfim, se apresentem ao nosso entendimento de maneira ao qual possamos utilizá-los.

Outro exemplo, é quando iniciamos o processo de aprendizagem de um novo idioma. É comum no início deste processo, traduzirmos as palavras e os termos, em busca de seu significado no nosso idioma de origem, porém, a partir do momento em que a nossa *enciclopédia de referências* goza de uma gama maior de informações e uma significativa experiência em sua utilização, a tradução do idioma torna-se tão automática ao ponto de, se quer, lembramos do processo de busca pelo seu significado, embora este continue acontecendo. Sobre esta analogia, comenta Morin (1987, p.197) que:

“O conhecimento cerebral é em primeiro lugar uma tradução dos acontecimentos físicos em mensagens inter-neuronais portadoras de informações, e depois, através de inter-retro-macrocomputações, traduz estas mensagens em representações e, simultânea ou sucessivamente, as actividades psíquicas traduzem estas representações em palavras e idéias, que por suas vez se organizam em discursos e teorias, as quais são construções noo-culturais visando reconstruir, de maneira analógica ou simulativa, as formas ou estruturas das realidades exteriores.”

² Sheldrake, Rupert. (1991) Campos morfogenéticos: hábitos na natureza... In Weber, Renée. Diálogos com cientistas e sábios. São Paulo: Cultix.

Neste caso, aparentemente estamos constantemente buscando novas ressignificações que possam trazer a nossa racionalidade o conhecimento ou, no mínimo, algum entendimento das coisas e dos fenômenos à luz de nossas expectativas. Este processo se realiza numa dimensão individual, mas depende da conectividade entre todo o contexto envolvido nessa individualidade, passando a ser assim, tais descobertas, mais significativas para uns do que para outros, estabelecendo um processo móvel de traduzir ao nosso entendimento as várias formas de linguagens proporcionados por esta conectividade.

Dessa maneira o olfato é conectado pela linguagem do cheiro; o paladar conecta-se ao sabor; a pele é conectada pelo tato e, a audição pelas ondas sonoras. Cada um desses órgãos possui a sua respectiva linguagem, traduzindo ao entendimento do cérebro as suas respectivas experiências. A respeito dessas considerações Morin (1987, p.192) comenta que:

“Todos esses processos tendem a construir traduções perceptivas, discursivas ou teóricas dos acontecimentos, fenômenos, objectos, articulações, estruturas, leis do mundo exterior; desta maneira, o conhecimento tende a desdobrar o universo exterior num universo mental que põe o espírito em correspondência com aquilo que quer ou julga conhecer”.

Neste vasto campo mental, encontram-se as percepções de bem-estar que também são constituídas por essas experiências conectoras, mas particularmente possuem uma estreita ligação etérea, advindas do estado de espírito dos indivíduos. Este conforto ou alívio submetido a expressão “bem-estar” parece ser tão subjetivo quanto individual. Em muitos casos podem estar comprometidos por outras formas persuasivas em se obter tais sensações, principalmente quando em uma sociedade considerada capitalista, o consumo dos mais diversos produtos enaltecem mercadologicamente o pacto de vender promessas de felicidade.

Por ser o bem-estar uma característica subjetiva do indivíduo, existe a possibilidade deste, encontrar-se alicerçado na percepção de auto-conhecimento de cada um. Este auto-conhecimento pode ser aprimorado a medida em que, individualmente, a conectividade das inter-relações com o ambiente, passa a ser mais consciente. Assim como, sua ressignificação pode contribuir para a melhoria das sensações de bem-estar. Este auto-conhecimento pode ser considerado uma porta para outras conectividades na descoberta de novos conhecimentos, desencadeando um processo contínuo, portanto móvel, de estabilizar-se (sustentar-se) a medida em que se faz necessário.

Aparentemente, este processo de Mobilidade Sustentável possui um objetivo central, um fator que a determine, uma condição primordial em sua existência na vida dos indivíduos. Especula-se que esta condição seja biologicamente inerente ao homem, mas

atue, de maneira geral, inconscientemente, com finalidade precisa e independente de qualquer aprendizado. Esta é a maneira de sobrevivência, ecologicamente competitiva, sugerida por Donald Pierson em 1953, que atualmente manifesta-se de diversas formas, mas especificamente em um dos maiores fenômenos da história; o esporte.

A Competição no Esporte e nas Relações Sociais

Muitos dos esportes conhecidos atualmente tiveram origem na Inglaterra. O termo *Desporte* deriva do francês antigo, que significa prazer, diversão; sendo posteriormente substituído pelo termo inglês *Sport*; este, o mais conhecido na atualidade, ficou fortemente representado desde a sua origem em muitos países, influenciando inclusive, no dialeto original destes, como comenta Elias (1992, p. 188): “na Alemanha de 1830, um aristocrata escritor, que conhecia a Inglaterra, continuava a poder dizer que ‘sport’ é tão intraduzível quanto ‘gentleman’”. Ocorre que o esporte trás, desde a sua origem, características de passa-tempo, divertimento, prazer e porque não, lazer. Existem indícios do esporte não apenas em sociedades contemporâneas, mas também no futebol da Inglaterra e em outros países na idade média, assim como os jogos de tênis pelo rei Luiz XV e sobretudo os gregos, primeiros no atletismo (Elias 1992).

Com a evolução secular do esporte, uma definição atual tornou-se ainda mais complexa devido a pluralidade de práticas corporais manifestadas com características inerentes as práticas esportivas. Uma das definições para este termo afirma ser esporte: “uma atividade competitiva, institucionalizada, que envolve esforço físico vigoroso ou uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos cuja participação é motivada pela combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. (Barbanti, 1994, p.17). Acontece que a década de 90 marca, também uma explosão de outras práticas esportivas, principalmente no Brasil, possuindo outras peculiaridades, não necessariamente institucionalizadas e nem envolvidas com habilidades motoras tão complexas como exalta o conceito acima; um exemplo destas atividades são as práticas esportivas na natureza que toma uma abrangência de participantes cada vez mais distantes dos estereótipos atléticos e se aproximam muito mais das pessoas ditas *comuns* e em muitos casos que nunca praticaram algum tipo de atividade física ao longo de suas vidas (Costa, 2000).

Embora existam muitas concepções para o esporte, o determinando de tantas formas – esporte amador, esporte de elite, esporte de massa, esporte feminino, esportes para portadores de necessidades especiais, esporte de aventura, esporte profissional, esporte universitário, esporte olímpico, entre outros... - tem-se a impressão da existência de uma essência caracterizadora do esporte que está além das concepções abarcadas

por este atualmente. Há ainda, através dos relatos sobre o assunto, indícios mostrando que essa essência sempre existiu.

Alguns registros comentam que de um mero passa-tempo inglês, o esporte influenciou maciçamente o século XIX e XX e, em torno deste fato ressoa uma reflexão pertinente a despeito do *conectivo* (grifo meu) entre um período e outro deste fenômeno, para que ele, até hoje possa ser tão vivo, atuante, empolgante, atrativo, divertido e acima de tudo dinâmico; aliás, pode ser a partir desta dinamicidade a conectividade da competição entre os séculos e entre as culturas, mostrando a capacidade móvel desta atividade sustentar-se.

O ato de competir existe desde a antiga Grécia através de provas conhecidas como “*Ágon*”³. Representações como estas, são igualmente percebidas atualmente nos festivais de dança, turnês de teatro, prêmios literários e em algumas culturas, até mesmo, festivais de bebidas e comidas; mesmo assim, comenta Elias (1992, p. 191):

“É difícil clarificar a questão de saber se o tipo de competição de jogos que se desenvolve durante os séculos XVIII e XIX, em Inglaterra, sob o nome de desporto, e que desde aí se propagaram a outros países, era alguma coisa relativamente nova ou se tratava do reaparecimento de alguma coisa antiga, que sem explicação estivesse desaparecida”.

A questão encontra-se em valorizar a característica mantenedora do esporte ao longo de sua história. Sendo assim, não se trata do reaparecimento ou desaparecimento de alguma característica envolvida no processo, mas de todo um contexto modificado pela dinamicidade de um ou de todos os fatores que caracterizam o esporte, assim como, por seus praticantes ao longo do desenvolvimento de suas culturas, sejam estas regionais ou nacionais. Um exemplo disto é a capoeira, surgida como dança de caráter religioso, praticada pelos escravos nas senzalas, mas na verdade fora vivenciada como uma forma de defesa pessoal pelos mesmos. Atualmente esta prática esportiva é desenvolvida em inúmeros contextos sociais e engloba características educativas, culturais, performáticas e até mesmo estéticas.

Diante de tantas características encontradas no esporte desde a sua origem, existe a possibilidade da competição ser a característica mais representativa deste fenômeno, embora também esteja incutida no processo dinâmico de transformação das culturas no mundo inteiro, pois diante de uma sociedade globalizada, pode existir uma minimização das barreiras culturais e, ao mesmo tempo, um certo tipo de uniformização

³Ágon – “Tipo de competição, confronto ou combate ritual que era corrente na antiga Grécia. Através dos agones destacavam-se os melhores, quer fosse na luta, quer também na dança, na poesia, no teatro ou mesmo entre os bebedores.” Elias (1992).

de costumes, ocasionando nítida influência entre países, tanto nos setores da vida cotidiana, como nos meios de produção.

A identificação do esporte junto as grandes camadas sociais se concretizou ao longo da história do olimpismo e ao mesmo tempo em que era considerado um fator de massificação, também disciplinava. Esses dois objetivos coincidiam exatamente com um período de civilização tecnicista e totalitária, evidenciado a partir da década de 60. A competitividade nesta instância volta-se a peculiaridades expandidas sobre os princípios originais do esporte, assumindo características produtivas inerentes à sociedade capitalista. Com a revolução industrial, o esporte passa a ser visto como complemento do trabalho mecanizado, agindo da mesma forma quando o homem abandona seu trabalho, não conseguindo se ver livre de sua técnica, encontrando assim, os mesmos elementos, o mesmo espírito, os mesmos critérios, a mesma moral, os mesmos gostos e os mesmos objetivos que deixou ao sair da indústria (Brohm, 1978).

A partir deste marco, o mérito encontrava-se na maior produção em menor tempo; o esporte passa a valorizar os melhores resultados, os recordes. Rigauer (1969, p. 308) comenta que:

“O desporto passa a caracterizar-se, tal como as formas de trabalho nas sociedades industriais, pela luta pelos resultados. Isso nota-se no movimento desencadeado para bater recordes nas horas de treino, que constituem réplicas do caráter de alienação e de desumanização de uma linha de montagem.

A competição passa a assumir uma lógica abstrata de princípios mercadológicos, em muitos casos, colocando o indivíduo envolvido em segundo plano, sendo este, tratado como mais uma máquina produtiva que ao primeiro sinal de problema é substituída, concepção esta, muito próxima da visão esportiva. Nesta perspectiva capitalista, a competição passa a assumir outras formas de se manter atuante como, por exemplo, em olimpíadas acadêmicas de conhecimento, transformando a propriedade intelectual em uma forma de propriedade privada, valorizando assim a produção, nesse caso, o conhecimento. *“A busca da ganância capitalista sobe, a medida em que, a apropriação privada engendra as guerras de todos contra todos, na luta pela existência”* (Brohm, 1978, p. 22).

A procura por um espaço na sociedade submete a competitividade a todos os setores da vida cotidiana num apelo constante de melhorias individuais que proporcionem uma função de destaque/status e garanta uma forma melhor de sobrevivência. As características do esporte são refletidas na sociedade enquadrando-se numa perspectiva de competência, impondo leis imanentes a produção, ou seja, o esportista mais competente terá mais chances de se destacar socialmente sendo mais produtivo para o

sistema e possuindo valores diferenciados dos casos oponentes. *No capitalismo só a quantidade importa, assim o esporte passa a ser um reflexo perfeito desta “cuantofrenia”.* (Brohm, p. 24)

O sociólogo Laguilhaumie, já relatava em 1978 que o esporte é proveniente de uma unidade mundial e hierárquica. Ganhava reforço e expandia-se sem cessar. Atualmente, esta realidade não é diferente em virtude do desencadeamento do fenômeno esportivo em proporções muito parecidas em todas as estruturas sociais. Seja na escola ou na comunidade, o esporte segue o exemplo do profissionalismo, passando de uma instituição *marginal e pouco valorizada* para uma *instituição central e muito mais valorizada*, que em muitos casos e para muitas pessoas toma, inclusive, um significado religioso/espiritual *a medida em que se torna uma das principais fontes de identidade, significado e gratificação em suas vidas.* (Elias, 1992, p.299).

Embora as noções de competição tenham sido, a princípio, tão destinadas aos aspectos esportivos e atualmente estejam explicitadas em diversos outros contextos da vida, é uma tarefa difícil objetivá-la cientificamente em outros contextos ao qual, aqui, estão referidos. Já no esporte, medir competitividade é mais comum, mesmo que esta medida compreenda implicitamente aspectos de produtividade inerentes aos ditames sociais evidenciados no decorrer deste texto, como evidencia um estudo sobre a *“Competitividade e Performance Esportiva em Tenistas Profissionais.”*⁴ Este estudo evidencia a influência do comportamento competitivo na performance de atletas competidores, determinados e vitoriosos, mostrando em quais destas características este comportamento pode ser mais produtivo e proporcione resultados mais eficientes.

Atualmente as noções de competição estão permeadas por valores produtivos, porém, estes valores foram sendo construídos ao longo da história das sociedades e da humanidade. Fica a dúvida de entender o porque da competição estar dentro deste contexto pessoal, social e de alguma maneira até existencial.

Uma concepção mais ecológica sobre a competitividade comporta teorias que valorizam a luta pela existência. Desde a pré-história o homem caçava e matava animais tanto para não ser morto, como para suprir as necessidades orgânicas alimentares. Isso porque, inclusive geneticamente, nossos corpos foram feitos para sentir prazer na vitória, pois este prazer acaba por liberar substâncias neurotransmissoras pelo cérebro nos momentos de luta ou competição. A postura bípede, por exemplo, ocasionou mais habilidade e velocidade aos movimentos, como também, uma visão mais privilegiada do horizonte. Estes poucos exemplos e muitos outros na evolução da espécie humana,

⁴Gallegos, S. S. O.; Massucato, J. G.; Simões, A. C.; Prouvot, P. A. E Yoshikawa, R. M. S. (2002). *Competitividade e performance esportiva em tenistas profissionais*. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, 16(2): 144-59, ul./dez.

foram de alguma maneira, surgindo a partir da interatividade entre as espécies, assim como a necessidade que cada uma delas possuía em perpetuar a sua descendência (Revista Eletrônica Fantástico, 2005). Para Pierson (1953, p.197), a competição, o conflito, a acomodação e a assimilação são tipos fundamentais de interação na luta pela existência. Como sociólogo, afirma que esta luta pela existência produz uma divisão do trabalho; desenvolve uma ordem econômica e distribui os indivíduos e suas instituições no espaço, mas esta secção acontece porque *“todos nós estamos competindo uns com os outros numa luta constante pela existência”*. Como afirma a Teoria de Malthus, enquanto as espécies biológicas crescem em progressão geométrica os recursos alimentícios aumentam em progressão aritmética, provocando na humanidade uma tendência constante para esgotar o abastecimento de provisões disponíveis. Essa teoria parece bastante pessimista, mas possui fundamentos importantes para explicar a competitividade inerente a vida do homem, vislumbrando desta forma, uma justificativa plausível ao esclarecimento de algumas questões que envolvem a competição inerente ao homem moderno na atualidade.

De acordo com a teoria ecológica de competição de Pierson (1953), competir é um ato inerente a natureza do homem e assim sendo, assume caráter inconsciente. A partir do momento que torna-se consciente transforma-se em conflito. Uma criança ao ensaiar seus primeiros passos interage numa luta constante para manter-se em pé. Este ensaio, consiste em diversas tentativas onde a sua maturidade orgânica compete a todo momento com os efeitos da gravidade. A partir do momento que começamos a andar, este gesto se perpetua, mas os efeitos da gravidade que estiveram atuando antes mesmo da primeira tentativa, provavelmente continuarão atuando a todo momento e durante toda a vida, não só no ato de andar, mas em todas as posições em que o organismo se encontra sob a face da terra, porém *“quando nos tornamos conscientes de estarmos competindo com alguém, algum grupo, alguma raça ou em busca de alguma coisa de que só existe quantidade limitada a competição se transforma em conflito”* (Pierson, 1953, p. 201).

Desta forma, competição e conflito assumem características distintas e opostas como seguem a demonstração abaixo.

COMPETIÇÃO

- Inconsciente
- Impessoal
- Contínua
- Resulta em outras relações interdependentes da ordem ecológica e econômica
- Toma as formas de luta pela existência e de luta por lugar no mundo ocupacional

CONFLITO

- Consciente
- Pessoal e emocional
- Intermitente
- Resulta em status e produz ordem política
- Toma formas de rivalidade, discussão, duelo, guerra...

Como bem lembra Darwin sobre a evolução das espécies, a adaptação é um processo competitivo de existência e de sobrevivência não só dos homens, mas das espécies de uma maneira geral e, não se trata de um processo destrutivo, mas aparentemente natural onde cada organismo procura uma forma de permanecer vivo. Uma planta, por exemplo, cresce em direção aos raios do sol, a sua natureza necessita de luz para realização dos processos de fotossíntese. Não é raro observar em determinados lugares de pouca luminosidade as plantas tomarem formas direcionando-se aos espaços onde os feixes de luz tendem a aparecer.

De acordo com a Teoria Ecológica de Competição, se toda forma consciente de competição torna-se conflito, a primeira vista, parece difícil perceber o que de fato, pode não ser considerado conflito se na atualidade estamos a todo momento sendo desafiados pela cultura, pela sociedade, pelo modelo econômico, pelas relações pessoais; enfim, pelas interrelações do mundo moderno. Por isso, Pierson (1953, p.211) sugere uma outra forma de interação chamada de “acomodação”, na qual suscita uma diminuição do conflito estabelecendo uma nova formatação sem alterar a estrutura principal de cada indivíduo, o que este autor caracteriza de novo “*modus vivendi*”. É o exemplo de um estrangeiro que acomoda-se aos costumes de um novo país, mas mantém as raízes culturais de sua descendência. Embora o termo acomodação seja similar ao termo adaptação, acomodação tem significado mais diverso. É usado em relação a modificações de hábitos que são ou podem ser transmitidos sociologicamente sob a forma de tradição social. Por isso Darwin estava certo em dizer que a sobrevivência da espécie é resultado da adaptação, pois este termo envolve modificação na estrutura biológica; já a educação é considerada uma forma de acomodação, pois envolve modificações na função social.

Quando porém o conflito não exerce mais influência sobre o indivíduo ou sobre o grupo em que este vive, é sinal de que houve uma “*assimilação*”, caracterizando assim o ultimo tipo fundamental de interação proposto por Pierson (1953) sobre a Teoria Ecológica de Competição.

Torna-se importante salientar que o prisma ecológico vislumbrado por este conceito é antagônico aos atuais conceitos de competição veiculados na contemporaneidade, porém numa busca minuciosa de outros pressupostos que pudessem alicerçar essa teoria, não constatamos outros autores ou outros referenciais que vislumbrassem a competição dessa forma, até o surgimento de uma série de reportagens na Revista Eletrônica Fantastico falando sobre o instinto competitivo do ser humano, aproximando-se diretamente dos conceitos abordados nesse estudo (Revista Eletrônica Fantastico, 2005).

Visualizando pelo prisma ecológico as concepções de competição, temos como, de alguma maneira, aproximar a dúvida do entendimento do porque da existência e permanência da competição não só na história dos esportes, mas na história da humanidade. Porém, com a dinamicidade do processo, a medida que se esclarecem algumas dúvidas, surgem outras. De fato, está cada vez mais claro que a competição existe, através de várias justificativas citadas no decorrer do texto, porém supõe-se que esta existência esteja aliada/vinculada a uma característica dinâmica e mutante inerente ao ser humano: a mobilidade.

A Competição e a Teoria da Ação Racional

Tem-se percebido na última década, um aumento nas pesquisas sobre os comportamentos relacionados a prática de atividades físicas na melhoria da qualidade de vida para a manutenção da saúde (Reis, 2001; Rojas, 2003; Gallani, 2000). Tais pesquisas enfocam a possibilidade de investigar as características comportamentais influenciadoras ou determinantes das práticas de atividades físicas. Embora existam, na psicologia social, muitas teorias abordando questões comportamentais, é importante destacar entre elas, as que são *prognóstico* de comportamento, daquelas que são de *mudança* de comportamento, cujos focos são respectivamente: - variáveis ou fatores que determinam a realização ou não do comportamento, e - estados ou estágios pelos quais o indivíduo deve passar na sua tentativa de mudar o comportamento. Assim sendo, as variáveis identificadas nas teorias de prognóstico indicam o estado e o estágio em que o organismo se encontra para a mudança de comportamento; a intenção é um dos exemplos mais conhecidos, pois é considerada um dos determinantes imediatos de mudança de comportamento, ou seja, quanto maior a intenção em realizar determinado comportamento, maior a probabilidade do indivíduo realizá-lo. A intenção, porém, constitui-se numa variável contínua, visto que, pode variar entre uma forte intenção em não realizar o comportamento até uma forte intenção de realizar o comportamento como

argumenta Prochaska e diClemente(1983⁵, 1986⁶) sobre os estados pré-contemplativos, contemplativos e de prontidão; nesse sentido esta força na intenção, serve como um índice para mensuração do estado ou estágio no processo de mudança do comportamento em um indivíduo (Gallani, 2000).

Dentre as teorias de prognóstico, a Teoria da Ação Racional (Fishbein; Ajzen, 1975, Ajzen; Fishbein, 1980) e a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1988), uma extensão da TRA, têm sido muito utilizadas para o estudo do comportamento de realização de atividade física, junto a grupos específicos de indivíduos.

Esta teoria parece ser adequada para inicialmente tratar sobre o comportamento competitivo em práticas esportivas na população a que se destina o estudo aqui em questão, pois, através de sua utilização, seriam identificados os fatores pessoais e sociais que determinam este comportamento, neste grupo de indivíduos. Uma vez identificados os fatores e estabelecidas as devidas correlações, seria possível, em estudos futuros, buscar compreender como a competitividade age determinando ou não a manutenção da mobilidade sustentável nas práticas de atividades físicas, além de propor processos intervenientes na conduta do comportamento sobre a saúde sugeridos através das atividades físicas como mais um elemento desta.

Teoria da Ação Racional (TRA)

A Teoria da Ação Racional é o resultado de um programa de pesquisa iniciado na década de 50, direcionado, a princípio, ao estudo de teorias e mensuração de atitude, como relatado nas obras de Fishbein; Raven (1962), Fishbein (1963⁷), e posteriormente para a predição de comportamento. A teoria, propriamente dita, foi introduzida em 1967 (Fishbein, 1967⁸), após o que continuou sendo refinada, desenvolvida e testada até a publicação de 1975 (Fishbein; Ajzen, 1975⁹), onde os autores buscaram integrar uma revisão da teoria e pesquisa na área de atitude aos *constructum* da TRA.

Em 1980, Ajzen; Fishbein publicaram uma complementação do trabalho de 1975, enfocando as implicações práticas da teoria, e que tem sido amplamente utilizada para

⁵ Prochaska, J.O., diClemente, C.C (1991) Stages and process of self-change in smoking: towards an integrative model of change. *J. Cons. Clin. Psychology*, v. 51, p. 390-95, 1983. Apud FISHBEIN et al.

⁶ _____ (1991) Toward a comprehensive model of change. In MILLER, W.; HEATHER, N. (eds) *Treating addictive behaviors*. New York: Plenum Press, 1986. Apud FISHBEIN et al.

⁷ Fishbein, M. (1980) An investigation of the relationship between beliefs about an object and the attitude toward that object. *Human Relations*, v. 16, p. 233 - 40, 1963. Apud Ajzen, i.; Fishbein, M..

⁸ _____ (1980) Attitude and prediction of behaviour. In Fishbein, M. *Readings in attitude theory and measurement*. New York: John Wiley, 1967, p. 477-92. Apud Ajzen, i.; Fishbein, M..

⁹ Fishbein, M.; Ajzen, I. (1980) *Belief, attitude, intention and behaviour: an introduction to theory and research*. Reading: Addison-Wesley, 1975. Apud Ajzen, i.; Fishbein, M.

nortear os diversos trabalhos que buscam entender e prever uma gama variada de comportamentos, através da TRA. (Meneghin, 1993, Godin, 1994)

Segundo D'Amorim (1996), a teoria permite prever e compreender o comportamento humano, partindo do pressuposto de que os seres humanos são, via de regra, muito racionais e fazem uso sistemático (implícito ou explícito) da informação que lhes está disponível, seja ela completa ou não, verdadeira ou não. Assim, é argumentado que as pessoas, antes de se decidirem pelo engajamento ou não a um dado comportamento, consideram as implicações de suas ações, por isso o nome Teoria da Ação Racional. Esta teoria tem por objetivo prever e compreender o comportamento do indivíduo. Visa ultrapassar o nível de previsão dos fenômenos para chegar à explicação. Para isso se percorrem duas etapas:

1ª - Identificação e mensuração do comportamento de interesse;

2ª - Compreender a intenção, ou seja, identificar seus determinantes;

Entre estes determinantes, existem os fatores de natureza pessoal que são avaliações positivas ou negativas da realidade vivida (*atitude*); assim como, os fatores de influência social que são determinados pelas pressões sociais exercidas no cotidiano (*normas subjetivas*). Dessa forma, explicar as intenções de um indivíduo em realizar ou não algum comportamento, dependem do julgamento que este indivíduo faz acerca da realização deste e da impressão que cada um tem das referências sociais que lhe são importantes, aprovando ou não a realização deste comportamento.

De alguma maneira, as atitudes resultam de um grupo específico de crenças relativas ao comportamento em si; estão ligadas às expectativas do indivíduo em obter resultados favoráveis com a execução do comportamento (crenças), poderia dizer que fazem parte de uma contextualização própria formada ao longo dos anos e que em cada período desse caminho foi e continua sendo influenciada pelas *normas subjetivas* que são constituídas pelos grupos de indivíduos (sociedade) que fazem parte daquele contexto individual, como também podem ser esquecidas ou modificadas para o surgimento de novas crenças. Estas crenças estão diretamente relacionadas com a “*enciclopédia de referências*” introspectivada e exteriorizadas ao longo da vida por esses indivíduos o despertando para constantes avaliações e associações do que podem ou não lhe ser úteis. Estas conexões podem estruturar os hábitos que encontram-se alicerçados neste contexto pessoal (*atitude*) e social (*norma subjetiva*).

Nessa instância, observar e mensurar comportamentos possuem distinções importantes. Esta teoria não se compromete em discutir os resultados que o comportamento competitivo impõem às práticas esportivas, mas entender como a

competitividade pode ser um elemento que a faça simplesmente acontecer, ser realizada e que possivelmente seja o agente móbil desta atividade.

Embora o comportamento seja em última análise determinado pelas crenças, estudiosos afirmam que isso não significa que estas crenças estejam diretamente ligadas ao comportamento observado; tais crenças influenciam as atitudes e as normas subjetivas e estes dois aspectos, influenciam a intenção que conseqüentemente será o determinante do comportamento como exemplifica o diagrama proposto por Gallani (2000, p.48) adaptado de Ajzen & Fishbein (1980, p.8)

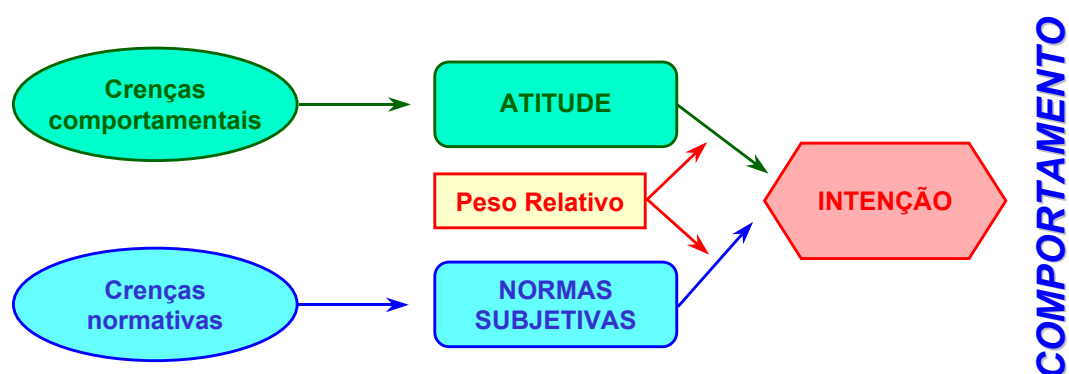


Figura 1 - Diagrama representativo das relações entre os fatores que determinam o comportamento do indivíduo, de acordo com a TRA. (Gallani, 2000).

Afirma Gallani (2000) que apesar de existir uma relação entre todas as variáveis em questão, elas não são idênticas, nem intercambiáveis, ou seja, cada variável possui características próprias que determinam seus acontecimentos, mas que estes podem, a qualquer momento, serem modificados em virtude das influências do ambiente nas normas subjetivas o que faz com que, dessa forma, atitude e normas subjetivas tenham pesos relativos na determinação da intenção do futuro comportamento. Isso significa que *“a partir de um ponto de vista teórico espera-se a ocorrência de certas relações, mas por uma série de razões, isso pode não ocorrer na prática”* (p.48). Para se assumir a responsabilidades de um comportamento em virtude de determinadas crenças, é necessário identificar e mensurar estas crenças para posteriormente verificar se há correspondência entre crenças e atitudes. Isso torna-se possível através de uma análise empírica.

Definir e medir o comportamento

Diante das considerações abordadas acima, torna-se necessário destacar algumas fases que estruturarão e conseqüentemente poderão facilitar o processo de mensuração de comportamento competitivo.

Primeiramente é de fundamental importância discriminar *comportamento* de *resultado*. A TRA implica em atuar diretamente sobre o comportamento. Para explicitar esse entendimento, podemos exemplificar da seguinte forma; o comportamento consiste em jogar tênis, 1h (uma hora), três vezes na semana, por um período de seis meses. O resultado, que na TRA não interessa, seria identificar se ao final destes três meses os níveis de condicionamento cardiorespiratório, assim como o desenvolvimento tenístico melhoraram.

Em segundo lugar definir qual o comportamento de interesse, ou seja, distinguir as ações singulares de categorias comportamentais. As ações singulares dizem respeito ao comportamento de uma pessoa em particular e sendo assim, esta mensuração torna-se mais simples por se tratar de um caso isolado. Já as categorias de comportamento são caracterizadas por grupos de ações. Poderíamos citar como exemplo, as atividades aeróbicas que se enquadram numa categoria comportamental por se tratar de um montante de atividades que a caracterizam, ao invés de avaliar um tipo específico de atividade aeróbica, como por exemplo, a natação.

Por fim, diante das definições citadas anteriormente, Azjem e Fishbein (1980) sugerem ainda um último ponto, que o comportamento seja definido em termos de *ação*, *alvo*, *contexto* e *tempo*. A *ação* no sentido de quem irá realizar; o *alvo* que se trata do comportamento em si; o *contexto* é o que caracteriza a situação do comportamento e o *tempo* em se considerar que aquele comportamento atue. Nesse caso a *Ação*, trata-se da competitividade do sujeito; o *Alvo* seria jogar tênis; o *Contexto* trata-se de no mínimo duas vezes na semana e, o *Tempo*, por uma hora. Vale salientar que o que interessa neste exemplo é o comportamento competitivo envolvido na prática do tênis, no mínimo duas vezes na semana, por uma hora e não os efeitos desta atividade para o indivíduo. Ao observar o diagrama da figura 1, tem-se que antes de se concretizar o comportamento, a intenção é fortemente influenciada pela atitude e pelas normas subjetivas. Como dito anteriormente, a atitude parte de uma matriz pessoal em virtude das crenças pessoais e comportamentais de cada indivíduo, enquanto que as normas subjetivas estão relacionadas ao contexto social em que o indivíduo encontra-se envolvido, constituindo, nesse caso, uma variável externa que determina um fim pessoal, nesse caso, apenas o indivíduo estabelecerá o peso que uma ou outra farão na intenção que determinará o futuro comportamento.

Mensurar o comportamento diante de fatores que assumem características desta natureza precisam ser realizados em duas partes distintas; uma que relaciona-se particularmente ao indivíduo e outra que relaciona-se ao que o indivíduo considera importante, mas que não dependem diretamente dele. Desta forma, as três etapas

anteriormente citadas, constituem uma primeira grande fase de identificação de mensuração da TRA.

A fase seguinte, posterior a esta antes descrita, se constitui em identificar a ATITUDE, através da identificação das crenças. Autores recomendam uma entrevista semi-estruturada junto a amostra representativa da população que se quer estudar, na qual é solicitado a cada indivíduo, citar características, atributos e qualidades ao comportamento em questão. Os dados obtidos passam por uma análise de conteúdo, de forma que se possa traçar a freqüência com que cada tipo de crença aparece. As crenças mais freqüentes são consideradas crenças *modais salientes*. Ainda nesta fase constitui-se uma escala que determina a importância de cada crença e, assim como, uma outra escala preparada para mensurar a avaliação que o indivíduo tem sobre a consequência de cada uma dessas crenças. Essa fase constitui os aspectos voltados para a *atitude* do indivíduo, ou seja, para os aspectos pessoais envolvidos no comportamento. Na norma subjetiva é solicitado que o indivíduo faça uma relação de pessoas ou grupos que tenham influência sobre o seu comportamento. Uma vez feita essa lista de referência, repetem-se as entrevistas, desta vez, não mais com o indivíduo, mas com o seu referencial de importância, de forma que se possa evidenciar se a intenção encontra-se fortemente relacionada com o comportamento em questão.

A importância de identificar em que grau a intenção influencia no comportamento encontra-se na possibilidade de estabelecer o quanto esta intenção é influenciada pelas atitudes e pelas normas subjetivas, emergindo assim qual desses dois fatores são influenciadores do comportamento que está sendo investigado. No caso da atividade física, poderia ser uma fonte de informações que se somaria ao entendimento, numa primeira instância, das causas pelas quais as pessoas aderem e/ou praticam ou não atividade física e se estas são influenciadas mais e/ou menos por aspectos pessoais ou sociais. Na identificação de fatores desta natureza poderia-se intervir na sugestão de propostas que podem estar vinculadas ao comportamento competitivo envolvido nas práticas de atividade física como mais uma forma de mobilizar as populações para a conscientização da importância da atividade física cotidiana para a manutenção dos níveis de saúde que viabilizem, sobretudo, uma vida mais harmoniosa voltada para o bem-estar.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Caracterização do Estudo

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva exploratória no tocante a descrição das características da população envolvida, como também do fenômeno da competição como elemento das práticas esportivas (Gil, 1989). Para isso, a pesquisa foi estruturada em duas etapas; na primeira delas, de abordagem quantitativa, utilizou-se o survey como técnica de pesquisa, na tentativa de investigar práticas ou opiniões da população especificada; na fase posterior, de abordagem qualitativa, caracterizou-se como um estudo de caso, na tentativa de aprofundar a compreensão sobre temas abordados na primeira fase, incluindo a competição como elemento das práticas esportivas (Thomas & Nelson, 1996).

População

A população deste estudo foi composta pelos praticantes de tênis da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis – SC.

Processo de Seleção da Amostra

O processo de amostragem foi desenvolvido em duas fases distintas.

Na primeira fase a escolha foi acidental, ou seja, os praticantes de tênis foram abordados na quadra para responder os questionários antes ou após a sua prática. Buscou-se nessa fase realizar um levantamento sobre o perfil sócio-econômico da população, assim como, a percepção destes frequentadores praticantes de tênis sobre suas participações em atividades físicas.

Na segunda fase a seleção da amostra foi realizada de maneira intencional, na qual foram incluídos indivíduos que possuíam a característica de praticar o tênis pelo menos duas vezes por semana, com duração de uma hora por dia. O tamanho da amostra, nesta fase, foi determinado pelo critério de exaustão, ou seja, a medida em que, no processo de investigação, passou a existir a repetição ou saturação das informações coletadas, finalizou-se a coleta.

Instrumentos

Na **primeira fase** foi utilizado como instrumento para coleta de dados o Questionário Internacional de Atividade Física Habitual (anexo 2), adaptado e testado por Ramos (1999) e Alvarez (2002). Este, aplicado pela própria pesquisadora, foi construído mediante composição de partes de outros instrumentos como explica Soares (2002):

- 1 - Critério de Classificação Econômica Brasil (ANEP, 1997);
- 2 – The Behavioral Risk Factor Surveillance System – BRFSS – (US Departmente of Healt and Human Services, 1998). Versão brasileira do IPAQ (International Physical Activity Questionnaire), forma longa, versão 8.

As partes que compõem o instrumento do presente estudo incluem:

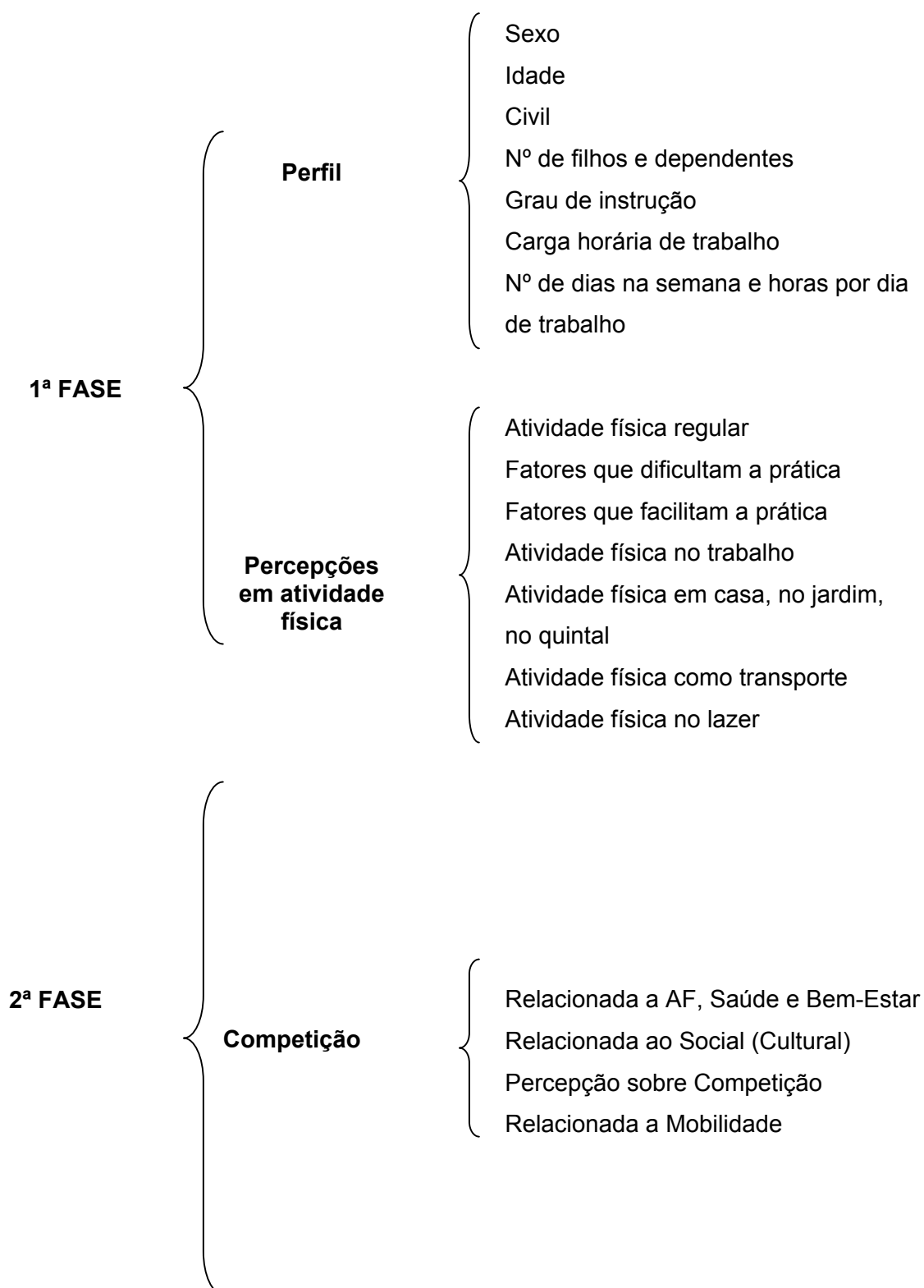
- A) Caracterização dos praticantes de tênis da UFSC: Sexo, idade, estado civil, número de dependentes em casa, número de filhos, nível de escolaridade, carga horária de trabalho, tempo de serviço, aposentadoria, local de outros trabalhos, situação nesses trabalhos, dias/semana que trabalha e horas/dia e nível socioeconômico.
- B) Atividade Física: Percepção sobre sua participação em atividades físicas, barreiras e facilitadores.
- C) Atividade física habitual: No trabalho, como forma de transporte, doméstica, de lazer, e o tempo gasto sentado.

O instrumento sofreu algumas alterações no item “A” (Caracterização dos praticantes de tênis da UFSC) após a realização do estudo piloto.

Na **segunda fase** foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, com roteiro de perguntas previamente estabelecido (Anexo 4).

Matriz Analítica

Para uma análise mais detalhada do instrumento da coleta de dados, relacionou-se os objetivos específicos com as variáveis, utilizando-se uma matriz analítica.

MATRIZ ANALÍTICA

Estudo Piloto

Foi realizado um estudo piloto logo após a devida apreciação e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFSC, sendo possível garantir a credibilidade da investigação, assim como, solucionar possíveis falhas, sugerindo uma melhor adequação das questões referentes ao instrumento utilizado na primeira fase da pesquisa. Este estudo piloto foi realizado durante o mês de maio de 2004 e contou com a participação de vinte praticantes de tênis freqüentadores das quadras do Centro de Desportos da UFSC.

Coleta de dados

Primeira fase

Após a devida aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (anexo 5), iniciaram-se as aplicações dos questionários nas quadras do Centro de Desportos da UFSC. Esta coleta foi feita por trinta dias úteis, entre os meses de junho e agosto, de segunda a sexta, das 8h as 18h. Coincidentemente este período alcançou Parte do recesso acadêmico entre o primeiro e o segundo semestres letivos da universidade, o que pode ter influenciado a quantidade de 84 participantes envolvidos nesta fase.

Segunda Fase

Nesta fase, foram realizadas vinte entrevistas com praticantes de tênis freqüentadores das quadras dos Centro de Desportos, pelo menos, duas vezes na semana por um período de uma hora. As entrevistas foram realizadas na sala de estudos do mestrado em Educação Física, gravadas em fitas cassetes e, posteriormente, transcritas na íntegra pela própria pesquisadora.

Tratamento dos Dados - Análise e Interpretação dos Resultados

A análise e interpretação do dados da primeira fase, possuiu um caráter quantitativo, nesse sentido, buscou-se a tabulação com a utilização do software SPSS for Windows, versão 10.0. A distribuição das variáveis, suas respectivas medidas e conseqüente tipos de escalas enquadram-se como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 1 – Relação de variáveis, medidas utilizadas e tipos de escalas.

Variável	Categoria	Medida utilizada	Escala
Sexo	✓ Masculino ✓ Feminino	• Auto – resposta	Nominal
Idade	✓ 15 a 24 anos ✓ 25 a 34 anos ✓ 35 a 44 anos ✓ acima de 45 anos	• Auto - resposta	Ordinal
Nível Sócioeconômico	A, B, C, D, E	• Classificação Econômica • Brasil (ANEP, 1997)	Ordinal
Atividade Física Habitual	✓ Frequência ✓ Duração ✓ Intensidade da atividades	• Auto – resposta	Ordinal

A segunda fase adquiriu um caráter qualitativo, tanto por sua natureza, quanto pela forma como se desenvolveram os procedimentos para a análise dos dados envolvidos. Nesta fase foi utilizada a técnica de análise de conteúdo com a finalidade de decifrar os discursos e as mensagens obtidas numa lógica sistematizada. Esta análise sugestionou a pesquisadora selecionar os dados coletados, colocando-os em um novo contexto construído com base nos objetivos da pesquisa. *Trata-se da desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação* (Silva & Pinto, 1986, p. 104).

A sistematização da análise de conteúdo acontece de maneira a encontrar a melhor forma de traduzir o discurso exposto num diálogo, em palavras e ou símbolos chaves, ou seja, transformar temas maiores em temas menores, assim como, determinar o foco de interesse. Nesse sentido, algumas questões podem emergir para facilitar esse processo, como por exemplo:

- Com que frequência/como a competição aparece nos discursos?
- Quais as características associadas ao comportamento competitivo?
- Qual a associação do comportamento competitivo com a prática esportiva?
- Qual a associação do conceito de competição além do vislumbrado no esporte por seus praticantes?

No entanto, na prática, a análise de conteúdo compreende algumas fases que podem ser representadas estruturalmente. Estas fases foram mais detalhadas a medida em que se evidenciaram, nos discursos, nas palavras, nas frases ou nos símbolos, o que as caracterizavam melhor, porém as diversas situações pressupunham a organização da análise de acordo com os tópicos seguintes:

1. Delimitação dos objetivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa;
2. Construção de um corpus;
3. Definição de categorias:
4. Definição de unidades de análise
 - 4.1. unidade de registro – localiza o objeto dentro da categoria
 - 4.2. unidade de contexto – Suporte da validade e fidedignidade do trabalho.
 - 4.3. unidade de enumeração – responsável pela quantificação do trabalho.
5. Quantificação
 - 5.1. análise de ocorrência
 - 5.2. análise avaliativa
 - 5.3. análise estrutural

CAPÍTULO IV

Considerações sobre os resultados

A Organização Mundial da Saúde expõe claramente a relação e a importância do bem-estar no contexto da saúde quando coloca o fator físico, mental e social a mercê desta perfeita sensação de sentir-se bem. Este conceito vincula-se a uma série de pressupostos científicos no que se refere ao resultado das práticas de atividades físicas, quando estes são convertidos nas sensações de bem-estar observadas pelos indivíduos quando estes vivenciam a interação com o ambiente. Este “sentir-se bem” acaba transmitindo percepções de saúde aos praticantes de atividades físicas, mesmo que em alguns casos, estes convivam com algum tipo de doença. Torna-se explícita a aproximação deste conceito com a mobilidade cotidiana, quando evidenciamos esta inter-relação entre os aspectos físicos (biológicos/pessoais), mentais (biológico/espiritual) e sociais (cultural), assim como da Teoria da Ação Racional quando a mesma indica as intenções de comportamento relacionadas tanto aos fatores pessoais (atitude), quanto normativos (sociais). Neste sentido, entendemos que antes mesmo da saúde ser prioritariamente vista como uma causa política e pública, ela passa pelo pessoal numa relação direta com o Bem-Estar.

Acima dos valores e das discussões sobre a saúde, parece existir uma necessidade vital da espécie humana. Necessidade esta de permanecer vivo e subseqüentemente, da melhor e mais estável maneira possível, proporcionando estas sensações de Bem-Estar tão evidenciadas para a saúde. É neste sentido que a Teoria Ecológica sobre a Competição de Pierson (1953) sustenta seu alicerce e aproxima-se tanto do conceito de saúde propagado atualmente pela WHO como o da TRA em virtude de se justificar através das relações advindas do ser humano com ambiente, na busca pela satisfação, pelo conforto, pelo bem-estar e de maneira geral, pela sobrevivência. Da mesma forma que na teoria ecológica sobre competição, parte do indivíduo a análise sobre as formas de competição, conflito, acomodação e assimilação, também parte do indivíduo a análise das intenções de comportamento relacionando-se com o pessoal e o social e da mesma forma, nesta mesma perspectiva, a Mobilidade Cotidiana sustentando-se na tríade caracterizada pelo genético (biológico), social (cultural) e Espiritual (Bem-Estar).

Estas três teorias participantes do contexto desta pesquisa, expõem seus aspectos mais importantes, mostram indiretamente a existência de um movimento propulsor em estar constantemente na busca de algo maior, seja este “algo maior” palpável, consciente, influenciado ou meramente sensitivo. Esta busca muitas vezes se

basta pela sensação de conforto, de satisfação, porém em alguns casos confunde-se com o comodismo, com o ócio e o que parecia tender a uma certa forma de movimentar-se, parece diminuir o ritmo. Supostamente opondo-se a esta situação, ocorre a ação provocativa da competição suscitada entre os participantes da pesquisa e em muitos casos evidenciada nas entrevistas como um certo tipo de estímulo, desencadeando a necessidade de sair desta situação comodista, seja para fazer um concurso, seja para dar início a formação continuada, seja simplesmente para chegar mais cedo as quadras e jogar enquanto elas ainda não foram ocupadas.

Embora o conceito de competição dos participantes da pesquisa esteja voltado principalmente aos aspectos evidenciados pelo esporte, ou seja, pela luta, pelo embate, pela oposição entre duas forças opostas confrontando-se, ficou evidente nos discursos alguns aspectos relacionados com esta busca pela sensação de Bem-Estar, tanto no aspecto pessoal, como no social, embora em alguns casos, não se assumisse tal busca através da competição. Segundo Pierson (1953), a competição é uma característica inerente a natureza humana e por isso toma aspecto inconsciente, a partir do momento em que toma-se consciente, passa a ser vista como conflito podendo seqüencialmente acomodar-se ou ser assimilada pelo indivíduo. Independente dos conceitos percebidos na pesquisa de uma maneira geral, torna-se relevante ressaltar que a importância maior não encontra-se diretamente no conceito de competição, mas no desencadeamento das relações estabelecidas entre os seus atores. Evidenciamos aqui a ação provocativa da competição nas intenções, nas ações e na mudança de comportamento (TRA) ocasionando a mobilidade sugerida nesta pesquisa tornando-se “cotidiana” a medida do “continuum” estabelecido na incessante busca pela sensação de “perfeito Bem-Estar físico, mental e social” propagada pela comunidade científica a respeito da saúde.

A primeira vista, parece óbvio investigar a competição em práticas esportivas, mas na pesquisa em questão o foco está na “mobilidade”, trazendo a competição como mola propulsora desse fenômeno, agindo na estrutura humana nos aspectos biológicos, culturais e espirituais e tornando claro o entendimento do homem como ambiente pela sua contínua inter-relação com o meio em função de sua mobilidade que apesar de ser individual também exerce influência no ecossistema como um todo.

A mobilidade cotidiana sugerida nesta pesquisa mostra-se importante no tocante a evidência de elementos aos quais podem ser suscitados, provocados e trabalhados no contexto das práticas das atividades físicas, principalmente se levarmos em consideração a sugestão de práticas de atividades físicas relacionadas a saúde engajadas neste contexto, abarcando não apenas os aspectos pessoais (biológicos), mas também valores culturais influentes nas intenções e nas decisões dos indivíduos em realizá-las ou não,

mas que possam atuar satisfazendo as necessidades da saúde quando sugerem o Bem-Estar.

4.1. Notas Finais sobre a primeira fase

Este capítulo destina-se a apreciação dos resultados da primeira fase da coleta de dados desta pesquisa tendo como característica uma abordagem quantitativa dos dados, para a qual foi utilizado o questionário internacional de Atividade Física Habitual (anexo 1) adaptado de Ramos (1999) e testado por Álvares (2002), para atender a dois, dos quatro objetivos específicos.

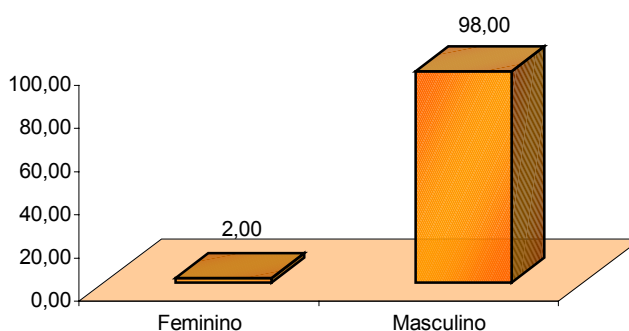
Nesse sentido foram respondidos 84 questionários; cada um deles contendo informações a respeito do perfil sócio-econômico desta população, assim como, a percepção destes praticantes de tênis sobre suas participações em atividades físicas. Dessa forma, apresentamos a descrição das principais variáveis deste estudo fornecendo uma caracterização geral da população investigada.

Caracterizamos o perfil dos praticantes de tênis quanto ao sexo, idade, estado civil, ocupação, número de dependentes, número de filhos, nível escolar, fonte de renda e classe econômica.

4.1.1. Caracterização sócio-demográfica dos participantes

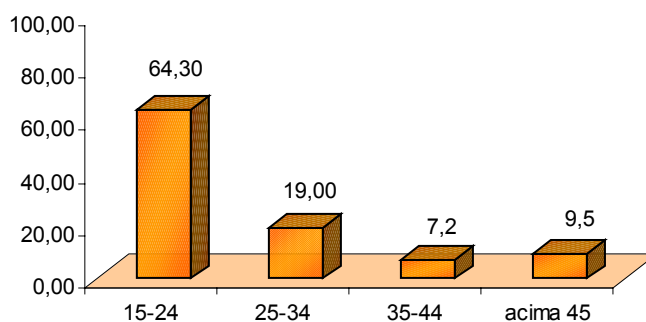
Participaram desta fase da pesquisa 84 praticantes de tênis de ambos os sexos, cuja coleta de dados ocorreu entre julho e agosto de 2004. Este período coincidiu com o final do semestre letivo. Os questionários foram aplicados de maneira acidental e apenas uma vez para cada um dos participantes. Destes 84 sujeitos, 98% são homens, enquanto apenas 2% eram mulheres.

Figura 1 - Distribuição da população segundo o sexo



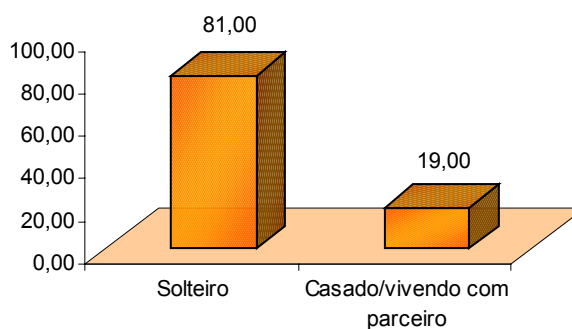
A grande maioria dos indivíduos situa-se entre 15 e 34 anos de idade, correspondem a 83,3% da amostra e respondem as expectativas do projeto em atuar sobre uma amostra de adultos jovens.

Figura 2 - Distribuição da população segundo a idade



Provavelmente em virtude das quadras de tênis localizarem-se na universidade, os resultados obtidos com relação ao estado civil apontam para uma população composta principalmente por solteiros, com 81% das respostas, entretanto, 19% responderam ser casados ou viverem com seus parceiros.

Figura 3 - Distribuição da população segundo o Estado Civil



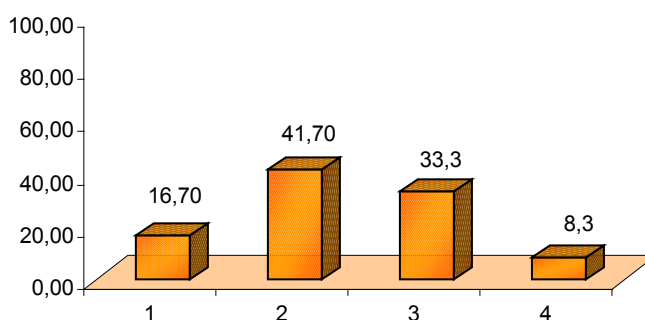
Levando-se em consideração a grande quantidade de estudantes constituintes da população investigada, constatamos nas questões referidas a situação de trabalho, percentuais muito aproximados dos que diagnosticavam a quantidade de estudantes. Sendo assim, foi comum o aparecimento de valores altos dos praticantes de tênis que não responderam a estas questões, representados na tabela 1 como casos omissos.

Tabela 1 – Distribuição dos casos omissos segundo a situação de trabalho e carga horária

	CARGA HORÁRIA	TEMPO DE SERVIÇO	APOSENT.	SIT. DE TRABALHO	TRAB. DIAS/SEM	HS TRABALHO
Omissos	71,4%	75%	68%	71%	70%	69%

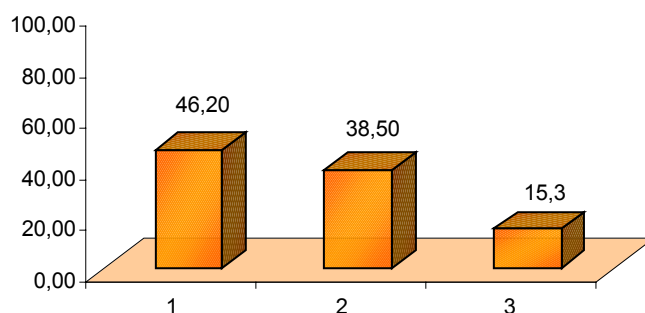
Quanto ao número de dependentes e de acordo com as características apresentadas pela população, 85% dos sujeitos não respondeu a esta questão; outros 14,3% encontram-se distribuídos entre as opções destacadas no instrumento variando entre 1 e 4 dependentes.

Figura 4 - Distribuição da população segundo o número de dependentes



Como verificado anteriormente sobre as características da população, apenas 15% da amostra respondeu ter filhos, entre estes, 7,1% afirma ter 1 filho e 6%, 2 filhos; a grande maioria de 85% não possui filhos.

Figura 5 - Distribuição da população segundo o número de filhos



Sendo a população alvo freqüentadora das quadras do Centro de Desportos e tida 81% como sendo estudantes, no que diz respeito ao grau de instrução foi comum o aparecimento de 50% destes estarem cursando o nível superior; outros 22 praticantes, correspondentes a 26,2%, também estão distribuídos em categorias de nível superior completo, especialização, mestrado e doutorado completos ou incompletos. Outros 20 praticantes, correspondentes a 23% da amostra não responderam a este item. Esta informação constitui, para esta fase, apenas mais uma característica da população, porém na fase seguinte da pesquisa, indica-nos uma forte influência no que diz respeito a mobilidade social que evidencia-se pelo fato dos participantes da pesquisa estarem rumando academicamente para novas posições sociais exigidas no contexto em que eles vivem e são submetidos (Pierson, 1953).

Com relação a distribuição de renda de acordo com os imóveis, mais uma vez ficou clara a participação dos estudantes, visto que, praticamente 60% não possuem fonte de renda, porém 62% moram em casa própria, 67% reponderam possuírem casas de praia e 85% responderam ter fazenda, dados estes que provavelmente podem dizer respeito ao patrimônio dos pais, como mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição da Fonte de renda e imóveis

	FONTE DE RENDA	SÓCIO	FAZENDA	CASA PRAIA	CASA PRÓPRIA
Sim	26,2%	20,2%	7,1%	26,2%	61,9%
Não	59,5%	76,2%	85%	66,7%	35,7%
Omissos	14,3%	3,6%	7,1%	7,1%	2,4%

É senso comum entre os estudos a afirmação de se ter mais tempo livre a medida do aumento da renda e de informação. O Critério de Classificação Econômica Brasileiro, adotado pela ABA/ANEPE – ABIPEME (ANEP, 1997) expõe sete categorias de acordo com a classificação de renda familiar como demonstra a tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Critério de Renda Familiar por Classes (ANEP)

CLASSE	PONTOS	RENDA MÉDIA FAMILIAR (R\$)
A1	30 a 34	7.793
A2	25 a 29	4.648
B1	21 a 24	2.804
B2	17 a 20	1.669
C	11 a 16	927
D	6 a 10	424
E	0 a 5	207

De acordo com o cálculo das respostas sobre a classificação de renda familiar dos praticantes de tênis e por ter sido evidenciado muitos resultados pertencentes a classe “B1” e “B2”, condensamos estes resultados em apenas classe “B”. Encontramos 36 indivíduos, valor este equivalente a 42,9% da amostra. Outros 31 indivíduos, ou seja, 36,9% pertencem a classe “C”, seguidos de 13,1% pertencentes a classe “D”, 6% da classe “A2” e 1,2% da classe “E”. Em vista da questão analisar o nível sócio econômico a partir de bens de consumo adquiridos, torna-se importante destacar o fato da maioria da população desta pesquisa ser constituída por estudantes e em muitos casos, estes morarem em residências universitárias, pensionatos ou apartamentos alugados. Sendo assim, pode ter ocorrido, nesta questão, uma distorção das respostas por este motivo.

Tabela 4 – Distribuição da população segundo o nível socioeconômico

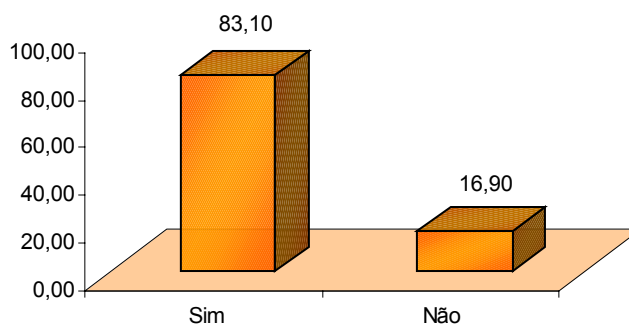
	A2	B (B1 e B2)	C	D	E
N	5	36	31	11	1
%	6	42,9	36,9	13,1	1,2

4.1.2. Percepção em Atividades Físicas

Algumas mudanças nos hábitos cotidianos, no que diz respeito à prática de atividades físicas, podem provocar um estilo de vida mais ativo. Se observarmos, apenas o fato da locomoção as quadras de tênis do Centro de Desportos já evidencia uma atividade física. Assim, o objetivo deste item foi identificar a percepção dos praticantes de tênis sobre suas participações em atividades físicas. Mesmo que alguns destes hábitos estejam incorporados a vida como, andar, escovar os dentes, arrumar a cama, alimentar-se com tranqüilidade, trocar de roupa e até mesmo trabalhar, outros hábitos, entre eles os esportes, podem ser ainda mais valorizados contribuindo assim para que a mobilidade cotidiana seja salutar (Farias, 1992; Marcon, 2001).

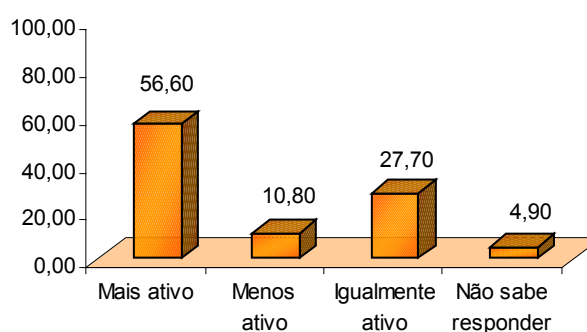
Com as respostas obtidas na aplicação dos questionários, constatamos a afirmação de 82,1% colocando-se como praticantes de atividades físicas regulares e apenas 16,7% afirmando o contrário. Apenas um indivíduo (1,2%) não respondeu a esta questão, como mostra a figura 6.

Figura 6 - Distribuição da população segundo a participação em atividades físicas regulares



Atualmente existe uma tendência da população a hipomovimentação, ocasionando a ociosidade causadora da maioria das doenças crônico degenerativas associadas a vida moderna de uma maneira geral. Neste estudo, quando comparados com outras pessoas da mesma idade, a grande maioria de 56% dos praticantes, correspondente a 69 indivíduos, percebeu-se mais ativo; outros 23 indivíduos, ou seja, 27,4% consideram-se igualmente ativos; apenas 10,7% consideram-se menos ativos e 4,8% não souberam responder a este item.

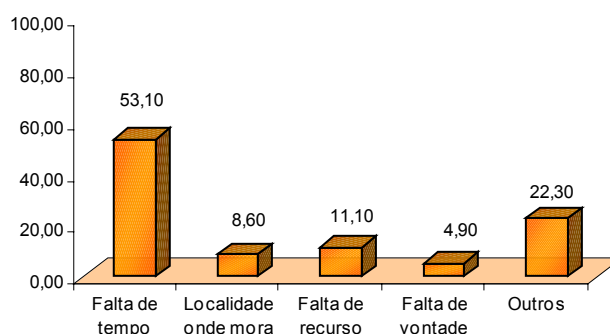
Figura 7 - Distribuição da população segundo a comparação com pessoas da mesma idade



Os indicadores relacionados as barreiras para a prática de atividades físicas apontam o fato da “falta de tempo” como a principal dificuldade para a realização da prática de atividades físicas. Este fator foi evidenciado neste estudo com 51,2% das respostas; em segundo lugar aparecem outros fatores como “as condições climáticas” e a “companhia” para a prática de atividades físicas com 22,6% seguido da “falta de recurso”

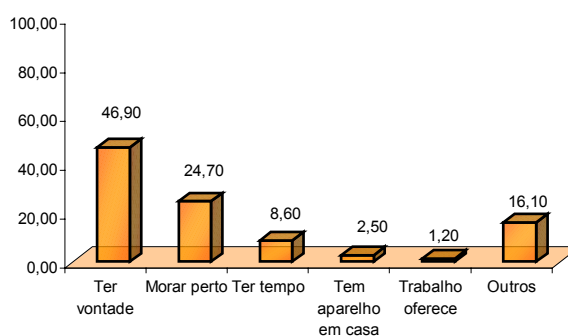
financeiro para custear alguma atividade vinculada a alguma instituição com 21,4% das respostas; No estudo de Soares (2003) foi constatado que 66,5% dos industriários citam a falta de tempo como principal dificuldade para a prática de atividades físicas, porém, de acordo com a população, este estudo aproxima-se dos resultados do estudo de Oliveira (2001), onde os estudantes das IFES relataram também, ser a falta de tempo e a falta de interesse, os fatores que mais dificultavam a prática de atividade física.

Figura 8 - Distribuição da população segundo o primeiro fator que dificulta a prática de atividades físicas



Enquanto foi constatado a falta de tempo como a principal barreira na prática de atividades físicas, o principal facilitador para os praticantes de tênis foi o “ter vontade”, aparecendo em 45,2% das respostas. Ter vontade de realizar a prática do tênis, potencializa o indicativo de mobilidade existente em cada um, provocando o ânimo e o desejo, despertando a necessidade de, mesmo sem tempo, procurar jogar o tênis. Esta característica, soma-se ao fator de “morar perto” do local da prática com 23,8% das respostas; outros fatores foram citados, mas estes evidenciam ainda mais o primeiro fator como “disposição”, “motivação”, “prazer pela prática”, “saúde”, “Bem-Estar”, “emoção”, “adrenalina”, aparecendo com 33,3% das respostas.

Figura 9 - Distribuição da população segundo o primeiro fator que facilita a prática de atividades físicas

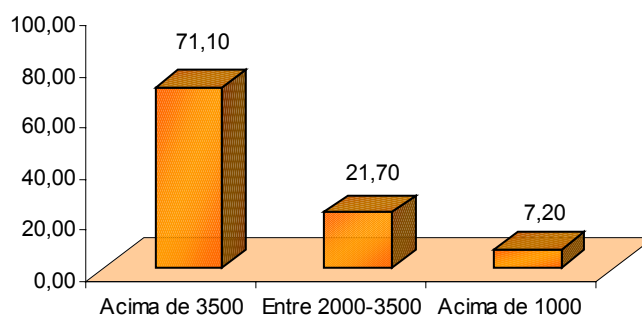


O instrumento utilizado nesta primeira fase da pesquisa foi constituído também pelo IPAQ (*International Physical Activity Questionnaire*). Este instrumento teve como objetivo identificar, de acordo com as atividades físicas desenvolvidas pelos praticantes de tênis (no trabalho, em casa, no jardim ou quintal e no lazer), a condição de ativos ou não segundo o cálculo de kcal/mets/semana proposto por Paffenbarger (1998).

Nesse sentido não se fez necessário descrever cada um dos itens relacionados nesta parte do instrumento, pois o mais importante encontrava-se no resultado do cálculo final. Mesmo assim, foram percebidas algumas evidências importantes a respeito das questões relacionadas às atividades no “trabalho” e no item “em casa, no jardim ou quintal”, por em alguns casos não terem sido respondidas provavelmente pela estreita relação cultural com a padronização das moradias em prédios de apartamentos, como também pela evidência da amostra constituída por 81% de estudantes.

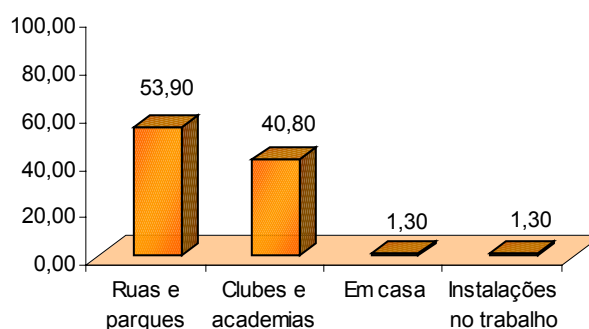
Mesmo diante destes dois importantes fatores observados nos questionários colhidos, obtivemos que a grande maioria de 70% dos indivíduos possuem um gasto calórico acima de 3500 kcal/mets/semana; outros 21,4% possuem este gasto entre 2000 e 3500 kcal/mets/semana considerado ideal para a saúde segundo Paffenbarger (1988).

Figura 10 - Distribuição da população segundo o cálculo de Kcal/mets/semana



Com relação ao local de preferência pela prática de atividades físicas, entre as cinco opções destacadas no instrumento, a que mais ganha destaque são as ruas e parques com 53,9% das respostas, fato este que pode estar relacionado, inclusive, com a preferência pelas quadras de tênis do Centro de Desportos, também expostas ao ar livre concomitante a um ambiente arejado e iluminado como expõem preferir neste item. Os clubes e as academias aparecem em segundo lugar com 40,8% das respostas. Apenas 9,5% não responderam a esta questão.

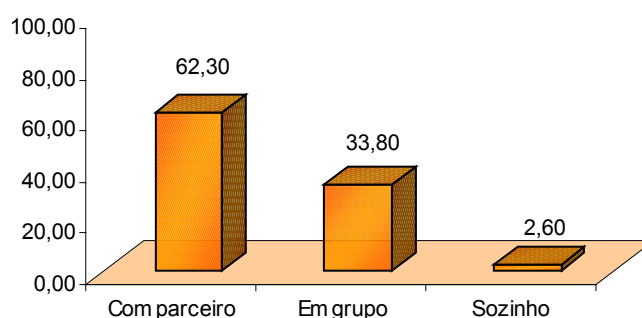
Figura 11 - Distribuição da população segundo o local de preferência para a prática de atividades físicas



A importância do aspecto social para a prática de atividades físicas se constitui num fator importante na colaboração para a decisão em realizar a prática (Marcus, 1995). A influência do ambiente e de pessoas importantes no convívio dos praticantes de atividades físicas são considerados fatores determinantes na tomada de decisão na realização desta prática (Meneghin, 1993).

Observamos que 57,1% dos sujeitos da população afirmam preferirem realizar a prática de atividades físicas com parceiro. Preferencialmente em grupo aparecem com 31% das respostas, ou seja, 88,1% dos sujeitos preferem realizar a prática de atividades físicas acompanhados.

Figura 12 - Distribuição da população segundo a preferência de companhia na realização da atividade física



4.2. Notas Finais sobre a segunda fase

De acordo com a metodologia proposta, trataremos nesta sessão de apresentar o conteúdo coletado nas entrevistas com os praticantes de tênis selecionados da cidade universitária em Florianópolis.

A princípio, faremos uma descrição destes discursos, pautada nas questões do roteiro previamente estabelecido, de maneira a vislumbrar em cada questão, uma visão geral de todos os discursos coletados nas entrevistas.

Em seguida, destacaremos e discutiremos os discursos encaixando-os nas categorias de análise estabelecidas e dialogando com a literatura na tentativa de responder os objetivos estabelecidos para esta fase da pesquisa.

Destacamos inicialmente as observações feitas especificamente do coletado nas entrevistas. Demais comentários da pesquisadora serão apresentados na sessão seguinte, onde esta análise estará voltada às categorias estabelecidas para a análise.

4.2.1. Seguindo o Roteiro

1 – Horário para a prática do tênis

O Centro de Desportos tem seu expediente funcionando entre os horários de 7h 30min às 22h. Entre os sujeitos entrevistados, sete responderam que costumam freqüentar as quadras de tênis aos finais de semana no período da manhã, normalmente entre as 7h 30min e 11h.

A grande maioria de 12 sujeitos, correspondente a 60% dos entrevistados, responderam freqüentarem as quadras no período da tarde; destes, nove sujeitos afirmam jogar entre 13h 30min e 15h, os outros três sujeitos preferem mais o final da tarde, depois das 17h.

Quatro sujeitos responderam também freqüentarem as quadras durante a semana pela manhã. Destes, três preferem vir bem cedo, aproximadamente às 7h 45min.

2 – A escolha do horário

De acordo com os discursos coletados, 40% dos entrevistados escolhem os horários referidos na questão anterior, em virtude da disponibilidade das quadras, ou seja, a escolha do horário ocorre em função de chegar antes que as mesmas estejam ocupadas, justificando a grande maioria dos entrevistados terem escolhido o horário entre as 13h 30min e 15h. A preocupação dos praticantes de tênis parece não estar direcionada para um “melhor horário” destinado a essa prática, mas, neste caso, ao de chegar na quadra e jogar, sem precisar ficar esperando, independente do horário. Esse fator nos indica outros 40% dos relatos, afirmando escolherem os horários, de acordo com suas disponibilidades no trabalho ou nos estudos, levando-nos a comprovar o descrito anteriormente, pois a praticidade em chegar, jogar e não perder tempo esperando uma quadra, proporciona os praticantes de tênis a escolham os horários citados na questão anterior.

Apenas um sujeito, representante de 10% das respostas, afirmou escolher o horário de sua prática referendado na saúde, por acreditar que àquele horário seria benéfico a mesma.

3 – Horários Apropriados

Foi constatado na primeira fase da pesquisa a falta de tempo como a principal barreira na prática de atividades físicas. Em vista disso, os participantes da pesquisa acabam por escolher horários vagos nas quadras de tênis, ou seja, horários onde os projetos de extensão do Centro de Desportos não estejam atuando, assim como outros horários normalmente com pouca movimentação de tenistas. Nesse intuito, dos vinte entrevistados, 25% responderam considerar o horário escolhido, adequado a sua prática.

Em virtude do calor proporcionado pelo sol intenso, 20% não acham o horário mais apropriado, mas mesmo assim freqüentavam as quadras em prol de conseguir uma vaga para se jogar. A grande maioria de 55% justificaram a escolha do horário em virtude dos benefícios que este, de alguma maneira, lhes proporcionavam. Nesse intuito foram comuns as respostas: *“porque se sente bem depois que joga”, “já começa o dia com exercício”, “fica mais disposto”*. Outros 20% adaptam o seu horário ao trabalho.

4 – Disponibilidade temporal para a prática do tênis.

Diante do exposto nas entrevistas, 45% dos praticantes de tênis, mesmo quando encontram-se muito atarefados com afazeres domésticos, profissionais ou acadêmicos, disponibilizam tempo para jogar tênis, pois esta prática, de alguma maneira, lhes trazem benefícios ao Bem-Estar e conseqüentemente a saúde. São muito comuns discursos relatando tais benefícios, como *“refrescar a cabeça daqueles problemas”, “desestressar”, “divertir-se”, “eu me sinto muito melhor”, “pra relaxar”, “eu me sinto bem depois”*.

O “gosto pelo esporte” é um dos fatores atribuídos por 40% dos entrevistados, ao disponibilizarem tempo para esta prática. Apenas um sujeito confessa sentir “necessidade” de jogar, enquanto 25% dos entrevistados afirmam que “sempre tem tempo” ou “nunca” deixaram de vir jogar por qualquer motivo.

5 – Condições viabilizadoras da prática.

Todos os entrevistados afirmaram a possibilidade de vir ao local das quadras sozinho para eventualmente encontrar alguém e jogar, porém confessam normalmente combinarem anteriormente com o parceiro, sendo este, amigo, colega de trabalho e/ou até familiares.

Mesmo sendo o tênis um esporte, a princípio, não jogado individualmente (à exceção do paredão), acredita-se no estabelecimento de uma relação muito próxima

entre a prática e o convívio social, podendo ser um dos motivos da continuidade da mesma, em virtude do Bem-Estar estabelecido nessa relação coletiva, diferentemente das relações entre o jogador e o paredão, por exemplo, onde existe pouca interatividade e conseqüentemente não produz as sensações almejadas por estes praticantes.

6- A prática e a influência do paredão.

Diante dos relatos, 40% dos praticantes de tênis reconhecem não vir as quadras de tênis da UFSC apenas para jogar paredão; outros 10% “provavelmente não viriam” e justificam esta negativa de várias maneiras, como por exemplo: *“porque gosta de competir”, “com quem vai ta competindo?”*, *“porque é monótono”, “porque o exercício tem que ter um atrativo”, “porque o paredão é previsível”,* entre outras respostas.

Em contrapartida outros 20% dos praticantes, viriam as quadras apenas pra jogar paredão, entretanto, um dos sujeitos, entre estes 20% admite que jogar com outra pessoa é ainda *“mais interessante”*.

Interessante também, seria ressaltar quando 20% dos entrevistados responderam a esta pergunta dizendo que “provavelmente” viriam jogar sim, mas este “sim” dependeria de outros atributos, como: *“se não tivesse muito a fazer”, “se fosse divertido”*.

7- Nível de competitividade.

A grande maioria de 60% afirmou se acharem competitivos, enquanto outros 15% consideram-se competitivo apenas em alguns momentos. 20% não se consideram competitivos.

8 – Conceito de competitividade.

Foram diversas as respostas a esta pergunta. Em muitos momentos, notadamente os entrevistados referiam-se diretamente ao jogo propriamente dito, principalmente quando apareceram expressões do tipo: *“se igualar ao parceiro”, “disputar de igual pra igual”, “gostar de ganhar”, “não aceitar perder”*. Porém outros relatos deixaram perceber um conceito mais abrangente, como no caso de: *“se destacar entre as pessoas”, “querer o melhor daquele momento”, “lutar pra fazer o máximo”, “ter diferenciais”*.

Entre todas as respostas a que mais caracterizou a essência deste conceito, esteve no discurso do sujeito 16, Clau, definindo ser competitivo simplesmente como “não ter sangue de barata”. A metáfora é bastante conhecida, mas expressa um contexto provocativo mobilizador de determinada reação por parte deste estímulo. Respostas como “se igualar ao adversário”, ou seja, jogar de igual para igual, apareceram em 20% das respostas dos entrevistados; ser competitivo é “ganhar” para 35% dos praticantes de tênis; outros 15% atribuem este conceito ao fato de “se destacar” em alguma coisa que

se faça, na vida ou no esporte, ser um referencial. Enquanto 10% pensam competitividade como “dar o máximo” de si, outros 10% traduzem este conceito como “não aceitar perder”.

9 – Jogo e competição.

Dos relatos coletados, 13 sujeitos, representantes de 65% das entrevistas, afirmaram disputar pontos, porém, 2 destes não consideram este fato uma forma de competir, mas apenas uma norma do jogo, muitas vezes estabelecida para ordenar quem fica ou sai da quadra para o próximo jogo. Esta evidência caracteriza e garante o divertimento entre os praticantes de tênis.

10 – Aspectos positivos da competição?

A pergunta original do roteiro, referia-se a competição de uma maneira geral, mas em virtude do contexto que as entrevistas passaram a tomar, tornou-se necessário enfatizar a necessidade de falar sobre “esta” competição ao qual o entrevistado referia-se. Nesse sentido, surgiu um número abrangente de opiniões acerca dos fatores considerados positivos dentro do conceito de competição. Entre eles, 55% atribuem os aspectos positivos ao Bem-Estar, evidente nos discursos do tipo: *“alegria de estar jogando”, “um lazer gostoso, agradável”, “satisfação pra vida de uma maneira geral”, “melhorar a auto-estima”,* entre outros;

O fato de desestressar subtende também a eliminação da sensação de mal estar, citados por 15% dos praticantes como um fator positivo da competição. A sensação de “progredir” ou de “se superar” são também indicadores de mobilidade quando induzem a quebra da inércia, da ociosidade, trazendo aspectos positivos para 35% dos praticantes de tênis quando responderam a esta pergunta. Apenas 20% relacionaram os aspectos positivos com a saúde propriamente dita e relacionada a “prática de atividades físicas” ou de “exercícios físicos”, referenciando-os como um “exercício aeróbio”; outros dois entrevistados destacaram aspectos de oposição ou embate, colocando a competição num sentido positivo de um indivíduo se sobrepor ao outro. O “equilíbrio” foi destacado por um participante como fator positivo, este corresponde a apenas 5% da amostra.

11 – Competição e Saúde.

Diante dos relatos obtidos, 14 deles, correspondentes a 70% das entrevistas, consideram a competição importante para a saúde, porém, destes 14 entrevistados, 6 relacionam essa importância aos fatores físicos como o condicionamento; outros cinco, relacionam esta importância aos aspectos emocionais, agindo na auto-estima e no Bem-Estar.

Apenas um dos entrevistados, considera que a competição não tenha influência nenhuma sobre a saúde. Outros dois, ou seja, 10% das entrevistas, não souberam responder a essa pergunta.

12 – A competição fora das quadras de tênis.

Seguindo o roteiro, consideramos ser esta a questão onde vislumbram-se outras possibilidades na forma de competir que não sejam esportivas. Embora muitos dos entrevistados tenham relacionado a competição com o esporte, nesta questão, surgem indícios de outros aspectos não relacionados diretamente com este. Como no caso de 25% das respostas apontarem para uma visão competitiva dos aspectos sociais, evidenciadas nos trechos das entrevistas: *“cada um procurando seu espaço”*, *“necessidade de sobrevivência”*, *“status”*, *“na política”*. Outros 15% colocam a competição em tudo, em todos os aspectos da vida. 20% relacionam a competição fora das quadras de tênis com os estudos, na faculdade, através das provas, dos testes, das notas. Apenas um indivíduo relaciona essa questão com a saúde, afirmando competir contra o “estresse”. Três entrevistados atribuem a competição fora das quadras com outros valores considerados “afetivos” como no caso a “lealdade”, a “cumplicidade”, e até o espírito de “confraternização” aparecendo em determinadas situações vivenciadas na quadra e na vida cotidiana. Apenas um entrevistado confessa nunca ter pensado sobre esse assunto.

Como complemento a esta questão, perguntamos se “a competição exercida no tênis se transferia para outras situações do cotidiano”, a maioria de 75% responderam enxergar a competição em outros setores da vida. Mesmo assim, 4 sujeitos ainda não conseguem ver essa transferência para outros setores. O mesmo sujeito da questão anterior afirmou também não ter pensado sobre esse assunto nesta questão.

14 – Competitividade no trabalho ou estudo.

Esta questão também encontra-se intimamente ligada com as anteriores sobre o mesmo assunto. Sendo assim, não foi surpresa encontrar 75% de respostas afirmativas; apenas dois entrevistados disseram “não”. Isto deve-se ao fato de serem funcionários públicos traduzindo, de acordo com os diálogos, uma certa “estabilidade” profissional, mesmo o ingresso neste cargo tendo sido realizado através de concurso público, aferindo conseqüentemente uma forma de competir no estabelecimento do vínculo empregatício. Três entrevistados, ou seja, 15% dos praticantes de tênis, confessam não se sentirem cobrados em suas ocupações.

15 – Competitividade atribuída aos pares.

A maioria de 80% respondeu “sim”. Destes dezesseis sujeitos, onze atribuem essa resposta a competição relacionada ao esporte de uma maneira geral. Outros 20% pensam que seus parentes ou amigos não os consideram competitivos.

16 – Importância atribuída a competição na vida.

Essa questão trata de aspectos muito importantes para a pesquisa. De acordo com o coletado nas entrevistas, 35% das respostas relacionam a importância da competição ao “evoluir”, “melhorar”, “se superar”. Tais expressões dão idéia de movimento, de continuidade, de algo que cada um destes 35% estão buscando. 20% colocam a competição como “necessária” a vida. Outros 20% atribuem esta importância a algum fator social, como o “evoluir para encontrar um espaço no mercado de trabalho”, ou por ser “uma lição de vida”. Outros dois entrevistados atribuem aqui a importância da competição para a saúde no desestressar ou em outros aspectos relacionados a prática de atividades físicas. 10% consideram a competição importante por ser um motivo de “divertimento”. Entre todas as entrevistas, dois participantes afirmam nunca terem pensado sobre o assunto.

17 – Concepção de competição.

Muitos entrevistados tiveram dificuldade em responder essa questão. Intencionalmente colocada por último no roteiro para ser respondida após várias contextualizações acerca do assunto em pauta, não esperava-se tanta dificuldade em respondê-la, porém 35% dos entrevistados fizeram pausa ou pausa prolongada para responder a esta questão. Diante das observações dos discursos, 70% dos entrevistados acreditam que competição relaciona-se com o confronto, com o embate, com a oposição entre duas pessoas, claramente evidenciado nos discursos: “um contra o outro”, “um vencer o outro”. 30% pensam competição como “superação” e outros 15% atribuem a competição não ganhar nem perder, mas o poder de trazer benefícios para si. Dois entrevistados pensam competição como “motivação”. Apenas um deles, acredita na competição como sendo da natureza humana e um outro afirma ser a competição “tudo” no sentido de estar presente em todas as coisas.

*** A Mobilidade para o tênis.**

Esta foi uma das perguntas centrais do roteiro e também caracteriza uma das categorias a serem analisadas a seguir. Embora tenha passado despercebida em algumas entrevistas, nota-se no decorrer de outras questões as razões pelas quais as pessoas se mobilizam a ir jogar tênis. Assim, como nas demais questões, colocaremos

apenas o relatado nas entrevistas, respeitando especificamente o proposto em cada questão. Sendo assim, o *“gosto pelo esporte ou o prazer em praticá-lo”* mobiliza 55% dos entrevistados. 40% das outras respostas, atribuem esta mobilidade ao Bem-Estar fornecido pela prática, por ser *“divertido”*, *“pra dar rizada”*, por ser *“prazeroso”*. 25% vão as quadras jogar tênis apenas pelo exercício físico, mas dois entrevistados relacionam esta mobilidade diretamente ao *“movimentar-se”*, ou seja, com o fato de estar em movimento. Outros 20% relacionam a saúde e a fatores sociais esta ida, como citam em seus discursos, respectivamente: *“tênis é anti-depressivo”* e *“ver pessoas”*, *“estar com os amigos”*. Dois entrevistados confessam ser *“necessário”* ir jogar tênis; outros três afirmam ir jogar tênis por *“não ser monótono”*. Torna-se importante destacar que a *“competição”* foi citada por três entrevistados como sendo o fator determinante na ida as quadras para se jogar o tênis, ou seja, se não existisse o fator competitivo eles não disponibilizariam este tempo para ir jogar.

Destacamos aqui as principais e mais relevantes falas entre os entrevistados constituintes da amostra na segunda fase da coleta de dados desta pesquisa. Enfatizamos mais uma vez que as respostas aqui descritas, são as encontradas nas entrevistas, assim como os comentários feitos encontram-se dentro do contexto ao qual os entrevistados e a entrevistadora estavam discutindo. Outras análises serão feitas no próximo tópico caracterizando as categorias de análise num contexto mais amplo, levando em consideração a entrevista como um todo e não desconsiderando as partes acima, descritas questão a questão.

4.2.2. Categorias de análise

a) A Competição Relacionada à Saúde, ao Bem-Estar e a Atividade Física;

No tocante ao contexto desenvolvido na pesquisa e levando-se em consideração a relação íntima encontrada nos elementos vislumbrados para esta categoria de análise, tornou-se necessário elencar dentro dos discursos colhidos, os que tivessem relação direta com a tríade, *“atividade física, saúde e bem-estar”*, principalmente pelo aparecimento de unidades de registro dando significado a esta categoria, ganhando destaque na análise. Alguns discursos explicitam estas unidades de registro, porém, em muitos casos estas unidades apareçam juntas em um mesmo discurso, evidenciando ainda mais a relação da tríade citada acima.

Quando foram analisadas as questões do roteiro de entrevistas, existiam particularmente duas questões tratando diretamente desta categoria de análise; uma delas perguntava se *“a competição poderia auxiliar na saúde”* de alguma forma. Nesse

sentido, 70% dos entrevistados responderam “sim” e esta afirmação tinha ligação direta nos fatores relacionados a prática de atividades físicas. No entanto, o Bem-Estar apareceu em apenas em 25% das respostas. Curiosamente a questão referendada aos “aspectos positivos da competição” mencionou exatamente que 55% das respostas relacionavam-se ao Bem-Estar e levando-se em consideração se estes 55% somarem-se aos 15% das respostas referidas sobre o “desestressar” ,que por sua vez também provoca sensações de Bem-Estar, teremos aí uma porcentagem igual a referida especificamente para a atividade física, mas que nesta questão não foi explicitada exclusivamente neste fim, ou seja, a relação entre a atividade física e o Bem-Estar é tão íntima que chega a se confundir em alguns momentos.

A atenção volta-se a este acontecimento quando os entrevistados são abordados sobre a relação da competição com a saúde, pois nesse momento, tomam para primeira opção de resposta, a prática da atividade física. Nesse sentido, parece estar claro para as pessoas os inúmeros fatores veiculados sobre a importância da relação da prática de atividades físicas com a saúde. No entanto, quando são questionados sobre as “sensações”, o Bem-Estar emerge com mais evidência. Esta afirmação pode estar vinculada as intenções de comportamento relacionadas a decisão de realizar a prática de atividades físicas, visto que, embora exista a quantidade de informações a respeito da importância da prática de atividades físicas, por si só, a informação não se basta, é necessário que exista, além de uma informação positiva que possa levar indivíduo a realizar determinado comportamento, um estímulo pessoal forte determinando a mudança do comportamento (Meneghin, 1993). Nesse sentido, quando não se explicita a saúde como foco central, o Bem-Estar emerge junto com a satisfação pessoal pela prática, para daí em seguida ter como consequência a saúde. Essa relação da informação e da sensação, parece estabelecer-se da seguinte forma: quando se FALA em saúde, PENSA-SE em prática de atividade física, porém quando se FALA em prática de atividades físicas (no caso em questão a prática do tênis), PENSA-SE em Bem - Estar e nesse caso a saúde encontra-se como consequência e não como foco central.

Em relação a unidade de registro “Bem-Estar” que engloba os termos “diversão”, “desestressar” e “me sentir bem” destacamos estes discursos:

S1, LAP.: *“você alivia o estresse porque você se torna superior ao que te... vamos supor assim... ao estresse que você carrega no corpo. Você joga tênis e daí você se distrai e alivia aquele peso que você tem, cansaço e tudo, até o cansaço mental (...) às vezes acontece que você perca uma partida, mas você saí feliz, contente... então você sai na boa, sem crise, mas não te estressa”*

S2,JB.: *“Eu me sinto muito bem depois que eu jogo (...) se eu fico muito tempo sem jogar, eu sinto que ta faltando alguma coisa”*

S3, RGA: *“Jogar tênis pra mim é como se fosse... ah, é muito bom!... é o fato de desestressar! (...) Porque sempre quando eu venho jogar, eu sempre fico melhor depois que eu acabo jogando, porque é uma coisa assim, que desestressar totalmente, aí eu depois eu consigo fazer... estudar tranqüilamente depois de uma partida de tênis (...) o estresse é realmente uma competição do dia-a-dia.”*

Em relação a unidade de registro “Saúde” destacamos estes discursos:

S6,TH: *“... isso seria bom pra saúde porque quando é uma coisa que você faz com muito bom gosto, é bom pra cabeça e bom pra tudo!”*

S17,MS: *“Eu acho que uma pessoa que é perdedor, acho que perde até a saúde (...) eu acho que atrai doenças, então eu acho que afeta o sistema imunológico dele. Se for uma pessoa vencedora, eu acho que é uma pessoa que tem mais saúde, eu acho que gera uma química no corpo dele, que ele fica imune a muita doença.”*

Outros praticantes de tênis, quando questionado sobre a influência da competição na sua saúde, responde:

S18,ADL: *“Nesse sentido sim! Porque isso aí me move pra fazer algumas coisas que me deixam saudáveis.”*

S13, REG: *“... o tênis ao contrário da caminhada, ele é anti-depressivo. A caminhada é depressiva. Muitas vezes se a pessoa não tem o controle adequado a suas emoções, a caminhada ela é... a pessoa ao longo da caminhada, ela vai, vai levando seus problemas e os problemas que eram pequenos acabam ficando enormes. No tênis não! No tênis se você não mantém o foco, você está fora do pário! Você não consegue jogar tênis! Então no tênis você tem que ta concentrado(...) na caminhada você não precisa se concentrar.”*

Independente do conceito sobre competição dos praticantes de tênis, em alguns momentos a competição passa despercebida nas falas, mas mesmo assim toma características necessárias a sua realização, pois 65% dos discursos mostram que uma vez em quadra, sempre existe a disputa de pontos e, no caso de vir as quadras apenas para jogar paredão, 70% dos entrevistados responderam que não viriam, dependendo de outros fatores para tomar essa decisão de vir ou não. Isso implica na constatação do elemento competição interferindo na decisão em realizar a prática da atividade física, por se tratar de um elemento evidenciado fortemente na prática e no praticante. Um dos sujeitos quando perguntado se fosse pra vir apenas para jogar paredão, responde:

S8,FK: *“Não (...) Ah porque daí vir aqui pra ficar batendo bola com uma parede?! (...) com quem eu vou ta competindo?”*

Outro ainda comenta:

S2,JB: *“Não! (...) me sinto bem competindo. Me dá prazer jogar, competir com os outros...”*

Um outro praticante de tênis explicitou uma opinião muito interessante a respeito da relação da competição quando foi perguntado sobre a sua vinda as quadras apenas para jogar com o paredão, ele comenta:

S11,VIB: *“Olha... eu acho que não! (...) No inicio a gente começa esse processo de aprendizagem, paredão e tal e depois que a gente começa a pegar o gostinho, começa a bater bola, eu acho que o paredão ele desanima (...) cada dia você vai aprendendo alguma coisa nova, você acerta um golpe, você começa a acertar o saque (...) isso é gratificante!”*

Tentando sair um pouco dos discursos coletados e voltando o olhar ao prisma da mobilidade, temática central da pesquisa, podemos abstrair dos discursos relacionados nesta categoria de análise que a competição emerge muito facilmente, mas por trás dos objetivos meramente competitivos, parece existir um objetivo maior não relacionado ao ganhar ou perder, nem no embate entre os parceiros de jogo, (mesmo que isso faça parte) mas sim na busca por um estado de satisfação que beneficie o organismo, a mente e o espírito. Um estado que parece provocar um certo conforto “ativo”. É neste sentido que suscitamos a existência da mobilidade, partindo da competição, mas não em função desta, e sim, em função da constante necessidade do homem em estabilizar suas funções e estruturas, sejam elas biológicas (necessidade de atividade física, movimentar-se), social/cultural (jogar tênis) e espiritual (sentir-se bem, Bem – Estar).

b) A Competição Relacionada ao Social (Cultural)

A disposição das perguntas no roteiro de entrevista foram colocadas de maneira a estabelecer um diálogo a respeito da competição. Nesse intuito, a primeira questão sobre este assunto deixando transparecer a competição não apenas no âmbito esportivo, encontra-se na questão *“como você percebe a competição fora das quadras de tênis?”* seguida da questão *“A competição exercida no tênis se transfere para outras situações do cotidiano?”* Nesta, 75% dos entrevistados acusam a transferência da competição para outras situações da vida. Destas outras situações a qual se referem os entrevistados, 45% atribui a competição ao “mercado de trabalho e estudos”, podendo somar-se a outros 15% destinados não apenas aos aspectos sociais e esportivos, mas *“em tudo”* que o ser humano se relaciona, mostrando em algumas expressões (*“intimamente*

ligada”) o quanto este elemento pode ser inerente a cada pessoa, como coloca dois dos praticantes de tênis participantes das entrevistas:

S11,VIB: *“A competição fora das quadras é um mecanismo muito óbvio! Ela ta intimamente ligada a ao modo de como a gente vive, de como a sociedade vive hoje. Há muitas competições em todos os setores (...) é cada um procurando o seu espaço, é cada um querendo emprego e tudo isso é competição! (...) eu acho que a competição, ela não pode ser desconsiderada. Eu acho que faz parte do nosso dia-a-dia.”*

S14,EVER: *“Com certeza! Principalmente no nosso âmbito capitalista ainda. Eu acho que a competição é nítida, ela é... às vezes não tão nítida, mas ela é cruel, ela é severa e ta aí entendeu? (...) a competição ta em tudo! Tudo mesmo! Sobrevivência é tu competir!”*

Mesmo quando a opinião não foi tão generalizada em afirmar a competição em tudo, existiram outros discursos evidenciando a natural existência da competição em outros setores da vida além dos esportes e colocando-se a inevitabilidade de fazer parte desse processo, visto que, encontra-se inserido nele.

S13,REG: *“A competição fora das quadras?! Olha, ela é uma concorrência cerrada da qual não quero participar (ao todo), mas em parte eu sou obrigado a participar!”*

Outro entrevistado, quando abordado sobre a existência da competição em outros setores da vida, responde:

S7,DIRC: *“Eu acho que de uma maneira consciente ou inconsciente sim!”*

Evidenciou-se claramente nos discursos dos entrevistados os aspectos com os quais a competição se relaciona no meio social, porém estes aspectos foram, em sua maioria, citados como exemplos externos, ou seja, observados em outras pessoas. Porém, um dos praticantes de tênis, pode relacionar diretamente a competição com aspectos de sua vida, como mostra o trecho de seu discurso a seguir:

S3,RGA: *“Se perde na vida alguma coisa e na competição, a gente tem que sempre tentar levar aquilo pra algum fato positivo e conseguir com aquilo, auxiliar várias outras coisas. Se eu perco no tênis, eu vejo o porque eu perdi no tênis, eu queria... eu vejo a bola que eu errei como na vida a mesma coisa, porque errei aquilo?”*

Dois outros praticantes de tênis comentam que seus parentes os consideram competitivos em virtude de suas histórias de vida e relatam:

S7,DIRC: *“Eu venho de uma família muito pobre (...) e graças a Deus, eu consegui estudar, consegui inclusive fazer nível superior, especialização, mestrado na parte profissional. Eu consegui praticamente chegar na minha empresa começando como office boy e praticamente chegar ao nível de diretor de uma empresa grande, estadual né? E a questão da remuneração também. Eu comecei com um salário mínimo, na época(...) então tudo isso eu acho que transmite uma idéia de ter vencido né?”*

S17,MILS: *“Eu acho que me acham competitivo sim(...) eu acho que pela minha origem né? Que foi humilde e tal... e chegar onde eu cheguei né? Eu acho até que eles me admiram bastante!”*

A maior parte dos discursos sobre a competição no âmbito social referenciam-se diretamente aos setores do mercado de trabalho e dos estudos, como citam os entrevistados a seguir:

S8,FK: *“No mercado de trabalho eu me vejo competitiva porque eu procuro diferenciais a mim pra quando eu for exercer a profissão não ser só mais uma! (...) só que pra ter uma chance, tu tem que ter uma diferença né? Tu tem que ser rara assim...”*

E quando questionada sobre a necessidade de ser uma referência na sociedade, completa:

S8,FK: *“É tu não ser mais um no meio da multidão!”*

A expressão acima, bastante popular, explicita claramente a relação entre a competição e o mercado de trabalho.

Alguns relatos enfatizam o quanto pode ser necessária a competição em virtude de se fazer parte de um contexto competitivo, evidenciando ainda mais a potencialidade de viver a “competição” antes de pensarmos sobre ela (Pierson, 1953). O S17, MILS e S13,REGI deixam, entender que a falta de competitividade torna as pessoas “acomodadas” ou “ociosas” subtendendo conseqüentemente a inatividade de maneira geral, como afirmam os discursos a seguir respectivamente:

S17,MILS: *“... na vida, de uma maneira geral, eu acho que é importante ter esse espírito, até pra progredir em todos os sentidos da vida. Eu acho que a pessoa que não tem espírito competitivo, é uma pessoa assim, travada, um pouco acanhada, acho que fica meio acomodada... acho que é isso que estimula a pessoa a vencer obstáculos, que a vida da gente é obstáculos em todas as atividades né? Profissionais... em tudo!”*

S13,REGI: *“Acho que nós precisamos estar competitivos! No sentido de poder exercer bem as atividades do dia-a-dia. Eu acho sim que você precisa estar bem preparado, bem treinado, bem capacitado, porque o mundo que a gente*

vive é cão! Não é fácil e quem não estiver bem, não tiver essas qualidades, tem grandes chances de se dar mal(...) se você não oferta um produto num bom nível também, você ta fora do mercado e eu acredito que pra nossa fase não é bom ta fora do mercado nunca! (...) porque ficar parado, ficar isolado, ficar no ócio, isso é extremamente prejudicial pra saúde física, emocional, mental... e pra você não cair na ociosidade, é necessário você se manter no mercado preparado, capacitado, ofertando produto, no mínimo de igual pra igual.”

Alguns entrevistados expressam o quanto a competição pode ser necessária, embora ainda existam outros que não se considerem competitivos profissionalmente, mesmo diante do aparecimento de expressões denunciando a vontade de “chegar no topo da carreira” ou “onde for possível”, almejar uma “melhor condição financeira”, “uma posição melhor” profissionalmente falando, expressões estas citadas pelo participante S19,WAL, muito embora não se ache competitivo profissionalmente, comenta:

S19,WAL: *“... quando eu fiz mestrado, na época em que eu fiz mestrado, existia um curso de nivelamento que era um mês e meio de aula, dado antes de começar o mestrado com todas as pessoas que chegavam de todos os lugares do Brasil e durante esse curso de nivelamento, era dado três disciplinas e tinha prova, trabalhos e etc, e era ranking, primeiro, segundo, terceiro... pra locar as bolsas, porque você podia escolher ‘eu quero tal bolsa’ e eu lembro que, modesta parte, eu sempre fui um aluno muito bom, mas eu fazia os trabalhos e as pessoas vinham pedir explicação, ajuda, não tinha problema nenhum!”*

Outro fator bastante evidenciado nas entrevistas foi a “sociabilidade” existente no contexto da prática do tênis por seus praticantes. Todos eles evidenciaram vir jogar com amigos ou parentes, à exceção de virem as quadras sozinhos para só aqui encontrar alguém pra jogar. Esta afirmação torna-se importante em virtude deste poder ser mais um elemento auxiliando a prática do tênis no trato de seus praticantes com as relações sociais junto a seus parceiros de jogo. Dessa forma a competição parece formar uma teia cercando seus participantes por todos os ciclos aos quais estes fazem parte, seja no social, no afetivo, no profissional e no esportivo também. Até o próprio fator da escolha do horário para se jogar é evidenciado pela disponibilidade da quadra, ou seja, muitos escolhem horários de baixa frequência nas quadras, como de manhã cedo ou no final da manhã e início da tarde, porque nestes, a probabilidade de não ter as quadras ocupadas é maior. No mercado de trabalho a competição é evidenciada a partir do processo seletivo para a contratação de novos cargos ou da seleção de novos estudantes e a partir daí, nos mais diversos processos, desde a concorrência por uma vaga numa escola ou numa universidade ou até na conquista de uma bolsa de estudos, como se seguisse uma ordem hierárquica de cobranças. Os operários competem entre si, os chefes dos operários competem com a concorrência de outros chefes de outras empresas, há

competição entre as empresas e entre os consumidores e assim sucessivamente. Sobre este ponto de vista, destacamos o seguinte discurso:

S7,DIRC: *“Quem recebe o resultado do seu trabalho, quer uma qualidade, porque ele também está submetido a uma competição, entende? Então é isso aí, no fundo o mundo todo é isso né?!”*

S13,REGI: *“... a gente sempre ta concorrendo (...) mas o sistema em que a gente vive é na base da concorrência. Quem tiver as melhores técnicas, quem estiver melhor preparado, em todos os sentidos, leva mais vantagem.”*

Outro praticante comenta ainda:

S12,EL: *“Difícilmente a pessoa vai ser competitiva só em um lado da vida”*

Assim como na categoria anterior, a competição relacionada ao social emerge em diversos discursos como foi mostrado nos escritos acima. Nos questionários da primeira fase da coleta de dados, aparecem evidências no tocante aos participantes da pesquisa encontrarem-se migrando para novas fases sociais em virtude de estarem no processo acadêmico em nível superior ou na formação continuada o que mostra o movimento competitivo necessário ao encaixe social estabelecido pelo capitalismo (Brohm, 1978). Mesmo imperceptivelmente, a competição se faz presente e atua como mola propulsora do homem inserindo-o neste contexto social, como não o são os casos dos que, nessa “concorrência cerrada”, ficam de fora do panteão social. Sendo assim, antes mesmo de se pensar em “competir” socialmente, esta competição encontra-se estabelecida e cria valores de sobrevivência (Pierson, 1953) orgânica/biológicas (Educação Física), social/cultural (competência) e espiritual (auto-estima).

c) Percepção sobre competição

As questões do roteiro foram formuladas no sentido de vislumbrar o elemento “competição” nos mais diversos aspectos da vida de cada entrevistado. Desde a concepção própria de cada participante a respeito do assunto, até outros contextos em que a competição pudesse ser percebida por estes, inclusive o que cada um dos entrevistados percebia sobre a opinião de outras pessoas, mais próximas de seu convívio como parentes e amigos, sobre este mesmo assunto podendo-se estabelecer uma relação entre as crenças destes indivíduos sobre a competição, assim como relaciona-las

às intenções dos comportamentos nas práticas de atividades físicas (Azjem e Fishbein, 1980).

Diante deste contexto, surgiram diversas opiniões sobre o assunto. A começar pelo seu conceito, a maioria (70%) dos entrevistados quando questionados sobre o significado da competição, entendem como sendo o embate entre pessoas onde um se sobrepõe ao outro. Colocada propositadamente como a última do roteiro e apesar de, nesta fase da entrevista, já tenhamos abordado a competição nos mais diversos contextos, percebeu-se o quanto este conceito encontrava-se impregnado de sentido pelo esporte (Barbanti, 1994). Assim como quando se fala em “saúde”, parece existir uma ligação direta com a prática de “atividades físicas”, quando se fala em “competição”, existe uma ligação direta com o “esporte”, principalmente pelo contexto onde se desenvolveu a pesquisa, se tratando do tênis ser um esporte que necessariamente existe um vencedor e um perdedor. Nesse sentido, foram muito comuns discursos como:

S4,AQ: *“Uma disputa entre pessoas... é... buscando ser o melhor, ta na frente dos outros.”*

S6,TH: *“... eu acho, de um se destacar mais do que o outro.”*

S9,PED: *“... é disputar alguma coisa...”*

S11,VIB: *“... é você superar alguém ou algo (..) Numa competição o objetivo é a superação!”*

S14,EVER: *“Competir é disputar com qualquer... sei lá... qualquer objetivo!”*

Esta afirmação veio a confirmar-se quando perguntamos se os entrevistados se consideravam competitivos e 80% das respostas foram afirmativas, porém, destes dezesseis praticantes autores desta afirmativa, onze atribuem este comportamento ao esporte. Inclusive um dos praticantes o atribui exclusivamente ao esporte, pois quando questionado sobre sua percepção de competitividade, ele responde:

S19,WAL: *“Sim! Não gosto de fazer nada pra perder! Mesmo que seja brincadeira, mesmo futebol com os amigos eu... eu jogo pra ganhar. Se eu não ganhar, tudo bem! Se eu fiz o melhor de mim, eu fico feliz, mas eu jogo “sempre”(ênfatisa esta palavra) pra ganhar! (...) sempre pra ganhar!”*

Porém quando perguntamos: **Você acha que essa competição se transfere para outras situações da vida?**

Ele responde:

S19,WAL: *“Não! No meu caso não!”*

E questionado novamente: **Mas você comentou agora pouco que... “sim, sou competitivo...”**

Responde:

S19,WAL: *“No esporte sim! No esporte sim!”*

Este exemplo demonstra o quanto o conceito de competição encontra-se atrelado ao esporte por parte dos entrevistados, no entanto outros aspectos evidentes de uma forte ligação com a competição foram evidenciados nas entrevistas. Um dos exemplos, é o caso de vir as quadras apenas para jogar paredão onde 70% dos entrevistados não viriam para este fim ou pensariam duas vezes antes de vir, sendo esta vinda dependente de outros fatores. Alguns poucos casos afirmaram a possibilidade de vir jogar com o paredão, mas confessam ser muito mais interessante jogar com outra pessoa, como é o caso do entrevistado S1,LA. Isso porque “jogar com outra pessoa” traz consigo a imprevisibilidade e por si só, já se constitui estimulante e desafiadora, como demonstra o exemplo seguinte sobre jogar com o paredão:

S19,WAL: *“... na hora em que você dá o impacto da bola na sua raquete, você já sabe mais ou menos o destino que ela volta e se você joga com o parceiro, você nunca sabe pra que lado que ele vai bater a bola (...) ah, se você ta indo pra um lado, ele joga a bola pro outro lado, quer dizer: você tem que inverter a tua posição pra pegar e jogar pro outro lado. No paredão não, eu sei que se eu bater num determinado alvo, ela vai voltar na mesma direção. Então é a diferença!”*

Outros dois praticantes de tênis, sobre o mesmo assunto, comentam:

S12,EL: *“Com outra pessoa é mais divertido!”(...)* porque tem mais o imprevisto!”

S14,EVER: *“... oh, não sei... o paredão, de repente,, é uma coisa mais... tu já sabe como é que vai voltar aquela bola. Tu já tem uma noção de como que ela vai voltar! (...) e tu lançando pra uma outra pessoa, tu não sabe, ele vai devolver uma bola totalmente diferente”*

Por estar tão relacionado ao esporte, o conceito de competição parece tomar, em alguns momentos, características pejorativas entre os praticantes onde alguns tiveram receio em dizer que são competitivos.

Quando foram questionados sobre a importância da competição para suas vidas, 35% fizeram “pausa” para responder a esta questão. Em alguns casos comentam

inclusive a existência de uma “competição saudável” (S1,LA; S2,JB) ou “competição sem pressão” (S7,DIRC) referindo-se aquela com características de divertimento provocando o bem-estar e independe do resultado.

S1,LA: *“Às vezes acontece que você perca uma partida, mas você sai feliz... então você sai na boa, sem crise, mas não te estressa.”*

Outro aspecto evidenciado sobre a competição foi com relação ao horário escolhido para a prática, relacionado diretamente com a disputa pelas quadras, enquanto em outros casos, aliava-se também a conveniência de suas ocupações.

Chamou atenção também quando questionamos, por exemplo, qual a necessidade de ter aulas de tênis, ou de trocar de raquete, pois percebemos em muitos casos, não ser suficiente apenas saber jogar o tênis, era necessário ter melhores técnicas, melhores equipamentos para assim oferecer um poder de embate maior entre os seus pares, como expõe os discursos a seguir:

S7,DIR: *“Porque eu acho que a gente precisa dar uma melhorada na técnica né? Que você aprende alguns fundamentos e depois começa a jogar. Você começa a jogar, diz que sabe e tal, troca de bolas, brinca, aquela brincadeira, tudo bem! Mas eu acho que precisa dar uma melhorada pra gente ter esse estímulo de... aí talvez venha a questão da competição entende? Esse estímulo de você ta até... é, tem mais chance de jogar com outro, as pessoas que jogam tem melhor, que não gostam de jogar com quem é... só sabe os fundamentos, né? Porque aí não tem graça pra eles...”*

S13,REGI: *“E eu diria que aquele que tinha um pouco mais de técnica, eu não chegava, eu não conseguia nem, se quer, se quer me manter em campo...”*

O conceito de competição aparece de maneira inerente, porém complexo entre os praticantes de tênis. Isso se confirma quando 65% deles uma vez em quadra, sempre disputam pontos, porém, destas treze afirmações, duas não consideram isto competição.

Embora na prática do tênis seja comum a disputa e a contagem de pontos, podemos perceber também que independente destas regras e antes mesmo dos pontos serem disputados, existem outras barreiras evidenciando o ato de competir. A própria rede, por exemplo, já se constitui num obstáculo permanente, independente do nível técnico dos praticantes. Ultrapassá-la nas mais diversas situações, nos mais diversos ângulos e nas mais variadas distâncias, constitui-se numa variedade inexplorável de desafios, sempre renovados a cada contato com esta prática. Antes mesmo de interagir com outra pessoa, existe um desafio constante de domínio de si mesmo, do implemento e do alvo. Quanto mais provocativo e desafiador for, existe mais ainda a necessidade de

vencer este desafio, sair da inércia, romper com a ociosidade, se dispor à acomodação (Pierson, 1953) e isso pode ser o elemento que mobiliza as pessoas a continuarem jogando o tênis.

- S11,VIB: *“No início a gente começa esse processo de aprendizagem, paredão e tal e depois que a gente começa a pegar o gostinho, começa a bater a bola, eu acho que o paredão desanima(...) você pega tanto gosto que, no meu caso, ficar batendo paredão fica um pouco desanimador (...) esse gostinho vem a cada dia. Cada dia você vai aprendendo alguma coisa nova, você acerta um golpe, você começa a acertar mais o saque (...) é um processo assim devagar, mas se você mantiver uma constância, você vai percebendo que você vai evoluindo, entendeu? Isso é gratificante!”*
- S17,MILS: *“Eu acho que isso aí é da natureza humana né? Acho que quando as pessoas praticam qualquer disputa assim, até no dominó, numa canastra com amigos, eu acho que todos... eu não conheço ninguém que não queira ganhar né? Eu acho que aquilo faz bem pro ego.”*
- S7,DIRC: *“Eu nunca vi ninguém competir pra perder! Esse é o caráter, a competição!... porque se você ganhar no futebol de 1x0 mesmo jogando mal, é melhor do que empatar jogando bem, entende?!”*

A opinião mais clara sobre este conceito foi colocada pelo sujeito S16,CLAU quando “competir” pra ele significa se sentir “provocado” em qualquer situação, ou mesmo quando ainda afirma que *“ser competitivo é não ter sangue de barata”*. Esta concepção aproxima-se do conceito de competição de Pierson (1953), pois a todo instante somos “provocados” pela interação com o ambiente, como também somos levados a nos mobilizar naturalmente a interagir, independente se essa interação é de “reação” ou “oposição”. Embora o conceito de competição dos entrevistados seja de “oposição” ou “embate”, o fato de competir pelas quadras vazias, de melhorar os fundamentos, de vir jogar pra se livrar do estresse, despertam antes do jogo propriamente dito, o interesse de se mobilizarem a realizar todas estas funções mais uma vez perpassando pelos aspectos orgânicos/biológicos (vontade), social/cultural (Jogar tênis, acertar os golpes) e espiritual (satisfação, desestressar).

d) A Competição Relacionada a Mobilidade

Tendo a mobilidade com um dos temas centrais da investigação, colocamos essa pergunta no roteiro de entrevista, perguntando “o que os movia a ir as quadras de tênis?” A questão era bastante objetiva e por isso 95% das respostas relacionavam o fato de ir jogar tênis ao gosto e ao prazer pelo esporte, principalmente por proporcionar sensações de Bem-Estar envolvidas nesta prática. Embora esta afirmação esteja relacionada a

prática de atividades físicas, estes fatores foram evidenciados mais pelas sensações proporcionadas por esta e não apenas pela prática propriamente dita, aparecendo em seguida com 25% das respostas. Outros 20% das respostas mostram mais o lado social da atividade em estar com os amigos e conhecer pessoas.

No entanto se nos remetermos a análise feita sobre o componente competitivo envolvido pela prática do tênis, podemos ter alguns indícios para compreender os motivos pelos quais esta atividade pode ser tão atrativa.

Um dos primeiros fatores evidenciados foi a questão da dinâmica existente nesta atividade. Alguns entrevistados atribuem esta ida as quadras para jogar tênis por acharem outras atividades como a academia e até o próprio paredão, muito monótonos. Sobre esta afirmação destacamos os seguintes discursos:

S1,LAP: *“... a academia se você for e voltar é... sei lá... eu acho muito monótono, sabe? Você entra na academia, faz seus exercícios e na verdade você não praticou esporte (competição), é um exercício físico, mas não tem aquele gosto, sabe? Parece que muitas pessoas que fazem academia é por obrigação, agora o tênis não, eu faço exercício físico e gosto!”* por exemplo comenta que ir a academia é apenas “fazer exercício”, enquanto que jogar tênis também é “fazer exercício”, mas “é mais gostoso”.

Em virtude desta dinâmica, a mobilidade ficou fortemente evidenciada em duas vertentes. A primeira delas mostra a necessidade básica do indivíduo em movimentar-se. Alguns entrevistados expuseram nos discursos, possuírem a necessidade de estar em movimento. Enquanto a outra vertente se refere a uma certa falta de estabilidade, ou seja, um desequilíbrio que por consequência acaba por provocar uma instabilidade constante, incitando a necessidade de sempre estar melhorando a cada momento e conseqüentemente mudando, provocando a manutenção do interesse e da vontade de continuar jogando tênis. Esta “falta de estabilidade” acaba transformando a mesma atividade numa atividade diferente a cada dia, a cada fase, como se a partir do desafio vencido, se estabelecesse um estado de “acomodação” (Pierson, 1953) e a partir daí, novos desafios. Primeiro vencer o domínio pela bola e pelos implementos; conseguido isto, acomoda-se, porém surge o interesse de vencer a rede; conseguido isto, acomoda-se, porém surge o interesse em trocar bolas com um oponente e assim se renovam a cada fase.

Alguns discursos evidenciam bem estas duas vertentes, são eles:

Mobilidade:

S2,JB: *“O que eu levo da competição é isso, é tu tentar cada vez se superar, cada vez fazer melhor e com isso tu nunca te estabiliza, não vai chegar num*

momento em que tu: 'Ah tá bom desse jeito! Eu não vou tentar melhorar!' Porque eu acho que sempre tem alguma coisa a melhorar, sempre tem alguma coisa a progredir"

S5,KT: *"O tênis é uma superação de ti mesmo eu acho! É uma competição contigo mesmo! Se eu penso, o que jogava há dois meses atrás é diferente do que eu jogo hoje! Dois meses!!! É uma coisa... por isso que eu acho que o tênis é plástico, ele... ele se modifica muito!"*

S11,VIB: *"Eu acho que o ser humano, ele necessita de quebrar a rotina, de fazer coisas diferentes. Então eu tô sempre inovando!"*

Um outro discursos que evidencia essa mobilidade encontra-se nas características do jogo de tênis, como mostra o trecho da entrevista:

S5,KT: *"Eu acho que o tênis tem muito perfeccionismo, de sempre tá buscando a batida perfeita, a batida correta..."*

No entanto a batida perfeita também é extremamente mutável, principalmente por se tratar de acertar um "alvo" também em movimento. Nesse sentido, existe um desafio constante em conseguir realizar o golpe da melhor maneira possível, sobrepondo primeiro o alvo, depois a rede e em seguida, o adversário. Esse ciclo acontece repetidas vezes e a cada ida e vinda da bola, uma nova situação acontece levando-nos a crer num processo dinâmico e principalmente mutável estimulando o desafio de permanecer jogando. Como afirma o discurso a seguir:

S7:DIRC: *"Eu acho também que o exercício tem que ter um atrativo(...) o que é mais atrativo é exatamente essa dinâmica né?"*

Ação de movimentar-se:

S3,RGA: *"Eu gosto de praticar alguma coisa, de se movimentar, de aproveitar a atividade física."*

E quando questionado sobre alguma situação em que as pessoas poderiam achá-lo competitivo, ele responde:

S3,RGA: *"Olha, realmente pelo fato de eu estar sempre me movimentando."*

E em seguida, quando pergunto se o que o move a ir jogar tênis é a competição, o entrevistado responde dando indícios do quanto essa competição pode ser inerente:

S3,RGA: *“Geralmente! Como tudo na vida, muitas coisas são competições, o cara, às vezes, nem percebe, mas são competições!”*

Outro entrevistado quando questionado sobre o que o mobilizava a ir jogar tênis responde:

S11,VIB: *“É ta em movimento, é divertir, é extravasar, fazer coisas diferentes, conhecer gente, é isso!”*

Quando questionados sobre a importância da competição pra vida de uma maneira geral, dois dos praticantes de tênis respondem:

S16,CLAU: *“Porque provoca o ser humano pra correr atrás de... dos objetivos dele...”*

S17,MILS: *“... nunca fiz nenhum tipo de análise nesse sentido. Assim, isso é uma coisa que aconteceu naturalmente, mas eu nunca me preocupei se ela é importante pra minha vida.”*

Nesse sentido o “provocar” também induz uma idéia de mobilidade, pela aparente necessidade em buscar sempre novos objetivos, ao passo em que esse comportamento parece também se tratar de algo inerente ao ser humano, como afirma Pierson (1953) sobre as formas do ser humano interagir para sobreviver: competição, conflito, acomodação e assimilação onde cada uma dessas formas se estabelecem diante do indivíduo que busca concretizar seus objetivos.

Diante dos discursos coletados, tanto os que se referiam diretamente a mobilidade como na entrevista como um todo, o elemento competição foi bastante visível diante do aferido sobre mobilidade, não só por se tratar de um contexto esportivo, mas também por evidenciar aspectos sociais, pessoais e opiniões entre terceiros mais próximos ao convívio dos entrevistados (TRA). Desta maneira podemos induzir a forte intencionalidade da competição nas crenças dos indivíduos agindo como mola propulsora na prática do tênis, por ser esta um elemento inerente aos seus praticantes (Pierson, 1953), por fazer parte do contexto social ao qual eles vivem (Morin 1987) e por proporcionar sensações de Bem-Estar salutar a vida de uma maneira geral.

CAPÍTULO V

Considerações finais

Abstrair, colocar-se no plano em que as idéias se fundem, elucidando e construindo sobre a colcha de retalhos a teia formada pela pesquisa como um todo, torna-se entre todas as tarefas, a mais difícil, porém a mais saborosa. É o momento em que o quebra cabeça pode ser visto, embora ainda faltem algumas peças. Aos observadores, olhar o jogo de fora, parece ser fácil; aos jogadores, é hora de expor possíveis verdades e incertezas emergidas, mas principalmente, dissertar deixando rastros de uma continuidade necessária ou melhor dizendo, móvel.

Sendo assim, faz-se necessário primeiramente salientar pontos cruciais deste estudo, constatando, entre muitas observações e aferições, que entre junho e agosto de 2004 os praticantes de tênis freqüentadores das quadras da cidade universitária situavam-se entre a faixa etária de 15 e 34 anos, eram solteiros, cursavam nível superior e pertenciam as classes econômicas “B” e “C”.

A percepção destes sobre suas participações em atividades físicas se afirmavam à medida da regularidade das mesmas, primando, dessa forma, considerarem-se mais ativos que outras pessoas da mesma idade. O principal fator evidenciado na dificuldade em realizar a prática de atividades físicas foi a falta de tempo e o que mais facilitou foi a vontade em realizar esta prática.

Foi constatado pela maioria dos praticantes de tênis um consumo acima de 3500 kcal/mets/semana, assim como, a preferência por ruas, parques, clubes e academias, respectivamente, sobre o local para a realização de suas práticas de atividades físicas.

Ficou clara e evidente a presença do elemento “competição” na prática esportiva em questão, constituindo-se como elemento essencial na realização da mesma, embora, em alguns momentos, este elemento não fosse reconhecido como tal.

Os discursos e as análises realizadas convergiram com pontos destacados na fundamentação teórica quando destacaram pontos em que a competição emergia desde a necessidade biológica em estar em movimento até a permanência de se manter socialmente competitivo em virtude do mercado de trabalho, mostrando o quanto os discursos coletados aproximam-se do que, neste estudo, vislumbramos como mobilidade sustentável, alicerçando a tríade: genético (biológico), Cultural (social) e Espiritual (Bem-Estar) e, procurando estabelecer uma relação peculiar na busca pela saúde, mas também deixando indícios do quanto pode ser dinâmica, mutável e ao mesmo tempo, frágil a vida dos seres humanos.

No entanto, pesquisas atuais mostram o quanto o instinto competitivo pode ser vital aos seres humanos, provocando uma série de comportamentos partindo de um princípio que lhes é inerente, ou seja, de características da própria natureza humana, desenvolvidas desde sua concepção (genético), como no caso do desenvolvimento de uma eclampsia durante a gestação, assim como outras características maturadas em seu convívio social, também competitivo, como destacado nas entrevistas (Revista Eletrônica Fantástico, 2005).

Esta incitação natural mobiliza as ações dos seres humanos no sentido da vida, do bem-estar e conseqüentemente da saúde. A partir desta observação, percebemos neste estudo, que durante aproximadamente quatro anos, estudantes universitários perpassam seus dias praticamente de maneira integral dentro da universidade, fazendo desta, sua segunda morada e de seus amigos e professores, parentes. Partilha alegrias e traumas, mas também se diverte, joga e interage, porém, de onde vem estas escolhas?

Como seres racionais possuímos o poder da decisão, das escolhas, mas o que nos faz optar pela caminhada, pelo calçado adequado, pelo relógio digital, pelo horário das quadras, pelo curso na universidade?

A Teoria da Ação Racional (Ajzen & Fishbein, 1980) responde algumas destas questões quando coloca as intenções dos comportamentos como advindas das crenças comportamentais que regem as atitudes das pessoas e também são influenciadas pelas crenças normativas veiculadas pela sociedade e pelo contexto cultural dos seres sociais, mas esta teoria também admite a variação entre uma forte intenção em realizar determinado comportamento a uma forte intenção em não realizá-lo.

Os autores desta teoria também deixam claro que a TRA trata sobre comportamentos, ou seja, por ações, escolhas, decisões concretizadas; por isso, assume esta nomenclatura. No entanto, na continuidade da análise deste estudo, surgiu a existência de um elemento mais forte (vontade) emergindo com características praticamente inconscientes, caracterizando o quanto esta pode ser considerada natural e conseqüentemente inerente a natureza humana. Por ser inerente, natural, inconsciente, ou seja, praticamente instintiva, esta característica passa a ser um atributo do comportamento, ou seja, pode ser um determinante imediato deste, mas ainda não se concretizou como tal.

Nesse sentido, os dados aos quais esta pesquisa apontou, permitem verificar serem insuficientes as variáveis componentes da TRA para a predição do elemento inerente a prática de atividades físicas, porém em diversos pontos da análise os elementos da TRA aparecem dando evidências do quanto as crenças comportamentais acerca da competição, influenciam mais as atitudes do que as crenças normativas, auxiliando positivamente na decisão em realizar as práticas de atividades físicas.

Vista pelo prisma de Pierson (1953), a competição atua de forma inerente, podendo ser considerada espontânea na vida dos seres humanos, tomando caráter inconsciente. Mesmo diante de um conceito sobre competição influenciado diretamente pelo esporte e com características diferentes da competição ecológica, os dados aos quais esta pesquisa chegou, encontraram um outro elemento que possui as mesmas características vislumbradas pela teoria de Pierson (1953), mostrando não só uma persuasão íntima como espontaneidade em sua realização, nos induzindo a questionar porque homens solteiros, entre 15 e 34 anos, universitários, sem filhos e de poder aquisitivo razoável, gozando de vigor metabólico para diversas aptidões, disponibilizam tempo para, no mínimo, duas vezes por semana freqüentarem as quadras de tênis do Centro de Desportos da cidade universitária de maneira voluntária?

Provavelmente pela mesma razão de se beber água quando se tem sede ou quem sabe chorar quando se tem vontade. Vontade esta que soou nas entrevistas como espontaneidade, desejo, necessidade, desígnio ou intenção em realizar inerentemente uma ação se sobrepondo a barreiras perceptíveis ou não, mas de fato, seguindo, realizando ou no mínimo buscando o almejado. Apenas esta ação, desencadeada a princípio pela vontade que é inerente a cada indivíduo e se concretizando na competição, coloca todos os participantes da pesquisa em situação salutar, simplesmente pela ação de movimentar-se como induzem os cálculos sobre a quantidade de quilocalorias necessárias a uma vida mais saudável, mas principalmente por este movimento seguir em direção aos níveis de Bem-Estar inicialmente percebidos por cada um, mas posteriormente vinculados ao contexto coletivo, cerne da história humana e evidenciado também nesta pesquisa como sendo um dos fatores de preferência na realização de práticas de atividades físicas, nos mostrando a aproximação desta realidade com o conceito de saúde vinculado pela OMS.

No contexto da Mobilidade sustentável, torna-se claro, então, perceber que em um ambiente de total escuridão, as pupilas se dilatam em busca de luz. As flores também se abrem em contato com a luz. Como ser vivo, o homem também procura elucidar sua vida, tornar claro, fácil, entendível e palpável a sua maneira de viver e isso é tão natural como ver uma flor desabrochar ou fechar rapidamente os olhos na intensidade de qualquer luz; a naturalidade destes acontecimentos, primam a essência do viver e podem inclusive elucidar quais seriam os indícios que evidenciam a preferência de tantas pessoas praticarem atividades físicas em parques ou em quadras abertas como é o caso do tênis?

A competição, conforme indícios dos resultados apresentados, se caracteriza sim como mola propulsora mobilizando a ação dos praticantes de tênis em suas práticas de atividades físicas, principalmente por ter sido evidenciada nos aspectos aos quais a Mobilidade Sustentável se alicerça, ou seja, no sentido mais biológico através do desejo,

da vontade, no cultural pelas relações sociais e no espiritual na busca constante pelas sensações de Bem-Estar, mesmo que esta competição pareça destoada da vislumbrada pela Teoria Ecológica de Pierson (1953) que nesse caso aproximar-se-ia do conceito de conflito e acomodação, porém, mostra além dos conceitos a continuidade das ações das pessoas sempre em busca das sensações altruístas de conservação da espécie e consequentemente benéficas e salutares a vida.

A continuidade destas ações incitou entre os conceitos de Mobilidade Sustentável e Mobilidade Cotidiana, o aparecimento de uma nova vertente a qual chamamos de Mobilidade Continuada, no sentido de esclarecer as particularidades de cada uma diante do ambiente como um todo. A mobilidade continuada, nesse caso, assume uma esfera dentro do contexto da renovação da vida, visto que se relaciona particularmente ao indivíduo sem deixar de fazer parte da esfera sustentável, assumindo características provenientes da persistência dos seres humanos por sua sobrevivência orgânica, social e espiritual, podendo ser vista como na figura 13 abaixo.

Figura 13 – Esferas da Mobilidade



Sendo assim, diante dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, vislumbrando também os pressupostos de sua área de concentração referenciada na Atividade Física Relacionada à Saúde, admitimos o aparecimento de muitas congruências sobre os efeitos da competição na saúde e no Bem-Estar das pessoas, porém, considerando as limitações metodológicas surgiram alguns hiatos geradores de sugestões para estudos futuros sobre o mesmo assunto.

Por tratar-se de um assunto pouco explorado na área de Atividade Física, os conteúdos referentes à Mobilidade Sustentável, assim como a Mobilidade Continuada e a

Mobilidade Cotidiana necessitaram de um maior aprofundamento literário, no sentido de buscar mais suporte sobre sustentáculo da tríade Genético (biológico), Cultural (social) e Espiritual, aproximando-os da área de conhecimento a qual se destina a pesquisa. Muitas vezes, diante da análise, percebeu-se a inconsistência de um norte mas profícuo que desse suporte ao arcabouço necessário ao desenvolvimento das idéias.

A partir das análises apontadas nessa pesquisa, sugere-se a realização de novos estudos que dêem continuidade ao acervo de informações sobre a influência de elementos que possam ser inerentes ao homem vislumbrando uma melhor estruturação do conceito de Mobilidade Continuada dentro do prisma da Mobilidade Sustentável, estabelecendo a conectividade entre o Ambiente (universo), as espécies e o bem-estar geral (saúde). Há ainda a necessidade de em pesquisas futuras, novas entrevistas, assim como outras formas de inquérito, para a coleta de outras variáveis acerca da representação do elemento “vontade”, na tentativa de elucidar a representatividade deste termo sobre sua influência, semelhança ou aproximação com o conceito sobre competição nos participantes envolvidos na pesquisa.

Mesmo assim, como as decisões relacionadas aos comportamentos são provenientes dos indivíduos, acreditamos na possibilidade de através do conhecimentos dos elementos inerentes a vida humana pautados sobre o prisma da Mobilidade Continuada, possam existir indícios que ajudem a solucionar o problema da ociosidade desencadeadora de inúmeros problemas a saúde da sociedade moderna, pois a medida da descoberta destes elementos, torna-se irrefutável e inquestionável a não realização destes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANEP (1997). *Critério de classificação Econômica Brasil*. Disponível: www.anep.org.br
- Alvarez, B.R. (2002). *Estilo de vida e hábitos de lazer de trabalhadores, após 2 anos de aplicação de programa de ginástica laboral e saúde: caso – Intelbras*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Desportos, UFSC.
- Ajzen, I. (1988). *Attitudes, personality, and behavior*. Chicago: Dorsey Press, 175p.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Prentice-hall, Inc. Englewood Cliffs, New Jersey 07632.
- American Heart Association (1995). *Fighting heart disease and stroke: Atrategie plan for promoting physical activity*. Dallas.
- Barbanti, V.J. (1994). *Dicionário de Educação Física e do Esporte*. Editora Manole LTDA. São Paulo – SP.
- Barbeta, P. A. (2002). *Estatística aplicada as ciências sociais*. 5ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. V. G. (1999). *Atividades físicas no lazer e outros comportamentos relacionados à saúde dos trabalhadores da industria de Santa Catarina, Brasil*. Dissertação de Mestrado, Centro de Desportos, UFSC. Florianópolis.
- Barros, M. V. G. & Nahas, M. V. (2003). *Medidas da ativiadde física: teoria e aplicação em diversos grupos populacionais*. Londrina: Midiograf.
- Barros, M. V. G. & Reis, R. S. (2003). *Análise de dados em atividade física e saúde: demonstrando a utilização do SPSS*. Londrina: Midiograf.
- Becker, H. S. (1997). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec
- Bento, J. & Marques, A. (1988). *Desporto, saúde e bem-estar*. Actas das jornadas científicas desporto, saúde e bem-estar, realizadas na Universidade do Porto em 8, 9, 10 de dezembro. Universidade do Porto.
- Blue, C. (1995). The predictive capacity of the theory of reasoned action and the theory of planned behavior in exercise research: an integrated literature review. *Res. Nurs. Health*, v. 18, n.2, p. 105 – 21.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bouchard, C.; Shepard, R. J. (1993). Physical activity, fitness, and health: the model and key concepts. In: C. Bouchard et al (Ed.) *Physical Activity, Fitness, and Health*. Champaign: Human Kinetics.

- Brohm, J.M. (1976). *Critiques du Sport*. Paris: Christian Bourgois Editeur.
- _____ (1978). *Sociologia política del deporte*. Deporte, cultura y represión. Partisans – colección Punto y línea. Editorial Gustavo Gili, S. A. Barcelona.
- Canadian Health Network (2002). Active living (on line) www.canadian_health.network.ca/1active.
- Costa, T. S. (2000). A escalada como esporte de aventura. Monografia de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- D'amorim, M.A. (1996) A medida na Teoria da Ação Racional. Cap. 14, p.367-85 In: PASQUALI, L. *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília, INEP, 432p.
- Dias, M. R. (1995). *Aids, comunicação persuasiva e prevenção: uma aplicação da teoria da ação racional*. Universidade de Brasília - Psicologia.
- Doshi A, Patrick K, Sallis JF, Calfas K (2003). Evaluation of physical activity web sites for use of behavior change theories. *Source: Ann Behav Med*, ID:12704012, Volume:25 Issue:2, Page:105-11.
- Elias, N. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Bertrand Brasil / Rio de Janeiro – Difel.
- Farias, S. F. (1984). *O “corpo” e a Educação Física no Brasil: pressupostos de tendências na prática da Educação Física no período de 1964/1984*. Tese de doutorado. Universidade do Porto – Portugal.
- _____ (1992). Escola, lugar pré-desportivo “estudo sobre o espaço físico – vivências naturais, na infância, e as contribuições das atividades pré-desportivas na escola”. Trabalho inédito apresentado para concurso titular da UFSC. Florianópolis – SC.
- _____ (2004). *Ambiente e atividades senso-motoras*. Revista Brasileira de Cinesioterapia e Desenvolvimento humano. V. 6, nº2 p. 83-87.
- Fishbein, M. (1980) An investigation of the relationship between beliefs about an object and the attitude toward that object. *Humans Relations*, v. 16, p. 233 - 40, 1963. Apud Ajzen, I.; Fishbein, M.
- _____ (1980) Attitude and prediction of behaviour. In Fishbein, M. *Readings in attitude theory and measurement*. New York: John Wiley, 1967, p. 477-92. Apud Ajzen, I.; Fishbein, M..
- Fishbein, M.; AJZEN, I. (1980) *Belief, attitude, intention and behaviour: na introduction to theory and research*. Reading: Addison-Wesley, 1975. Apud Ajzen, I.; Fishbein, M.
- _____ (1975). *Belief, attitude, intention and behavior*. Boston, Addison - Wesley.
- Gallani, M. C. B. J. (2000). O exercício físico e o paciente infartado: determinantes comportamentais. *Universidade de São Paulo – Enfermagem*, Biblioteca Depositária: EEUSP; EERPUSP; CEPEn/ABEn. Campinas – SP.

- Gallegos, S. S. O.; Massucato, J. G.; Simões, A. C.; Prouvot, P. A. e Yoshikawa, R. M. S. (2002). Competitividade e performance esportiva em tenistas profissionais. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 16(2): 144-159, jul/dez.
- Gil, A. C. (1989). Métodos e técnicas de pesquisa social. 2 ed., São Paulo, Atlas.
- Godin, G. (1994). Theories of Reasoned Action and Planned Behavior: usefulness for exercise promotion. *Med. Sci. Sports Med.*, v. 26, n.11, p. 1391 – 4.
- Grifi, Giampiero. *História da Educação Física e do Esporte*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1989.
- Guedes, J. E. R. P. (2003). Subsídios para a implementação de programas de educação física com ênfase para a educação para a saúde. *4º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde. Atividade Física, Saúde & Bem-Estar: na Escola, na Empresa e na Comunidade* (pp. 17-18). Florianópolis.
- Guedes, D.P.; Guedes, J. E. R. P. ; Barbosa, D. S. & Oliveira, J. A. de. (2001). Níveis de prática de atividade física habitual em adolescente. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 7 (6), p. 187-199.
- Guttman, Allen. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978
- Hiernaux, J. *A diversidade biológica humana*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, sd.
- Júnior, A. (1995). Os efeitos da associação atividade física e saúde estão cada vez mais presentes na literatura científica. *Revista Brasileira de Atividade Física & saúde*. Londrina, V.1, nº 2 P. 3-4.
- Laguillaumie, P. (1978). *Para uma crítica fundamental del deporte*. Deporte, cultura y represión. Partisans – colección Punto y línea. Editorial Gustavo Gili, S. A. Barcelona.
- Lepargneur, H. (1985). *Antropologia do prazer*. Campiinas: Papyrus.
- Lyra Filho, João. *Introdução à Sociologia dos Desportos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- Meneghin, P. (1993). *O enfermeiro construindo e avaliando ações educativas na prevenção da AIDS*. São Paulo: USP, 1993. 123p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- Marcon, A.M. (2001). Estilo de vida de pré-vestibulanos da cidade de Lages/SC: Nível de atividade Física habitual, hábitos alimentares e vulnerabilidade ao estresse. Projeto de dissertação. Florianópolis.

- Marcus, B. H. (1995). Exercise behavior and strategies for intervention. *Anais do Physical Activity, Health and Well-Being: na International Scientific Consensus Conference (1-13)*. Québec: Mars.
- Morin, Edgard (1987). *O método: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: publicações Europa – América (pp. 191-221).
- Murphy, M.P.; O'neil, L.J. (1997). *“O que é vida?” 50 anos depois. Especulações sobre o futuro da biologia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP – UNESP/Cambridge.
- Nahas, M. V. (1997). Educação Física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. In: Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte, IV. *Anais...* p.17-20, 1997
- _____ (2001). *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Londrina: Midiograf.
- _____ (2003). *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 3ª ed. Londrina: Midiograf.
- Nieman, D.C. (1999). *Exercício e saúde: como se prevenir de doenças usando o exercício como seu medicamento*. São Paulo: Manole.
- Odum, E. (1988). *Ecologia*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara.
- Oliveira, H.B. (2001). *Perfil do estilo de vida dos professores da área de saúde da Universidade Católica de Brasília*. Dissertação de Mestrado. UCB/BRASÍLIA.
- Paffenbarger, J.R.S. (1988) Contributions of epidemiology to exercise science and cardiovascular health. *Medicine Science, Sports and Exercise*. N. 20, v.5, p. 426-438.
- Palma, A. & Nogueira, L. (2003). Reflexões acerca das políticas de produção de atividade física e saúde: uma questão histórica. *Revista Brasileira de ciências do Esporte*. Campinas, v.24 nº 3 p. 103-119, maio. Issn 0101-3289
- Pierson, D. (1953). *Teoria e pesquisa em sociologia*. 3ª ed. Editora Melhoramentos. São Paulo – SP.
- Prochaska, J. O. e Marcus, B. H. (1994). The transteoretical model: application to exercise In: Dishman Advances in exercise adherence, champaign, *Human Kinetics*.
- Prochaska, J.O., diclemente, C.C (1991) Stages and process of self-change in smoking: towards in integrative model of change. *J. Cons. Clin. Psychology*, v. 51, p. 390-95, 1983. Apud FISHBEIN et al.
- _____ (1991) Toward a comprehensive model change. In MILLER, W.; HEATHER, N. (eds) *Treating addictive behaviors*. New York: Plenum Press, 1986. Apud FISHBEIN et al.
- Ramos, V.M. (1999). *Estágios de mudança de comportamento para atividade física em mulheres de diferentes grupos étnico-culturais em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Desportos, UFSC.

Reis, R.S.(2001). *Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Desportos, UFSC.

Rigauer, B.(1969). *Sport and arbeit*. Franckfurt.

Rojas, P. N. C. (2003). *Aderência aos programas de exercícios físicos de ginástica na cidade de Curitiba – PR*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Desportos, UFSC.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA929990-4185,00.html>
acessada em 13 de março de 2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA924841-4005-0-0-11012005,00.html>. Acessada em 11/01/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA922747-4005-0-0-31012005,00.html>. Acessada em 31/01/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA923926-4005-0-0-14022005,00.html>. Acessada em 13/02/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA927000-4185-0-0-06032005,00.html>. Acessada em 06/03/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA924890-3995-0-0-03012005,00.html>. Acessada em 03/01/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA934442-4185-0-0-20032005,00.html>. Acessada em 20/03/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA944975-4185-0-0-10042005,00.html>. Acessada em 10/04/2005.

Revista Eletrônica Fantastico (2005).
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA948457-4185-0-0-17042005,00.html>. Acessada em 17/04/2005.

Schrödinger, E.(1997). *O que é vida? O aspecto vivo da célula viva seguido de mente e matéria e fragmentos autobiográficos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP – UNESP/Cambridge.

Shephard, R. J.(1995).Physical activity, health, and well-being at different life stages. *Res. Quart. Exercise Sport.*, v. 66, n.4, p. 298 – 302.

Shephard, R.J. (1995) *Quest*, 47, 288-303.

- Sheldrake, Rupert. (1991) Campos morfogenéticos: hábitos na natureza... In Weber, Renée. Diálogos com cientistas e sábios. São Paulo: Cultix.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das ciências sociais*. 5ª ed. Edições Afrontamentos. Biblioteca das ciências do Homem. Porto – Portugal.
- Stigger, M. P. (2002). *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas, SP.
- Soares, C. D. (2003). *Estilo de vida de professores de Educação Física das escolas da rede pública e particular de ensino do município de Rio do Sul (SC)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Desportos, UFSC.
- Susan G. Millstein (1996). Utility of the Theories of Reasoned Action and Planned Behavior for Predicting Physician Behavior: A Prospective Analysis. *Health Psychology*. Volume 15, Issue 5, September, Pages 398-402.
- Terry, B. & Phelan, J. (2002). *A culpa é da genética: do sexo ao dinheiro, passando pela comida: dominando nossos instintos primitivos*. Tradução de Vera Maria Whatey. Rio de Janeiro: Sextante. Issn 85-7542-021-6
- Thomas, J. R. & Nelson, J. K. (2002). *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Trafimow D, Trafimow JH (1999). Predicting back pain sufferers' intentions to exercise. *J Psychol*, ID:9857497, Volume:132 Issue:6, Page:581-92.
- Trost,-Stewart-G; Pate,-Russell-R; Dowda,-Marsha; Ward,-Dianne-S; Felton,-Gwen; Saunders,-Ruth (2002). Psychosocial correlates of physical activity in White and African-American girls. *Journal-of-Adolescent-Health*. Sep; Vol 31(3): 226-233.
- Verderber, JMS, Rizzo, TL, Sherrill, C. (2003). Assessing student intention to participate in inclusive physical education. *Adapt Phys Act Q* 20 (1): 26-45.
- WHO. World Health Organization. *Constitution*. Geneva: WHO, 1946.
- Yin, Z 1. Barbeau, P 1. Howe, C A. 1. Lemmon, C R. 1. Hoffman, W H. 1. Bassali, R 1. Gutin, B FACSM 1. (2002). Psychological correlates of physical activity and health outcomes. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, 34(5) Supplement 1:S63, May.

Anexos

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS**

Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis – SC – CEP 88040-900
(048) 331-9926 – Fax: (048) 331-9792 – e-mail: mestrado@cds.ufsc.br
MESTRADO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sr(a) _____

Considerando a Resolução n. 196, de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, temos o prazer de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada: **“O ‘Tênis’ como elemento de Mobilidade Continuada relacionado a Saúde e Ao Bem-Estar”**, como projeto de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

O objetivo central deste estudo é Investigar a competitividade como elemento inerente da prática esportiva em adultos jovens do sexo masculino e feminino praticantes de tênis de campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A metodologia adotada prevê a sua participação na utilização das quadras públicas de tênis de campo da cidade universitária em Florianópolis- SC. Para a coleta de dados, faz-se necessária a aplicação de questionários e entrevistas envolvendo perguntas de caráter pessoal, as quais serão realizada em dois momentos distintos: a princípio, na realização de um levantamento do perfil dos praticantes de tênis da UFSC e posteriormente sobre o comportamento competitivo envolvido nesta prática.

As informações obtidas, bem como o anonimato de sua pessoa, serão mantidos em sigilo, sendo utilizados, somente para o desenvolvimento desta pesquisa.

A sua colaboração torna-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos. Porém, esclarecemos que você tem total liberdade de abandonar a pesquisa em qualquer momento, se assim desejar. E para isto, todos os esclarecimentos sobre a desistência ou retirada de seus dados poderão ser obtidos pelo e-mail: taisesoares@hotmail.com ou pelo fone: (0XX48) 331 8529.

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à sua disposição.

Cordialmente,

Taise Soares da Costa
Pesquisadora Principal

Sidney Ferreira Farias
Pesquisador Responsável

Eu, _____, de acordo com o esclarecido, aceito participar da pesquisa **“O ‘Tênis’ como elemento de Mobilidade Continuada relacionado a Saúde e Ao Bem-Estar”**, e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2004.

Assinatura: _____ RG: _____.

Anexo 2
Instrumento 1ª fase
(Questionário)

PERFIL DO PRATICANTE DE TÊNIS DA UFSC

1. Sexo: _____ 1.1. Idade: _____

2. Qual o seu estado civil?

Solteiro Casado/vivendo com parceiro Viúvo divorciado/separado

2.1. Número de dependentes em casa (____)

2.2. Número de filhos (____)

3. Qual o seu nível de escolaridade (grau de instrução)?

a) Superior (Faculdade) Área: _____ completo incompleto

b) Especialização Área: _____ completo incompleto

c) Mestrado Área: _____ completo incompleto

4. Qual a sua carga horária de trabalho?

Na rede pública, se efetivo 10h 20h 30h 40h 60h

Na rede pública, se contratado 10h 20h 30h 40h 60h

Na rede particular 10h 20h 30h 40h 60h

4.2. Tempo de serviço: _____ anos completos ou _____ meses completos.

4.3. É aposentado? Sim Não

4.4. É estudante? Sim Não

5. Se você tem mais de um trabalho remunerado, onde você trabalha? Especifique _____

5.1. Classifique sua atual situação neste(s) trabalho(s):

é efetivo

é substituto

é contratado: tempo determinado tempo indeterminado

é autônomo: paga INSS não paga INSS

outros. Especifique _____

6. Independente se você tem um trabalho ou mais, você trabalha no geral:

Quantos dias/semana? _____ Quantas horas/dia? _____

7. Indique no espaço adequado a quantidade (número) dos itens que existem em sua residência (Exemplo: Rádio [3]):

TV em cores Rádio

Banheiro Automóvel

Empregada mensalista Aspirador de pó

Máquina de lavar Vídeo Cassete

Geladeira Freezer (ou geladeira duplex)

8. Marque sim ou não:

- 8.1. Você possui outra fonte de renda além das já citadas ()sim ()não
 8.2. Você é sócio de algum clube recreativo ou desportivo? ()sim ()não
 8.3. Você possui fazenda, chácara ou sítio? ()sim ()não
 8.4. Você possui casa de praia? ()sim ()não
 8.5. Você possui casa própria? ()sim ()não

PERCEPÇÃO EM ATIVIDADES FÍSICAS

1. Você está, atualmente, participando de atividades físicas regulares? ()sim ()não
1. Com relação à atividade físicas, comparando com outras pessoas da sua idade, você se considera:
 (1)mais ativo (2)igual ativo (3)menos ativo (4)não sabe responder
2. Cite, em ordem de importância, 4 fatores que para você dificultam a prática de atividades físicas: ex.: (falta de tempo, localidade onde mora, falta de recurso para academia, falta de vontade)
 1º _____ 3º _____
 2º _____ 4º _____
3. Cite, em ordem de importância, 4 fatores que para você facilitam a prática de atividade físicas: ex.: (mora perto, tem tempo, tem vontade, trabalho oferece, tem aparelho em casa)
 1º _____ 3º _____
 2º _____ 4º _____

Responda quanto tempo você gasta fazendo atividades físicas em uma semana normal. Responda cada questão mesmo que você considere que não seja ativo.

TRABALHO

Considerando as atividades que você realiza no trabalho durante uma semana normal:

1a. Durante um dia normal, quanto tempo você gasta:

- ✓ Ficando sentado, ou de pé sem grande movimentação _____ horas _____ min.
- ✓ Andando rápido _____ horas _____ min.
- ✓ Em atividade de esforço moderado (subir escadas, carregar pesos leves) _____ horas _____ min.
- ✓ Em atividades vigorosas (carregar objetos pesados, limpeza pesada) _____ horas _____ min.

EM CASA, NO JARDIM OU QUINTAL

1a. Em quantos dias de uma semana normal, você faz atividades de esforço moderado dentro da sua casa, por pelo menos 10 minutos (tais como: aspirar, varrer ou esfregar o chão.

_____Dias por semana (2) não faz (3) não sabe responder

1b. Nos dias em que você faz este tipo de atividade, quanto tempo você gasta fazendo essas atividades?

_____Horas _____ minutos (2) não faz (3) não sabe responder

2a. Em quantos dias de uma semana normal você faz atividades de esforço moderado no jardim ou quintal por pelo menos 10 minutos (tais como: rastelar, podar árvores ou varrer)

_____dias por semana (2) não faz (3) não sabe responder

2b. Nos dias em que você faz este tipo de atividade, quanto tempo você gasta fazendo essas atividades?

_____Horas (2) não faz (3) não sabe responder

3a. Em que dias de uma semana normal você faz atividades no jardim ou quintal por pelo menos 10 minutos de esforço vigoroso ou forte (tais como: capinar, arar, lavar o quintal, etc)

_____dias por semana (2) não faz (3) não sabe responder

3b. Nos dias em que você faz este tipo de atividade, quanto tempo você gasta fazendo essas atividades?

_____Horas _____ minutos (2) não faz (3) não sabe responder

Responda pensando em relação a se deslocar para ir de um lugar a outro numa semana normal

1a. Em que dias de uma semana normal você utiliza um veículo a motor (ônibus, carro ou moto) para ir de um lugar à outro?

_____dias por semana (2) não utiliza veículo a motor (3) não sabe responder

1b. Nos dias em que você utiliza veículos a motor, quanto tempo você gasta por dia neste tipo de transporte para ir de um lugar à outro?

_____Horas _____ minutos (2) não utilizo veículo a motor (3) não sabe responder

2a. Em quantos dias de uma semana normal você caminha de forma rápida por pelo menos 10 minutos para ir de um lugar para outro? (não inclua as caminhadas por prazer ou exercício)

_____dias por semana (2) não caminha (3) não sabe responder

2b. Nos dias em que você faz esse tipo de atividade, quanto tempo você gasta fazendo essas atividades?

_____Horas_____minutos (2)não caminha (3)não sabe responder

3a. Em quantos dias de uma semana normal você anda de bicicleta (pedala) rápido por pelo menos 10 minutos para ir de um lugar para outro? (não inclua o pedalar por prazer ou exercício)

_____dias por semana (2)não pedala (3)não sabe responder

3b. Nos dias em que você faz este tipo de atividade, quanto tempo você gasta fazendo essas atividades?

_____Horas_____minutos (2)não pedala (3)não sabe responder

4a. Nos dias se desloca para ir ao trabalho?

(1) a pé (2) de bicicleta (3) de ônibus ou carro (4) outro:

4b. Quanto tempo em média você gasta para ir de casa ao trabalho? _____minutos.

LAZER

Responda pensando em todas as atividades que você faz no seu tempo livre quando não está trabalhando numa semana normal

1a. Em um dia normal (típico da semana, quanto tempo você gasta sentado ou deitado em casa (lendo, conversando com amigos, jogando cartas, assistindo televisão)?

(1)___horas_____minutos (2)não sabe responder

1b. Em um dia normal (típico) do final de semana, quanto tempo você gasta sentado ou deitado em casa?

(1)___horas_____minutos (2)não sabe responder

2a. Em quantos dias de uma semana normal, você assiste TV?

(1)_____dias por semana (2)não sabe responder (3)não assiste TV

2b. Nos dias em que você assiste TV, quanto tempo você gasta (por dia) nessa atividade?

(1)___horas_____minutos (2)não sabe responder (3)não assiste TV

3a. Em quantos dias da semana normal, no seu período de lazer, você realiza caminhadas vigorosas durante pelo menos 10 minutos em casa dia, por diversão ou exercício? (por favor, não incluir caminhadas no trabalho ou como meio de transporte)

(1)_____dias por semana (2)não faz caminhadas (3) não sabe responder

3b. Nos dias em que você caminha vigorosamente, por diversão ou exercício, quanto tempo você gasta por dia?

(1)___horas_____minutos (2)não faz caminhadas (3)não sabe responder

4a. Em quantos dias de uma semana normal, no seu período de lazer, você realiza atividades físicas moderadas durante pelo menos 10 minutos em cada dia? (exemplos: andar de bicicleta, nadar, ou qualquer outra atividade que aumente a respiração ou batimentos do coração)

(1)_____dias por semana (2) não faz atividades físicas (3)não sabe responder

4b. Nos dias em que você participa dessas atividades moderadas, quanto tempo você gasta (por dia)?

(1) ___ horas _____ minutos (2) não faz atividade física (3) não sabe responder

5a. Em quantos dias de uma semana normal, no seu período de lazer, você realiza atividades físicas vigorosas ou fortes durante pelo menos 10 minutos em cada dia? (exemplos: jogar futebol, correr ou qualquer outra atividade que faça aumentar muito a sua respiração ou batimentos do coração)

(1) _____ dias por semana (2) não faz atividade física (3) não sabe responder

5b. Nos dias em que você participa dessas atividades fortes, quanto tempo você gasta (por dia)?

(1) ___ horas _____ minutos (2) não faz atividade física (3) não sabe responder

6a. Onde (em que local) você realiza as suas atividades físicas de lazer?

(1) instalações do trabalho (2) em casa (3) clubes/academias

(4) nas ruas/parques (5) não faço atividade física

6b. Quando você faz atividades físicas em seu tempo livre (lazer), você prefere realizá-las:

(1) sozinho (2) com parceiro (3) em grupo (4) não faz atividade física

Anexo 3

Declaração do coordenador do mestrado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis – SC – CEP 88040-900
Fone: (048) 331-9926 – Fax: (048) 331-9792 – e-mail: mestrado@cds.ufsc.br
MESTRADO



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **“O ‘Tênis’ como elemento de Mobilidade Continuada relacionado a Saúde e ao Bem-Estar”**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 23 de março de 2004.

Prof. Dr. Adair da Silva Lopes
Coordenador do Mestrado em Educação Física

Anexo 4
Instrumento 2ª fase
(Roteiro para entrevista semi - estruturada)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Normalmente, a que horas você costuma vir jogar tênis?
2. Porque a escolha desse horário?
3. Você considera este horário o mais apropriado?
4. Quando você está muito atarefado(a) e com pouco tempo, o que o(a) faz arrumar um tempinho para jogar?
5. Você costuma vir sozinho ou combina previamente com algum parceiro?
6. Se fosse o caso de vir apenas para jogar paredão, você viria?
7. Você se considera competitivo?
8. O que é ser competitivo?
9. Durante os jogos vocês disputam pontos? Isso é competição?
10. Quais os aspectos positivos dessa competição?
11. Você acredita que a competição pode auxiliar na sua saúde?
12. Como você percebe a competição fora das quadras de tênis?
13. A competição exercida no tênis se transfere para outras situações do cotidiano?
14. De algum modo, o seu trabalho ou estudo, exige de você uma postura competitiva?
15. Seus amigos ou parentes lhe consideram competitivo?
16. Qual a importância da competição pra sua vida?
17. O que significa competição pra você?
18. O que o move a vir aqui jogar tênis?

Anexo 5

(Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos)

Anexo 5
(Entrevistas)

Entrevista nº 1

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito1, LA (S1,LA)

Você pode começar dizendo seu nome... qual é o seu nome?

Meu nome é LA...

L..?...

Apel..

A...!

Isso!

Qual a sua idade?

24 anos!

Qual a sua profissão ou ocupação, o que é que você faz?

Eu sou operador de caixa de um supermercado.

Certo. Mas você estuda também?

Eu faço cursinho a noite.

Seu estado civil?

Solteiro.

Então vamos lá...Você joga tênis aqui, né?

Jogo!

Normalmente, de que horas você vem jogar tênis?

Finalis de semana mais pela parte da manhã e durante a semana a tarde, entre 4 e 5 horas, que daí é o horário em que eu saio do meu serviço e venho pra cá jogar tênis.

Certo... e no final de semana, você joga a que horas?

Aí geralmente é sábado de manhã... 8horas, 9 horas...domingo já é mais complicado devido a reserva das quadras, né? Então é mais pra sábado e/ou então durante a semana...

Certo... e porque você escolhe esse horário pra vir jogar durante a semana?

Você vem depois do seu trabalho né?

É depois... é intervalo do tempo... é no horário que eu saio do trabalho e o horário que eu vou pro cursinho. Então é o... na verdade é o único horário que eu tenho disponível durante a semana pra que eu possa praticar o tênis ou então, qualquer outra atividade física. Então é esse o horário que eu tenho pra...pra jogar o tênis ou então só se no dia que eu tiver de folga que daí eu venho jogar de manhã ou então mais cedo, mas geralmente é esse horário.

Então quer dizer que a escolha desse horário, pra vir jogar o tênis, ela é em função do seu trabalho?

Do trabalho e do estudo!

Deu aquela folguinha, você vem...

Venho!

Mas é imprescindível que você venha? Naquela folguinha que você tem no trabalho é pra atividade física que você destina esse horário aí?

É, por que é o único horário que eu tenho disponível na verdade, então se é pra pegar e fazer academia, já é mais complicado. Ali no tênis é... eu acho que não é só...você não trabalha só com uma parte do corpo. Em geral, você trabalha praticamente todo corpo... e no... então você exercita praticamente teu corpo inteiro. Então prefiro tênis à academia.

Então nesse caso, esse horário, ele acaba sendo mais apropriado em virtude... por ser o horário...

É próprio...é por... ser o fato que pra a prática esportiva, praticamente são o horário que tem disponível ou então finais de semana, que eu não trabalho ou então dias de folga na semana. Geralmente é esse horário.

Quando você está muito atarefado, certo?... e com pouco tempo, o que faz você arrumar esse tempinho, né?... pra vir jogar tênis?

O gosto pelo esporte... praticamente dizendo, o gosto pelo tênis ou então...sei lá... é... mais é porque eu gosto de jogar o tênis.

Você costuma vir sozinho?

Não. Tem um colega meu que joga comigo.

Você encontra com ele aqui, você combina antes?

No trabalho ou então via telefone.

Ele trabalha com você?

Trabalha comigo.

E você sempre joga tênis com ele, só com ele?

Na maioria das vezes sim... uma ou outra vez, se ele não puder vim, vem outra pessoa, mas que também trabalha ali comigo.

Mas... me diga uma coisa... e se fosse pra... pra jogar sozinho? Se fosse pra jogar assim no paredão, por exemplo, você viria jogar?

Se tivesse disponível sim!

O paredão?

O paredão disponível sim.

Você gosta de jogar paredão?

Eu gosto! Que é já.. vamo supor assim... você já... na hora em que você é... dá um impacto da bola na sua raquete, você já sabe mais ou menos o destino que ela volta e se você joga com o parceiro, você nunca sabe pra que lado que ele vai bater a bola. Então no paredão... é em si mais fácil de jogar com o paredão do que se você joga com um parceiro.

Mas.. é mais interessante jogar com quem?

Com o parceiro!

Porque?

Por que aí tua reação até teu próprio desenvolvimento, a.. não o “esforço” sabe... como é que eu vou te dizer... tua desenvoltura... tu nunca sabe na hora... no lado...vamos supor assim... ah se você ta indo pra um lado, ele joga a bola pro outro lado; quer dizer, você tem que inverter a tua posição pra pegar... e jogar pro outro lado. No paredão não, se eu... se eu... eu sei que se eu bater numa... num determinado alvo, ela vai voltar na mesma direção. Então é a diferença!

E se você viesse pra cá, mesmo jogando com parceiro, se não fosse pra jogar pontos, vamos dizer assim, se fosse só pra ficar batendo bola, você ainda assim viria?

Com certeza! Tanto é que é... geralmente antes de você começar a jogar valendo ponto, você bate uma bola que.. é... seria praticamente um pré-aquecimento, vamos dizer assim, pra não entrar logo no ritmo da partida, mas é... às vezes é até mais divertido você bater, só bater bola... até pra você pegar a prática do esporte, do que você de cara pra valer ponto.

Mas toda vida que você vem jogar com seu parceiro, você joga ponto ou não?

Sempre! Sempre!

Porque?

Não sei... é... como se jogasse futebol sem fazer gol, sabe?! É se eu disser assim pra ti: “Oh vou lá no campo de futebol só pra bater uma bolinha, só...” é... vamo supor assim, jogar em dois, um batendo bola pro outro lado... é mais divertido você jogar um time, dois times e ter a... fazer gol e tudo... é como se fosse um jogo completo, sabe?! Só bater bola não seria o jogo de tênis, seria só... um aquecimento ou então um exercício físico, só.

Então, o que é que move você a vir pra cá? O que o move a vir aqui pra jogar tênis? ... se jogar paredão tanto faz... tanto faz assim, é divertido também, jogar com parceiro também é legal, né? Mas então o que é que o faz vir pra cá pra jogar tênis?

Eu acho que é porque é mais fácil você vir aqui... até aqui jogar tênis, mesmo sendo paredão ou parceiro do que você conseguir arrumar um, vamos supor assim um horário pra você jogar um futebol nesse período de tempo que você tem disponível ou até pra fazer academia; vamos supor assim: a academia se você for e voltar é... sei lá... eu acho muito monótono, sabe?! Você entra na academia, faz teus exercícios e na verdade você não praticou esporte, é um exercício físico, mas não tem aquele gosto, sabe?! Parece que muitas pessoas que fazem academia é por "obrigação", agora o tênis não, eu faço exercício físico e gosto!

Qual a diferença então da academia pro tênis, já que os dois são exercícios físicos? Eu quero que você me diga o que tem de especial no tênis... porque o tênis e não vai pra academia, ou vai fazer uma caminhada, entendeu? É isso que eu to querendo saber.

De repente porque eu prefira jogar tênis. Prefira jogar mesmo tênis que... do que... ir pra academia ou então dar uma caminhada. A caminhada... geralmente eu caminho direto, porque eu vou daqui pro trabalho e geralmente eu vou a pé. Então são... não é uma distância muito comprida, mas com vinte a trinta minutos que eu caminho de manhã ou a tarde.

E porque a academia... teve uma hora que você falou aí da a academia... tipo assim: que não era interessante, não é? Porque?

Por que eu me sinto preso... tipo assim: preso entre quatro paredes numa academia. Prefiro estar ao ar livre jogando... praticando algum outro esporte.

Você se considera competitivo?

Hummm... não posso... não posso dizer assim... competitivo como assim você se refere é... aquele tipo... como assim?... competitivo a... não entendi direito...

Do jeito que você entende... o que é ser competitivo pra você?

Hummm... ah... aí já fica mais complicado (*difficuldade de responder a pergunta*) mas... competir seria...praticamente seria... mais ou menos você ter condições de jogar e.. num sei... nem se sentir superior, mas pelo menos se igualar ao parceiro ou então ao fato... ao esporte que você está praticando...

Por exemplo... vou dar um exemplo... se você... quando joga com seu parceiro, você disse que vocês sempre jogam pontos...

Sim...

Isso é ser competitivo?

Pô... eu acho que sim!

E você se considera competitivo?

Considero porque a... tipo assim, uma hora a pontuação está a favor, outra hora ta... ta negativa, então não é... não é uma pessoa sozinha jogando e marcando ponto.

E contra o paredão, você acha que existe competição?

Hummm... existe porque da mesma forma que você é... bate a bola no paredão e ela retorna pra você, então quer dizer... você... mesmo sendo é mais fácil, você sabendo o destino que ela volte, mas é a... a reação... a... há a ação e a reação. Você bate a bola, ela volta, às vezes com mais ou menos força, mas sempre tem.

O que é que você acha que você pode tirar de positivo dessa competição?

Quais os aspectos positivos dessa competição?

Olha... eu posso ser sincero contigo, às vezes eu to meio estressado, vou ali, jogo tênis, eu... até perdendo, até ganhando, tanto faz! Praticamente você se alivia... eu? É uma forma que eu encontro de... sei lá... de me aliviar um pouquinho do estresse; e querendo ou não, você trabalhando das 8h as 4h ou 3h30min, 4h com o público, a gente se torna uma pessoa mais tensa. No horário que você sai, você

não tem mais nada! Mas vai ali, joga um tênis... alivia um pouco, esquece dos problemas e... é um lado positivo que eu vejo.

Você acha que aí então você pode estar competindo com o estresse?

Também... também!!!

Isso também é uma forma de competir?... de competição?

Digamos que sim! Porque você tá aí, tentando... vamos supor assim... só que daí você aí competir, se tornando superior...a ... o estresse não... você alivia o estresse porque você se torna superior ao que te... vamos supor assim... ao estresse que você carrega no corpo. Você joga o tênis e daí o... você se distrai e alivia aquele peso que você tem, cansaço e tudo, até o cansaço mental, não o físico. O físico... o cansaço "físico", você vai sentir depois quando você tiver saído do jogo de tênis, mas o cansaço mental, você perde muita... bastante coisa.

Então, nesse caso, você acredita que a competição pode auxiliar na sua saúde?

Com certeza!!! Mas... é... competição... vamos supor assim, saudável. Não aquela que você obrigatoriamente tem que se sentir superior ao parceiro... sabe?! Às vezes acontece que você perca uma partida, mas você sai feliz, contente, porque você sabe que naquele momento, você não estava é...é... em condições de competir no momento se você não era superior ao seu parceiro. Então você sai na boa, sem crise, mas não te estressa. Se você sabe perdendo um jogo de tênis, você não fica estressado por isso.

Então assim, pelo que eu tô percebendo, o que importa pra você não é vir pra cá e ganhar do seu parceiro?

Não!

É vir pra cá, pra ganhar em outras situações que estão fora da quadra?

Na maioria das vezes sim... na maioria das vezes sim!

Então... como é que você percebe essa competição fora da quadra?

É... saindo daqui... chegar em casa tomar um banho e estar sossegado! Eu posso sair do trabalho e sem... no dia que eu não venho pra cá... eu posso sair do trabalho e chego em casa e de cansaço eu vou dormir! Aí... se eu chego aqui dentro e joga um tênis e chego em casa... aí eu tomo um banho e fico até mais... sabe?! Parece que você tem mais disposição depois de uma partida de tênis, do que se você direto... do que... no meu caso... se você for direto do trabalho pra casa, eu não faço nada ou então, às vezes não vou nem pra aula. Agora eu joga uma horinha de tênis, vou em casa, tomo um banho, vou pra aula! Numa boa sossegado! Me sinto mais disposto!

Você acha que a competição exercida assim... a competição que acontece no tênis, né? As situações de competição ali no jogo e tudo; elas acabam se transferindo pra outras situações da vida, assim, do cotidiano?... ou vice-versa né? Não tô falando assim no sentido de disputar os pontos, mas assim, a competição em essência como a gente tá conversando aqui. Você acha que aquela situação ali na quadra, ela se transfere pra outras situações da vida?

É que na verdade... é que nem eu te falei, eu saio bem da quadra! Então é... vamos supor assim... se eu... sair bem e competir com o meu estresse e sair dali aliviado, eu me sinto mais disposto até estudar, ou então... até... é que na verdade eu estudo a noite, então eu me sinto bem mais disposto a ir pro cursinho estudar depois do jogo de tênis, do que se eu for direto do meu trabalho, como eu já falei pra ti.

É... você acha que de algum modo, seu trabalho ou até mesmo é... onde você vive as situações de estudo... você acha que eles exigem de você uma postura competitiva?

Hummm... no estudo digamos que sim! Até no trabalho também, porque se você não fizer um bom trabalho você... tem gente que faz. Então, querendo ou não, indiretamente você está competindo e no estudo também; se você não for bem

é... vamos supor assim, se você ficar pra trás no estudo, você compete, mas com pouca intensidade. Então no estudo, eu acho que é o que mais exige de você ser, tornar competitivo do que o trabalho. O trabalho assim é...mais pra você se manter e o estudo não, ainda mais que eu to fazendo pré-vestibular, então eu tenho que me tornar altamente competitivo pra poder passar.

O tênis ajuda nisso em algum momento?

Antes.... é que nem eu falei pra ti, me desestressa. Tira o peso do corpo. Pra mim é “essencial”.

Seus amigos ou parentes, eles lhe acham competitivo?

Sim! Amigos sim. Parentes eu não tenho morando comigo, mas tipo assim, os amigos que eu jogo, sim. É... porque...tanto é que... tem aquele lado, ora você perde e ora você ganha ou então é... ora você bate bolas de igual pra igual que daí, às vezes, chegam pra ti assim: - pó um jogo bom! Legal! Ta ligado?! Foi difícil... vamos supor, se ganha... foi difícil ganhar, então...sei lá!! Até tem uma seleção. Tem... geralmente tem um só parceiro que joga comigo que a gente tem um jogo de igual pra igual que daí se torna mais fácil de você jogar e esquecer do que tá do lado de fora da quadra, no caso.

É mais fácil jogar com quem é “mais fácil”, com quem ta equiparado, ou com quem tem um nível mais... é mais divertido, é mais empolgante?

É... com quem tem um nível de igual ou... a... é...vamos supor assim, de igual para superior. Nunca quem tem um nível menor, que até... perde até a graça. Não tem graça você jogar e ter que se defender, tem que... sei lá... se esforçar um pouquinho pra você conseguir marcar o ponto ou então se esforçar, mesmo você perdendo no jogo... acho que é mais divertido e... e se for assim... se torna bem mais é... competitivo.. não dizendo, mas eu prefiro jogar mais de igual pra superior que pra inferior.

Porque?

Num sei... eu acho que... tipo assim, se na hora que eu precisar exigir um pouquinho mais de mim, aí mesmo que eu me... me... me dedico mais ao que eu to fazendo, sabe? Se eu to jogando tênis, aí eu to vendo que o meu parceiro ele ta ganhando de mim, aí eu tento achar uma maneira de... de exigir um pouco mais de mim, às vezes, ahh... uma bola que foi perdida, ah.. eu não vou...sabe? Você acaba desistindo. Aí não, se você tiver que batalhar um pouquinho mais, aí você corre atrás e ganha, ganha - entre aspas- ou então, pelo menos, chega perto do placar.

Pois é, esses sentimento de batalhar, de ir atrás né?... de chegar naquela bola que é mais difícil... isso é o que pra você? Representa o que?

É... resumindo seria... representa uma condição de que possa competir com ele. Não sendo... tipo assim, não posso... no momento assim, eu não gosto de ficar é... vamos supor assim é... em ser considerado como muito inferior, sabe? Se ele ganhar, pelo menos eu tenho que saber que alguém... alguém que... se ele ganhar, ele ganha com uma vantagem mínima de pontos. Sabe que é alguém que tava do outro lado - no caso seria eu - também tá na quadra pra competir com ele ou então jogar pelo menos de igual pra igual.

Qual a importância da competição, então, na sua vida?

Sei lá...mas parte você só se diverte. Você compete e até às vezes, compete firme sabe? Mas você se diverte. Diverte e desestressa, pratica, sei lá, um exercício físico, que até o tênis esforça... precisa se esforçar bastante, exige um pouco mais do seu corpo. Pra quem não ta acostumado mesmo, no outro dia ta todo dolorido, sabe, mas como eu já to mais acostumado, num... num interfere mais tanto, mas é... mais pra isso.

Então... depois de tudo que a gente falou sobre competição, eu queria que você tentasse resumir em algumas palavras, o que significa competição pra você?

Hummm... competição. (pausa prolongada) Então... é que nem eu já falei, né? O fato de você é, jogar com um parceiro e se sentir, às vezes... não se sentir superior, mas de tentar pelo menos se igualar a ele é... ou então quando você tá estudando, você tem que ser superior, às vezes, do que de um monte de gente. No trabalho você tem que se sentir bem (ênfase a esta palavra), que é uma certa competição, até às vezes você compete contigo mesmo, sabe? Você sabe que é obrigado a ser é... um pouquinho mais ou então.. dar... às vezes dar um alívio pra alguns acontecimentos, mas de uma forma ou outra, você tá competindo contigo mesmo ou com outras pessoas o dia inteiro, sabe? Vai desde o trabalho, o esporte e até o estudo. O estudo principalmente você tem que se tornar mais é... é... sei lá... mais... num posso dizer competitivo, é... você se esforça mais pra você poder se é... por uma situação mais tranqüila e... indiretamente você está numa posição de competir com pessoas que também estudam contigo, mas você pode, de repente é... numa pontuação ou outra, mesmo sendo na prova, você no jogo se diferencia um pouquinho, sabe? É... no estudo é pior, você... quanto mais você compete, mais fácil você conseguir resultados positivos. Agora no esporte, a competição seria mais é... pra mim, já seria mais um... uma forma de se... de se divertir ou então de... de... fazer o... a prática... praticar algum exercício físico, então seria mais ou menos isso.

Quer dizer que pra você, no esporte, a competição seria... seria praticar exercício físico? Foi isso que você disse?

É... na verdade seria isso! Porque não tem um outro tempo... o tempo limitado que eu tenho, eu pratico esporte, me exercito fisicamente e ainda compi... chego a... tenho uma competição entre os dois parceiros.

Então... você quer comentar mais alguma coisa?

Hummm.. não!!! Não queria... o que eu queria falar é que pra mim sabe, tempo disponível porque é... se for ver hoje, é difícil que nem eu que trabalho quase boa parte do dia e ainda estudo a noite, o tempo que eu pratico esporte e exercício físico é limitado.

É, uma das coisas que me chamou atenção nos questionários que eu olhei, é que assim oh... tem uma pergunta aqui né? ... que pergunta quais são as quatro principais dificuldades, né?... que dificultam você fazer atividade física, então você colocou aqui oh, “falta de tempo”..

É!

Mas de uma maneira geral... quando ele pergunta aqui quais são os quatro principais fatores que facilitam, né?... de uma maneira geral as pessoas colocaram assim, “ter vontade”... você colocou aqui como segundo critério que mais facilita essa prática. Que assim, mesmo as pessoas dizendo que elas não tem tempo, né? Essa vontade de praticar é o que... é o que faz com que elas, mesmo sem tempo, venham pra cá!

É... então é isso.... é o fato de você gostar... vamos supor, eu gosto de tênis, tem gente que gosta mais de futebol... então sempre se arruma um tempo, mesmo sendo pouco pra praticar o esporte que você gosta.

Entrevista nº 2

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 2, JB (S2, JB)

Então vamo lá... pode começar dizendo o seu nome completo..

Meu nome é JB!

Sua idade...

22 anos

Sua profissão ou ocupação... o que é que você faz?

Sou estudante.

Você faz o que?

Engenharia de controle e automação industrial

Estado civil?

Solteiro

Bem... quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Em dias de semana, quando eu venho, geralmente é a tarde.

Que horas?

Ou bem no começo da tarde ou mais pro fim da tarde, perto das 5h ou até uma hora ou até um pouquinho antes de meio dia, quase uma hora da tarde e fins de semana geralmente bem cedo.

Bem cedo são que horas?

8h, às vezes, 9h... por aí...

Quanto tempo você joga?

É a idéia é essa de vir de manhã mais cedo é porque a gente tem que revezar uma hora aqui, então geralmente a gente, no fim de semana a gente marca das nove as dez e geralmente das oito as nove não tem ninguém jogando, aí a gente vem mais cedo e consegue jogar duas horas.

Durante a semana e até no final de semana... no final de semana você já respondeu né?... mas durante a semana, porque você escolhe esse horário? Ou muito cedo, uma hora da tarde, ou final de tarde?

Que geralmente são o... quando é começo da tarde a idéia é... pegar um horário de quadra. Basicamente não tem ninguém, assim, tem quadra a gente chega e joga! Então esse é o... é basicamente a escolha do horário do começo da tarde. No fim da tarde é, às vezes, quando acaba uma aula assim, a gente combina.. ah depois da aula vamo jogar, daí o horário que sobra é mais pro fim da tarde; essa é a segunda possibilidade.

Quando você ta muito... muito atarefado, né?... é... com pouco tempo, o que faz você arrumar tempo pra vir jogar tênis?

Risos... é basicamente no horário de aula... risos.

Basicamente no horário de aula? Como assim? Você mata aula pra vir jogar?

Risos... é! Muitas vezes!

Você acha que esse horário que você vem jogar é o mais apropriado pra jogar?

Olha... não sei! Mas... mas se é... é algo que, por exemplo, me faz... eu me sinto muito bem depois que eu jogo, que eu... se eu fico muito tempo sem jogar, eu... sei lá... eu sinto que ta faltando alguma coisa. Pra mim faz parte praticar alguma coisa... algum esporte, pra mim, faz parte da minha vida, então se eu ficar muito tempo sem jogar eu... eu começo a sentir que falta alguma coisa, então se eu... às vezes eu preciso arranjar alguma tempo, desde que, seja algumas aulas pra mim lá, eu considero que as aulas não são tão úteis, né?... que a aula não serve muita coisa, então, às vezes, eu saio da aula mesmo e vamo jogar durante a aula.

Você costuma vir sozinho?

É, o... eu sempre tenho que vir... trago mais alguém ou... raramente a gente joga dupla né?... vem em quatro pessoas... geralmente fim de semana eu jogo , às vezes, com meu irmão, que ele não mora aqui, aí quando vem fim de semana a gente marca quadra e no meio de semana, tem um colega que faz o mesmo curso que eu, Geovani, geralmente eu e ele que jogamos.

Mas... se fosse, por exemplo, pra vir pra cá pra jogar na parede, “paredão”, você viria?

Ah! Não... Não!

Não? Porque?

Não... eu... ah, eu acho que o... só se fosse um caso... fosse uma aula, um treinamento mesmo, mas se não faz parte de um treinamento eu gostaria de estar jogando sempre, me sinto bem competindo também. Me dá prazer jogar, competir com os outros, ter alguém pra conversar durante o jogo.

Então... o que é que faz você vir aqui pra jogar tênis. O que move você pra vir aqui jogar tênis? O que faz você deixar de assistir aula pra vir jogar tênis?

Ah, o prazer que eu sinto jogando! Sei lá, eu... qualquer... qualquer esporte assim que eu faça, muitas coisas que envolvem competição pra mim tipo...sei lá... nem que seja... eu gosto de jogar tênis de mesa, xadrez, basquete, qualquer coisa assim e... eu sinto muito mais prazer do que ficar assistindo uma aula monótona que o professor não fala nada com nada, então, pra mim sair da aula.. pra mim... eu me sinto melhor jogando do que assistindo aula, então... se esse é o caso... não que eu saia da aula sempre pra vir jogar né?... é uma vez ou outra.

Entendo... se fosse pra sair da aula pra só caminhar na Beira Mar, por exemplo...

Não, não sairia!

Porque não?

Porque... caminhando eu não vejo prazer nenhum em ficar caminhando. Sei lá, parece muito monótono... não é o que eu gosto. Se fosse pra ficar três horas correndo, jogando alguma coisa, eu ficaria. Agora pra ficar três horas correndo dando volta ao redor de uma quadra, pra mim não faz sentido.

Porque jogando e não porque só correndo?

É, eu também me pergunto isso. Eu acho que o principal mesmo é o fato, o fator de ter competição.

Então, o que é ser competitivo?

É (o entrevistado suspira seguido de pausa prolongada)... pois agora.. eu também gosto de treinar. Se é em prol de... de estar de... de fazer bem por exemplo, sei lá.. se eu fosse treinar basquete e não tivesse jogando, mas tivesse treinando um fundamento ou alguma coisa, é pior do que jogar, mas eu também gosto, mas por exemplo... só correr ou só caminhar pra mim parece que não... sei lá, não vai tá trazendo benefício pra nenhum esporte que eu pratique depois, que eu possa ta correndo ou caminhando, mas jogando junto, parece que...

...agora se você tivesse correndo por uma “marca” já seria diferente...

É, eu nunca... nunca... nunca cheguei a disputar nenhum... nenhuma prova desse tipo de atletismo, assim..

... eu estou só supondo...

...anham... mas eu nunca me botei nessa situação. Não sei como é que isso seria.

Num treinamento de basquete né?... ta certo que o jogo é mais... de diversão e... mas o treinamento, vamos supor o treinamento... o treino de tiro livre, né? Você tem 10 arremessos e dos 10, você tem que acertar o maior número de vezes... um exemplo que eu to dando... ele acaba se tornando interessante, porque?

Sim, porque eu... eu tá buscando uma marca né?... Tá tentando me superar tentando me superar talvez. Eu acho que é mais essa a idéia; de tentar superar os teus próprios limites, vê onde que tu pode chegar cada vez mais.

Você se considera competitivo?

Acho que sim! Nesse sentido, acho que sim.

Então quais são os aspectos positivos dessa competição?

Olhe, principalmente eu acho que enquanto a gente ta competindo é... a gente ta sempre buscando é... superar os seus próprios limites, né? ... a gente ta tentando cada vez conseguir mais do que a gente conseguiu antigamente. Então a gente... a gente ta, por exemplo, ta sempre buscando o melhor de si, então a gente nunca se contenta com, talvez com pouco, assim, a gente quer sempre buscar algo mais. Talvez isso seja algum lado positivo, eu acho da competitividade.

Você acredita que a competição pode auxiliar na sua saúde?

Tem... tem dois lados nessa parte que eu... que eu também vejo em mim, esse lado da competição, eu às vezes... às vezes vejo um lado negativo também. Que eu sou... eu acabo às vezes, quando eu vou jogar e perco, eu acabo ficando o resto dia meio emburrado, às vezes, e isso talvez às vezes me prejudique. To tentando às vezes me corrigir isso, já faz um bom tempo que eu venho melhorando, mas mesmo assim, quando meu time de futebol perde eu fico o dia inteiro emburrado, essas coisas assim.. eu to

melhorando, eu to tentando me corrigir, mas fora isso, o lado de... não sei talvez o de competitividade de melhorar na saúde, mas o lado de praticar esporte com certeza, vai me... vai melhorar minha, meu Bem-Estar físico talvez.

Mas, quanto a isso que você falou, eu queria comentar alguma coisa. Você disse que quando você perde. Você fica meio chateado..

Isso..

...ninguém gosta de perder né?...

Sim...

Mas se essa derrota faz com que, na da próxima vez, você queira ser melhor (final da fita)...

Ela me trás conseqüências negativas na... momentaneamente né?... naquele... na hora que eu perdi que eu fiquei abatido, mas... claro, não era pra ficar, se eu tentar colocar na minha cabeça que eu não preciso disso, que assim, uma derrota, que eu ponha na minha cabeça que da próxima vez eu vou melhorar, só isso e não fique abatido, tudo bem! Mas mesmo assim, na próxima vez o cara sempre vai querer: - não, na outra vez eu perdi; dessa vez, não vou poder perder, então é... é sempre assim, passa pela cabeça da gente: - oh, a vez passada eu perdi, agora eu não vou perder de novo. Então duas vezes seguidas então pode... me trás benefícios da próxima vez que eu for jogar.

Como é que você percebe a competição fora das quadras?

Em que sentido?

De uma maneira geral.

Olha, é... fora da quadras eu acho que o... a minha percepção eu acho que é bem diferente do que eu vejo dentro de quadra, que por exemplo, eu vejo aqui mesmo na universidade, muitas pessoas, até na minha própria turma do curso que parece que tão ali competindo com os outros, aí eu já vejo algo bem diferente aí; ali a gente não tem ninguém... ninguém ta competindo com ninguém; ali todo mundo é amigo, todo mundo quer ver todo mundo formado, todo mundo quer ver outro se dando bem na vida, ali pra mim é algo totalmente diferente. Agora ali parece que tem muita gente que quer competir assim, que quer ficar sabendo da nota dos outros pra ver se tem uma nota maior, não sei o que... isso não pra mim não é uma talvez competição sadia assim, os outros tão tentando ali ver o teu mal desempenho em vez de buscar o bom desempenho deles; tudo bem! Eles quererem tirar notas altas, tudo bem! Mas parece que eles querem ver o outro tirar notas baixas. Isso pra mim é totalmente absurdo! Eu acho que não faz sentido e tem muita gente que vê competição por esse lado assim entende? Competição por esse lado, de querer ver o pior do adversário em vez de querer ver o seu melhor. Então eu acho que o sentido da competição é tu querer buscar o melhor... cada vez... melhor pra si cada vez mais, em vez de buscar... em vez de buscar o melhor pra si e torcer pra que o outro jogue mal, por exemplo, no jogo, no caso do jogo é, mas... é isso que eu vejo na competição fora de quadra, tu não pode é torcer pelo mau dos outros, tu tem que ver o seu lado bom e na... e além de tudo, querer que o outro teja... que dizer que... o caso, se eu tiver competindo com alguém, não faz sentido até, mas querer ver que a outra pessoas se dê bem também. Eu não consigo associar o mesmo estilo de competição em quadra.

Você acha que a competição exercida no tênis, ela se transfere para outras situações da vida? Por exemplo, claro que não é a mesma coisa, mas esse exemplo que você falou aí dos seus amigos, antes mesmo de entrar na universidade, a gente passa por um processo competitivo que é a seleção, né?... então, é claro que existem pessoas que competem dessa forma que você está falando, querendo ver a derrota dos outros, mas no tênis é ... acontece... eu também jogo tênis... acontecem algumas situações no tênis né?... que você defende o seu espaço, aquela luta pra chegar naquela bola, coisa desse tipo... esse tipo de competição ou outros que você já tenha observado ele se transfere, de alguma maneira, pra outras situações do cotidiano? O que você acha?

Olha... não sei... eu acho que pra mim não... não chega eu... eu trato uma situação que eu sei que eu to competindo, eu trato muito diferente de uma situação que eu... real. Então, não sei pra mim, leva a ter alguma... alguma semelhança ou influência nesse

tipo. Eu... eu trato o que eu... o que eu... o momento que eu to jogando, bem diferente da minha vida real, então... até por isso, porque eu já vi muita gente querer ver a derrota dos outros, até por isso eu me sinto na obrigação de não pensar dessa forma. Então esse tipo de competição fora quadra eu... talvez eu não leve... eu acredito que eu não leve essa mesma... esse mesmo pensamento pra fora da quadra.

Mas assim, quando você ta jogando tênis, não que você queira “derrotar” o adversário, como você ta dizendo, né?... mas você quer fazer o melhor pra que você vença. É isso?

Sim!

Ta... mas isso faz com que o outro perca!

Isso!

E o que isso faz... o que isso se transfere pra vida real?

Ah, isso... isso pra mim na vida real eu num... eu acredito que não tenha influência, porque eu acho que na vida real, pra tu vencer... conseguir vencer na vida é bem diferente do tênis porque no tênis pra tu ganhar, alguém tem que perder, que é o caso do teu adversário. Eu acho que na vida não... isso não se aplica porque em geral tu consegue vencer sem contar... sem pensar na derrota de alguém. Então tem, tem condições de todo mundo conseguir se sair bem sem pensar que alguém saia derrotado, no caso. Então, por isso que eu vejo essa diferença entre o esporte e a vida.

O teu... a tua universidade exige de você uma postura competitiva?

Olha, a única... a única postura competitiva que me exigiu até hoje foi exatamente o vestibular que ali eu tive que competir com outros candidatos, apesar de desconhecê-los tudo, a gente compete tudo bem sem se conhecer, ta todo mundo tentando fazer o seu melhor, mas fora isso a única coisa que a universidade exigiu foi uma nota a seguir, média 6, fora isso, competir com alguém... não teve esse negócio de: - ah, se... a melhor nota vai... o ... quem for melhor, quem ganhar isso aqui vai fazer tal coisa, vai tirar... vai ter um ponto... não tem isso. Todo mundo faz a sua parte, tem condições de todo mundo ir bem e todo mundo ir mal ao mesmo tempo. Não tem esse... não tem uma competição em que se um vai bem o outro vai mal. Na universidade eu não vi isso aí.

Mas você não acha que você e seus amigos, vocês já estão competindo com o mercado de trabalho... entre si, independente se vocês tiram notas boas ou notas ruins, mesmo aquele que ta torcendo pra você tirar uma nota ruim. Você não acha que vocês já estão competindo no mercado de trabalho mesmo sendo alunos?

Olha... eu acho que não ainda, porque... porque a gente não sabe ainda aonde que cada um vai trabalhar porque até o meu curso, no caso, aqui em Florianópolis ou na região de Florianópolis tem muito poucos lugares que... que tem... que podem... que tem lugar pra esse mercado da automação... é mais pra fora assim, Joinville, Jaraguá, São Paulo, Curitiba, então é... ninguém sabe onde vai trabalhar ainda, se vai ficar por aqui, se vai sair pra onde, ninguém sabe se um vai ficar perto do outro, então o cara já querer competir agora, já querer, o cara... o cara nem começou a trabalhar, já querer achar que o cara vai roubar a profissão do cara em algum lugar... eu acho que se a pessoa tiver consciência, se ela estudar o seu suficiente, se tiver consciência de que tem condições de arrumar um trabalho, eu acho que, eu acho que vai ter... não tem esse negócio de competição, vai conseguir arranjar em qualquer lugar.

Seus amigos e parentes, eles te acham competitivo?

Sim!

Você poderia comentar assim porque, alguma situação?

Hã... talvez a minha cunhada, a esposa de meu irmão... ela comenta porque ela, desde que ela conheceu o meu irmão... depois que conheceu ela... ele vê... quando a gente ta junto, eu e meu irmão, a gente ta sempre jogando alguma coisa. Desde que ela conheceu a gente, a gente morava em Criciúma ainda, ela... quando ela ia pra lá, ela via... nos via jogando tênis de mesa que tinha uma mesa em casa, aí volta e meia a gente tava jogando baralho, tava jogando xadrez ou ia jogar basquete aí agora que a gente veio pra Florianópolis a gente joga tênis quando pode, a gente... desde que ela viu a gente, ela só vê a gente jogando, então ah, eu gosto de ficar jogando o tempo inteiro, mas... não deixa

de ser, é o que a gente gosta de fazer. Quando ele vem pra cá, porque ele não mora mais com a gente aqui, a idéia é a gente se ver, quer jogar alguma coisa, seja o que for a gente arranja um tempinho pra jogar.

Você acha que essa competição faz bem pra saúde?

É, eu acho que sim! É muito saudável, não tem nada de...

Então, nesse caso, qual a importância da competição pra sua vida, de uma maneira geral?

(pausa prolongada)

Porque você me falou assim... falou da competição no tênis, falou que você se acha competitivo, que seus parentes lhe acham competitivo...

Unhum...

Falou dessa competição que existe no seu curso, mesmo você tendo essa visão... mas que não deixa de ser um ambiente competitivo né?... qual a importância dessa competição pra sua vida?

Olha é... foi como eu tinha falado, eu acho que a competição ela.. ela pode... acho que o que ela pode trazer na minha vida é o fato de que quando eu to ... essa competição que eu vejo no esporte aí que a gente quer cada vez tirar o melhor de si, o que ela pode me trazer de benefício pra vida é isso, é eu cada vez tentar me superar, por exemplo, talvez numa profissão que eu vá tentar seguir, por exemplo, eu querer cada vez dar o melhor de mim e tentar fazer cada vez melhor e isso por exemplo numa profissão.. não que seja uma competição, não vou ta competindo pra eu tentar fazer cada vez melhor não vai ta influenciando no desempenho de outro, por exemplo. Então... o que eu levo da competição é isso, é tu tentar cada vez se superar, cada vez fazer melhor e com isso tu nunca te estabiliza, não vai chegar num momento em que tu : - ah ta bom desse jeito, eu não vou tentar melhorar, porque eu acho que sempre tem alguma coisa a melhorar, sempre tem alguma coisa a progredir.

Então em poucas palavras, o que é competição pra você?

Ah... essa definição.... (pausa)

O que você entende.... o que é competição pra você?

(pausa prolongada) Quer parar um pouquinho pra eu pensar?

Não! Pode pensar a vontade... não se sinta pressionado por isso.... por a gente ter falado tanto sobre competição.

(Pausa prolongada)... é... eu já fiz um curso de exatas pra não ter que pensar muito em definir, em português, essas coisas (risos)

Porque assim, você até já falou né?...mas eu queria... como existe essa pergunta aqui, ela é pontual né? Eu queria que você só...

Deixa eu ver...

Comentasse aí o que significa, o que é competição pra você?

É, eu posso até dar a definição talvez de dicionário, mas não sei se é exatamente essa... (risos)...que tu ta esperando...

Pra você... pra você... o que é competição?

Talvez... posso definir... hummm.... ta, então vamos ver... É... é buscar... é buscar a... melhor desempenho toda vez que for praticar a ação que ta praticando, o trabalho ou o esporte, tentar cada vez ser melhor da próxima vez que for realizar tal ação.

É isso aí! Você tem mais alguma coisa que você queira comentar?

Hum... deixa eu pensar... (pausa prolongada)...ah que... eu... eu vejo também o esporte como uma... não como algo que deveria só alguns praticarem, eu... eu vejo o esporte como algo que deveria fazer parte da vida de todo mundo e... desde o começo do ensino... do ensino fundamental, pré, primeira série, segunda série, o esporte deveria ser tratado tão fundamentalmente como as outras disciplinas, pelo fato de... eu acredito que o esporte é um... é uma educação pra vida muito grande e, eu vejo que quem pratica, a gente sabe que quem pratica esporte, é... se tu pegares um grupo de 100 pessoas que praticam esporte e outros 100... 100 jovens que praticam esporte e 100 jovem que não praticam esporte, se tu pegares a média de quem ta envolvido com drogas nos dois grupos, a média é absurdamente maior em quem não pratica esporte, então, a gente

sabe que quem pratica esporte pratica esporte é porque gosta do seu corpo, gosta da vida, gosta do que tem, quer se cuidar e então, então se... então isso acaba te afastando de que... de vícios e de outras coisas que podem te prejudicar. Geralmente vai ter uma boa alimentação também... então eu vejo que o esporte, além de tudo te dá essa... essa... essa consciência de como é importante o teu corpo, o teu bem-estar físico e mental.

É isso mesmo, obrigada!

Entrevista nº 3

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 3, RG (S3, RG)

Bem... então vamos começar... quero que você me diga seu nome, idade... quero que você se identifique pra mim..

Bom, eu tenho 15 anos... 15, 16 anos e to cursando o segundo grau agora, é... meu nome é "Lendel" moro ali... na costeira ...

E... qual o teu estado civil?

Eu sou... solteiro!

Ta... então, normalmente quando você vem jogar tênis aqui, você vem que horas?

Olha, dependendo do dia, que eu estudo de manhã, sábado e domingo, eu sempre venho de manhã, que é um horário mais fácil de vim e... quando eu venho dia de semana, assim, normal, eu venho a tarde.

A tarde que horas?

A tarde umas... o mais cedo possível... até pra conseguir quadra disponível... é... duas horas (14h). Duas horas (14h) eu estou aqui pra jogar.

E no final de semana você vem que horas?

Olha, eu venho muito cedo pra conseguir quadra, que é muito complicado conseguir quadra! Eu venho oito horas (8h), sete e meia (7h 30min) eu tô aqui pra jogar.

Então o horário que você escolhe ele... ele tá... tá mais voltado pro horário que é apropriado pra fazer essa prática ou não?

É mais apropriado pra fazer a prática que... que é o único horário que eu e quando eu venho com outra pessoa, eu consigo uma quadra disponível pra jogar.

Então ele ta mais apropriado com a necessidade de conseguir quadra, do que com a necessidade de "qual o horário apropriado pra fazer a prática"? É isso.

Sim, sim!

Bem... quando você ta muito atarefado assim... com os estudos né?... com uma série de coisas, com pouco tempo né?... o que faz você arrumar um tempinho pra vir jogar tênis?

O fato até de se eu não me estressar muito com os estudos ou com alguma coisa que eu tenho que fazer, isso sempre... tanto é que vir duas vezes por semana, é um fato de eu não me estressar muito com as outras coisas do dia-a-dia. Jogar tênis pra mim é como se fosse... ah, é muito bom! Aí.. é o fato de desestressar.

Certo... você costuma vir sozinho?

Não... vir sozinho também pra jogar tênis não daria muito certo, pra achar alguém seria complicado. Eu sempre venho com algum amigo.

Você combina previamente ou você chega aqui e... e...

Não, combino... um dia antes eu combino com ele pra gente ta aqui...

Você nunca veio jogar sozinho e aqui tentou...

Não, nunca...

Mas se fosse, por exemplo, pra vir aqui pra... pra jogar paredão, você viria?

Olha, dependendo... dependendo do que eu tinha pra fazer, se eu não tivesse muita coisa pra fazer ou se eu tivesse muito estressado, eu até viria!

Só pra bater paredão?

É!

Quando você joga com seu amigo... vocês sempre disputam pontos?

Aham... sempre!

Porque?

Sei lá... é o fato de... tipo meio que uma competição entre a gente e o fato assim de... como posso explicar isso?... é um fato de... de... não saber quem é melhor, quem é... mas é um fato da gente conseguir ter um tempo, um tempo certo de jogo e... como posso falar?... e sei lá... como pra gente... como as pessoas jogam tênis assim... principal é... é um fato de jogar que nem eles mais ou menos...

Unhum, mas... se fosse só pra bater bola, você viria?

Com certeza!

Sem disputar pontos?

Com certeza!

Ta... deixa eu ver aqui... (pausa)... então, o que você acha que move você pra vir pra cá? O que faz você vir pra cá?

É o gosto de esporte! Eu gosto de praticar alguma coisa!

Ta... mesmo que fosse pra vir pra bater paredão, pra só bater bola, sem disputar pontos?

Com certeza! Eu gosto de... de... praticar alguma coisa, de... de se movimentar, de fazer... de aproveitar a atividade física.

Você se acha competitivo?

Não muito! Acho que eu preciso melhorar muito... em vários aspectos.

Mas se você... se você diz que toda vez que você vem jogar com seu amigo vocês disputam pontos, isso não é uma competição?

É! É uma competição entre a gente. Eu acho que... competitivo entre a gente, não... num nível assim maior.

Quais os aspectos positivos dessa competição?

O grande aspecto é... é tipo... ham... alegria de ta jogando assim, que eu acho que é uma forma melhor da gente se controlar, tanto ele como eu... a gente perdendo, claro que a gente não vai ficar nervoso por causa que a gente perdeu, tal... mas é tipo... como se fosse uma escolha, jogar normal... taria totalmente certo!... a gente jogar normal ou assim. Só que a gente escolhe jogar assim porque é um fato da gente escolher um jeito de jogar, entendeu? A gente vê quem ganhou, quem... não quem ta melhor assim, mas vê os aspectos positivos e os negativos, do nosso jogo.

Você acredita que a competição pode... pode auxiliar na sua saúde?

Olha eu acho... que não na saúde. Na saúde especificamente, acho que não.

Porque, como assim? Você poderia explicar?

Olha, eu acho que na saúde até seria melhor pra saúde assim, pra o cara se desestressar mesmo, era só bater uma bola ou coisa... que assim competição, muitas pessoas, não digo nem eu, mas muitas pessoas ficam estressadas por perder ou por ganhar no jogo. Ficam estressadas porque principalmente muita gente quer mesmo é só ganhar o jogo, não perder.

Mas no seu caso?

No meu caso, já é diferente, principalmente o que eu quero é jogar, entendeu? Ter algum... alguma coisa... atividade física pra fazer, alguma coisa pra desestressar.

Mas se você diz que vem pra cá pra jogar com seu amigo, que todas as vezes você disputa pontos né?... que você mesmo disse que isso é uma forma de competir...

É!

... ta certo que a forma de competir que você ta me dizendo, não é uma forma de um derrotar o outro, mas é uma forma de desestressar, é isso?... mas se você me diz que assim mesmo é competição, você não acha que isso...

...para algumas pessoas...

... pra você, você dizendo que vem pra cá, porque joga pontos, que isso realmente é competição, isso faz bem ou não pra sua saúde?

Pra minha saúde faz!

Porque?

Porque? Porque é uma forma de... é como se isso aí pra mim, de competição, de disputar pontos, pra mim é mais uma escolha de... “ah, vamo jogar como?” “Ah, vamo jogar só uns pontinhos”... é, pra mim é mais uma escolha. Tanto faz se eu jogar só umas bolas, bater umas bolas ou ganhar pontos, pra mim é mais uma escolha do que uma forma de jogar, entendeu?

Unhum... você acha que a competição exercida no tênis, ela se transfere pra algumas outras situações da vida cotidiana?

Com certeza!

Como assim?

Tipo... eu tava até... um dia eu tava jogando aqui... primeiro eu desestresso totalmente! O cara jogar ali tranquilamente, desestressa... poh! Desestressa muito!!! E é muito bom jogar atento, e outras vezes até pela competição que a gente vê... que a gente vê tênis na tv, o Guga, muitos outros tenistas, é... agora... dá pra ver o jeito que eles são, a forma que eles jogam, que eles... eles tão trabalhando ali! Realmente eles tão trabalhando ali, mas dá pra ver a lealdade dos caras quando eles... eles pegam uma bola que vai na fita e cai, eles pedem desculpa e realmente é... uma grande forma é a lealdade que existem entre os tenistas e que a gente pretende fazer sempre.

Essa forma de combater o estresse, que você disse que quando vem pra cá jogar tênis, isso é uma forma de competir também?

Entre... é... creio que não! Uma forma de competir, creio que não...

Uma forma de competir com o seu Bem-Estar...

É, aí sim!!! Porque sempre quando eu venho jogar, eu sempre fico melhor depois que eu acabo jogando, porque é uma coisa assim que me desestressa totalmente, aí depois eu consigo fazer... estudar tranquilamente depois de uma partida de tênis.

É... de alguma forma, de alguma... você acha que o teu estudo, a tua vivência assim, na escola, exige de você uma postura competitiva?

Claro! Com certeza!

Você poderia explicar?

Principalmente por que no colégio onde eu estudo é... tem muita gente... não competições; agora teve até as olimpíadas do colégio, entre os primeiros, terceiros e segundo anos, que não uma forma de competição, mas uma forma de confraternizar tudo mundo. É... isso certamente... é... competição pode tanto trazer brigas como coisas, mas se o cara, se a pessoa quer realmente, consegue confraternizar muitas pessoas, conseguir novos amigos, conseguir novas pessoas, interesses novos por... por isso..

Seus amigos ou parentes, eles lhe acham competitivo?

Acham!

Porque? Você poderia dizer alguma situação em que... porque que te acham competitivo?

Olha, realmente, pelo fato de eu estar sempre me movimentando, sempre... coisa... eles me acham competitivo realmente por isso, porque eu sempre to ativo, sempre to querendo fazer alguma coisa no esporte, alguma coisa pra ficar ligado, não ficar totalmente... só no estudo, só ... só tando aquele... muito estressado. Sempre eu to procurando alguma coisa pra desestressar e o que eu mais faço atualmente é o tênis, não só aqui na universidade, como em outros lugares.

Competição é movimento?

Não realmente, não o movimento em si. Competição realmente é.. pode ser... pode ser levado pra um fato positivo e um fato negativo, mas...

Mas sempre leva pra algum lugar...

Leva pra algum lugar, com certeza! E isso depende muito da pessoa em si que ta falando. Pra mim, sempre leva pra um fato positivo. Competição, claro que é... a pessoa se perde, se a pessoa não consegue o que ela quer realmente, ela fica... ela não fica tão

bem, ela fica mal realmente. Só por causa que a gente tem que levar sempre pro lado positivo essa... o fato dessa competição.

Então, o que lhe faz vir aqui jogar tênis?

O fato de desestressar!

Certo...

E o desestressar realmente é uma competição do dia a dia!

Então, o que faz você vir aqui de uma forma... acaba sendo a competição?

Geralmente! Como tudo na vida, muitas coisas são competição, competições... o cara, às vezes, nem percebe, mas são competições.

Você podia dar alguns exemplos?

O vestibular é um grande exemplo sobre isso, é uma competição entre vários alunos, vários... várias pessoas que tentam um lugar na universidade.

Não que necessariamente esteja querendo derrubar o outro, mas querendo...

Querendo ser... não melhor, mas querendo estar no lugar onde todo mundo quer! No início nem todo mundo pode ter, só alguns conseguem passar.

Então... já que você diz que a competição ela faz parte né?... de vários aspectos aí da vida, qual a importância da competição pra sua vida?

Olha, pra minha vida, como eu falei, só em aspectos positivos que... a gente sempre se perde, a gente tem que sempre... se perde em... ham... se perde na vida alguma coisa e na competição a gente tem que sempre tentar levar aquilo pra algum fato positivo e conseguir com aquilo, auxiliar várias outras coisas. Se eu perco no tênis, eu tenho... eu vejo o porque eu perdi no tênis, eu queria... eu vejo a bola que eu errei como na vida a mesma coisa, "porque eu errei aquilo?"... eu acho que é tudo, leva uma coisa a outra.

Perfeito! Então, o que significa competição pra você?

Olha, competição como deve ta no dicionário, é uma competição um entre o outro conquistando algum lugar. Mas, realmente não é isso! Competição é o fato de uma pessoa não perder nem ganhar, mas sim é conseguir um lugar... um lugar na vida; não só no tênis como no futebol, mas simplesmente na vida, no seu dia-a-dia. É... competição pode ser não conquistar uma vitória ou perder, mas sim uma alegria do seu dia-a-dia entendeu? Conquistar a alegria do seu dia-a-dia. Não... mesmo perdendo o cara pode até triste ou mal, mas sabe que aquilo... o cara tem que pensar assim, sabe que aquilo foi alguma coisa, tem que pensar no que ele errou pra conseguir novamente no seu dia-a-dia.

Pra ser melhor a cada dia...

Pra ser melhor a cada dia!

Perfeito... você quer comentar alguma coisa mais?

Não, eu acho que é isso! O fato de eu vir aqui jogar mesmo é consegui, conseguir na competição do dia-a-dia assim, desestressar pra conseguir... conseguir ter uma semana melhor um dia melhor, depois de eu ter vindo jogar tênis.

Isso faz bem pra sua saúde?

Totalmente!

Obrigada então RG!

Entrevista nº 4

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 4,AQM (S4,AQM)

Então vamos lá... vamos começar pelo mais simples... queria que você me dissesse o nome completo, idade... se apresentasse... idade, profissão ou ocupação...

Sou "AQM" tenho 22 anos e no momento eu to só estudando, né?... to terminando o curso de administração pela ÚNICA e aqui na federal faço Educação Física.

Você faz dois cursos?

Aham..

Como é? Você faz administração pela?...

Pela ÚNICA...

E Educação Física?

Pela UFSC.

Ah é?! Não sabia! (risos) e... solteiro?

Solteiro!

Mesmo? (risos)

Aham! (risos)

Vamo lá então... normalmente de que horas você vem aqui pra jogar tênis?

Geralmente terça e quinta ali pelas três horas.

Porque você escolhe esse horário pra vir jogar?

É porque eu e a FK a gente fazia aula nesse horário e daí como nesse semestre a gente não ta fazendo, mas é o tempo que sobra pra gente vir jogar, a gente continua vindo no mesmo horário que tinha aula no semestre passado.

Esse horário, ele é o mais apropriado pra essa prática ou não? ... ele ta adaptado a outras coisas aí?

(Breve pausa) Hummm... pra gente é o melhor horário.

Quando você tá muito atarefado, por exemplo, ta sem tempo, o que faz você vir aqui pra jogar... arrumar um tempinho pra vir aqui jogar tênis?

Pó... tênis é uma das poucas coisas assim...que eu deixo de fazer né? Mesmo quando eu to apertado o horário, o tempo, eu venho... eu venho jogar mesmo porque eu gosto.

Só por isso?

Aham!

Só porque gosta?

É!!!

Ta! Você costuma vir sozinho? Você disse que vem com FK né?

Isso!

Você combina com ela antes ou encontra com ela aqui ou você já veio alguma outra vez sozinho e aqui encontrou alguém pra jogar?

Não... sempre quando vem, eu combino com alguém antes pra mim jogar, ou com a FK ou então com uns amigos meus.

Se fosse pra vir aqui só pra bater paredão, por exemplo, você viria?

(Breve pausa) É mais difícil, mas eu viria.

É?...

Aham.

E quando você joga com FK ou com qualquer outra pessoa, normalmente vocês disputam pontos?

Sim!

Você se acha competitivo?

(Pausa) ah... com o pessoal que eu jogo, eu acredito que sim.

Você viria jogar com eles se não fosse pra jogar pontos, fosse só pra ficar trocando bola?

Viria. A gente já fez isso, vem com os amigos meus dó par gente ficar batendo pra pegar ritmo de jogo mesmo e, o jogo mesmo é mais parado e como a gente não tem uma... não fica direto jogando, daí o jogo fica mais parado né? Saca, faz o ponto aí para... daí trocando bola já fica mais....

Mas sempre que vocês vem, vocês jogam pontos?

Sim!

Porque, se bater bola você disse que é até mais divertido às vezes?

Ah... (risos) ... não sei porque... acho que é o costume de sempre querer fazer um jogo... (pausa prolongada)...

Então... você já deu alguns indícios né? Mas eu queria saber o que faz você vir aqui, o que o move a vira aqui, o que te move a vir aqui jogar tênis?

(Pausa prolongada)...

Pense aí, pode pensar a vontade...

(pausa prolongada... entrevistado pensativo)... é porque tênis é uma coisa que eu comecei a jogar desde pequeno, acho que desde os dez anos de idade eu jogo tênis. É uma coisa que eu gosto, cheguei a participar de campeonatos, daí eu tive que parar por causa de uma cirurgia que eu fiz, mas pô, eu voltei agora, faz pouco tempo, faz um ano e pouco que eu voltei a jogar... é uma atividade que eu gosto de fazer.

Você faz algum outro esporte?

Faço! Faço ciclismo.

E...

Já cheguei a treinar também pra competição... cheguei a participar do campeonato catarinense, mas... eu desisti... é muito puxado o treinamento.

Qual é a diferença de fazer um passeio de bicicleta e participar de uma prova de ciclismo?

O ritmo é totalmente diferente. No passeio tu vai... tu respeita o teu limite do teu corpo, né?... vai tranquilo olhando a paisagem. Na competição, mesmo que tu teja já no limite do teu corpo e tem um cara passando de ti, tu vai... vai forçar mais pra ir atrás dele.

Unhum... e qual a diferença de jogar com alguém, tênis e, jogar paredão?

(Pausa prolongada) Ah... daí vai depender do tipo de jogo que tu tá fazendo com a pessoa, que..

Independente... mesmo que seja só batendo bola ou jogando pontos, queria que você dissesse qual a diferença de bater paredão né?... e jogar com outra pessoa.

Ah, é a convivência que tu vai ta tendo com outra pessoa, com o paredão tu vai ta sozinho.. só... a bola ali vai depender só de ti. Já com outra pessoa, vai depender de como ele vai, vai responder a bola pra tu jogar... com outra pessoa tem uma interação maior.

Você acha que você está competindo nas duas situações?

Sim! No paredão ta competindo contigo mesmo, pra tu superar teus limites... que a parede não vai errar a bola pra ti, tu que erra a bola na parede. Daí tu tem que ta jogando sempre pra melhorar o teu rendimento e com outra pessoa, tu ta jogando pra ser melhor que ela.

Mesmo sem jogar pontos?

(pausa prolongada)... sim! (risos)

Como? Eu queria que você explicasse como é essa competição sem jogar pontos.

Mesmo sem jogar pontos, daí tem as jogadas que a gente bate mais forte, bate mais no canto, pra ver o... até mesmo pra ver se tu consegue fazer isso numa situação de jogo... sempre tem (risos)... as disputas assim.

O que é ser competitivo?

Competitivo... (pausa seguida de risos)...

Então... o que é ser competitivo?

(pausa)... eu acredito que seja tu... é... no tênis... é tu conseguir jogar com outra pessoa, é...tendo mais ou menos, o mesmo nível.

O que é ser competitivo no ciclismo?

(pausa prolongada)... essa perguntinha é difícil! (risos)

Mas é isso mesmo... o que é ser competitivo... no tênis.. no ciclismo..

Ah... seria tu ta preparado pra conseguir, no mínimo, acompanhar os adversários. O ciclismo tem muito de o resultado da prova dar os últimos 500m. Chega no finzinho e dá aquela arrancada e ...

Isso é ser competitivo?

Ah, eu acho que é tu... em todos os esportes né?... acredito que seja tu conseguir... é disputar de igual pra igual com os outros adversários.

O que é ser competitivo na vida?

(pausa prolongada)... seria tu ta... é... bem preparado, buscando teu espaço, disputando uma vaga no mercado de trabalho, por exemplo, com outras pessoas.

AQM, o que é que você acha que... não me lembro se eu já fiz essa pergunta, mas vou repetir... o que move você a vir aqui, então, pra jogar tênis?

Ah, é mais a vontade de vim jogar, de me divertir um pouco... é que nem eu já tinha falado já, que eu pratico a bastante tempo e é uma coisa... uma atividade que eu gosto.

Quais os aspectos positivos dessa competição que a gente ta falando aqui, sobre o que é ser competitivo? O que é que tu acha que é de positivo nisso?

Positivo é que quando tem uma disputa, tu sempre vai ta buscando é... te superar né?... buscar melhorar pra... (pausa prolongada)... é...

Fale o que você acha mesmo, o que vier na cabeça. Não se preocupe com isso não, a gente ta conversando... o que é que você acha que é positivo, tentar... primeiro eu perguntei a você o que era ser competitivo...

Aham...

E aí você me respondeu: - no tênis, ser competitivo é isso... no ciclismo é isso e o que é que você tira de positivo disso, dessa situação, entendeu? Dessa forma de ser competitivo? Dessa forma de competição? O que é que sai daí... de bom?

É... de bom é tu ta sempre tentando superar os teus limites, é melhorar o teu desempenho... (pausa)... tentar buscando ficar melhor pros outros.

Certo... você acredita que a competição, ela pode auxiliar na sua saúde? De alguma maneira?

(pausa prolongada)

...depois de tudo isso que a gente falou de competição, você acha que ela pode lhe auxiliar na saúde?

Ela até pode ajudar, mas eu vejo muito mais pontos negativos na competição que positivos.

Ah é? Quais?

Começando pelo treinamento, que o treinamento de atleta, eu acho que é muito desgastante... no ciclismo, se... se tu quisesse ser um bom atleta, tem que pedalar no mínimo quatro horas por dia e nas outras quatro horas, tu fazer um trabalho de musculação, de academia, pra tu poder buscar ta entre os melhores...

Mas a gente ta... ta falando assim, do AQM que joga tênis duas vezes por semana com a FK, que joga pontos com ela....

Ah ta...

E que isso é competição também... não to excluindo essa possibilidade não. Eu entendo o que você ta falando, ta? Mas assim é... competir é competir, né? Então... eu entendo o que você está dizendo porque quando se fala em aspectos do treinamento, a gente fala assim como você ta falando, alto nível... isso aí já é outra história, mas o AQM que compete também aqui, com a FK jogando tênis? O AQM que compete com o paredão, sabe? Como é que essa competição pode influenciar na sua saúde? Como é que você acha que ela pode influenciar?

Ah, nesse caso, ta ajudando porque eu to vindo aqui fazer atividade... atividade física que... embora eu esteja jogando com a FK, eu não jogo 100% do que eu posso, eu sempre seguro o braço e dou uma aliviada porque... se eu começar a soltar o braço, vou jogar pra fora e começo a ficar irritado (risos)... mais é pela atividade física que eu venho fazendo aqui.

Só por isso?

(pausa prolongada)...

... como é que você percebe essa competição, por exemplo, fora das quadras?

Em que aspecto?

Todos! Como é que você percebe “a competição” fora das quadras?

(pausa)...

... sem ser essa de disputar pontos... que isso é uma forma de competir, assim como é uma forma de competir não disputar pontos, mas jogar com o paredão, entendeu? A “competição” fora das quadras, fora do esporte, como é que você consegue ver?

Oh ... tem competição em tudo eu acho na vida, desde que tu... na família, tu ta competindo com teus irmãos. Um quer ser melhor que o outro, quer chamar mais atenção do pai quando criança... no mercado de trabalho, tu vai ta competindo com outras pessoas por um emprego ou por uma vaga na universidade. Tudo que tu olhar vai ter competição.

Agora você acha que a competição exercida, assim, quando você ta jogando tênis, né?... ela se transfere pra essas outras situações do cotidiano?

(pausa prolongada)... eu acho que se transfere!

Como?

Porque tu sempre vai ta querendo ganhar, ta na frente...

E?...

Eu num... num digo assim transferir a competição do tênis, mas eu acho que tudo que a gente faz, tu vai querer ta... é... ta buscando ganhar... ficar na frente dos outros, ser melhor que os outros, ai..

Você acha que a universidade né?... o curso que você faz, ele exige de você alguma postura competitiva?

Exige!

Como?

Aqui na federal tem o índice né? Que daí pra tu fazer a matrícula, tu... vai depender do índice. Se tu tiver um índice menor que os outros que... tem 30 vagas na matéria que tu quer fazer e daí tem 30 pessoas na tua frente com o índice melhor que o teu, daí se tu pedir a mesma matéria que eles, tu vai ficar de fora; tua nota não é tão boa quanto a deles. Isso já é uma competição entre os alunos da turma porque eles vão querer estar na frente pra poder pegar as matérias melhores, pra ter os melhores horários na grade...

Isso te mobiliza a agir de alguma forma?

No início do curso eu tava... eu me preocupava sim... "ah, eu tenho que tirar uma nota boa por causa do índice", mas agora eu não me preocupo tanto com isso, eu quero aprender e tirar... tirar o que eu vou utilizar na minha vida de cada matéria. Não me preocupo muito com nota.

Acaba sendo uma decorrência também?

Aham!

Seus amigos ou parentes eles... eles te acham competitivo?

(pausa prolongada)... parentes...

Tem alguma situação assim em que eles tenha te achado competitivo? Você lembra se eles te acham competitivo?

(pausa prolongada)... ah, eu to tentando lembrar de alguma... vamos dizer... parte física né? Eu faço atividade junto com meu pai, atividade física, a gente vai pedalar... passear... mas sempre tem as competições também...(risos)

Ah, mas é... é um exemplo né?

Aham..

Porque assim AQM, o que eu to vendo, é como se você estivesse separando as competições né? Competição é competição!

Aham...

Então é isso que eu queria...

É que eu tava tentando me lembrar, mas é mais difícil tu lembrar uma...

É bem mais difícil...

Tu lembrar de uma competição fora do... do esporte.

Unhum...mas com teu pai acontece isso? Ele fica tentando te vencer, é isso?

Aham...

Como é? O que acontece?

Não... quando a gente sai a pedalar ele fica tentando... ele fica indo na minha frente... só que daí eu não deixo (risos)... eu corro na frente dele e fico mantendo o ritmo, só que eu tenho melhor preparo que ele né? Talvez pela idade...

É...

Ele já ta perto dos 50...

Você acha que a competição, ela... ela é importante pra sua vida? Como ela... qual a importância da competição pra sua vida?

(pausa prolongada)... problema no mercado de trabalho... a competição, ela vai ser importante pra... pra eu ta me aprimorando na atividade que eu vou escolher, minha profissão, pra eu ta evoluindo porque... tem muitas pessoas também no... então elas fazem cursos de especialização, fazem um monte de coisas que... vai limitando o mercado, ficam cada vez mais saindo profissionais das universidades e faltando espaço pra trabalhar e daí só os mais bem qualificados vão ter espaço e isso vai... essa competição vai fazer com que a gente evolua pra ta buscando nosso espaço.

Então você se acha competitivo?

Eu acho!

Nesse sentido né?

Aham...

Então AQM, eu queria... depois de tudo que a gente falou sobre aqui sobre competição, eu queria que você dissesse o que significa competição pra vc?

(pausa prolongada).....

E agora?

A competição a..... disputa... (pausa)... é a disputa que acontece entre as pessoas pra... pra se buscar o... (pausa)... ta difícil! (risos)

É, é bem difícil! A gente parece que sabe, mas não sabe como falar né?

Aham!

Mas vamos lá... terminar essa frase aí! Uma disputa entre pessoas...

Uma disputa entre pessoas pra ... é... buscando ser o melhor, ta na frente dos outros...

Você quer comentar mais alguma coisa?

Não! (risos).

Então é isso!

Entrevista nº 5

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 5,KT (S5,KT)

Então vamos começar primeiro pela sua identificação, né? ... seu nome, idade, profissão... o que é que você faz?...

Meu nome é "Cris Evert", eu tenho 41 anos, sou psicóloga, casada, mãe de dois filhos. Um de 21 e uma de 20.

Certo... quando você vem aqui jogar tênis, normalmente você vem que horas... jogar?

De manhã... na parte da manhã.

De manhã que horas?

Dá... tenho aula nas terças as 9h, tenho aula nas quartas as 8h da manhã e quintas as 9h.

E... sem ser as aulas, quando você vem jogar com outras pessoas?

Geralmente eu venho duas vezes por semana, a... na... quer dizer, eu vinha, porque agora já não dá mais, porque meu horário muda muito conforme o meu horário de consultório. Então tem que mudar muito esses horários, mas geralmente eu venho na quinta, daí a tarde à uma e meia (13h 30min), só que hoje eu não vou vir, mas geralmente eu jogo quintas à uma e meia (13h 30min) e finais de semana quando a gente reserva quadra. Daí sábados e domingos.

E normalmente sábado e domingo você vem que horas?

Ah, a partir de 10 horas da manhã, 10h, 11h, conforme a gente consegue quadra né?

Porque você escolhe esse horário pra vir jogar?

Porque eu gosto mais desse horário da manhã!

É? E a tarde, uma e meia (13h 30min) da tarde quando você vem, porque esse horário?

Porque é o horário que eu poso, por causa do consultório, entendesse? É um horário que no consultório é fraco, meu... meu forte no consultório é de tardezinha à noite, então eu... eu né?... por isso que eu venho de manhã, entende? E eu gosto de vir de manhã. Eu prefiro jogar de manhã.

Você acha que esse horário é o mais indicado pra...?

Pra mim! Eu gosto no inverno e no verão! No verão porque é fresquinho e porque eu acordo cedo! Por isso!

Ta! Quando você ta muito atarefada, né?... com pouco tempo, o que faz você arrumar um tempinho e vir aqui jogar tênis?

O que é que faz??? Ah a minha motivação e meu amor pelo tênis!

Unhum... você costuma vir sozinha?

Não, sozinha não porque não tem como jogar sozinha né?

Não... eu digo assim, você costuma vir sozinha e encontrar com pessoas aqui pra jogar ?...

Sim...sim!

... ou você combina com alguém antes?

Não... eu venho sozinha, combinada antes e a pessoa vem também sozinha né? Aí a gente se encontra aqui.

Mas assim Evert, se fosse pra vir, por exemplo, pra bater paredão, você viria?

Não! Só pra jogar mesmo!... ou fazer aula.

Aham... então o que lhe faz vir aqui? O que te move a vir aqui?

Gostar de tênis! De jogar tênis!!

Você se acha competitiva?

Bastante competitiva!

Ah é?

Eu gosto do tênis por causa disso! Você ta sempre se superando, sempre melhorando, nunca... o jogo de tênis é muito plástico, tu ta sempre te melhorando, sempre modificando o teu jogo e é essa questão que eu gosto, porque o tênis é competitivo e agressivo. É o meu estilo assim...

Quando você joga com outras pessoas né?... vocês sempre jogam pontos?

Sim, sempre!

Então, se fosse pra vir aqui só pra bater bola, você viria?

Sem competição não!!! (Indagou com cara estranha)... não tem graça!

O que é ser competitivo?... competitiva né?

O que é que é ser competitiva?... (pausa para pensar)... é gostar de ganhar eu acho! Gostar de ganhar, não aceitar perder... porque no tênis tu perde pra ti mesmo né? Tu não pode errar. Na verdade o tênis é se tu... quanto menos tu erra, mais pontos tu ganha!

Unhum... seria isso?

É contigo mesmo eu acho que é o tênis né? O tênis é uma superação de ti mesmo eu acho! É uma competição contigo mesmo! Se eu penso o que eu jogava há dois meses atrás é diferente do que eu jogo hoje! Dois meses!!! É uma coisa... por isso que eu acho que o tênis é plástico, ele... ele se modifica muito.

Você acha então que é a competição que te trás aqui?... de certa forma?... é o que te move a vir aqui?

Não sei se é a competição (pausa)... acho que é a (pausa) dentro dos esportes, eu tenho 41 anos, eu já... já joguei vôlei, já joguei... já joguei ham... outras... fiz outros esportes, fiz academia, mas nada... eu parei... natação... nada me motivou. O tênis me motiva por essa questão de competição e essa questão de tu sempre tu ter... tu melhora, sempre tu te supera, sempre entende? Sempre tu ta melhorando! Porque num outro esporte, eu num... nem vejo assim!...

Quais os aspectos positivos então que você destaca nessa competição que você fala tanto?... que te motiva? O que é que você tira de positivo disso?

Eu acho assim oh, o teu... o teu corpo né?... é uma... um exercício aeróbico né? Tu ta... que é muito melhor tu ta... que é muito melhor tu ta jogando tênis, do que ficar correndo na Beira-Mar ou caminhando na Beira-Mar, no meu... no meu... pro meu gosto né? Tem gente que gosta mais de fazer isso, eu não, eu gosto de ta ali brinc... porque é brincar também, o tênis é brincar!... Então tu ta brincando né? E ao mesmo tempo competindo, jogando... é divertido nesse sentido! O Que é que tu perguntou, desculpa...

O que é positivo nessa competição! Quais são os aspectos positivos dessa competição? Que tu ta fazendo um exercício físico de uma forma gostosa! Não de uma forma... aí...aquela coisa na frente do professor e dela que puxar ferro, coisa assim... não! Tu ta fazendo uma coisa se divertindo!

Como é que você percebe a “competição”... a competição fora das quadras de tênis? Na vida? Competição? (pausa prolongada)... competição na vida... (pausa prolongada)... fazer o melhor possível, o melhor.... o melhor que você pode, entende? E sempre nisso buscar o melhor possível!

Pra que buscar o melhor possível?

(pausa prolongada)... ta me faltando uma palavra, quer parar um pouquinho?

Ta, pode ser, é o tempo que eu viro a fita!

Eu acho que o tênis tem muito de perfeccionismo, de sempre ta buscando a batida perfeita, a batida correta né? E antes de competição, o que é que tu me perguntasse... porque é que a competição também?... porque a gente, na família a gente joga tênis! Meu marido, meu filho e eu! E nossos amigos também! Então, é nesse sentido competir, quem ta melhor na esquerda, quem faz o melhor saque, entende? E nisso sempre ta buscando melhorar. Acho que há uma competição entre os amigos e a família, entre o grupo que tu joga. Nesse sentido!

Então, voltando a pergunta aqui assim, que eu te fiz, fora das quadras de tênis... você disse assim... buscando sempre... é isso que você acha?

É, eu acho que é isso!

Então essa... buscando sempre essa perfeição, se transfere pra outros sentidos da vida? Foi isso que você quis dizer?

Não sei... se é outras coisas.... porque na minha profissão eu sempre procuro... porque eu não comp... não tem uma competição uma competição com ninguém na minha profissão, só com meu paciente, competir no sentido de fazer alcançar os resultados que eu quero, mas não é uma competição com alguém, é uma busca, né?! Então... não sei... a minha profissão não tem esse coisa de competição. Não sei... profissão, em casa também... não vejo isso assim, mas eu sempre era uma menina muito... tinha um estilo desde criança assim, de competição. Então, eu vejo que isso eu consegui desenvolver, eu consegui colo... focalizar do tênis, entende? É uma parte infantil minha que... que eu posso extravasar no tênis, entende?

Há quanto tempo você joga tênis Evert?

Efetivo mesmo dois anos.

Dois anos... você usa a mesma raquete desde o primeiro ano?

Não!!! (a entrevistada faz expressões de espanto e desdém)

Você trocou de raquete quantas vezes?

Vixe... umas quatro ou cinco vezes.

Porque você trocou de raquete?

Pra melhorar!!! (risos).. vai melhorando a raquete... (risos)

Você acha que isso é uma forma de competição?

A raquete? É um status né? A raquete, depende da raquete que tu tem, é o status e o jogo é bem diferente da... a minha primeira raquete, de hoje é... é outra coisa!

Mas, você trocou a raquete para melhorar...

O jogo...

E pra que você quer melhorar o jogo?

Não entendo o porque dessa pergunta... porque que eu quero melhorar? Porque eu quero ser boa no jogo, no tênis!

E isso não é uma forma de competir com os outros, você querendo ser melhor?

Sim, claro!

É....

Mas dentro... eu sei os meus limites, entende? Não é um delírio! Dentro da minha idade, 41 anos, a minha forma física, entende? Tanto que a competição que eu tenho... apesar de que eu jogo com meu filho e com meu marido que não tem nada haver com a minha categoria e, às vezes, eu ganho deles né? Mas nos torneios era na minha faixa etária.

Claro, claro.... você acha que a competição exercida no tênis, né?.. ela se transfere pra outras situações do cotidiano?

(Pausa prolongada)... eu escrevi até um artigo sobre isso! “Mudanças no tênis e mudanças na vida”... que lá em casa eu fui a primeira a ir pro tênis, né?... e eu sempre procurava... tem tempo?

Tem, claro... eu tô só vendo se tava gravando mesmo!

Não sei se isso é chato depois pra tu escutar...

Não... de jeito nenhum! Isso é importantíssimo, pode falar!

Eu comecei no tênis já... eu digo o efetivo, dois anos que eu tô no tênis, mas eu comecei no tênis há uns 14 anos atrás, eu fiz algumas aulas e tal e, eu sempre queria porque é um esporte que é legal marido e mulher jogarem juntos né? É um esporte, acho que um dos poucos esportes que o homem e a mulher não tem tanta diferença assim no físico né? Então, mas meu marido demorou, fazem dois anos agora que ele joga... puxa! Me perdi, o que era que eu tava falando?

O artigo que você escreveu sobre...

Daí eu coloquei... eu coloquei assim que nós na família, a gente tava a... com mudança, assim, os filhos estavam crescendo, távam indo embora e eu tava precisando preencher essa falta, assim de brincar, entende?... de jogo, que a gente tinha na família, aí eu voltei pro tênis e nisso meu marido começou também a voltar e meu filho também e eu comecei a fazer aula, né? E eles foram atrás e eu escrevi um artigo sobre isso né?... como se, como um... quando um muda num sistema, vem outros mudando atrás, né? É como cada um quer se superar daí né? Porque daí eu comecei a ficar melhor que eles no tênis, aí eles se sentiram na obrigação de fazer aula também né?...

Se sentiram desafiados...

Desafiados a também começar e melhorar né? Então até eu coloquei no artigo: “por enquanto eu to ganhando deles né?” Mas to vendo que daqui a pouco eles já vão me superar né? É um artigo bem legal, se depois tu quiser ler...

Claro, queria sim. Depois se você puder me emprestar?! Então...

Nesse sentido né? Mudando... porque eu trabalho com sistemas no consultório né? Famílias... mudando um, como os outros também mudam né? E puxam né? Se um começa a competir se destacar numa coisa, ou outros vem atrás. Campeonato, eu que comecei e os outros vieram atrás, Poh!... Viram o troféu: - Poh!!! começa a se destacar em alguma coisa.... aí viram o troféu em casa, “poh mãe ganhou um troféu! Então também posso né?” Meu filho daí começou também entende? “Eu também quero né?!” Uma ambição né?! Uma ambição saudável! “Poxa mãe... a minha mãe conseguiu esse troféu, eu também quero!” E assim, meu marido também foi nesse...

Você acha que isso proporciona... tem proporcionado ou proporciona é... alguma influência na saúde?

Com certeza!!! Na minha principalmente! Eu tinha problema de obesidade enorme e, hoje em dia eu posso comer o que eu quero e não tenho problema de obesidade.

Você acha que a competição ela... ela pode influenciar então na saúde?

Com certeza!!! Se bem dirigida?...

Ta! A pergunta que eu vou fazer agora, ela tem muito haver com o que a gente ta conversando né? Se seus amigos ou seus parentes né... eles te acham competitiva?

Muito!!!

Você poderia comentar alguma situação que você viveu com eles, porque eles te acham competitiva?

Por ter essa garra né?! Porque poucas mulheres da minha idade... é difícil, principalmente aqui em Florianópolis, juntar um grupo de 20 mulheres pra fazer um torneio. É bem difícil! Em Curitiba já não! Em Curitiba é fácil tu juntar 60, 80 mulheres. Eu participo também de torneio em Curitiba uma vez por mês. Então, o que é que?... Se meus amigos?... Sim!!! As minhas amigas aqui não jogam. Eu jogo com os maridos Delas e meu marido e meu filho. Eu sou a única mulher do grupo para jogar. Então elas realmente me admiram por isso! Por que eu jogo em torneios; porque eu viajo, porque elas não fazem isso! Elas me acham bem competitiva nesse sentido, né? Que eu gosto disso!

É, pelo que eu to vendo, é.. pelo que a gente ta conversando né? Eu queria então saber qual a importância, eu queria que você falasse em algumas palavras, qual a importância da competição pra sua vida?

Competição é pra mim, é uma motivação, entende? É uma motivação no sentido de se superar! Não sei se isso tem a ver com as bases de educação que eu tive né? De origem alemã que é sempre no sentido de perfeccionismo, de melhorar. Então é uma... competição é na verdade contigo mesma, de melhorar, de se superar, de tu de buscar objetivos. Agora eu to buscando minha esquerda, entende? Eu quero melhorar essa minha esquerda! Então é comigo mesma essa competição, entende?

Ta! Você quer comentar mais alguma coisa sobre isso?

Não sei se ajudei!

Claro, claro que ajudou!

É? É?

Então era isso! Você tem mais alguma coisa para comentar?

Não!

Então obrigada Evert!

Imagina!

Entrevista nº 6

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 6,TR (S6,TR)

Eu queria que você começasse dizendo seu nome, idade, o que você faz, trabalha em que, se é casado, solteiro...?

Ta, meu nome é TR, eu estudo na UFSC a dois anos, faço engenharia química... ah, sou solteiro, tô indo pra quinta fase em engenharia química... ah...

Você não trabalha em nada...?

Não, não!

Só estuda?

Só estudo... eu até trabalhei na segunda... na segunda fase, eu trabalhei no laboratório, mas agora não trabalho mais.

Estágio, nada?!

Nada!

Quando você vem jogar tênis aqui, você vem que horas mais ou menos?

Hum... mais ou menos um horário... se eu venho de manhã nove horas (9h), oito horas (8h) pra conseguir melhor uma quadra de primeira, ninguém fica esperando e logo depois do meio dia que também ninguém joga, é um horário legal pra jogar. A gente almoça onze horas (11h) ou almoça depois pra conseguir pegar quadra legal, tal...

Você acha que esse horário é o mais apropriado?

Hum... pra o esporte eu acho que não! Mas por... em virtude da quadra e tudo mais a gente acaba se esforçando um pouquinho pelo menos uma vez por semana, duas.

No teu questionário, eu tava olhando, tem uma pergunta ali que diz assim: quais as quatro principais dificuldades e as quatro principais facilidades pra você vir praticar né?...

e aí você colocou que a principal é a “falta de tempo” e a principal facilidade é a “vontade”. Então assim, a minha pergunta é assim: - quando você está muito atarefado com tuas coisas, com teus estudos, o que é que te faz arranjar um tempinho pra vir aqui jogar tênis?

Ah, da mesma forma que eu penso que, que trabalhar seria legal, mesmo com a falta de tempo... eu gostaria de fazer alguma coisa, uma coisa que eu realmente gostasse, assim de repente na minha área porque, só estudar eu acho que não faz você tá de bem com a vida e tá de bem. Porque, às vezes, você vai pra casa e pensa: “poh, não tenho tempo pra nada! Eu tenho que estudar e tal”... mas uma televisão, cara, te chamando, uma novela, uma malhação, então acaba ficando aquela monotonia de tu não conseguir nem dormir, às vezes, direito, porque você ficou naquela, naquele... naquele negócio, você tinha que estudar, mas alguma coisa tava te chamando pra ti não estudar, às vezes tu deixa uma tarefa pra fazer, pra amanhã e não pode nem dormir direito, preocupado por não ter feito o que tinha que fazer e tava em casa sem fazer nada, tava em casa mofando em casa, então realmente eu acho um tempo pra isso, pra... porque a cada vez que eu faço algum esporte, alguma coisa, eu volto pra casa com nova energia. A gente perde energia, mas eu acho que pra mim é o contrário, libera assim! É bem melhor, porque consigo dormir melhor e uma boa noite de sono faz com que... o próximo dia seja bem mais construtivo.

Você faz algum outro esporte, alguma outra atividade física?

Tênis eu nunca fiz na minha vida, faço a seis meses só, que eu comprei a raquete por livre e espontânea vontade e, mas os meus amigos, ninguém tinha raquete, ninguém tinha vontade. Até, de repente, tinham vontade, mas não queriam gastar, não sabiam se davam pra vir e tal, mas daí eu encontrei um amigo meu que joga já, acho que tá indo pra sétima fase, joga desde a primeira fase e já treinou também, contratou um veinho pra treinar ele e daí ele tinha raquete, três, quatro raquetes. Eu comprei uma pra mim e peguei emprestado com eles e sempre convidava outros amigos que não tinham raquete pra vir e eu aprender ao mesmo tempo, jogar com pessoas que não sabiam tanto pra ir aprendendo e foi assim que eu aprendi!

Porque o tênis?

Ah, pelas quadras né? E porque não tem gasto pra ter algum acesso, jogar né? Era só raquete e bolinhas. Foi o que eu adquiri e comecei. E como eu escrevi no questionário, não é o primeiro esporte da minha vida, o primeiro esporte eu acho que o esporte internacional que é o futebol, mas salão e tal que é o que realmente, na minha cidade como eu te falei, lá são 250.000 habitantes, mas tem quinze ginásios. Aqui se tu for ver, tem quatro, cinco e não é muito perto não, então falta bastante isso e aqueles que tem aqui próximo da.. ginásio aqui, não tem acesso. Isso foi uma coisa que eu acho que eu escrevi ali, que o meu primeiro esporte é o futebol de salão, mas não tem acesso aqui que sábado e domingo é fechado. Não digo pra comunidade pra comunidade, de repente, pra faculdade, no caso, pros alunos da faculdade seria uma opção. Mas o tênis compensa, pelo menos é um esporte, uma coisinha legal!

Quando você vem pra cá jogar, você vem sozinho?

Ah... venho... depende, depende! Acho que eu venho mais sozinho e encontro as pessoas aqui. Trago as duas raquetes e encontro aqui.

Mas... sozinho que eu digo assim, você vem e aqui... você acha alguém pra jogar?

Encontro.... não, nunca fiz, eu sempre convido antes. As vezes as pessoas tem raquete, vem e jogam, às vezes eu trago as duas que eu tenho, né? E bolinha e tal e só ligo dizendo: “amanhã dez horas da manhã, amanhã nove horas da manhã, amanhã depois do meio dia (risos)”...

Você se acha competitivo?

Hum... ainda não! Mas já disseram que pra... décimo segundo jogo, décimo quinto jogo; que só vi isso né? Por mais que eu faça só há seis meses, só quatro, cinco meses, ah... que eu melhorei bastante, até, eu acho que... eu tava até contando ainda, porque saiu um número da cabeça, no décimo jogo eu já tava disputando campeonato da, do “equiar” (nomenclatura desconhecida por parte da pesquisadora), que é só quem gosta e tal.

Primeiro jogo eu ganhei de uma pessoa que todo mundo achava que eu ia tomar um “zero” (perder de zero). A gente faz de nove sets e eu ganhei o primeiro e ganhei o segundo, daí eu: “poh!” Eu jurando que ia perder de zero. Daí ele pegou virou quatro a dois, daí eu fiz mais cinco seguidos, daí ele se desestruturou, daí eu ganhei! Foi nove, sete (9x7) o set.

Parabéns!

Daí depois eu levei um nabo (risos)!!! Não teve como. Na segunda foi nove, dois (9x2) acho. Daí... mas pra mim... pra mim que não treinei e tal.. até esse carinho que me emprestou a raquete, ele falou um dia: “oh TH, pega e contrata um cara e tal que nem eu fiz”, porque ele joga bem, foi pra ele que eu perdi de nove a dois... ah... “contrata o cara...”... não cara, eu não quero me profissionalizar, não quero nada. Meu primeiro esporte não é esse, mas é pra brincar é pra extravasar e vir aqui e ver pessoas e tal e até você um dia jogou, outras vezes eu e ele, então até mesmo pra gente... poh a gente se ver mais, conversar mais, que a gente nem é da mesma fase... ele é namorado da minha melhor amiga, sabe? Daí é bom ter uma amizade com uma namorada, porque, de repente, o cara é ciumento, tal (risos), então eu prefiro ter uma amizade melhor com ele e é isso!

Mas o que é ser competitivo então?

Ser competitivo? Ah... pra mim que seria ser competitivo... ser competitivo é ter capacidade de ganhar e enfrentar qualquer pessoa eu acho. É você saber que uma pessoa joga muito, meu próprio amigo dá pra se dizer e você...eu nunca ganhei dele...e você chegar e dizer: “não, hoje eu vou ganhar, porque hoje eu vou tirar energia... eu sei que mesmo eu tirando energia de onde eu não tenho, vou ganhar daquela pessoa!” Competitividade pra mim é eu sentir, eu antes de tudo “sentir” que eu posso ganhar! Hum... por enquanto ainda eu não sou muito competitivo, mas eu sinto que posso melhorar, como eu te falei! Com pouco tempo eu já peguei, sem treinamento, sem nada! Bastante coisas né

Se fosse o caso, por exemplo, de você vir pra cá, só pra bater paredão, você viria?
O que é que é “bater paredão”?

Jogar com a parede!

Nunca tentei! Sei lá, se for divertido?! Posso tentar por vontade, posso tentar uma vez, duas vezes, se eu não gostar, mas nunca testei. Eu já joguei paddle (Lê-se “padow”, jogo com raquetes parecido com o tênis), você sabe que paddle tem paredão também.

Às vezes que você aqui jogar com seus amigos, vocês sempre disputam pontos?

Ponto!

Se fosse o caso de vir então... “hoje a gente não vai disputar pontos, a gente vai só jogar, vai só bater bola!” Você viria?

Hoje? Eu viria, viria!

Certo... o que você acha que te move a vir aqui então? Porque tu vem aqui?

Por isso! Pra fazer alguma coisa legal, ver pessoas... na engenharia que a gente faz, a gente tem muitos deveres e muitas vezes e, às vezes, muitos exigem nossos próprios amigos e a gente não consegue ter muito contato, então é um momento de extravasar, um momento de libertar a cabeça e também ao mesmo tempo, ver as pessoas que você gosta, brincar, da risada e descontrair um pouco da engenharia que é um saco! (risos)

É, você diz que gosta muito de jogar futebol né? Vou tentar dar outro exemplo aqui... é comum os homens se reunirem pra jogar aquela “peladinha” (jogo de futebol de finais de semana), né?

Sim!

Tem graça jogar a “peladinha” sem fazer gol?

Tem, tem graça! Tem graça... se o meu melhor amigo, até eu tô bastante triste porque ele foi pra Porto Alegre, num se adaptou aqui, até se adaptou, mas ele mora em Caxias, então ele pediu transferência, fazer uma prova e passou na URGS, foi pra URGS e ele é um cara que não faz gol, mas ele é um cara que eu melhor vi jogar, na minha vida inteira eu acho! Que joga mui... ele é fixo assim, no salão! Ele não é acostumado a fazer gol, quando faz é lindo, mas não é acostumado! Eu já... o meu papel é... é... eu gosto de jogar

na frente e fazer gol e... em todos os times que eu joguei, já joguei em Passo Fundo, era fazer gol, meu papel era fazer gol!

Mas eu tô falando “não ter gol!”

Não... se eu não faço gol...

Não, mas eu falo no jogo!

Ah, no jogo! Eu achei que era eu! (risos). No jogo? Olha eu não noto, mas eu acho que faz parte, às vezes, você... o resultado te favorece... teve agora no final do brasileiro...

Não... eu acho que eu não tô conseguindo me fazer entender...

... o primeiro jogo foi dois a um (2x1), é... foi poucos gols e quase que por acaso aconteceu isso do gol e acho que foi um jogão, não precisa ter gol.

O que eu tô tentando dizer é assim oh... o objetivo do futebol é o gol. Às vezes tem partidas que não tem gol, tudo bem! Mas teria graça jogar o futebol se o objetivo não fosse o gol? Não tem gol!

Ah... agora você fez melhor a pergunta! Futebol? (risos)... sinceramente, não teria. Pra futebol eu acho que não teria não...

Porque é...

Só se fosse um treinamento... só se for num treinamento...

A regra é não fazer gol!

Não fazer gol! Então não, pra mim é irreal! Não seria o meu primeiro esporte eu acho!

(COMPETITIVO)

Porque?

Porque eu acho que... eu acho que eu joguei futebol de salão pela facilidade de se sair gol. Poh, tem comemorações de você se destacar, num campo de futebol inteiro ou campo de futebol onze, você não se destaca tanto às vezes, porque é mais difícil fazer gol, é mais complicado. Ali é um jogo rápido, eu sou um cara bastante ágil e rápido, pra mim é tudo de bom! Mas eu acho que um não tem nada a ver sem gol.

Essa vontade de ser destaque, né? Eu acho que não é nem vontade, é uma coisa que vem mais de dentro, eu entendo isso... isso não é uma maneira de competir com os outros homens? Mesmo que seja em benefício da equipe?

Hum... não sei! Nunca parei pra pensar! (responde surpreso à pergunta), mas... na primeira fase quando a gente jogava futebol, eu era destaque, sempre fui! Modéstia parte, sempre fui! Mas sempre reclamavam que eu levava muito o time nas costas. Que eu não confiava nos próprios colegas de time. Porque o nosso time, da nossa turma, ele se fez por acaso, assim... “ah, chegou um outro carinha de transferência; ah, tu entra no time, fechou!” Entendeu? Uma coisa meio forçada, uma coisa que não eram pessoas que gostavam daquilo, de jogar. Então eu levava o time nas costas né? Teve um momento em que a gente conversou e disseram: “não, tudo bem, ta ganhando, mas tu ta levando o time nas costas, de repente não é assim e tal...” e a partir dali, daquela conversa, eu passei a ser um cara completamente diferente, comecei a “tocar” (fazer passe) mais, comecei a mudar e tal e eu acho que “destaque”, já passou pela cabeça isso, mas é a consequência de quando você faz bem o papel! Ma não é... eu acho que não é pra competir, é no caso mesmo pra levar o time, mas, às vezes, você tem que levar porque as pessoas não tem tanta capacidade do que você e você se destaca, mas sem gol é impossível! (risos)

Quais são os aspectos positivos da competição? O que é que você consegue enxergar de positivo?

De positivo na competição? Um dos aspectos positivos é... é você... apesar de você se destacar e tal, você para pra pensar, às vezes, que você pode ta se destacando, mas você pode ta tirando o espaço de uma outra pessoa. Se você mudasse um pouquinho o estilo e tal, hã, poderia ser duas vezes melhor a competição, você levar o time. Essa conversa que eu levo, eu acho que eu vou levar pro resto da vida... o time ta pronto pra se desfazer e um que hoje eu sou bem amigo, ele comentou: “oh, se de repente for o contrário...” e foi perfeito e eu acho que a gente nunca ais perdeu depois disso e... aí ele até elogia cada jogo que acaba: “nossa! Hoje tu jogou demais! Tocou demais a bola, até tocou demais que eu errei demais!” Ou que nem a gente perdeu na final do inter-cursos e

ele: “ah, nossa! Hoje tu tocou demais e eu é que deixei a desejar, tu devia ter ido sozinho!” Sabe, aquela cumplicidade! Então a cumplicidade de saber que, às vezes, você saber que o outro erra... por isso que é bom jogar em grupo, às vezes, o outro erra, mas você tem que saber levar! Ham... um outro lado positivo da competição é que você... competição é sempre legal, mas eu acho que lados positivos que você possa dizer, eu acho que são poucos assim...

Você acha que a competição pode influenciar na sua saúde de alguma forma?

Ah, eu acho que sim, se tivessem várias competições aqui, eu até jogava em um time eu acho aqui de futebol de salão. Se tivesse uma competição pra nossa idade aqui na faculdade... a única coisa que tem é o inter cursos, mas é muita “panelinha” (expressão usada que remete a um significado de “trapaça”) então antes de... e eu também sou daquele tipo que – lembrei – se tem pessoas que eu acho que fazem melhor que eu, eu nem vou atrás, se precisarem de mim, pode saber que eu tô dentro, entendeu? Mas eu vejo que é muita panelinha, entendeu? Você sempre fica querendo não ta fora... todo mundo pode te dizer: “poh, mas tu não vai jogar o inter-cursos?” Aí o cara: “Não, não tava afim cara!” Poh e uma panelinha e tal, já me disseram isso e... mas se tivessem várias oportunidades, eu acho que seria ótimo, porque eu me dedicaria muito mais, de repente até exclusivamente, diminuiria o ritmo de tempo e teria.... legal, isso seria bom pra saúde, porque, quando é uma coisa que você faz com muito bom gosto, é bom pra cabeça e bom pra tudo! E é o futebol, não é o tênis.(risos)

Você acha então que essas situações de competição, essas que a gente já vem conversando agora né?... ela se transfere pra outras situações da vida, do cotidiano?

Com certeza! Você aprende bastante, que nem esse negócio de cumplicidade, às vezes, você percebe que precisa escutar mais as pessoas antes de você tomar uma... ter uma postura, que as pessoas sempre são importantes pra ti. Escuta-las e ver, às vezes, mudar um pouquinho pra se adaptar e não fazer as pessoas se adaptarem a você. Nem sempre as pessoas precisam se adaptar, você precisa se adaptar né? E...como que é a pergunta mesmo?

Se essas situações de competição se transferem pra outras situações do cotidiano.

É... seria esse caso ... seria o caso de... de até mesmo jogar o tênis e tal ou as pessoas que eu não tenho muito contato, não tenho muito contato, entendeu? Às vezes se você pegar e armar... de repente eu, pegar e ter uns quinze amigos, “ah! Vamo fazer um campeonato e tal... vamo jogar tênis e tal... vamo, vamo fazer e tal, tenho umas cinco, seis raquetes. Pra ver as pessoas, pra confraternizar, pra, pra de repente se destacar, mas eu acho que não é o caso (risos), no tênis não é o caso! (risos). Ah, mas eu acho que é rever os amigos, confraternizar. Eu acho que eu sempre joguei futebol pra isso é bem realmente a pelada do final de semana...

Você gosta de “ser a estrela” já deu pra perceber isso (risos)!

Não! Não até não, mas eu gosto de estar fazendo uma coisa que me dêe alegria, que me faça bem, pro corpo, pra alma e que ao mesmo tempo... peguei o que eu... o que eu faço bem...

Mas perder ninguém gosta né?

Ah, perder ninguém gosta, com certeza! Várias vezes eu na brincadeira você pega e diz assim: “não, hoje eu vou jogar demais! Hoje não vai ter chance pra ti!” E, às vezes, isso não acontece, que às vezes tu fica mais brabo ainda por isso! Mas... ah eu acho que eu levo muito mais, modéstia, todo mundo diz que eu mando bem assim, às vezes... às vezes ninguém manda sempre bem, às vezes tu tem seus baixos, mas é um modo de brincadeira mesmo, o agito e tal. Eu acho que nem é querer ser melhor, nem é pra querer aparecer, mas todo mundo sabe e, às vezes é brincando também. Às vezes tu “ta mal heim querido, poxa?!” Ou, às vezes, tu faz uma jogada e toca assim e faz: “é assim que faz!” pro cara (risos), mas não é querer aparecer!

Eu sei como é! (risos)... Você acha que a universidade, o teu curso né? ... ela exige de você uma postura competitiva de alguma forma?

Exige, mas eu não tenho! (risos)

Exige como e você não tem como?

Ham... eu acho que quando eu vim pra cá, eu deixei minha família pra trás, só vim com minha bagagem e meus conhecimentos pra passar na faculdade tal... e minha vontade de ser alguém na vida, mas eu não esperava que fosse tão, tanta competição! Porque eu nunca tinha tentado, não tenho irmãos que sejam mais velhos que eu, eu fui o primeiro a entrar pra faculdade, mas a competição é declarada assim, tipo pra você conseguir bolsa, ham... pra você ser o melhor... não tem assim uma parceria, entendeu? De você poder confiar. Às vezes uma pessoa você diz: “Poh, o que é que tem que entregar, aquele trabalho e tal? – Não, é só aquele questionário!” Mas na verdade não é um questionário. Era o questionário, mais a entrega de um mural, mais uma apresentação, às vezes tem, entre aspas, “cuzismo”, entendeu? A pessoa “zona” (Expressão utilizada no sentido de deboche) assim, ela quer que você se dê mal e ela se dê bem, ela aparece, entendeu? E no meu curso, pra ser sincero, tem muito assim! As pessoas que, às vezes, não tão nem aí contigo, apenas preocupados com elas! Mas eu sempre tive uma postura de pensar e eu sempre fui assim e não vou mudar. Já até parei pra pensar, “Poh, eu acho que eu tô errado! Eu acho que não é assim o certo”, porque as pessoas nem todas são assim e porque eu que tenho que ser assim? Às vezes, eu mesmo penso demais nos outros e poh, pouco em ti, entendeu? E a via é isso, pensa em ti que você se dá bem!

Assim, eu vou te fazer uma pergunta que é bem pessoal porque eu também tenho uma história parecida com a tua. Quando você disse que largou a sua família e tuas coisas e veio embora pra cá, né?... só com a bagagem e o conhecimento, você também não estava competindo quando veio... pra essa aventura?

Não! Foi realmente porque... hã... porque em casa, eu acho que eu tinha tudo na mãozinha assim, sempre fui filhinho do papai, o primeiro filho, sempre tive tudo, então cheguei uma hora em que... eu tinha até namorada de dois anos e pouco, mas eu queria uma coisa diferente pra mim e era fazer uma faculdade, uma federal e sempre foi a minha vontade e eu tinha um amigo aqui, a única coisa que eu tinha né? Sozinho e esse meu amigo, que eu moro com ele até hoje, hã... e como ele veio pra cá, era uma primeira opção né? E eu vim pra cá, mas não foi competindo com nada não, foi apenas pra, de repente, procurar um futuro melhor. Num foi... uma coisa... e pra começar não foi muito suado não entrar aqui. Eu vim acompanhando a minha namorada que tava fazendo medicina, ela tem vinte e dois anos agora, a minha ex-namorada no caso! Aí eu vim pra acompanhar ela, a gente ficou na casa do meu amigo que ele já tá aqui e eu fiz, eu vim e aí, só tava em dúvida entre elétrica, que é o que o meu amigo faz e química. Só que elétrica, eu vi assim como que ele falava, não fechava sabe? Daí eu troquei pra mecânica e química, aí fiquei na dúvida, na dúvida, na dúvida. Daí só que eu não acabei, eu queria ficar em ano... um ano “relax” (relaxado) pensando bem pra mim fazer uma coisa realmente certa. E eu vim pensando que não ia passar, federal e tal, até eu nem fiz UFSC, ao fiz aqui em Santa Maria, mas sempre acompanhando minha namorada, minha ex-namorada. E aqui o meu amigo pegou e falou: “oh, a prova aqui é somatória, é diferente das de Passo Fundo e região, é assim, assim...” oh, leia aqui”. Daí eu peguei o catálogo, aquele... o edital, li as regrinhas lá, vi como era que tinha de marcar as questões e tal e o esquema das questões foi aquele, o conteúdo tipo, organelas citoplasmáticas né? Em biologia, os que eu sabia, mitocôndria e “pá” e “pá” (gírias) eu ia lá e fazia, era uma matéria que eu tinha estudado e eu sabia. Então eu tentava ganhar no ponto ela. Tentava arriscar pra tentar um ponto inteiro, mas um assunto que eu não sabia, que eu não tinha noção, que eu não tinha... não conseguia pegar ele bem, eu apenas procurava duas a três questões certas, só as mais certas. Se eu soubesse que aqui... qual a que tava certa, eu não marcava, pegava as textos mais certos pra mim e, fui pra casa achando que tinha passado, na boa, daí na primeira chamada não passei, passei pro próximo, que ... pro próximo... suplente, primeiro suplente, não! Segundo suplente. Daí eu entrei na segunda chamada, recebi telegrama, passei um susto e daí tô aqui hoje, graças a Deus, bem... mas não foi pra competir, pra ti ver que não foi pra competir, foi apenas para acompanhar a minha namorada e foi passando. Eu acho que não teve esse negócio de competir com alguma coisa, realmente... até podia ter aquele

negócio de segundo grau, “ah, eu quero passar em primeiro...” sei lá, não teve competição nenhuma, eu vim pra cá na maior inocência!

Teus amigos ou parentes , eles te acham competitivo?

Hã, eu já me achei mais competitivo, quando eu era... quando eu tava no segundo grau...

Teus amigos...

Meus pais acham, tanto é que eu tô aqui, eles... tanto é que eu passei no susto, eles...eles vêem um grande potencial em mim e os meus amigos, eu acho que a maioria, a maioria vê potencial, só que... ah, acho que não, na segunda fase eu não tava muito bem, não tive um bom rendimento, aí sabe quando dá aquela deprê assim, “ah, meu Deus”, família e tal, hã... e pra ser sincero, esse negócio de competição e tal, acaba você não tendo muitos amigos da área. Então eu acho que ^a.. todo mundo me vê como competitivo realmente, mas não profissionalmente né? Falando profissionalmente?

Em tudo!

Em tudo? Ta, profissionalmente nisso tudo, eu acho que não vê muita coisa porque eu também não mostro muita coisa. Eu sou um aluno mediano, não sou destaque, nem horrível,, sou... mediano. Não tenho muitos amigos no meu curso, os amigos que eu tenho são de outros, a maioria de outros cursos e de outros lugares. Hã... meu curso eu não gosto de ter muitos amigos não por esse negócio de competitividade. Não me adaptei nesse modo de viver. Espero que sem querer ser competitivo eu consiga coisas na vida e que no futuro não me arrependa de não... de ter sido ruim, que pra mim é ser ruim vocÊ querer ser competitivo, eu acho que... é negativo, eu acho que é negativo querer pisar nas outras pessoas pra ti subir. Eu acho negativo. É errado, ainda acho que é errado!

Mas...

E.. e daí de esportes, eu acho que todo mundo sabe do meu potencial pro futebol (risos), mas... todo mundo, pelo menos, todo mundo fala, é um elogio indireto, “como é que tu não ta num time de futebol? Como é que tu não ta no time do teu curso?” Mas eu sou um daqueles, não gosto de estressar, sou um cara “relax”, tranqüilo. É difícil me ver com cara amarrada, tô sempre sorridente, mas também quando fico de cara amarrada é complicado, mas eu tô sempre sorrindo, sempre bem, né? E...

É... mesmo você não se achando competitivo, você passa por algumas situações que você precisa competir de alguma forma né?

Lógico!

Qual a importância dessa competição pra sua vida?

Ah, a importância (pausa)... eu sinceramente, eu acho isso como uma necessidade, não uma importância. Não vejo... eu acho que eu... não importância, eu acho que... não vejo importância, mesmo passando num concurso público em alguma coisa eu acho que eu não vejo importância. Eu acho que tinha que ter vaga pra todo mundo, mas... é importante da competição nesse lado.... eu não vejo coisas positivas nisso! Principalmente uma pessoa não precisa ser igual a outra. Não vejo importância não! Mas, tem importância, mas eu não vejo, pra mim, por enquanto não existe uma grande importância. Acho que é só crescimento. Poh, você acaba mudando seus hábitos, onde você pode ser uma pessoa como eu queria ser, de não “pisar” nos outros, mas eu já pisei em pessoas. Queira ou não, você tem que fazer, tem, tem que aprender a modificar. Queira ou não, às vezes, tem que mudar porque isso é a sociedade pra você, então tem que mudar.

O que é competição?

O que é competição? Competição geral ou...? (pausa)... ah, pergunta meio complicada!

Pode pensar!... o que significa competição pra você?

(pausa prolongada)... competição! É bem aquilo que tu falou, eu acho, de um se destacar mais do que o outro, mas pra mim no caso a competição é mais para interagir com as pessoas, pra mim, é mais pra... o que é competição pra mim? Competição... (pausa)... Eu posso dar a resposta certa depois (risos) porque eu tô sem idéia. Competição? Pra mim é... (pausa prolongada)... não sei te responder! Competição! É até uma coisa tão... ambígua, tão...

Você acha ambígua?

Não, ambígua não! Não é a palavra, ambígua, é tão... não é “pegadas” (de pegar com as mãos – o entrevistado faz gestos com as mãos), não...

... **não é palpável!**

Não é palpável é...

Subjetivo!...

... bem subjetivo! É uma coisa que todo mundo sabe o que é, mas eu acho que... eu não sei falar, de repente, todo mundo sabe falar, eu não tô conseguindo falar, mas pra mim competição é o que a gente vê, eu acho que... há... é aquele negócio de, em toda competição tem sempre um ou dois melhores, são as pessoas de destaque, são pessoas que fazem bem aquilo que a competição exige. A competição de... desafio SEBRAE, é uma competição... nem sempre o melhor ganha, eu acho, nem sempre o melhor ganha. Mas eu acho que é naquele momento, que você ta bem, você fez uma escolha certa, uma competição, dependendo da competição é um... querendo ou não é uma seqüência de, de... escolha! Se você querer ser individualista, de repente você não vai conseguir nada. Você tem que adaptar uma competição eu acho, mas o que é uma competição?

Ela é mutável? Depende da situação, é isso?

Eu acho que a competição... (pausa)... não poderia assim dizer eu acho... na verdade eu não sei o que eu estou dizendo?! (Risos) Não sei te dizer o que é competição pra mim!

Você quer comentar mais alguma coisa? Qualquer coisa?

Não! Não... acho que não!

Não?

Você já acabou? (risos)

Já! Obrigada!

Entrevista nº 7

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 7,DIRC (S7,DIRC)

A gente vai começar primeiro pela identificação, você dizendo seu nome, idade, profissão, o que é que você faz e aí depois a gente começa a conversar!

Ta... ta bom!

Então vá lá... diga seu nome, idade...

Dirc, 56 anos, profissão: administrador, que mais?

Estado civil?

Casado!

Tem quantos filhos?

Tenho dois filhos...

E... qual é a tua carga horária mesmo de trabalho? Como é a sua vida no trabalho, que horas você trabalha?...

Atualmente, eu to assim com praticamente livre assim, eu tenho pouco tempo de trabalho mesmo que eu possa considerar. Eu diria assim dois períodos, no máximo, por semana. Dois períodos, duas manhãs digamos ou duas tardes no máximo né?... que eu trabalho ao todo!

Mas você se envolve com o trabalho assim diariamente quanto tempo mais ou menos?

Ah com o trabalho assim, inclusive o caseiro de compras e bancos, essas coisas? Esse trabalho ou não?

Não! Com o trabalho...você trabalha, você se envolve dois períodos com o trabalho. Mas eu queria saber “extra” esse trabalho, mas que tenha relação com ele, você se envolve quanto tempo durante a semana?

Ah, mas... no máximo mais um período!

Ah ta!

No máximo! A maior parte do meu trabalho é feita em casa mesmo, eu tenho meu escritório, micro e tal, tudo!

De que horas você costuma vir jogar tênis aqui?

Das oito (8h) as nove e méis (9h30min).

Porque você escolhe esse horário?

Porque é um horário logo cedo né? Eu levanto, como alguma coisa e logo em seguida começo, então começo o meu dia já... parece que o dia fica livre!

É sempre esse horáriozinho?

Tem sido quarta e sexta aqui e as caminhadas também. Quando eu faço caminhadas, também é nesse horário. De oito (8h), oito e meia (8h 30min) até nove e meia (9h 30min), dez horas (10h).

Porque você acha que esse horário é o mais adequado pra você fazer atividade?

Porque é um horário que... primeiro que é um horário que eu gosto, porque é um horário fresquinho, temperatura melhor, eu já começo o dia com isso, depois eu volto, tomo banho; então tanto o exercício como um banho depois me deixa mais disposto pra... pras outras coisas que eu vou fazer durante o dia; seja o que for né? Seja tarefa caseira, trabalho profissional, coisa assim, me sinto mais disposto!

Quando você ta com pouco tempo né?... um pouco mais atarefado né?... o que faz você arrumar um tempinho pra vir jogar tênis?.. ou até mesmo no domingo, por exemplo, que você marca pra vir jogar... é um tempo de lazer, vamos dizer assim, o que te faz vir aqui as 8h da manhã pra jogar tênis?

Necessidade né?! O gosto e a necessidade! O primeiro lugar e mais importante é a necessidade de fazer exercício né? Exercício para saúde física e até emocional, psicológica, tudo! E também porque eu gosto assim de... acho que é um tempo bem aproveitado!

Você costuma vir sozinho?

Não! Na verdade eu nunca venho jogar tênis aqui no domingo ou sábado. Eu... nos fins de semana normalmente eu caminho; uma hora e meia, uma hora e quinze, por aí...

Mas assim DIR é... se fosse no caso pra vir jogar tênis né?... só pra bater paredão, por exemplo, você viria?

Não! (enfático na resposta)

Porque?

Porque eu acho monótono! Eu acho também que o exercício tem que ter um atrativo né? Por exemplo, uma caminhada pra mim, porque a caminhada é bom? Aparentemente monótono: "não!" Mas a caminhada é uma coisa dinâmica, que você ta vendo a natureza, entende? A temperatura sempre é diferente, às vezes tem uma brisa, às vezes tem um vento, então a sensação é um pouco diferente, então ela é variável. Mesmo a caminhada no mesmo lugar sempre é diferente, cada dia diferente. Às vezes tem mais sol, às vezes menos, ta mais quente, ta mais frio, tem vento, não tem vento.

Qual a diferença de jogar c paredão, por exemplo, e jogar com o parceiro? O que é mais atrativo?

O que é mais atrativo é exatamente essa dinâmica né? De troca! Até a questão de... do relacionamento né? ... que com a parede é uma coisa fria né? É uma coisa que não lhe devolve nada e, com o parceiro sempre a gente ta se esforçando ou... me esforçando pra ganhar, pra melhorar ou jogando pra forçar ele, pra ele crescer. Então os dois acabam crescendo. Então essa relação é uma coisa que não tem numa parede!

Unhum... você se acha competitivo?

Não, não me acho!

Mas, por exemplo, quando você vem jogar com seus amigos vocês costumam disputar pontos?

Sim! Nós jogamos assim até pra forçar um pouquinho, mas não...mas não... digamos não tem metas que aquele, "o mais importante é ganhar", o mais importante é o exercício atual.

Mas mesmo assim existe, de certa forma, a competição?

Tem!!! Claro que tem! Porque você tá.. tá... é... você tá... marcando a pontuação né?

Unhum...

Então sempre você vai buscar pelo menos algumas ganhar!

Então o que você acha que é ser competitivo?

Ser competitivo é ter em primeiro lugar, o resultado! É... pontuação, se não... se não, não faz muito sentido, que a competição em si é pra ganhar! Eu nunca vi ninguém competir pra perder! Esse é o caráter. A competição! O jogo, solto, livre, tal, ele não busca em primeiro lugar o resultado, a pontuação. A competição sim! Porque se você ganhar no futebol de um a zero (1 x 0), mesmo jogando mal, é melhor do que você empatar jogando bem! Entende?

É...

Não sei se eu me faço entender...

Sim, eu consigo entender sim! Mas eu queria saber assim, qual a diferença então de você jogar com... que assim, você joga com seus amigos, você disputa pontos...

Unhum...

Isso é uma competição, mas não é aquela competição acirrada né?... de um querer derrotar o outro, mas é uma competição!

Não... é uma competição e eu diria assim, "sem pressão!"

Ah, tá!!! Queria que você falasse um pouco mais disso. Qual a diferença da competição com pressão, competição sem pressão...

Com pressão é porque você tem o apelo, por exemplo, de um ganho, às vezes, de dinheiro, de fama, de sucesso, e que nós não temos! Nós não temos isso, nós nem pensamos nisso!

Mas quais são os aspectos positivos, então, dessa competição que você faz com seus amigos; essa que é desinteressada, né?... mas que, que...

É um lazer gostoso, agradável e útil!

Você acha que isso faz bem pra sua saúde?

Muito bem!

Essa competição faz bem pra sua saúde?

Como eu faço sim!

Certo!...

Tem pessoas que já não vivem sem adrenalina. Eu, pra mim, com adrenalina é ruim, mas é como a minha cabeça pensa.

Você acha que a competição exercida no tênis, essa que você sente, ela se transfere pra outras situações do cotidiano?

(pausa)... ainda não pensei nisso! Não pensei nisso!

Você joga tênis a quanto tempo?

Seis, oito meses por aí! Não, não continuamente né?... porque eu tive duas interrupções. Uma interrupção que eu fui lá pra praia e lá até joguei umas três, quatro vezes, mas não como aqui, toda semana assim, duas vezes e, tive uma interrupção também por uma enfermidade em maio que eu tive que parar um mês, por causa de uma enfermidade que eu tive... um mês, quarenta dias eu parei.

Você sempre jogou com a mesma raquete?

Sim!

Você já teve aulas de tênis?

Tivemos três meses, três, quatro meses, não me lembro direito. É, de três pra quatro meses no ano passado.

E você tem intenção de voltar a ter aulas?

Tenho!

Porque?

Porque eu acho que a gente precisa dar uma melhorada na técnica, né? Que você aprende alguns fundamentos e depois começa a jogar; você começa a jogar, diz que sabe e tal, troca de bolas, brinca, aquela brincadeira, tudo bem! Mas eu acho que precisa dar uma melhorada pra gente ter esse estímulo de, de.... aí talvez venha a questão da

competição entende? Esse estímulo de você ta, até... é, tem mais chance de jogar com o outro, as pessoas que jogam melhor, que não gostam de jogar com quem é... só sabe os fundamentos, né? Porque aí não tem graça pra eles, na força um pouquinho o exercício principalmente né?

Então, nesse sentido, você acha que existe a competição pra que você possa vir a ser melhor pra se equiparar com os que...

Com é... ter mais possibilidade de jogo com outros colegas que já jogam a seis, oito anos, dez anos, que eu conheço, que também jogam assim só por esporte, não tem... não participam normalmente de competição oficial né?!

E isso não acontece, por exemplo, em outro setores da vida?

Eu acho que de uma maneira consciente ou inconsciente sim!

Como assim?

Porque você... todo mundo... aparentemente todo mundo precisa ganhar um certo espaço. Tem um espaço natural e muitas vezes esse espaço não ta sendo aproveitado, a pessoa quer buscar e outras vezes ela quer buscar um espaço além do que ela tem! Às vezes até invadindo o espaço de outros; o que eu acho, assim, às vezes, normal da vida, mas muitas vezes até anti-ético.

É... Você acha que o seu trabalho, ele exige de você, de alguma maneira, uma postura competitiva, já que a gente ta falando sobre isso?

Eu acho que sempre exige né?! Porque se não, você sabe que, você não, você não é insubstituível, obviamente! Por mais gênio que seja, não é insubstituível! E também é quem, quem recebe o resultado do seu trabalho, a produção do seu trabalho quer uma qualidade, porque ele também está submetido a uma competição! Entende? Então isso aí no fundo, o mundo todo é isso né?! Uma... uma luta por espaços, por ganhos, por ascensão, por... por essa coisa aí que torna-se, às vezes, até uma coisa neurótica.

É... seus amigo e parente, ou parentes, eles te acham competitivo de alguma maneira?

Eu nunca fiz a pergunta pra eles!

E você nunca sentiu nada?

Mas eu acho que sim, de uma certa forma sim!

Porque?

Porque... pela minha história de vida! Eu venho de uma família muito pobre, não miserável, muito pobre assim, tinha o básico né?! Hoje até já não seria até nem muito pobre porque nós tínhamos casa, tínhamos o alimento, tínhamos roupa, tínhamos educação pública e tal, mas eu diria que, sim; pobre! E eu... graças a Deus, eu consegui estudar, conseguir, inclusive, fazer nível superior, especialização, mestrado na parte de formação e na parte profissional, eu consegui praticamente chegar na minha empresa começando como office boy e praticamente chegar ao nível de diretor de uma empresa grande, estadual né? E a questão da remuneração também. Eu comecei com um salário mínimo, na época, isso a muito tempo atrás e.. o final da minha carreira tava nos finais de... então tudo isso eu acho que transmite uma certa idéia de... de... de ter vencido né?! Dentro da dimensão que eu estive participando... fiz cursos fora, tive fazendo cursos fora do país, tive apresentando trabalho da empresa fora do país e isso é pra poucos né?! Muito poucos, na minha época, muito pouquinhos! Então isso dá uma certa sensação assim de... de... de sucesso né?! Um conceito saudável né, eu diria?! Não, não aquele sucesso, às vezes até exagerado!

DIR, o que te trás aqui? O que te move a vir aqui jogar tênis? O que faz você se levantar cedo sabe? ... se arrumar, trocar o tênis e vir pra cá pra jogar?

(pausa prolongada)... olha, eu não pensei com profundidade nisso né? Mas, volto a dizer pra você, a necessidade física e o gosto por...por... né?... o resultado disso é uma sensação de Bem-Estar assim, inclusive como eu estou sentindo agora, entende? Depois do esporte sempre tem aquela sensação. Eu acho que é a endorfina né, que gera essa sensação de Bem-Estar. Isso aí é uma coisa assim agradável que fica né? ... Então você logo te move a repetir, a insistir, a continuar né?!

Você já comentou o que eu vou perguntar agora, mas eu queria que você em algumas palavras dissesse qual a importância da competição pra sua vida?

(pausa)... a importância da competição é aquilo que eu já te disse, a busca do espaço próprio, dentro... dentro do contexto que você vive, do contexto social, do contexto profissional, contexto... basicamente isso né?! Social e profissional.

Esse é o conceito de competição pra você?

Esses são os contextos (Enfático na resposta) onde você compete!!!

E qual o conceito de competição? O que é competição?

A competição é uma busca de espaço e resultado! Mas o espaço já é um resultado! O espaço que eu digo assim, é um espaço de influência e um espaço de ascensão, né? Ou seja, basicamente é, em ascensão né? Destaque e tal e influência

Então, basicamente era isso! Você tem mais alguma coisa pra comentar? Você quer comentar mais alguma coisa, dizer mais alguma coisa a respeito disso que a gente conversou?

Olha eu gostaria de dizer que eu acho interessante o teu trabalho né? São perguntas que levam a pessoa até a refletir e eu acho ... acho que é relevante esse teu trabalho. Eu não sei aonde exatamente você quer chegar, qual o objetivo né? Talvez você tenha me dito, mas eu esqueci, no nosso contato anterior, mas é... eu penso que é muito bom a pessoa se exercitar, ta? É muito bom a pessoa fazer exercício, um certo esforço "dosado", né? Isso é bom pro corpo e pra mente, ta? Espírito é outra coisa! No meu conceito é uma coisa bem diferente que não tem... não tem muito a ver com corpo e mente ou alma, mas eu acho que a competição ela é uma coisa natural e saudável, até certo ponto! Quando ela extrapola uma determinada dimensão, que começa a se tornar quase que uma obsessão, em muitos casos uma obsessão, uma neurose, uma coisa que ocupa todos os espaços da vida da pessoa, aí eu acho que já é uma enfermidade... (pausa).. da pessoa e que afeta ou outros também. Afeta a família, afeta os amigos, afeta os vizinhos, afeta todo mundo e aí é uma coisa que é melhor não fazer, do que fazer nesse... entende? ... que a vida não é isso, ta bom?!

Ta ótimo! Obrigada!

Entrevista nº 8

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 8,FK (S8,FK)

Então... comece só se identificando, dizendo seu nome, profissão, o que é que você faz...

Meu nome é FK, tenho 23 anos... casada, solteira? (risos)... viúva!!!... Eu sou solteira (risos)...

Faz o que, estuda?...

Profissão... tô no meu último ano de faculdade... começar estágio agora né?...

Você só estuda? Ou estuda e trabalha?

Agora eu só estudo, semana que vem, provavelmente eu vou tá trabalhando, estagiando.

É?

Unhum...

O estágio vai ser de quantas horas mais ou menos?

450 horas... total...

Mas, por dia você trabalharia quanto tempo?

8h por dia.

E vai continuar estudando?

Não, é só estágio...

Ah tá!

... pra desenvolver meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Ham... antes eu tava vindo a tarde né?... acho que eu tinha aula de manhã... toda terça e quinta a tarde, mas agora a gente começou a jogar umas dez e meia (10h 30min).

Que horas você vinha à tarde?

Três horas (15h).

Porque esse horário?

Porque? Porque era a aula que a gente fazia com o Juarez né? Então daí como a gente não pode se matricular novamente na aula, então a gente manteve o mesmo horário; eu e o AQM (S4,AQM), né?... que joga...

E agora você tá vindo pela manhã?

Ham... não... quer dizer...

De vez em quando...

...quando eu consigo, de manhã (risos).

Quando você consegue, que horas você vem?

Dez horas (10h).

Porque esse horário?

Porque? Se não fica muito cedo, né?... e como eu to de férias, gosto de dormir um pouquinho mais.

Ah tá... você acha que esse horário, tanto de manhã quanto a tarde, ele é o mais apropriado pra você fazer... jogar tênis?

Pro esporte? Pra mim sim, porque logo depois do almoço não dá né? Então... eu almoço a uma hora (13h), daí dá o tempo de começar... ficar mais leve né? Fazer digestão, daí, três horas (15h) a gente joga.

Quando você se sente assim, muito atarefada ou com pouco tempo, o que te faz arranjar um tempo pra vir jogar tênis?

Hum... quando eu me sinto muito atarefada?... porque o tênis não é uma obrigação que eu tenho. Faço isso porque eu gosto também, então... fora as obrigações, o tênis é uma atividade de lazer pra mim.

E o que faz você arranjar esse tempinho, que é importante pra você, pra jogar tênis?

(pausa seguida de risos)... ah, é o esporte que eu gosto sabe?! Eu sinto... saio... fico uma hora, uma hora e meia jogando, invés de eu sair cansada, eu saio mais energizada ainda, assim... mais disposta pro resto do dia.

No final de semana, você joga tênis?

É difícil! Geralmente fim de semana eu faço outras atividades...

Quais?

... faço esporte né? Mas... ham... de esporte você tá falando?... eu faço trilha, é... geralmente trilha ou dou uma volta de bike, alguma coisa assim...

Quando... quando você vem jogar, você vem sozinha?

Não, sempre venho com o AQM (S4,AQM).

Se fosse pra vir pra jogar paredão, por exemplo, você viria?

Aqui?

Sim...

Não!

Porque?

Ah, porque daí vir até aqui pra ficar batendo bola com uma parede?! Daí tu não tem integração assim né? Com quem que eu vou tá competindo? Com quem que eu vou tá...

Ah... e...

...fora que aí na minha casa tem... do lado da minha casa tem um vizinho que tem uma quadra né?... e no muro, assim, ele abriu assim um... buraco que é tipo uma porta assim e a gente tem acesso da minha casa a hora que a gente quiser. Então, de vez em quando, aí... quando o AQM (S4,AQM) não pode, alguma coisa assim, eu fico, esquentando lá...

Ah tá...

...no paredão... mas aí eu não tenho muita paciência e disposição.

Vocês se considera competitiva?

Anham, bastante!

Porque? Você poderia dizer alguma situação em que...

Porque? (risos)

... em que isso seja...

Assim... no jogo tu tá falando... ou na vida... no trabalho...

De uma maneira geral... é... de uma maneira geral...

Hum... (pausa)... tem espaço aí? (refere-se a fita cassete) ... (risos)

Tem bastante... tem outra guardada ali!

Não, eu acho assim que...

Você pode começar falando no jogo, as situações que você se acha competitiva e depois de uma maneira geral.

É, porque ninguém joga pra perder né? Em nada assim... mas... quando a gente luta, quer um resultado bom né? Positivo pra gente né? Se é só eu contra... eu e o adversário, né? Duas pessoas, eu quero... eu ganhar! Por isso que eu sou competitiva no esporte.

E na vida de uma maneira geral?

Na vida? Por exemplo... no mercado de trabalho assim... eu acho que é... me vejo competitiva porque eu procuro é... diferenciais assim a mim sabe?!... pra quando eu for exercer a profissão não ser só mais uma!... porque apesar de é... cooperação ser muito melhor do que competição, hoje em dia, eu acho, eu acredito nisso... só que pra tu ter uma chance, tu tem que ter uma... diferença né? Tu tem que ser rara assim... então eu acho que isso é... ser competitiva!

Era isso que eu ia perguntar, o que é ser competitiva? É isso?

É! (risos)

Você podia dizer de novo? (risos)

(risos)...

Eu nem prestei atenção, você falou um monte de coisas... podia resumir o que é ser competitivo então? (risos)

(risos)... ah, eu acho assim que depende da área assim como tu tiver vendo. Tipo assim, se eu falei assim, mercado de trabalho né? Como eu tava falando, competitiva é tu... é... tu lutar pra ter um destaque em qualquer área que tu esteja, no da tua vida, ou da tua carreira ou do jogo né?... que tu faz. Tu ter algum referencial pra destacá-lo, ser a melhor em alguma coisa. Por isso que tem tanta gente acho que vai, procura especialização, como TU ta fazendo mestrado, pra que, que tu tá fazendo, né? Porque se não tu seria só mais uma graduanda assim em Educação Física.

Então... o que faz você vir aqui... o que lhe move a vir aqui né?... sair de casa...

Jogar tênis?

É, jogar tênis.... o que te move a vir aqui?

Ah, eu adoro esporte! Adoro assim... quando... desde... eu comecei a jogar foi em 99 né? Aí fiquei um ano jogando... um ano não, seis meses... aí parei, daí fiquei um tempo tal... daí eu me inscrevi né?... o ano passado, na disciplina né?... da universidade mesmo e daí depois eu tentei novamente me inserir na disciplina, só que daí não foi aceito né?... porque já tinha cursado, daí a gente combinou, aí sempre vem assim... eu adoro jogar, adoro praticar esporte!

Você joga há quanto tempo?

Ham... a um... depois das aulas você ta falando?

Desde o primeiro dia que você começou a jogar tênis até hoje, quanto tempo você joga?

Com as pausas eu jogo há... cinco anos.... seis anos! 98...

Você sempre jogou com a mesma raquete ou você já trocou de raquete?

Não, já troquei (risos)...

Porque você trocou de raquete?

Porque> Porque agora eu tenho a minha raquete! (risos)... que antes eu jogava, em 98 né? ... quando eu comecei a jogar, eu jogava com uma... de uma conhecida minha, né? Uma amiga assim... e daí, depois agora na aula do Juarez, eu jogava com a dele, aí eu fiquei jogando um tempo com a dele, até que eu achei uma raquete que seja boa pra mim assim, que é boa pra mim e que tinha um preço acessível assim.

Você sente diferença assim... das raquetes que você pegou?

Sim, sim!

Que diferença?

Porque... essa ultima raquete que eu jogava com a... na aula do Juarez né? Muito pesada, muito... não tinha assim um controle da bola. Com essa aí, pelo menos eu tento (risos)... não, com essa aí eu me sinto mais segura sabe?! Pra rebater a bola...

É melhor?

É bem melhor!

Melhorou seu jogo?

Bastante... bastante!

Você... porque você faz aula de tênis... FK?

Porque que eu treino?... Pra... evoluir assim, por que eu acho que no jogo... quando eu treino... quando eu jogo com o André, brinco né?... na verdade, eu não tenho assim um desenvolvimento sabe?... no tênis... eu fico jogando ali e tal, mas não é uma coisa repetitiva sabe? Por exemplo, eu saco, mas eu não fico o tempo sacando, me corrigindo e tal... eu saco pra acertar a bola e jogar, entendeu?... e sempre acerto, né?! Assim, porque eu jogo fraquinha e tal... agora no treino não, no treino eu posso me corrigir assim sabe? Ele também pode me corrigir, o Paulinho...

Ta... quais são... você acha que assim... esse, esse... por você ta fazendo aula e querer sempre melhorar, né? Melhorar... aperfeiçoar os fundamentos, você acha que de alguma maneira isso é uma forma de competir com você mesma? Tentar ser melhor pra que quando for jogar com outra pessoa, você possa... possa ser melhor, possa... ter um melhor desempenho ou não?

Não sei se eu diria competir assim comigo mesma. Soa até estranho né? Eu acho que é... talvez se superar o limite assim, sabe? Esticar assim, por exemplo, se eu jogo até aqui aí(demonstra com as mãos)... tentar...

Você acha que... que existe algum aspecto positivo na competição? O que é que você poderia destacar de positivo na competição, então?

Hum... (pausa prolongada)... deixa eu ver... ah eu acho que é tu se sentir bem com o resultado que teve, com o teu desenvolvimento, independente assim, se tu... por exemplo, numa competição, se o outro ganha, se tu vê que teu jogo já evoluiu, isso já é uma... uma... um resultado bom assim, eu acho. Mesmo se tu não ganhou do outro né?... mas tu se superou assim, então...

Você acha que isso de alguma maneira pode influenciar, auxiliar na saúde?

Competição?

Aham...

Hum... bem estar social talvez?!Ai, não sei te dizer!

Ta... como é que você percebe a competição fira das quadras? Acho até que você já comentou alguma coisa.

Já... já comentei!

Você poderia dizer mais alguns exemplos, alguma coisa assim..?

Hum... (risos)

Você acha que essa competição ela se transfere pra outras situações do cotidiano?

Sim! Anham!!! Eu vejo muito isso agora que terminou né?... minhas aulas na faculdade, mas na própria faculdade assim, tem... competição eu acho que... ta em tudo assim! Ta... a pessoa se comparar a outra e... né? Eu acho que o certo é tu se comparar ao que tu era antes assim né? Se tu melhorou a pessoa que tu era antes, então bom pra ti né? Não tu ser melhor do que outra pessoa, porque se não tu vai viver frustrada porque sempre vai ter alguém que possa te superar né? Na verdade... (risos)

A faculdade exige de você... exigia, uma postura competitiva?

Sim! Unhum...

Porque?

Porque? Porque, por exemplo, os trabalhos que a gente fez... a gente fez projeto de desenvolvimento de hotel, fez de agências, fez uma campanha de conscientização turística e todas elas eram avaliadas numa banca e daí a melhor é... era sempre... recebia o mérito assim sabe?!

Teus amigos ou parentes, eles te acham competitiva?

Anham (risos)...

Porque? (risos)

Mas eu acho... (risos)... não sei, nunca me falaram assim, me falaram só assim no... em jogos mesmo... brincando assim de jogar baralho, jogar truco mesmo (risos)... tenho uma sede assim de ganhar sabe?!

Isso faz bem pra você? Te ajuda em alguma... em algum aspecto?

No jogo eu acho que é... não sei assim!... no truco, em baralho, eu acho que não influencia nada não... (risos)... por que, daí pra mim é só uma brincadeira assim...

Mas ninguém quer perder né?

Não, ninguém quer perder! (risos)... mas, por exemplo, no truco, eu não ponho só as minhas habilidades, eu ponho minhas habilidades em ... (muitos risos)... trapacear também sabe!

Ah ta!!!!

E isso eu não levo pra vida assim né?

Ah ta!!!! Certo!... qual a importância da competição, então, pra sua vida?

Só competição né? (risos)... que tem aí essa... nesse questionário... (risos)..

É por aí... é por aí...

Hã?... Ou essa é a primeira parte ainda?

Não, não...

Essa é a ultima? Qual é a importância da competição?

A gente já falou da competição em vários aspectos né?

Unhum...

O que é que tu acha que isso é importante pra tua vida?

Hum... (pausa)... aí que pergunta difícil!!! (risos)... são coisas que a gente nunca para assim pra pensar!

A intenção é essa...

Hum... (pausa prolongada)...

Pode beber uma água... quer um chá? (risos)

Chá de maracujá... eu tenho água...

Como?

...muito nervosa! (risos)...

Então...

Ham... a competição em minha vida... eu acho que é isso assim... a competição faz com que eu busque um melhoramento assim em alguma área sabe?

E esse melhoramento lhe proporciona o que?

Uma oportunidade?!

O que é competição?

De novo? (risos)

Unhum... diz aí! Se você pudesse definir...

Eu já falei isso! Agora eu esqueci o que eu falei! (risos)

Só quero ver se é mesmo o que tu dissesse!

(pausa prolongada)... é superação assim...você é... pra tu ser melhor do que tu era antes e pra tu ser... tentar ser destaque em alguma coisa.

Quer comentar mais alguma coisa?

Acho que a raridade é valorizada assim..

Como?

A raridade é valorizada em qualquer área...

Ah!

Entendeu? Se tem uma pessoa que joga muito bem, ela vai ser destaque e vai se dar bem na área que ela ta fazendo né? Se a pessoa tem uma... sei lá... se formou em alguma coisa e... e se torna especialista no ramo, assim, do que ela estudou, eu acho que a chance assim dela crescer e dela passar o que aprendeu e de suceder vai ser maior.

Concordo! Mas eu queria... isso é claro, né? Parece que a gente procura um espaço, né?

É! Hoje em dia é muito assim...

Mas, eu queria... não sei se você consegue entender quando eu pergunto assim oh? Qual é a necessidade disso? Porque parece que é muito comum fazer isso!

A competição?

Não! Parece que é... é a tendência natural né?... você procurar um espaço...

Unhum..

Procurar ser o “diferencial”!

Unhum...

Procurar ser uma referência... qual é a necessidade disso?

É tu não ser mais “um” no meio da multidão! (risos) Não é essa a resposta que tu queria? (risos)

Não... é essa sim!!! Assim... eu só fico tentando fazer com que você fale um pouco mais, mesmo que você pense que esteja falando a mesma coisa, entendeu?

Anham..

Mas não é a mesma coisa! Por isso que eu repito tanto! O que é isso? Qual a importância disso? Porque?... Mas era isso!

Entrevista nº 9

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 9,PED (S9,PED)

Então vamos lá, você vai começar dizendo seu nome, se identificando... idade, o que é que você faz...

Meu nome é PED, tenho 16 anos, estudo...

Faz que série?

Faço o primeiro!

E... solteiro?

Unhum...

Quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Duas horas (14h)

Duas horas? Porque você escolhe esse horário?

Porque é mais cedo, daí não tem ninguém na quadra. Aí é mais tranquilo, porque se a gente chega mais tarde, aí tem gente ocupando a quadra.

Você acha que esse horário é o mais adequado pra você jogar?

É porque aí da pra jogar o tempo que a gente quiser, quanto tempo a gente quer...

Quando você ta muito atarefado com tuas coisas da escola, assim, época de prova, assim esses coisas, o que te faz arrumar um tempinho e vir pra cá pra jogar tênis?

O que faz?... sempre tem um tempo! Dá pra estudar mais tarde, mais cedo. Tênis também dá pra jogar a tarde e estudar a noite.

Você sempre arranja esse tempinho pra vir jogar?

Às vezes eu arranja! Quando dá, sei lá...!

Mas quando dá, você vem porque? Porque tu arruma esse tempo pra vir?

Jogar...

No final de semana você joga também?

Não! Porque daí já tá cheia as quadras... às vezes, mas raramente.

Quando você vem no final de semana, você vem que horas?

Às vezes de manhã!

Que horas?

Oito o meia (8h 30min), nove horas (9h).

E porque esse horário?

Porque de manhã tem muita gente nas quadras!

Você costuma vir sozinho pra jogar?

Não! Venho com um amigo meu.

Alguma vez você veio pra encontrar com alguém, assim, sem combinar? Pra encontrar com alguém e jogar?

Não!

Mas se fosse pra vir, por exemplo, só pra... só pra bater paredão, você viria?

Viria.

Toda vida que você vem jogar com seus amigos, vocês disputa pontos com eles?

A maioria. Algumas vezes não, a gente só vem jogar.

Só trocar bola?

É!

É... você se acha competitivo?

Hum... (pausa prolongada), às vezes!

Como assim? Em que situação?

No começo eu levo na brincadeira né?... a gente vai jogando e vai começando a pegar as manhas de jogo, aí começa a... ah, sei lá!

E o que tu acha que é ser competitivo?

É competir, vir brincar... também... dar risada

O que te faz vir aqui jogar tênis? O que move você a vir aqui?

É quando meu amigo vem jogar comigo, às vezes ele combina...

Esse é o motivo maior que lhe trás aqui?

Quem, ele?

Não! O que o faz você aqui? O que lhe move a vir aqui?

Que eu também gosto, porque daí eu tô afim de jogar e daí eu convido ele.

Você faz algum outro esporte?

Não!... danço!

Ah é? Dança o que, forró?

Não, salão, bailão!

É... às vezes que você... que você me disse assim que não é sempre que você disputa pontos quando vem jogar com seus amigos né?... mas você acha mais divertido jogar com ou sem pontos?

Hum (pausa prolongada)... de vez em quando... depende se a gente tiver no dia dando risada, com ponto é melhor, sem ponto...

Você acha que a competição... a competição em si, ela pode... ela tem algum aspecto positivo que você possa destacar?

Saúde... esses assim que eu venho jogar? Ah... o físico... esse é quando a gente... competindo.

Você acredita que a competição, de alguma maneira, ela pode influenciar na sua saúde?

Lógico!

Como?

É... (pausa)... preparo físico! Que daí trabalha o preparo físico com o tênis também né?... trabalha bastante os músculos eu acho! Não sei quais né?... das pernas, nem dos braços também...

Como é que você percebe a competição fora das quadras, em outras situações?

Pra mim?

Unhum...

Ah, fora das quadras? Não tem eu acho... fora não tem!... sei lá... na competição tem, mas fora assim, não!

Mas, assim é... na escola, por exemplo, você acha que o ambiente da escola com teus amigos, na sala de aula, esse ambiente, ele exige de você uma postura competitiva?

Hum... (pausa)... pra mim, tem a competição da nota né? Pra se tirar acima da média, mas com os outros não, comigo não!

Em algum momento, a competição que existe no tênis, ela se transfere pra alguma situação como essa da sua vida? Cotidiano? Você consegue fazer uma transferência aí?

E te dizer?

Unhum...

Hum... a nota né?... quando o cara, vamos dizer, ele tá precisando da nota, ele vai ter... ele estuda, vamos dizer, tenta pra ir bem na prova e os outros também, os outros eu conheço.

Que outros?

Tipo uma... fazer esporte... competição também.

Seus amigos e parentes, eles te acham competitivo de alguma forma?

Eu acho que sim!

Porque você acha?

Que qualquer coisinha que... que tipo eles... no esporte assim, eu gosto de fazer bastante esporte.

Só por isso você acha que os outros te acham competitivo? Ou tem alguma outra situação?

Deixa eu ver... (pausa)... daí eu faço um outro esporte, daí eu gosto de fazer, daí eles... vêem que eu gosto de fazer as coisas, participar...

Qual a importância da competição pra sua vida?

Pra minha vida? (pausa)... daí a competição que o cara treina pra ir atrás...

Como assim? Não entendi não!

A competição é importante na minha vida é que... deixa eu ser...

Pode pensar, fique à vontade!

(pausa prolongada)... que bem... tipo, a gente treina né? Como tem na minha vida... tem futuro...

Como assim pro futuro?

Tipo estudar pra passar de ano na... pra tu passar, pro teu futuro, dinheiro também...

Você acha que isso é uma forma de competir?

O que? Estudar? Pra passar né? Mas nem tanto! Mas só dentro do esporte?

Também, também! (pausa)... o que é competição?

Competir né?!!!

Como assim? O que é competir? O que é competição pra você? O que significa?

Competição é o disputar né? É o... disputar aí com o melhor, não sei... tentar ganhar, mas também tem que participar né?

Qual a diferença de participar? Só participar? E ganhar?

Pra mim... eu já fiz isso, em participar e... ganhar. Eu pra mim, eu vou muito mais tranquilo pra participar. Pra ganhar ainda não... o cara vai com o pensamento mais... vamo dizer... pra ganhar!

Mas ninguém... ninguém joga querendo perder. Todo mundo joga querendo ganhar. Então qual é a diferença de jogar pra ganhar e jogar pra participar? Participando você vai querer perder? Não né?

Bem dizer que não... não tá... como é que é... que se ele ganhar ou perder não faz diferença. Mas nem é, às vezes, assim, o cara até joga bem, mas tá tranquilo!

Então, o que é competição?

Competição... (pausa)... sei lá, participar né?... (pausa prolongada)... é disputar alguma coisa... é, acho que é!

O que isso pode ser importante pra sua vida?

O que isso...? (pausa)... no conhecimento!

Conhecimento de que?

Experiência também. Vai competir por uma experiência...

E isso é importante porque?

A experiência? É importante porque a gente vai ficando mais maduro como eles dizem. Tem também...

Então era isso, você quer comentar mais alguma coisa?

Não! É trabalho pra que? Pra universidade?

É!

Tava pensando aqui, se fosse comigo... vai ajudar né?

Unhum... então era isso!

Entrevista nº 10

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 10, FAG (S10, FAG)

Então vamo lá? Quería que você começasse se identificando, dizendo seu nome, sua idade, o que é que você faz...

Meu nome é FAG, sou funcionário público federal do INSS, tenho 39 anos.

Você é casado?

Não, sou solteiro!

Tem quantos filhos?

Tenho uma filha de 19 anos.

Ta... quando você vêm jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Normalmente eu venho aos finais de semana, entre oito da manhã e as onze!

Que horas?

Das oito (8h) às onze (11h) da manhã!

Ta... porque você escolhe esse horário?

Porque eu... pra essa época do ano, eu acho mais... mais saudável até... que o horário da tarde eu já não acho tão bom!

Porque?

Por causa do frio, também é... esse horário... quando a gente marca quadra pra de manhã, se por acaso der algum problema, a gente tem a tarde pra vir né?... E se marcar pra a tarde, por exemplo, e der um dia bom de manhã e a tarde chover, fica perdido porque não tem mais como recuperar mais pro dia. Então esse é um dos fatores né? ... que a gente marca mais de manhã!

Você trabalha quantas horas por dia?

Seis.

Seis horas por dia... e o que faz você... você abdicar desse tempo de final de semana pra vir jogar tênis?

Ah, eu não acho que eu tô abdicando, eu acho que eu tô utilizando um tempo bom pra... pra minha vida né? Lazer, saúde, essas coisas.

Unhum... e quando você ta.. quando você se pega assim, meio que sem tempo né? Atarefado com outras coisas, o que faz você separar esse tempo no final de semana pra vir jogar tênis?

Oh, no meu caso... (pausa)... é... não ocorreu isso ainda. Com raras exceções, foram poucas vezes que eu quis jogar tênis e não pude por outros motivos. Apesar que o lazer do final de semana é esse, o lazer esportivo né? Eu venho jogar tênis. Então só se acontecer alguma coisa, algum imprevisto assim, mas é muito difícil.

A prioridade é essa então?

É, sábado e domingo de manhã sim!

FAG então o que... o que na verdade faz você vir aqui? Porque é tão importante pra você, vir aqui no final de semana? O que te move pra vir aqui?

Olha, eu conheço o tênis a pouco tempo. Nem um ano. Então como era um esporte que eu não conhecia, né?... nunca tinha praticado, eu gostei, achei assim que é muito prazeroso jogar, então o que me move mesmo é o prazer, só isso!

Se você tivesse que vir aqui, por exemplo, só pra bater paredão, você viria? Só ficar jogando com a parede?

Não, não viria!

Porque?

Porque eu entendo... pra mim fazer uma coisa dessa eu deveria tá ou competindo ou se eu fosse já quase profissional, que me exigisse esse tipo de atividade solitária né? Mas, sem um parceiro pra jogar, eu não viria!

Mas, quando você vem jogar com seu amigo, vocês disputam pontos?

Não!

Não?

Com esse que eu jogo quase sempre não!

Vocês só trocam bolas?

Só trocamos bola!

Existe algum tipo de competição mesmo nessa troca de bolas?

Não, existe... competição não! Mas existe assim, uma busca do aperfeiçoamento de determinadas jogadas, né? Mas que não é competitivo.

Mas isso é uma maneira de você competir com você mesmo?

Não, é uma maneira de melhorar!... de alguns fundamentos! Não de competir comigo mesmo, só pra melhorar!

Você me disse que joga a mais de um ano né?

É menos, seis meses!

Você trocou de raquete alguma vez?

Eu acabei de quebrar uma! (risos) Mas estourou fio na bola, não foi no chão não. Ela rachou aquele material... como é que é o nome?!... (pausa)... titânio né? Que ele rachou... e... até dava pra continuar a jogar, mas como eu tinha... como eu podia trocar na loja eu preferi não estragar ela mais né? Mas é a segunda raquete.

A primeira raquete era de que material?

Era essa mesma, titânio! A primeira! Na verdade é titânio com alumínio. Eles falam que é titânio, mas n é titânio puro, tem alumínio. A segunda também é o mesmo material.

E quando você foi comprar essa raquete na loja, o que fez você escolher essa raquete e não uma outra?

Não, foi sugestão do colega.

Ah tá!

Que ele conhecia o material e eu não conhecia!

Quando você comenta assim, que você não disputa pontos com seus amigos né?...

Não!

... mas que existe, existe essa busca pra... pra se melhorar né?... pra se aperfeiçoar... quais são os aspectos positivos disso?

O aspecto positivo é tu ver que é uma evolução! Uma evolução técnica né? ... dos fundamentos.

E o que isso pode ser... pode trazer de benefício pra sua saúde?

Pra minha saúde, diretamente, fisicamente nada! Pra auto-estima... com alguém que quer melhorar o... não pra... pra auto-estima com o jogador sim né? Mas pra saúde em si, física? Não sei se tem um... talvez... talvez pra... eu acho até que no bater bola, fisicamente melhora mais, porque quando não tem aqueles intervalos de saque e intervalo de parada de jogada, tu gasta mais energia, tu pega mais condicionamento físico, isso é o que eu percebi! E jogando... o jogo, dependendo com quem tu joga, já não gasta tanta energia, já fica mais monótono porque tem aquela coisa de sacar e parar, aquela onda toda! E trocando bola, dependendo do parceiro, se for uma coisa bem... bem

contínua, tu fica em movimento bem maior tempo do que jogando. Movimento na quadra, eu digo né?

Então pra você o mais importante é ter essa dinâmica?

E... não é a minha preocupação, porque não é por causa disso que eu jogo bola.

Não... chega a ser mais interessante por isso?

Não... mais Interessante primeiro pela técnica que você aperfeiçoa e depois tem esse fator positivo que tu condiciona melhor! É os dois aspectos né?

Como é que você percebe isso que você falou de sempre... já que você não acha que isso é competição... isso de se melhorar... como é que você percebe isso fora das quadras de tênis? Como é que você pode transferir isso que você... você diz que ideal é que você aperfeiçoe sua técnica pra que cada vez ela fique melhor, mais apurada, pra que você consiga errar menos... como é que você consegue transferir isso pra fora das quadras de tênis? Você consegue fazer essa transferência? Como é que isso acontece fora?

Fala em que sentido? Na minha vida pessoal?

Sim, pode ser!

Não, acho que não tem nenhuma relação!

Não?

Só tem relação... a única relação que tem.. tu se sente melhor, o condicionamento físico e isso eu acho que melhora de alguma forma, mas não a parte técnica em si vai influenciar a minha vida lá fora. O fato de ta melhor ou pior.

Eu não digo a parte técnica, mas essa busca por tentar ser melhor...

É... isso aí melhora o teu condicionamento físico e conseqüente melhora a tua auto-estima né? Eu acredito né?

Você acha que o seu trabalho né? O ambiente do seu trabalho, ele exige de você, de alguma maneira, uma postura que seja competitiva?

Olha... (pausa)... não, eu acho que não! O meu trabalho não! Porque não tem essa preocupação com competitividade não, porque não tem vantagem nenhuma. Não tem nenhuma vantagem financeira em tu render mais do que o outro, já começa por aí! Segundo porque existe estabilidade, eu sou funcionário público federal, então tu não tens necessidade de ta competindo né? Esses fatores aí que no meu entender, não é da competição no trabalho. É tu ter alguma vantagem financeira e não ter uma estabilidade que obriga que tu sempre produza mais né?

Como é que você entrou nesse trabalho?

Por concurso né?

O concurso é uma forma de competir?

Seletivo sim! Todo concurso é seletivo, por conseqüência é uma competição!

Teus amigos ou parentes, eles te acham competitivo de alguma forma?

Meus amigos... como?

Seus amigos ou parentes, eles te acham competitivo?

Ah... eles acham que eu, em determinadas coisas eu não gosto de ficar por baixo. Então não deixa de ser uma competição (risos)...

Quais são os aspectos positivos disso?

Deles em relação a mim ou de mim em relação a eles?

De ambos! O que é que tem de positivo nessa frase que você diz, “eu não gosto de estar por baixo!”?

Não, eu não falei que eu não gosto de estar por baixo, eu falei que eles...

Acha que eles acham...

É, seria o que eles acham né? É o entendimento que eles tem de mim, não é o mesmo que eu tenho! (risos)... não é o mesmo entendimento que eu tenho (risos)... mas... repete a tua pergunta, faz favor!

Se teus amigos ou parentes eles te acham competitivo, essa foi a primeira né? E depois você disse que eles disseram assim: “eles acham...”

Competitivo em que sentido? Geral tu diz? Não! Muitas vezes eles me acham, mas no sentido geral não!

Quais são os aspectos positivos desse “não gostar de ficar por baixo” que eles acham?

Hum... o aspecto positivo deles em relação a mim?

Unhum... com relação a essa postura que eles acham que você tem.

Hum... o aspecto positivo disso é que, as pessoas podem te respeitar mais né? Esse é o aspecto positivo! Pra te temer também, às vezes... (risos)...

Qual a importância da competição então, pra sua vida?

A competição... ta falando geral? Olha, eu vou ser bem sincero, eu não gosto de competir. Eu acho que competição é um conceito. Nem tudo aquilo que tu vai fazer e que outra pessoa ta fazendo lá do outro lado do mundo que são iguais, existe uma competição.

O que é competição então?

Competição é quando tu usa um referencial de ... pra julgamento, tipo assim, tu vai fazer o vestibular, vai ter um referencial que é a nota. As tuas notas vão ser um referencial dessa competição. Elas é que vão fazer tu ser reprovado ou aprovado. Então tu podes ta fazendo a mesma coisa que outra pessoa e não ta havendo nenhuma competição, entendeu? Porque não existe um nenhum referencial, uma coisa pra tu mostrar ou pra julgar depois o resultado das duas. Eu não me acho uma pessoa competitiva, porque eu não acredito nessa capacidade de um ser melhor que o outro pela variação matemática né? Pode ser melhor que o outro dentro de outros critérios de avaliação, mas não a avaliação matemática. Então eu não me preocupo com o fato da... das pessoas me acharem competitivo, até porque é o conceito deles! Pra mim nem seja competição em tudo... eu não tenho essa preocupação. Agora... acho que é relativo... o conceito é que faz tu acreditar que estás competindo né?

Bom, basicamente era isso FAG. Você quer comentar mais alguma coisa?

Não, não tenho nada pra comentar não! Só se tu fizer alguma pergunta que merece um comentário né? (risos)...

Não, era isso mesmo!

Entrevista nº 11

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 11,VIB (S11,VIB)

Querida que você começasse se identificando, pra que eu registrasse isso né?... nome, idade, o que é que você faz...

Bem, meu nome é VIB, tenho 25 anos, sou do Rio, vim pra cá estudar, tô aí na... já era pra eu ta me formando no final do ano, mas depois eu tranquei e algumas disciplinas eu não fiz, então... então eu tô querendo me formar no final de 2005.

Então você faz o que?

Eu sou militar!

O seu curso é o que?

Eu sou estudante de Educação Física., tô na sexta fase.

E é militar também?

Sou.

Mas você é de que...

Sou da aeronáutica.

E... tem a história das patentes né?...

É, eu sou sargento!

Seu estado civil?

Sou solteiro!

Normalmente quando você vem jogar tênis aqui, você vem que horas?

Geralmente a tarde, duas e meia (14h 30min) três horas (15h).

No final de semana, você joga?

Eu já tive... porque eu comecei a pouco tempo né? E... por motivo de tempo eu não conseguia o horário né?... marcar! Mas sé uma coisa que eu pretendo fazer no segundo semestre aí, é jogar mais intensamente!

Quando você vem jogar, é... porque você escolhe esse horário?

É, como eu comecei a pouco tempo né?... e período de férias, pra mim fica melhor jogar a tarde, que também tem um colega meu que joga e pra ele, a tarde fica melhor, então como eu tô com tempo né?... já que a faculdade parou né, eu tô de férias, então pra mim fica melhor a tarde. Mas no caso, quando começar as aulas, pra mim vai ser melhor de manhã.

Mas você já jogou durante as aulas?

Eu fiz a disciplina com Juarez.

Sem ser a disciplina?

Já! A tarde também! Tem três aulas assim...

Você acha que esse horário é o mais adequado pra jogar tênis?

Olha, não seria o mais adequado porque eu acredito que no verão jogar as duas e meia (14h 30min), três horas (15h) é um pouco complicado, entendeu? Se eu pudesse escolher um horário de manhã cedo ou então no final da tarde, eu acho que seria melhor.

E porque você vem esse horário?

É porque... por causa do tempo e... e também... basicamente tempo!

Porque você resolveu jogar tênis?

Porque eu fiz essa disciplina com o Juarez e aí eu vi que é um esporte legal, entendeu? A gente aprende um pouco da técnica e... e assim, a gente olhando assim, parece que é fácil e depois que a gente pega, a gente vê que é difícil né, o negócio e eu acho que é isso que estimula! A gente acerta um golpe, erra, aprende outro e isso aí... e aí vai! Eu acho que é um aprendizado, entendeu?... eu acho que é um esporte que requer dedicação, acho que como qualquer esporte, mas é... eu gostei de fazer a disciplina. Por isso que eu... que... que eu tô tentando pra ticar entendeu?

O que lhe fez continuar a jogar então? Assim, você começou com as aulas da disciplina... porque você continuou?

Que eu acho que foi uma identificação. Eu sempre joguei ping-pong, sempre acho que raquete é uma coisa que me atrai, entendeu? Então assim, eu sempre joguei ping-pong, eu sempre gostei e o tênis, como eu tive essa oportunidade de vivenciar eu... pó, é um esporte legal! É um esporte que... que tem a ver comigo!

Bem, pelo que você me disse, você estuda e você também tem um trabalho na aeronáutica. Quando você tá muito atarefado assim com tuas coisas né?... que teu tempo tá curto, o que é que te faz arrumar um tempo e vir pra cá pra jogar?

Eu só venho pra cá quando realmente eu tenho tempo! Porque eu trabalho por escala. Então eu trabalho ora de manhã, ora a tarde, ora a noite. Então assim, se eu não tô trabalhando a tarde e eu tô estudando, como eu falei esse período de férias tá ajudando, entendeu?... que eu só tô com meu trabalho, então a tarde dá... uma vez ou outra que não dá vir, entendeu? Quando começar as aulas, vai diminuir um pouquinho, mas aí de repente no final de semana eu vou poder vir também, o que eu já vou tentar marcar né?

Você costuma vir sozinho?

Não! Hoje... hoje eu tô sozinho né? Porque esse meu colega, ele não pode vir, mas geralmente eu venho com um ou dois... parceiros.

É... se fosse o caso né VIB, de você... de você ter vir pra cá pra bater paredão, por exemplo, você viria? Se não fosse pra jogar com outra pessoa, se fosse só pra você ficar batendo na parede você viria?

Olha, hum... eu acho que não!

Porque?

Porque... assim... não sei! Acho que depois que a gente (pausa)... no início a gente começa esse processo de aprendizagem, paredão e tal e depois que a gente começa a pegar o gostinho, começa a bater bola, eu acho que o paredão ele desanima, apesar de

ser um... de ser um instrumento bom pra quem tá começando, eu tenho consciência disso, mas a questão é justamente essa, quando você começa a bater uma bolinha, começa a acertar a bolinha e tal, você pega tanto o gosto, que... no meu caso, ficar batendo paredão fica um pouco desanimador, entendeu? Um pouco... é uma coisa muito estimulante...

O que é esse gostinho que você fala? Você poderia tentar traduzir isso pra mim?

Eu acho que é assim, esse gostinho ele... ele vem a cada dia. Cada dia você vai aprendendo alguma coisa nova, você acerta um golpe, você começa a acertar mais o saque. São coisas... é um processo assim devagar, mas que se você mantiver uma constância, você vai percebendo que você vai evoluindo, entendeu?... e isso é gratificante! É o que tiver de positivo!

Você se acha competitivo?

Não, nem um pouco!

Não? Mas... por exemplo, quando você vem jogar com seus amigos né?... vocês disputam pontos?

Anham!

E isso é ser competitivo?

Não! Não considero, porque a forma de disputar ponto é uma convenção pra que, de repente, tem ali um “quem vai continuar na quadra”, mas eu acho que é... o fator competitivo que você ta falando é o fato de ... a... o objetivo de ganhar sempre, não sei se é isso que você... no meu caso, eu jogo pra me divertir. Eu gosto de vir, pra vir, pra... acertar um backhand (golpe de esquerda no tênis) entendeu? Eu tô nessa fase agora! Eu quero aprender! Se eu perder? Beleza! Sento, espero acabar uma partida pra jogar, então... assim, tem uma contagem de pontos pra ter o rodízio então, mas nada de... ganhar em primeiro lugar e... ganhar é o que interessa! Não, não é por aí!

O que é ser competitivo então?

Eu acho que... que a competição... a competição ela ta ligada a rendimento, a vitória... então eu acho que quando você fala em competir, é uma coisa... é um contra o outro, entendeu? É a vitória que interessa. Eu acho que a competição, ela é voltada pra isso e eu... particularmente eu... eu até gosto de assistir uma competição, só que eu não gosto de competir. Eu assim, não é uma... não é meu objetivo. Eu gosto de jogar meu futebol, se eu perder, ta tudo bem, se eu ganhar, melhor, mas nada de... muita... muito... fanatismo entendeu? Muito... muita vontade, ânsia, gana de ganhar, só ganhar!

O que te move a vir aqui jogar então?

É prati... é... é... ta em movimento, é divertir, é extravasar, fazer coisas diferentes, conhecer gente, é isso!

E essa sua necessidade de extravasar, né? De se divertir, ela vem em virtude de que? Essa necessidade de extravasar...

Eu acho que o ser humano, ele... ele necessita de quebrar a rotina, de fazer coisas diferentes. Então eu tô sempre inovando. Então assim, no caso, eu num... há um mês atrás eu num... eu fazia aula de tênis, mas não sabia nem se ia... se realmente eu ia gostar, entendeu? No início do semestre, no meio não, vamo botar no início do semestre... e hoje eu descobri no tênis um esporte que eu possa... um passa tempo!. Um... mais uma atividade diferente! Eu gosto de jogar futebol, descobri o tênis. Pô, eu venho na UFSC de bicicleta...então são coisas diferentes e o tênis é mais um... mais uma forma de preencher meu tempo de uma maneira diferente!

Porque o futebol e o tênis e não uma caminhada na beira-mar?

Olha, eu vou ser sincero com você, eu... eu... a.. até maio eu corria direto! Três vezes por semana, quarenta minutos, academia... só que inverno e eu sou carioca entendeu? No inverno a gente desanima, entendeu? (risos) Então assim, de lá pra cá, eu tenho... eu me considero um sedentário. Eu só tô fazendo academia, então mais um motivo também pra eu fazer alguma coisa, o tênis, entendeu? Então apesar de não ser tão aeróbico como uma caminhada, uma corrida, mas o tênis ele... você ta em movimento, entendeu? E a caminhada é legal. Praticamente eu não gosto de caminhar, eu prefiro correr. No instante, pela condição climática eu não, não tô correndo.

Então é... voltando aquela questão né?... que você disse que disputava pontos sim com seus amigos, mas que aquilo pra você era... tanto fazia! Então não era bem uma competição, mas de alguma maneira vocês estão disputando...

Unhum...

... de alguma maneira, alguém vai ter que sair pra outro poder entrar. Eu queria saber quais os aspectos positivos dessa competição? O que é que você acha que tem de positivo nesta competição?

Olha eu acho que... nesse nosso caso né?... vou falar de quando a gente joga... eu acho que o... o tênis é... geralmente, vamos supor, quando tem três pessoas pra jogar né? Não dá pra jogar dois e um, eu acho complicado. Ah, quatro? Dupla, beleza! Mas o fato de você atribuir o ponto ou quem completar sete primeiro ganha e tal. Eu acho que é uma forma de todo mundo jogar, entendeu? Eu acho,... eu vejo por esse lado. Eu não vejo como se de repente, quem perdeu é o pior, quem perdeu não joga mais, joga menos.

E pra você, pessoalmente, o que é que tem de positivo essa competição? Tirando esse aspecto do jogo né?... perder, ganhar... essa competição que você sente né?...

A competição que você ta dizendo é a competição que eu vejo no caso...

Isso que você vem jogar aqui com seus amigos...

No caso é a competição que eu participo né?

É! Tem algum aspecto positivo que você pode tirar disso pra você?

Tem! O fato positivo é que, como há contagem de pontos, há um vencedor e um perdedor e quando você vence... no meu caso, quando eu perco, perdi! Sento e espero a próxima partida pra jogar de novo, mas quando eu venço, é inevitável, você se sente... Pô, eu tô... eu tô progredindo, entendeu? Então eu acho que o fato positivo da vitória é isso, é a auto-estima, você “pô, é legal!” É um feedback positivo! Que eu acho que quem pratica esporte precisa também, do estímulo né?

Você acha que... como é que você percebe essa competição fora das quadras?

(Pausa)...

Como é que você percebe “a competição” for das quadras?

Fora das quadras?... eu acho que isso aí é... assim é... é um mecanismo muito óbvio entendeu, a competição hoje?! Ela ta intimamente ligada ao modo de como a gente vive, de como a sociedade vive hoje. Há muita competição em todos os setores, é muito individualismo entendeu? É muito dinheiro que rola entendeu, nessas competições?! Então eu acho que é mais ou menos por aí, entendeu? A competição que rola fora das quadras, fora de repente do campo de futebol, ela é cada vez mais freqüente o... é cada um procurando o seu espaço, é cada um querendo emprego e tudo isso é competição! As pessoas tão muito... tão cada vez mais individualistas, mais competitivas. Então eu acho que é um retrato da sociedade que a gente vive. Dos mecanismos da sociedade.

Você acha que a competição exercida nas quadras, ela se transfere de alguma maneira para outros setores da vida?

Eu acredito que possa sim, ainda mais com uma...

... em algum aspecto, não que seja igual, mas em “transfer”...

Eu acredito que sim, ainda mais, de repente, assim, se é muito enfatizado na escola, por exemplo, eu acho que... que se houver competição, ela tem que ser bastante trabalhada, a pessoa tem que ter muito jogo de cintura, tem que saber valorizar aquele que perde, aquele que ganha, porque se não a criança, ela... ela começa a valorizar muito só ganhar, essa competitividade e nada demais é bom. Então é importante que essa competitividade seja trabalhada na escola, por exemplo, eu acho que é interessante! O papel do professor é importantíssimo!

Você acredita que a competição, ela pode auxiliar na saúde de alguma forma?

A competição que você diz o que, alto nível? Alto rendimento?

Não! A competição em todos os sentidos!

Não, eu acho que não tem nenhuma relação não. Não vejo relação no fato de você competir com a saúde, não vejo.

Mas quando você diz que vem aqui pra extravasar, você não acha que isso faz você...

Ah... a prática de atividade física, sim! Não o fato de competição. Eu acho que você vim pra cá pra você fazer uma atividade física, pra pedalar, pra você correr, pra você se deslocar de um local pro outro, tudo bem! A gente pode... pode fazer um paralelo, agora, a competição em si, ganhar, perder, contagem de pontos, não vejo!

Então... você acha que essa competição que você vive aqui, você acha que ela, ela ta mais pra o movimento do que pra essa oposição: ganhar, perder? Não sei se você me entende?! Parece que nós estamos falando de duas formas de competição, de uma que é ganhar e perder e outra que é essa que você vem pra extravasar e tal, mas você não deixa de disputar os pontos né?... mas parece, dá impressão que é uma competição diferente, parece que são dois tipos de competir. Esse segundo, que é o teu, de vir aqui para extravasar, pra se divertir etc, isso é igual a movimento? Isso é movimento só?

Eu... eu acho que... (pensativo)... o fato... quando você pratica um esporte voltado pra uma competição, o que interessa é a vitória... eu acho que a saúde não é o principal. Alto rendimento não ta ligado a saúde, eu acho, então... agora no caso da minha competição aqui que é uma coisa que eu encaro como sendo uma coisa tão "light" entendeu? Uma competição como eu disse né?... que o intuito não é ganhar, o intuito é disputar ponto e pô, tudo bem, vai ter um ganhador, é inevitável, mas não é o objetivo, você sair dali ganhando. O objetivo mais é você se divertir, é você ta em paralelo com... com... se divertindo e extravasando, você ta se divertindo, socializando. Então assim eu acho que isso ta ligado a saúde, você extravasar, você... você se movimentar, entendeu?! Você tipo, trabalhar as articulações de uma maneira tranqüila, entendeu?! O Guga, pô, o Guga da mil saques... que o cara treina! Pô, eu não acho que isso seja saúde entendeu? Eu tô aqui pra brincar, é muito diferente. Eu acho que a diferença que existe é essa, quando a gente fala em saúde, eu acho que é uma prática descompromissada, é uma prática que você ta ali pra... mais pra se divertir ou então até mesmo uma caminhada. Eu acho que tem pessoas que, de repente, não se divertem numa caminhada, mas tão ali caminhando porque sabem que talvez seja é... é bom pra saúde, pro sistema cardiovascular e tal, é diferente do que, de repente, você jogar por que você tem patrocinador te... essas coisas...

É... deixa eu te fazer uma pergunta: qual o objetivo maior do futebol? Quando você vai jogar a peladinha?

Idem! Idem do tênis! É... é socializar, é fazer coisas diferenciadas, é tá correndo, fazendo atividade física...

Mas vocês jogam sem fazer gol? "não, hoje a gente vai jogar, mas vai ganhar quem faça qualquer outra coisa, mas... vai ganhar quem fizer menos gol..."

Não! Nada de... nenhuma adaptação não!

Teria graça jogar sem gol?

(pausa)... eu acho que teria! (risos) Eu acho que seria uma coisa diferente, uma... tipo, é... vamo apenas é... (pausa)... apenas é... chegar ali na... na... na linha do gol, ali, e quem mandar a bola ali, ganha! Seria um tipo. Eu acho que... o fato... eu acho que o principal... é difícil né?... você imaginar o futebol sem gol, né?... Mas eu acho que o principal é você... no meu caso é tá com os amigos, eu acho que o principal é isso! O gol em si ele é legal, mas como eu falei é igual ao tênis, não é o objetivo a priori ganhar, não é por aí!

De alguma forma, a universidade ou o teu trabalho exige de você uma postura competitiva? De alguma maneira?

Meu trabalho não! Faculdade, sim! Eu vejo... nada assim exacerbado, mas eu acho que existe uma... uma... o fato de você... você fazer o seu melhor na universidade, você buscar um nome, eu acho que isso tá mais presente na faculdade do que no meu trabalho. No meu trabalho eu não tenho isso.

Como é que você entrou no seu trabalho?

Foi um processo seletivo. Um concurso!

Seus amigos ou parentes, eles te acham competitivo?

Não!

Nenhuma situação?

Não!

Então, depois de tudo que a gente já falou sobre competição né?... o que você acha que a competição pode trazer de importante pra sua vida? Qual a importância da competição pra sua vida?

Eu acho que competição, ela... como eu falei... se ela for bem trabalhada, ela é importante. Ela... ela... ela é uma lição de vida, tipo, ontem mesmo no jogo do Brasil e Argentina né?... a gente... uma competição, só que dali você pode tirar algumas lições, entendeu? Pó, o Brasil tava perdendo, eles começaram a esnober e começaram a brincar e pó, no final o Brasil conseguiu empatar, então assim, a persistência é o fato positivo numa competição, o fato de você ter sempre esperança, não desistir, se trans... transportar isso pra sua vida né? Pode ser uma... uma... uma coisa boa que a competição trás, o fato de você lutar por aquilo que você quer. A recompensa de você lutar, de você conseguir. Eu acho que é... a competição ela pode dar lições de vida entende?

O que significa competição pra você?

Competir é... (pausa)... é você... superar alguém ou algo. Eu acho que é mais ou menos por aí. Você... numa competição, você... o objetivo... superação! Superar alguém ou algum... algum patamar... algum... alguma referência. Eu acho que a competição ela tá, ela tá ligada a isso. A superação!

Você teria alguma coisa a mais pra comentar?

(pausa)... não... basicamente isso que eu falei, que eu penso. Como eu falei, eu acho que a competição ela, ela não pode ser desconsiderada. Eu acho que faz parte do nosso dia-a-dia. Eu acho que querer eliminar a competição, eu acho que não é por aí, eu acho que colocando a gente né? ... como futuros professores, eu acho que a gente tem que saber trabalhar nesses dois lados, saber explorar o que é que é que a competição tem de positivo, analisar o que é que tem de negativo, expor pros alunos pra saber o que eles pensam, eu acho que é por aí! Desconsiderar a competição seria... eu acho que não seria o ideal, mesmo aqueles professores que são... que não são a favor da competição. Eu, por exemplo,... pra mim a competição, alto rendimento, não é °.. não é a minha área, não é uma coisa que eu... eu defendo, que eu... eu aplicaria numa prática minha, mas eu não deixaria de falar pros meus alunos o que é que é uma competição, o que tá por trás, a importância de ganhar e de perder, a relação da saúde, que que é saúde?! Até onde há saúde, até onde vai, então acho que é legal. E uma... é muito pano pra manga isso aí! (risos).

É isso aí, obrigada!

Entrevista nº 12

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 12,EL (S12,EL)

Querida que você começasse se identificando, dizendo seu nome, idade, qual a sua profissão, o que é que você faz...?

Bom, meu nome é Elio, 47 anos, mais o que?

Qual a sua profissão? O que é que você faz?

Sou funcionário público, trabalho na universidade...

Estado civil?

Casado.

Tem quantos filhos? Tem filhos?

Dois filhos.

Qual a idade deles?

Viche Maria! (risos)... Agora aí começa a pegar. Um tem 14 o outro deve ter 21 anos.

Assim Elio, vamos tentar fazer disso assim, uma conversa né?... quanto mais solta for... solto for o nosso diálogo, melhor tá?

Unhum...

Quando você jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Não tenho horário definido! Depende um pouco da disponibilidade minha e do companheiro de jogo. Às vezes é pela manhã, às vezes, é a tarde, às vezes, a noite.

Quando você vem de manhã, você costuma vir que horário assim mais ou menos?

Eu prefiro bem cedo, por volta de 8h.

E a tarde?

A tarde... finalzinho da tarde. No verão a partir das cinco (17h), seis (18h) horas. No inverno a partir das quatro horas.

Porque você escolhe esse horário de manhã e a tarde?

Bom, como eu falei, de manhã e a tarde depende da disponibilidade que a gente tem que fazer e do companheiro de jogo também tem que fazer e também pra não perder tempo demais. Você pega no meio da tarde ou no meio da manhã, você perde praticamente a manhã ou a tarde inteira! Além do que, bem cedo não é tão quente e mais no finalzinho da tarde também o sol mais forte já... já... embora no verão continua sendo muito quente, mas a parte mais forte do sol já... já passou!

Esse horário se adapta então a... ao teu trabalho, é isso?

É! Em linha geral... ao trabalho e as condições de tempo também. Porque no horário ali próximo ao meio dia dificilmente você vai me ver jogando. Eu podendo... mesmo que eu tenha tempo disponível pra aqueles horários, a partir das dez horas (10h) é difícil e antes das... por causa do sol eu não me dou muito bem com o sol, minha pele é muito clara e não... não agüenta, mesmo que passe protetor quando já não é mais quente, eu passo, mas... mas não dá! Não agüento!

Há quanto tempo você joga tênis?

Mais regularmente, em torno de um ano e meio... nós estamos na metade desse ano, o ano passado inteiro e esse ano até agora né? Então eu acho que dá um ano e meio e antes disso, joguei poucas vezes.

Porque você decidiu jogar tênis? Como... porque essa escolha? Você já fez algum outro esporte?

Ah sim! a.. já fiz alguns esportes. Principalmente jogava praticamente só futebol, depois comecei a jogar mais freqüentemente voley. Eu jogava voley, futebol e depois comecei a jogar só voley, depois tênis. Agora só estou praticamente no tênis. Porque o voley tava me dando muito problema nos braços e nos joelhos, então eu tive que parar e... e no futebol que eu deixei por outras razões que eu deixei de fazer e o tênis é porque não tem causado esses problemas e a gente tá se divertindo bastante no jogo. Aprendendo e se divertindo.

Você já teve aulas de tênis?

Tive algumas.

Mantém as aulas?

Não! No momento não. Só uma vez ou outra lá quando a gente tá ali e o Paulinho depois que eu fiz umas... umas cinco aulas com ele e depois mais duas vezes mais recentemente.

Qual a importância das aulas de tênis pra você? O que foi importante ter aulas?

Bom, como eu tava falando né? Não tem como você aprender a jogar o tênis sem ter algumas aulas que te ensine no mínimo o fundamental pra você fazer os movimentos mais ou menos corretos. Ainda mais começando numa determinada idade que as coisas vão ficando mais difíceis ainda. Então eu acho que depois que eu faço alguma aula, eu melhoro bastante naquilo. Embora depois eu não faça as repetições que eu deveria fazer pra fixar melhor aqueles movimentos. A gente volta novamente pro jogo, às vezes, volta a fazer os mesmos erros de antes, mas pelo menos a gente fica se ligando no porque que fez errado e, às vezes, a gente já consegue saber o porque errou e, é parte fundamental pra se aprender a se perceber que errou e de preferência saber o que fazer pra evitar um

pouco o erro, nem que você não consiga fazer, mas desde que você saiba o que você deve modificar.

Olhando teu questionário, eu vi que você tem uma frequência bastante assídua né?... no tênis, você costuma a vir três... pelo menos duas, três vezes por semana...

...fora essas duas ultimas três semanas que eu não vim nenhuma vez (risos)...

...mas assim, quando você tá muito atarefado né? Com tuas coisas e trabalho, o que é que que faz você arrumar um tempinho e vir aqui jogar tênis?

Bom, é... que em determinados tempos, você fica sentado e começa a não render nada né? Então eu acho que é preferível você fazer uma outra atividade pra descansar daquela que você estava fazendo e digamos, refrescar a cabeça daqueles problemas que você está tentando resolver ali e se distrair fazendo uma outra atividade, não necessariamente o esporte, mas pode ser qualquer outra atividade ou cuidar do jardim ou... sei lá, qualquer outra coisa diferente daquilo que você está fazendo eu acho que favorece pra que você volte mais tarde com mais condições de resolver aquele problema que você estava tendo. Fazendo atividade física é melhor que... mesmo que eu não tenha jogado tênis, às vezes, eu vou fazer caminhada nesse período de tempo. Pra fazer atividade a física de uma certa forma. Há condição física e de preferência de uma maneira agradável que é jogar tênis ou caminhar também...

Quando você vem jogar, você vêm sozinho?

Sozinho como assim?

Você sozinho pras quadras e aqui você encontra alguém e joga?

Não, geralmente... geralmente não! Sempre já... em contato com alguém, já com horário marcado pra jogar, sempre! Se não perde muito...

Perde muito o que?

Perde muito tempo! Você vem aqui e não encontra ninguém pra jogar, daí volta frustrado pra casa porque queria jogar e não jogou!

Mas assim EL, se fosse o caso de você vir, por exemplo, só pra... só pra bater paredão você viria?

(pausa)...determinados dias eu acho que eu viria!

Só pra bater...

É!... Se bem que bater o tempo todo só no paredão é... (expressão de desdém)... aparentemente é chato, não tenho esse hábito, mas por exemplo, pra vim na sexta feira, às vezes eu chego um pouquinho mais cedo e fico lá fazendo uns 15 minutos até o Adilson terminar a aula dele pra gente começar a jogar, mas caso... eu acho mais... mais útil né? Não que, só fazendo paredão não seja útil, mas... perdão, paredão eu acho mesmo, mesmo... precisa de alguém pra dar boas instruções de como trabalhar também. Sozinho fica um pouco difícil! Você descobrir a melhor maneira de que ele vá surtir algum efeito. Depois eu acho um pouquinho chato, depois de algum tempo, se torna muito chato, pelo menos eu ainda não descobri o prazer disso!

Como é que você poderia diferenciar o paredão e jogar com uma outra pessoa?

Ah, com outra pessoa é mais divertido né?

Porque é divertido?

Ah...porque tem mais... tem mais assim o imprevisto, é uma situação real de jogo e no paredão eu acredito que as pessoas façam pra melhorar uma determinada... pra repetir um gesto que precisa ser melhorado ou aprendido! E no jogo faz isso de uma forma mais próxima da situação de jogo, que é onde você tira prazer maior, eu acho.

Você se acha competitivo EL?

Acho!

O que é ser competitivo?

O competitivo que eu entendo, é você fazer tudo que é possível, das condições que você tem, usar tudo pra, é... de preferência vencer o teu adversário ou colocar dificuldades pra ele, dentro da... das normas do jogo digamos. Você não esconder nada, você não fazer corpo mole no jogo!

Unhum... o que te move a vir aqui jogar tênis? O que te faz vir aqui?

É... um conjunto das duas coisas né?... o prazer da atividade pelo jogo e pra fazer alguma atividade física.

Você acha que de alguma maneira a competição te trás aqui?

Independendo do tipo de competição, talvez! Por exemplo, eu jamais... eu não gosto de participar de torneios... participei uma vez aqui, mas não era... não é a minha intenção, não tenho esse interesse, mas você compete contigo mesmo, você compete com o adversário, meu adversário eu não posso competir, faço mais a competição comigo mesmo porque eu não tenho condições de ganhar dele. Eu faço o máximo que eu posso pra tentar dificultar um pouquinho pra ele e também talvez pra ele ser um pouquinho bom jogar comigo, porque, você conhece os lances, você sabe que é diferença é muito grande. Eu imagino é a motivação dele pra jogar comigo como é (risos)...

Quais são então... quais são os aspectos positivos dessa competição que você ta falando aí?

Aspectos positivos...

O que é que dá pra tirar de positivo disso?

Hum... não sei exatamente a que você está se referindo ou o que é que poderia ser, mas... é... é o prazer de jogar, o prazer de aprender, pode ser o se esforçar, o se dedicar, a própria atividade né? Te dá um retorno muito bom em termos de satisfação, de cansaço, que às vezes, a gente joga um pouquinho demais, sai cansado demais, isso não é uma parte lá muito boa... é! É... o saber que você pode fazer alguma coisa, que você consegue aprender embora nas dificuldades que você tenha... que a própria atividade pode te melhorar a condição física...

Unhum...

Não sei mais o que poderia ser! Se tiver dicas eu posso dizer se sim ou se não né? (risos)

Nesse caso você acredita que a competição, ela pode lhe auxiliar na sua saúde de alguma forma? Essa competição que você falou, porque assim...

É... essa ... porque ela também é um pouco perigosa né? Eu acredito que sim, mas a gente tem que tomar cuidado, que a gente não é mais criança. Que. Às vezes, ali na hora do jogo, a gente se esforça um pouquinho mais ou vai até além um pouquinho do que deveria. Deveria ter um pouquinho mais de cuidado, às vezes, né? Jogar tão intensamente ou dar um descanso numa hora em que... entre as ações do jogo, né? É...

Porque você acha que você se excede?

Ah, porque a gente joga um pouco de tempo demais e o jogo em determinadas horas ele... se torna assim muito anaeróbico e você sente a respiração bastante difícil em determinadas horas, mas a gente não para muito tempo pra pensar pra voltar um pouquinho mais ao normal pra continuar. A gente coloca, é... ele é um pouco mais novo do que eu, mas depois que nós temos mais idade, você tem que tomar alguns cuidados né? E, às vezes a gente exagera um pouquinho aí, eu acho que a gente deveria ter mais um pouco de cuidado! A gente, mas eu digo mais pra mim!

Você acha que a competição exercida, essa competição que você fala aí que é um pouquinho diferente... sempre focalizando nela... que é a que você vive...

Unhum...

Você acha que esse tipo de competição, ele se transfere pra outros setores da vida? Existe transfer de situações? Eu tô falando desse tipo aí de competição que é... que é...

Eu sei, eu entendo... olha, eu não sei te dizer. Eu tenho dúvidas em saber se você compete no jogo porque você é competitivo ou você compete na vida porque você é competitivo no jogo! Não sei qual é a influência de um lado para o outro. Eu acho que é... dificilmente a pessoa vai ser competitiva só em um lado da vida. Talvez a te compense, mas não saberia te dizer!

Você acha que no seu trabalho, nas situações de estudo... exigem de você uma postura competitiva? Não! Não vejo dessa forma. Não estudo pra competir com ninguém, não estudo pra... não trabalho pra competir com ninguém. Eles é que compitam... eles é que façam a competição deles. Eu não vou entrar nesse jogo aí que

eu acho muito doentio, muito propício pra você entrar em atrito com as pessoas e tentar diminuir o trabalho de outros... eu acho que isso não leva a nada. Eu acho é que você tem que estudar pra você, aprender pra você conseguir transferir isso de alguma forma pros teu alunos e... pra você saber se é mais competente naquilo que você faz. Eu não me acho nessa de fazer isso... fazer isso pra ficar melhor do que alguém ou pior.

EL, qual é a sua formação?

Eu não informei naquele questionário né? Bom, eu fiz mestrado em Ciências do Movimento Humano, é um termo genérico lá de todos os cursos. Eu fiz na área de... eu fiz o meu trabalho de mestrado na área de Aprendizagem Motora. Antes disso eu fiz uma especialização na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), um curso de especialização, foi na área de recreação. Na verdade eu não tinha muito a ver com recreação, só adotaram... não sei porque aquela área de recreação. Então, primeiro eu fiz a especialização, depois o mestrado e agora tô fazendo o doutorado aqui na Engenharia de Produção na ergonomia e tô fazendo a tese na qualidade de vida no trabalho.

Ta, então eu tenho... de acordo com essa informação, eu tenho duas perguntas pra lhe fazer né? Primeiro: - Porque a formação continuada? Porque você deu continuidade a sua formação, fazendo especialização, mestrado e agora o doutorado?

Bom, iss tem a ver... é a necessidade né?

Necessidade de...?

Necessidade de... de tudo! Pessoal, que você tem que crescer pessoalmente, você pode crescer estudando individualmente ou curso, mas você estudando sozinho, você não tem reconhecimento em benefício nenhum disso. Você fazer através do curso, você tem benefício na tua carreira profissional em reconhecimento dos pares e da própria universidade. Não adiantava ter os mesmos conhecimentos que eu tenho hoje, se eu não tivesse o curso de especialização ou de mestrado. Não valeria em termos de reconhecimento profissional, valeria como me reconhecendo como competente, mas não valor... não tenho os títulos. Então você tem que reunir as duas coisas. E um terceiro que está junto que se avalia é a recompensa financeira também né? Que vem junto com tudo isso daí. Então pra você conseguir crescer, conseguir trabalhar num nível acadêmico em melhores condições pra você se mostrar competente.

Você acredita que isso é uma maneira de você competir com o mercado de trabalho?

Com o mercado de trabalho (pausa)... talvez seja “sim” e “não” essa resposta. Eu não tô competindo com o mercado porque eu tô, de certa forma, já empregado no Estado. Eu sou um dos que tinha emprego. Quem não está, eu acredito que sim, que é uma forma de você tem de conseguir emprego. Da mesma forma, se por uma razão ou outra eu sair da UFSC, eu vou ter... se eu tiver o título de Doutor, eu vou ter uma maior possibilidade de conseguir emprego, eu acredito, então, de certa forma eu acredito que sim, é uma forma de você se posicionar no mercado de trabalho também.

E a segunda pergunta que eu tenho pra lhe fazer com relação a essa informação é assim, você diz que ta trabalhando em qualidade de vida no trabalho, não é isso?

Unhum...

Porque a qualidade de vida no trabalho, pra que a qualidade de vida no trabalho?

Bom, em outras palavras... houve mais, tem-se falado mais ultimamente em qualidade de vida. Aí na qualidade de vida, você pode estudar... estudos em diferentes âmbitos né? A qualidade de vida na família, na escola, em casa, no trabalho, atividade física pra saúde, atividade física relacionada a habilidades atléticas e a qualidade de vida como um todo, como também coisa se fala e a gente fala muito de qualidade de vida, mas não analisa muito bem a situação no trabalho, a gente olha no geral, mas fora do trabalho e a gente esquece um pouco do trabalho e eu acredito que o trabalho causa... ele influencia e é influenciado pelos outros aspectos da vida. Então se você não tem uma qualidade de vida no trabalho muito ruim, isso vai se transferir pra tua vida particular, pro teu lazer, pra tua família, pra quem tu conhece. E ao contrário se você tem uma qualidade de vida

muito ruim né?... junto a tua família, os teus amigos ou outras condições, isso também cai em função do teu trabalho. Então é uma das formas de você procurar estudar a qualidade de vida e voltado ao trabalho que a gente também estuda, muito... muita conversa aqui na ufsc, muitos artigos, sobre... sobre a... sobre a qualidade de trabalho... de vida no trabalho aqui. Que ela está muito competitiva, parece que se tornando cada vez pior e daí por diante, então eu estava fazendo o curso, naturalmente que tinha que tinha que fazer algum experimental, então eu de início já quis direcionar pra esse aspecto da qualidade de vida no... nesse caso no trabalho. Eu não precisaria fazer no trabalho né?... mas, resolvi direcionar porque também eu conheço aqui na universidade apenas um único trabalho de qualidade de vida com sujeitos daqui. Não, tem mais um também, mas o mais abrangente assim, apenas um!

Entendi... agora eu faço uma pergunta que foi a mesma que eu fiz anteriormente... você acha que qualidade de vida no trabalho, depois tudo que você falou agora, ela se relaciona com a competição do mercado de trabalho?

(pausa)...

A impressão que eu tenho é que é assim, uma melhor qualidade de vida no trabalho pra que eu possa produzir mais produtivo!

A tua pergunta era... como é que é mesmo... a primeira parada que você falou?... competição? Como é que é? Mercado de trabalho... em geral, se você tiver que escolher, trabalhar num local que te falam que tem uma melhor qualidade de vida e num local onde tem menos qualidade de vida, você vai escolher naturalmente um local onde tem melhores condições de trabalho e que a qualidade de vida é melhor. Agora a segunda parte que você falou de... qual mesmo?

Se isso que você fala sobre qualidade de vida e trabalho...

Tem a ver... produzir mais... a... a teoria é bem clara em dizer que as pessoas que tem uma melhor qualidade de vida, elas produzem mais e melhor, então a qualidade de vida no trabalho... as pessoas que tem uma melhor qualidade de vida no trabalho, elas tem uma tendência a trabalhar mais e com melhor qualidade e isso vai trazer também a ela uma satisfação pra ela. Então a empresa que cuida das suas funcionárias e tem uma boa qualidade de vida, ela não faz isso de graça isso! Ela sabe, ela faz porque ela vai ter o retorno que interessa a ela. Ninguém faz benefícios nessa área, faz tudo com segundas intenções. As grandes empresas, elas procuram fazer isso, principalmente num determinado ramo de empresa, onde a competitividade é mais acirrada, é mais difícil de conseguir empregados tal... elas procuram confiar, mas suas condições de trabalho bastante grande, que ela vai atrair os melhores funcionários e eles vão trabalhar mais e ter mais... melhor qualidade de fabricação. Você sabe que vão ter as compensações ou já estão tendo as compensações que eles gostariam de ter. Então não existe ninguém bonzinho não, bonzinho por natureza nessa história não! Tudo um "toma lá dá cá"...

Você antes comentou que você se acha competitivo né? Seus amigos ou parentes, eles lhe acham competitivo também?

Acredito que não!

Porque não? Primeiro, porque você se acha competitivo?

Eu me acho competitivo mais por situação de jogo. Eu não gosto de perder quando eu posso ganhar!

Ninguém gosta de perder não é?

Ah, tem gente... não! Eu acredito que não! Eu acredito que ninguém gosta de perder, mas tem gente que eu acho que pode se esforçar mais pra não perder. Então, se eu puder ganhar, eu não perco, por isso que eu me acho competitivo, mas não pra... por outros aspectos não, porque se eu acho que eu tenho que, que eu posso ganhar, eu faço de tudo pra ganhar, mas eu tô perdendo aí (risos) direto, sem a menor chance de ganhar.

É, então é... eu tenho só mais duas perguntas pra você, que é assim, primeiro: - qual a importância da competição pra sua vida? A gente já falou na competição em diversos aspectos aí né?... qual a importância então, da competição pra tua vida? O que é que tu acha? Do jeito que você entende, que a pergunta é essa!

É... (pausa)... é porque a competição em termos esportivos, ela é diferente né? Você vai colocar competição no esporte? Algumas pessoas vêem que você tem que ganhar fazendo tudo que você tem direito e que você não tem direito desde que você ganhe, não importa os meios que você utilize desde que você obtenha a vitória. Então a gente observa em quase todos os esportes muito claramente, a pessoa sabe que fez uma falta e diz que não fez, a bola foi fora ou foi dentro, eles dizem ao contrário na maior cara de pau. Quase matam o adversário e dizem que não fizeram nada. Isso é um tipo de competição que eu acho que deve ser evitada. Agora mais especificamente na tua pergunta, eu tenho um pouquinho de dificuldade em responder...

Você pode sugerir também alguma coisa...

É...!

Você pode sugerir as forma como você entende, tipo, “pra mim seria melhor falar se fosse assim... eu não tô entendendo assim...” porque você falou só dentro do esporte, mas se for uma competição de uma maneira geral? Que a gente já falou em competição de todas as formas aqui...

É! Pois é!... competição eu não sei até que ponto é bom, até que ponto é ruim. Eu acho que você tem que competir, você estabelecendo seus objetivos e lutar para alcançá-los. Eu acho que é uma boa competição! Não se contentar com menos que você e sim com aquilo que você realmente pode. Pra isso você tem que lutar, batalhar... eu acho que isso é uma boa competição! Isso em termos esportivos ou na vida mesmo. Eu acho que deve ser assim. Você deve batalhar e lutar, se esforçar para alcançar esses objetivos que você traça. Se você não consegue naquele momento, dá uma mudadinha nele por enquanto e vai sempre buscando aquilo. Você tem que cuidar é pra não colocar esse objetivo lá nas alturas né? Nem muito baixo, nem muito alto. Tem que colocar algum desafio que não seja muito fácil de você atingir, mas que seja possível de atingir. Quando você tá chegando nele ou alcançou, estabelece um novo e aí vai indo, vai indo...

Esse é o conceito de competição pra você?

(pausa)... hum, poderia ser né?!

É assim que você entende?

Eu acho que assim é uma forma um pouco saudável de você... não sei se seria definição de competição não ta?! Eu acho que é uma forma de você competir com você mesmo, pra você alcançar e chegar a algum lugar. Na verdade seria mais um estabelecimento de metas e alcançar.

Mas é isso que significa competição pra você? O que significa então, competição pra você?

Olha, pra mim é difícil de responder essa!

Ah é?

É!

Deixa eu te fazer só mais um pergunta que eu esqueci de perguntar na verdade. É... você joga tênis há um ano e meio né?

É!

Você sempre jogou com a mesma raquete?

Não, troquei uma vez (risos)

Porque trocou de raquete?

Bom, na verdade comecei a jogar com aquela ali. Joguei com meu filho uma vez. Ela é mais pesada do que a minha. Pesada demais eu acho, vai causar até problema no braço. Aí queria... aquela minha é muito leve, quando a bola batia ela mexia demais. Eu acho que não seguro muito forte e batia e ela mexia muito e ela era muito leve. Aquela ali é um pouquinho mais pesada e quando a gente bate, não sente tanto essa..

Vibração!

É... mexer o braço... mais mexer né? Sai do ponto. Aquela é mias estável a batida!

Melhorou teu jogo?

Aí fica difícil dizer né? (risos)... eu acredito que ajuda. Não que tenha sido melhora significativa, mas ajuda... a outra é menos estável né? Na batida. Você já não sabe e ainda pega um instrumento ruim, aí pior ainda. Se tem um instrumento melhor, pelo

menos ajuda né? E aqueles, digamos assim, comparando, um cara que vai jogar futebol ta bem trajado (risos)... pode não jogar nada, mas ta direitinho uniforme tal, chuteira, enfim,... e outro que ta lá, todo esculhambado e com material ruim! (risos)

Você teria mais alguma coisa pra comentar?

Não!

Não né?

Só assim, em termos de competição eu realmente tenho... eu nunca li teoria sobre o que é competição, o que é que era competir, como é... o que eu entendo de competição é você fazer o possível pra... pra fazer o jogo ficar bom, de preferência ganhar se esforçando o máximo pra isso. Só que também esteja bom pro outro né?! Pelo menos no nosso caso do tênis se é bom só pra um, não funciona né?!

Então é isso!

Entrevista nº 13

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 13,REGI (S13,REGI)

Querida que você começasse só se identificando, dizendo seu nome, idade, profissão, estado civil, o que é que você faz...

Meu nome é REGI, tenho 52 anos e... sou casado, tenho 3 filhos, um de 15, outro de 13 e outro de 12 anos...

E... você trabalha quantas horas por dia?

Eu trabalho... agora estou aposentado! Mas também... voltei a ativar numa empresa de consultoria. A aposentadoria foi feita pelo... foi feita pelo servidor público estadual e agora eu trabalho como consultor de uma empresa de transportes. Planejamento de transportes.

Quanto tempo você trabalha por dia?

Eu trabalho quatro horas por dia.

E...

Mas na verdade... na verdade quatro horas oficialmente...

Era isso que eu ia perguntar!

É... eu na verdade trabalho seis horas, praticamente seis horas por dia!

Quando você vem jogar tênis aqui, aqui... que horas você vem jogar?

Eu jogo normalmente as quinze para as oito (7h 45min), entre sete e meia (7h 30min) e oito horas (8h).

Porque nesse horário?

Porque nesse horário? Primeiro eu consigo aproveitar melhor a manhã, por que tem outras atividades, tem uma complementação dos trabalhos que eu tenho que fazer ou dar uma atenção pra família, rapaziada e segunda razão, uma razão muito importante é... que dois dos meus filhos fazem atletismo nesse mesmo horário aqui na federal, então eu trago eles pra fazer atletismo e ta certo que o horário deles começa as oito horas (8h), mas é.. as sete e quinze (7h 15min) nós saímos de casa, to deixando outro filho no colégio catarinense, a aula dele começa as sete e meia (7h 30min). Então eu saio, moro em coqueiros, passo no centro, sete e meia (7h 30min) deixo meu filho, os outros dois filhos vem comigo até a universidade.

Há quanto tempo você joga tênis REGI?

Eu to jogando tênis a partir do... é... acho que eu comecei a em setembro do ano passado (ano passado se refere ao ano de 2003. A entrevista foi realizada em julho de 2004).

Sozinho ou tendo aulas?

Eu tive aulas, aliás, com perdão! Comecei sozinho mas logo vi que precisava de uma orientação maior! Nunca joguei, nunca joguei! Joguei sempre futebol, voleibol, frescobol, natação, menos tênis! Tênis, na verdade, comecei, tem uma boa parte em setembro do ano passado.

E porque você resolveu ter aulas?

Aulas porque... porque... eu via que precisava de técnicas. Eu não tinha técnica pra jogar tênis. Eu aplicava as técnicas do frescobol. E eu diria que aquele que tinha um pouco mais de técnica eu não chegava, eu não conseguia nem, se quer, me manter no campo, então eu precisava de técnicas adequadas, por que eu realmente me faço muito... tive quatro meses de aula, depois tivemos aulas durante os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro e... a partir de janeiro nós paramos, fevereiro retomamos, fevereiro, março, abril, maio e agora já tamos em julho e de novo eu to sentindo que ta devendo ter mais um período de aulas e dá pra ver, avançar e mais ainda, né? Tem alguns fundamentos que a gente ainda não lida bem... então mais quatro meses de aula!

Qual a necessidade de avançar ainda mais?

Na verdade é mais... e mais a vontade de... de... primeiro, de não se machucar muito, porque com 52 anos você já sabe que qualquer... é... saque mal dado ela já... já força de uma forma diferente. Nós não estamos pensando em fazer uma... participar de uma competição nacional, nem se quer estadual, nem municipal. A idéia é mais de parte do tênis. Eu na verdade sempre gostei de aprender as técnicas, fica muito mais simples, muito mais gostoso pra você fazer as coisas. Então, quer dizer, em tudo você precisa aprender as técnicas. No início, eu comecei com o “tênis”, ah desculpa! Com a “computação” e achava que podia aprender tudo só. Aprendi muito e foi um desgaste, um estresse desnecessário que eu não quero repetir mais! Ta?! E numa certa altura, aprender a ser humilde, tipo, “vou aprender o ‘ABC’ das coisas” e realmente ajudou muito! Então quer dizer que todo... que isso aí, na verdade, eu transferi para outras áreas, não apenas para a computação, aprendi a ter técnicas adequadas para cada uma das suas atividades. Planejar melhor suas ações! Coordenar as seqüências e isso... colocar uma lógica nos processos, né? E... isso facilita muito os trabalhos, né? Você faz os mesmo trabalho com muito, muito menos esforço!

REGI é... quando você... eu sei que seu horário, como você me disse, o seu horário de trabalho, ele é mais flexível né?

É! Meu horário é flexível! Eu posso trabalhar das três (15h) até as sete (19h), eu posso trabalhar um dia “não”, dois dias “sim” inteiros. Eu tenho essa flexibilidade porque eu tenho contrato, eu tenho contrato com a empresa de trabalhar 20h... 20h semanais.

Mas assim, eu queria saber é... em alguns momentos né, a gente se vê atarefado com uma série de outras coisas que não sejam só o trabalho né? A família... eu queria saber o que é que te faz disponibilizar aquele horário né?... de vez em quando você ta muito atarefado, pra vir aqui jogar tênis?

Bom, é que o exercício físico é fundamental pra gente! Até a gente sente é... é... uma melhor coordenação motora, equilíbrio emocional é... quando você pratica regularmente exercício e no tênis, como eu faço agora três vezes de uma forma bem regular, eu me sinto muito melhor! O poder de concentração, sinto assim muito mais forte essa, a coordenação motora, equilíbrio emocional, o serviço sain... pode ser realizado com menos estresse, é isso aí...

Você acha que isso influencia positivamente na sua saúde?

Ah, claro! Também! Também eu acho que é um ponto muito importante né? No próprio exercício, estamos fazendo a ginástica de um lado pelo prazer ta? Mas pelo outro lado também pra cuidar do corpo que é necessário! Se você não zela pela sua saúde, ninguém vai zelar! Né.. você tem que fazer isso porque... é se dedicar, é manter o corpo em condições normais.

Você costuma vir sozinho?

Oi?

Você costuma vir sozinho pra cá, pra jogar?

Sozinho... não!

Você combina com alguém...

Sempre! Nós combinamos também... eu já vim sozinho, pensando que eles tivesse aqui! Agora se eles não vem, daí eu faço outra coisa né? Daí eu vou caminhar, vou correr, vou... faço qualquer coisa assim ou até já aproveitei um dia pra ficar treinando saques, então já fiz isso também, mas como aqui não tem nenhuma barreira?! Se tivesse aqui um paredão, eu provavelmente teria vindo mais vezes!

Ah! Então se fosse só pra vir pra jogar paredão, você viria?

Ah, provavelmente sim! Provavelmente viria, mas como não tem paredão eu não venho! Então eu vou jogar contra a terra (ironiza... risos)

Você se acha competitivo?

Oi?

Você se acha competitivo?

Eu acho que de uma certa forma sim! De uma certa forma... porque a gente sempre... de uma certa forma, de uma certa forma a gente sempre está concorrendo né? Eu, na verdade, confesso que estou me reeducando pra levar uma vida menos, de menor concorrência possível, mas o sistema em que a gente vive é na base da concorrência! Quem tiver as melhores técnicas, quem estiver melhor preparado, em todos os sentidos, leva mais vantagem! Melhores empregos, melhores salários, melhores trabalhos, tem maior reconhecimento e tudo isso né? Mas eu to tentando fazer o meu trabalho por prazer, não mais por concorrência. Já fiz muito na base da concorrência e é um desgaste muito grande que eu to tentando evitar! O mesmo trabalho, que eu sempre fazia, de repente com a qualidade igual, mas mais por prazer agora por ter que mostrar um tipo de serviço pra alguém!

O que é ser competitivo REGI?

O competitivo pra mim é... é ter uma... (pausa prolongada)... o competitivo... eu acho que nós precisamos estar competitivos! No sentido de poder exercer bem as atividades do dia-a-dia. Concorrência eu acho mais forte, mas no espírito de "eu querer ser melhor que o outro de qualquer forma!" Eu não preciso ser o melhor, eu preciso ser bem... como diz o cara: "apenas ganhar de vice!" (risos) Na verdade, brincando um pouquinho, mas... a concorrência, eu acho ela muito... "a qualquer preço", a competitividade a qualquer preço! Eu acho que não é salutar! Eu acho sim que você precisa estar bem preparado, bem treinado, bem capacitado, porque o mundo que a gente vive é "cão", não é fácil e quem não estiver bem, não tiver essas qualidades, tem grandes chances de se dar mal, ta?! Então, por exemplo, os empregos, os salários, bons salários são cada vez mais escassos né? E os próprios produtos ofertados, são também cada vez mais, cada melhores e se você não oferta o produto num bom nível também, você ta fora do mercado e eu acredito que pra nossa fase não é bom ta fora do mercado nunca! Cada um dentro de sua especificidade. Se for pedreiro, "pedreiro", se for carpinteiro, "carpinteiro", se for engenheiro, "engenheiro", se for um... sei lá, uma cara especializado, "um cara especializado", de mestrado, de doutorado, cada um tem que ser... tem que ter condições e dentro da sua... dentro de sua área de ação, especialidade, exercer bem suas as funções, porque ficar parado, ficar isolado, ficar... né?... ficar... ficar no ócio, isso é extremamente prejudicial pra saúde física, emocional, mental... isso... e pra você não cair na ociosidade, no ócio né, como você queira... é... é necessário você se manter no mercado preparado, capacitado, ofertando produto, no mínimo de igual pra igual! Você não precisa ser melhor, precisa ser o suficiente pra você ser, pra você reservar "aquela fatia" que você precisa pro teu dia-a-dia!

Quais são, então, é... quais são os aspectos positivos né?... dessa competição aí?

Os aspectos dessa competição, os aspectos positivos são (pausa)... eu acredito que ... o equilíbrio! O equilíbrio!!!

Muito bem! É... como é que você percebe... você até já falou alguma coisa né? Você assim, se expressa muito bem nas respostas! Mas, eu queria que agora, se você pudesse né? ... resumir em algumas palavras... como é que você percebe a competição fora das quadras de tênis?

A competição fora das quadras?! Olha, ela... ela é uma concorrência cerrada! Da qual, não quero participar, mas... “ao todo”! Mas, “em parte”, eu sou obrigado a participar. Sou obrigado! Então, quem vai passar fome, vai passar lá em casa! Então quem vai cair numa depressão (risos) ou num desequilíbrio interior, físico, emocional né?... sou eu! Então para o meu bem e para o bem das pessoas que estão ao meu redor, eu preciso estar suficientemente preparado pra assegurar uma parte desse mercado, vamos chamá-lo assim, no qual eu faço parte, tirando benefícios.

Então essa competição acaba se transferindo né? ... pra outras situações da vida?

Ah! Sem dúvida! Sem dúvida, então quer dizer que é... é... eu acredito que realmente essa... é... a pessoa que vive num estresse, sob o domínio da ambição é uma pessoa (pausa) condenada ao insucesso! Uma pessoa que eu acho que se contém, se contém dentro de um certo equilíbrio né?... que tem valores superiores a querer é... ganhar, ganhar, ganhar cada vez mais, ter, ter, ter cada vez mais, de ser, ser, ser cada vez mais... princípios mais fortes de equilíbrio,... essa pessoas tem melhores possibilidades de sucesso... e maior realização... comparado ao esporte ajuda bastante, a manter o equilíbrio, manter a serenidade né?... manter a coordenação motora, mas a pessoa precisa estar dentro de princípios e colocar esses princípios numa ordem prioritária, se não a bagunça é grande né?!

O que é que o move a vir pro tênis aqui então?

O que move... o que move o tênis? O que move o tênis?...

O que o move a vir aqui pra jogar tênis?

São várias coisas! Então uma das coisas é que eu preciso de algum tipo de esporte regular... eu sei que é fundamental! Não to aqui pra ser um “Guga” (Tenista brasileiro), nem ganhar do Guga! Estou aqui pra manter uma atividade física regular e eu gosto das atividades físicas, eu tenho prazer nisso! Então isso pra mim é um modo, eu gosto de fazer isso! Além do benefício pra minha saúde e... mas o que me move mesmo acho que é de um lado o esporte em si, os benefícios que eu tenho no esporte e do outro lado também de estar com pessoas, amigos, com quem a gente está se relacionando, uma forma mais pessoal e a gente acaba usufruindo dessa amizade e tirando benefícios indiretos muito importantes desse processo.

Entre jogar tênis... e fazer a caminhada, qual que você escolhe?

Ah, eu jogo o tênis porque a caminhada... eu fiz a caminhada por um tempo, mas a caminhada é mais, ela é... ela é mais individual. No tênis você tem um jogo mais, você tem um esporte mais... igual possibilidades de desenvolver a amizade, exige mais concentração. O tênis é... o tênis ao contrário do... do... da caminhada, ele é anti-depressivo. A caminhada é depressiva, muitas vezes se a pessoa não tem o controle adequado a suas emoções, a caminhada ela é... a pessoa ao longo da caminhada ela vai, vai levando seus problemas e os problemas que eram pequenos acabam ficando enormes. No tênis não. No tênis se você não mantém o foco, você está fora do pário! Você não consegue jogar tênis! Então, no tênis você tem que ser concentrado! Então, é um exercício muito grande de concentração, muito mais que outros esportes ainda. Na caminhada você não precisa se concentrar. No tênis, no futebol, outros, voleibol, tem que ta ligado no jogo, mas no tênis principalmente porque é muito rápido. Então o tênis ele é extremamente é.. ele é...ele exige muita concentração e com isso você consegue ser necessariamente pra jogar bem tênis, você tem que estar, você tem que estar desligado dos seus problemas, ele te força a ser desligado dos problemas, das confusões e de outras questões que estão em abertas pra se ligar exclusivamente de grande poder de descontração, um grande poder de... de... de eliminar o estresse. Enquanto que a caminhada, dependendo de como você conduza... porque às vezes você caminha sozinho, você pode caminhar sozinho, então você tem que sair e ficar só, mas fazer isso regularmente, duas horas por dia, três vezes por semana, isso não é bom. Pra muitas pessoas isso é bom, mas outras conseguem, de repente, equacionar isso de uma outra forma, pra muitas pessoas eu já vi que não é bom, a caminhada não é boa, é a mesma coisa que, pra quem ta... pra quem tá... pra quem tem tendência, digamos, a carregar os problemas e remoer seus problemas.

Bom, essa pergunta agora, é uma pergunta que eu vou fazer porque ela é uma pergunta pontual do roteiro né? Mas você também já comentou alguma coisa. Ela é assim... se o teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Claro! Sim... exige, mas exige eu tenho uma certa liberdade pra mantê-la dentro de certos parâmetros como eu falei a pouco, né? Não é uma concorrência doentia, mas uma competitividade sadia, né? Não... no sentido menosprezar os adversários, profissionais... no sentido de contribuir positivamente pra eles, isso é resultado de uma fatia do processo a que eu tenha sobrevivência.

Seus amigos ou parentes te acham competitivo?

(pausa prolongada)... ambiciosos, que eu tinha em mente... eu acredito que não! Competitivos... que tem... competição... competição sadia, eu creio que sim!

Qual a importância da competição pra sua vida?

A competição apenas... tem... ela é importante, mantido os parâmetros.... porque você precisa sobreviver nesse mundo cão!

E o que significa competição pra você?

Competição pra mim, significa estar preparado... emocionalmente, fisicamente, mentalmente, espiritualmente para as fatalidades que são requeridas pra que você... pra você poder produzir aquele produto, chama de produto, é o resultado de tido o serviço, que... da forma que aquele produto seja aceito e seja remunerado de forma adequada. Então a competição, ela apenas, no meu ponto de vista é importante, para que cada um possa assegurar a sua fatia do mercado por questões de sobrevivência. Não... não... eu não preciso ser dono do mundo inteiro, preciso apenas ter condições, ta?... de ter e de prover uma qualidade de vida satisfatória pra mim mesmo, pra que daí eu possa, refazer, ajudar os que estão perto de mim! Eu não tenho.... essa condição de querer ser aqui um Bill Gattes (Microsoft) da vida, né? E nem de ser o melhor e também não quero ta comparando o meu trabalho com os demais, eu quero apenas que as pessoas que... sigam os meus trabalhos, que aquele trabalho atenda da melhor forma possível as expectativas deles e que aquilo possa somente ajudá-los.

Perfeito! Você teria alguma coisa a mais pra comentar?

Não! Pra mim ta ótimo! Ta jóia?! (risos)

Então muito obrigada!

Entrevista nº 14

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 14,EVER (S14,EVER)

Então vamos lá... eu queria que você começasse se identificando, dizendo seu nome, idade, profissão, estado civil...

Meu nome é EVER, eu tenho 28 anos, sou professor da rede da rede estadual e da rede municipal...

Professor de quê?

Professor de física. Sou graduado aqui pela federal em 2002, mas já trabalho com Educação a seis anos.

Estado civil?

Solteiro.

Quantas horas você trabalha por dia?

Por dia? Ah, no mínimo oito horas.

É?... que horas você vem jogar tênis aqui normalmente?

Normalmente nos períodos vespertinos em alguns intervalos que tenho, que eu trabalho mais pela manhã e a noite, eu tenho algumas tardes de folga... eu venho no período vespertino, meio dia, tipo... uma hora (13h), até três (15h), quatro horas (16h).

Porque você escolhe esse horário?

Bom, porque é o horário que tem, tem essa possibilidade, tem essa abertura.

Você acha que esse horário é o mais apropriado?

Pra fazer a prática?

Sim!

Ah, eu acho que... não sei se tem um horário apropriado. Eu acho que pela manhã seria um horário mais... conveniente talvez.

Quando você tá muito atarefado assim, com suas coisas, com o seu dia-a-dia, com o seu trabalho... com suas coisas; o que é que te faz arrumar um horáriozinho, seja ele qual for, pra vir aqui jogar tênis?

Poh... pela vontade de fazer a prática mesmo. Pra isso teria que falar um pouco sobre o... talvez o histórico do tênis aí comigo, não tem muito tempo que eu jogo, tenho 28 anos, mas faz é... faz dois... vai fazer três anos em fevereiro que eu jogo tênis e até então isso não acontecia tal (risos), mas é... tem alguns, tem alguns que são até um pouco mais velhos que eu no tênis e falam isso né?... que tênis é como uma cachaça (risos)... que experimentou, tu vai, vai tá sempre jogando e comigo aconteceu assim...

Porque você acha que... o que significa ser “como uma cachaça”?

Ah, que é assim é... é algo que a prática cria um vício por ser prazerosa mesmo, tu vim e tá suando, batendo uma bola, correndo e trabalhando a cabeça, o tênis também tem esse lado muito mental de tu: “bah!!!” e manter o cérebro, manter o serviço, pensar na devolução, tudo isso! Acho que o tênis é muito mental, um jogo de xadrez talvez! A parte mental né?! Claro que a parte física ali, tu... (risos)

Se fosse pra vir aqui, por exemplo, só pra bater paredão, você viria?

Bater paredão? Hummm... ah não sei! Acho que não! Só pra bater paredão não! Só se fosse bater um paredão enquanto chegasse alguém ou algum amigo pra bater uma bola, imagina!

Qual a diferença entre bater paredão e jogar com outra pessoa?

Hummm... ah (risos)... (pausa)... ah não sei, o paredão, de repente é uma coisa mais, tu já sabe como é que vai voltar aquela bola. **Tu já tem uma noção de como que ela vai voltar! (previsibilidade!)** com tua ação contra a parede, tu já sabe como ela vai voltar e tu lançando pra uma outra pessoa, tu não sabe, ele vai devolver uma bola totalmente diferente.

Você... você se considera competitivo?

Competitivo? Sim!

Porque?

Ah, porque isso faz parte do próprio jogo, né? Do próprio jogo do tênis, acho que tem esse lance do competitivo, do ponto, do não tem “em parte”, entendeu? O tênis tem isso, não tem “em parte”!

O que é ser competitivo?

O que é que é ser competitivo? (o entrevistado “sopra” como sinal de dúvida) é... (pausa)... por ser um esporte individual e tu ser um vencedor, acho que é isso! Ser competitivo é tu vencer, é tu ganhar os pontos, ganhar o set, eu acho que é isso aí ser competitivo! E falando em competição eu já participei também dos campeonatos amadores aqui de um ano pra cá. Até o universitário inclusive.

Você quando vem, você vem sozinho jogar?

Não! Venho sozinho quando já tem, tipo, combinei com alguém aqui, combinei... ah, com professor “X”, com um amigo e tal, sem problema, venho sozinho! Ou então trago um amigo que venha jogar comigo!

Sempre que você joga com alguém, você disputa pontos?

Hum... sempre, sempre! Você acaba sempre fazendo um joguinho, um set, tal...

Mas se fosse o caso de vir aqui, só pra bater bola, sem jogar pontos... só bater bola, você viria?

Viria, tranquilo! Tanto que eu já fiz o projeto de extensão aqui na federal também e eu vinha só nesse horário específico fazer aquela aula, tal...

O que te move a vir aqui, então? O que te traz aqui pra jogar?

A disponibilidade de espaço físico. Exatamente isso! Se tivessem quadras livres onde eu moro, eu não me deslocaria até a universidade, com certeza!

O que te faz vir aqui jogar o tênis?

Ah...

Tem espaço livre pra fazer outras coisas! Porque você vem aqui jogar o tênis?

Porque o tênis é o esporte que eu me identifiquei, sempre me identifiquei com esporte individual é... tanto que pratico surf, que também é individual, uma coisa.. não sei se dá pra classificar como esporte, mas enfim é... por isso, por gostar do tênis, por ser um esporte individual. Não sei o que é que tem de esporte individual aqui, atletismo?! É... não sei!

É, você acredita... você acredita que a competição ela pode auxiliar de alguma maneira na saúde?

A competição? Num sei, a competição não sei! Se pode te auxiliar na saúde...

Quais são os aspectos positivos que você vê na competição?

Bah!!! Os aspectos positivos na competição... (pausa)... é difícil essa pergunta! Ah, não sei de, crescimento pessoal, de é... de competição... por exemplo, uma conquista pra tua universidade, tu vai sair e vai disputar circuito universitário, enfim, mais pra isso, mas pro ego mesmo, aquele lance tu: "ah eu conquistei e tal..." como em educação, eu penso em fazer um mestrado pra mim, é uma situação também... vai ser no máximo... tem o lance da carreira que influencia, mas...

Pois é, sobre isso eu queria perguntar assim, se você acha que a competição né?... de uma maneira geral, ela se transfere pra outras situações da vida? O que é que você acha?

Com certeza! Principalmente no nosso âmbito capitalista ainda, eu acho que a competição é nítida, ela é... às vezes não tão nítida, mas ela é cruel, ela é severa e ta aí entendeu? A competição. A competição é no vestibular na gurizada que ta estudando, no cursinho, na escola pública é... a competição ta em tudo! Tudo mesmo! Sobrevivência! É tu competir!

O teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Se o meu trabalho exige de mim uma postura competitiva? Também, também!

Como assim?

Principalmente é... ah, pra você conquistar, por exemplo, uma... uma simples vaga numa escola particular que, de repente te paga um pouco melhor e tal... tu já tem que ter alguma influência, tem que ter alguém pra te indicar, então tem uma competição na minha profissão sim, com certeza!

Teus amigo ou teu parentes, eles te acham competitivo?

Se eles me acham competitivo?... oh... acho que não, acho que não! Acho que eles me acham, acho... não sei o que eles acham na real, mas eu me acho mais acomodado, não me acho muito competitivo não!

Mas eu lhe perguntei antes se você se achava competitivo e você disse que sim!

Não, mas a questão tava dentro do jogo ali! No tênis, disputar o ponto.

Mas agora que você disse, por exemplo, pra conseguir um emprego, pras outras situações da vida que existem um certo tipo de competição, isso também não é ser competitivo?

É! Pensando por esse lado, é ser competitivo sim!

Mas assim, agora com essa pergunta se os teus amigos ou parentes... você por acaso se lembra de alguma situação em que eles possam ter te achado ou ter assim... pensado que você fosse até bem competitivo?!

Bom, eu acredito que sim, eu acredito que sim cara!

Você lembra de alguma situação?

Ah, eu acho que mais na minha vida acadêmica assim, por ter conquistado... poh, por ter concluído o curso de graduação, ter concluído o próprio ensino médio quando eu fiz, fiz escola técnica e tal. Eu acho que tudo isso foi uma questão de conquista e é, com certeza, né? É que, quem ta nos bastidores, ta te acompanhando, ta torcendo: "poh, que quero que tu chegue lá e tals e... olhe, consegui, bacana e... ta fazendo isso, legal!"

Qual a importância da competição, então pra tua vida?

(Sopra como sinal de dúvida, seguido de pausa e risos)... importância da competição! Talvez, pensando por esse lado né?... então a competição seria importante por, por crescimento... por conquistas de.... por novas conquistas...

O que significa competição então pra você?

O que significa competição? É... competir é disputar com qualquer... (pausa)... sei lá!... qualquer objetivo, vamos supor então! Competir é disputar por um emprego, é disputar por um ponto, é disputar por um set, então isso é que é competir. Competir é disputar, é... por algum objetivo!

Qual a importância disso?

Qual a importância? (pausa prolongada)... Bah! Eu não vejo uma importância muito coletiva assim não, sabe? Talvez, talvez tenha... eu to muito simplista assim, mas pensando numa teia, a importância é que, sei lá, se criem novas sinapses, novas conexões e que tudo se desenvolva... a célula.. e aí vai... se subdividindo, multiplicando; eu acho que é por aí!

Você quer comentar mais alguma coisa?

(pausa)...comentar que o tênis é super competitivo né?... (risos)...

Você acha que é isso que te trás aqui pra jogar, por ele ser competitivo?

Que me trás aqui? Não, não é... é mais pelo exercício mental mesmo, exercício físico... poh, num vou dizer que eu não queira refinar meu tênis, não queira tá batendo uma bolinha redonda, com certeza, de repente disputar mais um torneio amador e chegar nas cabeças, mas não, eu não tenho ambição de ser “o competidor”, um tenista profissional, isso eu acho que já passou.

Mas entre, por exemplo, jogar tênis e caminhar?

Jogar tênis é muito melhor! Caminhar eu posso ter uma esteira, claro que não dispense um caminhar assistindo o por do sol na beira-mar, mas o tênis é legal, mas enfim, o surf... engraçado né? Queria falar uma coisa então sobre o esporte, que o surf me acompanha desde onze anos, então já tem 17 anos que eu pratico surf por morar aqui na região metropolitana mesmo de Florianópolis, tal... desde moleque. Meu pai me levava pra praia com meus amigos num caminhão cheio de... cheio de prancha e... só que é... tudo isso mudou, o surf se tornou super populoso e às vezes torna-se até um pouco impraticável... o tênis entrou na minha história assim, eu fazendo como um esporte paralelo e de repente acabou superando sabe? Eu comecei a jogar mais tênis e surfar menos e continuo surfando menos e jogando mais (risos) e... não sei... acho que pela facilidade também! Poh, tu cair na água no inverno, equipamento, chega num estágio que poh, dá uma preguicinha pra ir! Tu quer ir pro surf se realmente ta com aquela condição “clean”, legal, porque o surf depende muito do externo né? De ter uma praia, de ter um vento adequado e o tênis não! Tendo a quadra e tendo claro teto né? Quadra em boas condições e não chovendo...

Mas é mais fácil surfar que tem o mar... ta ali! Do que ter uma quadra de tênis e mesmo assim você escolhe o tênis, porque será?

Hum... é... (risos) poderia pensar mais a respeito disso, realmente o tênis depende de ter uma quadra e ter aquele horário, mas talvez porque tenha realmente encaixado mais. Jogar tênis vai levar no mínimo, pode levar até de uma hora a três horas, tal... um tempo curto tu vai lá, faz a tua prática e tal e fica legal. No surf você tem que desprender um tempo legal, tem que ir....poh, vai ter contato... é (risos)... se bem que o mar ta lá né?! Mas depende muito da condição. Tem que ter onda, se não tiver onda, não tem como surfar e o tênis não, tendo a quadra, tu joga tênis. A praia não, tem praia, mas se não tem onda, tu não vai surfar (risos).

Então é isso, obrigada!

Valeu!

Entrevista nº 15

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 15, TH (S15, TH)

Então vamos lá... Comece dizendo seu nome, é... sua idade, sua identificação de um modo geral.

Ah, meu nome é TH, tenho 17 anos...

Ham... o que é que você faz? Qual a sua ocupação, Você estuda, faz o que?

Só estudo!

Você faz que série?

Primeiro ano.

Ta. Estado civil?

Solteiro.

É isso aí! É... normalmente quando você vem aqui jogar tênis, você vem que horas?

Geralmente eu venho a tarde.

Porque a tarde?

Não sei (risos), eu acho que é mais fácil vir jogar a tarde, não precisa acordar cedo e eu acho que tem mais tempo pra jogar a tarde.

Você estuda de que horas?

Estudo a tarde. Agora que eu to de férias, eu venho dia de semana. Quando eu to em aula eu venho só final de semana, sábado e domingo.

E no final de semana você vem que horas?

A tarde!

A tarde também? A tarde que horas, cedinho? Que horas você vêm?

Duas horas (14h).

Você acha que esse horário é o mais apropriado pra jogar tênis?

Eu acho que sim!

Porque?

Daí eu não sei responder!

Quando você ta muito atarefado com seus estudos né?... o que é que faz você arranjar um tempinho pra vir jogar tênis?

Resolver tudo rápido né? A gente tem que resolver rápido pra ter tempo pro lazer também.

Não, mas o que é que faz você, você resolver tudo rápido pra vir pra cá pra jogar?

Ah, diversão! Se divertir, fazer... pra não ficar na mesma coisa, só estudando!

Você costuma vir sozinho?

Não!

Como é que você faz pra vir? Você combina com alguém, como é que você faz?

Sempre vem eu e mais um grupo de amigo!

Mas você já veio alguma vez sozinho e aqui encontrou com alguém pra jogar?

Não!

Ta... Se fosse pra vir aqui só pra bater paredão, por exemplo, você viria?

Não!

Porque?

Porque eu acho que é sem graça ficar sozinho ali! Brincando sozinho.

Quando você joga com seus amigos, vocês... vocês disputam pontos?

(Balança a cabeça de maneira afirmativa)

Se fosse pra vir só pra ficar batendo bola com eles, você também... você viria?

Eu viria!

Mas todas as vezes que você vem, você disputa pontos com eles?

(Balança a cabeça de maneira afirmativa)

Ta! Você se acha competitivo?

Não!

Não?

Não!

Mas se você me diz que você vem aqui e todas às vezes que você vem, você disputa pontos com seus amigos, isso não é uma forma de competir?

É só diversão! Porque assim oh, eu venho pra jogar tênis só por diversão aqui, eu faço mesmo futebol. Meu negócio é futebol. Aí a gente sempre vem aqui só pra se divertir! Aí assim também eu acho que é melhor! Disputando ponto, ficar brincando só ali.

Ta.. no futebol você... você quando vai jogar futebol, vocês uma “peladinha” uma disputazinha, um time contra o outro?

É! Geralmente é assim, a gente sempre marca com o outro time pra fazer a pelada!

Pra fazer um joguinho né? E se fosse pra ir, pra não ter jogo, você iria?

Não!

Porque?

Não sei! Mas eu... sei que eu vou pra jogar! Chegar lá e não ter jogo... não jogaria!

Da mesma forma no tênis?

(Balança os ombros em sinal de dúvida)

O que você acha então que trás você aqui pra jogar tênis? O que move você a vir pra cá?

Fazer uma atividade! Sempre tem que ta fazendo alguma coisa. Quando não dá tempo de vir aqui eu tento fazer outra coisa, to sempre andando de bicicleta.

Quando você não vem pra cá, você faz o que mais?

Oh, quando não to aqui ou eu to andando de bicicleta ou jogando futebol! Sempre fazendo alguma coisa

Quando você anda de bicicleta, você anda sozinho?

De vez em quando sim!

É... o que você acha que é ser competitivo?

(pausa prolongada)... ser competitivo?...

Porque você me falou assim... vem pra cá jogar tênis e não jogar pontos não tem graça! Vir pra cá pra bater paredão, também não tem graça, assim como ir pro futebol ir pro futebol sem ter o jogo, não tem graça! Então, o que é ser competitivo?

(pausa prolongada)... Olha eu não sei responder isso!

O que vier a sua cabeça! Não se preocupe com o que você vai responder... o que você sente que é ser competitivo?

(pausa)... ser competitivo? (pausa)... competir assim, pra mim, você competir, você no campeonato, essas coisas assim. Agora diversão eu acho que não é ser competitivo, porque por tu... brincando ali com teus amigos ali... porque ta brincando de ponto e tudo, mas num.. só brincadeira, pra ter mais ânimo!

Mas... mas vocês jogam pontos, não jogam?

Unhum!

Isso é competição?

É, mas só que não é àquela competição “competição” ali... é só pra...

Que competição?

É que... eu acho que aquilo ali não é uma competição. É que... tipo assim, a gente jogar sem pontos, aí vai ficar um negócio sem graça, vai perder a graça de jogar, aí ninguém vai ter vontade de jogar. Aí a gente fica brincando assim pra ter mais vontade.

E o que é competição, pra você?

Eu não sei responder! (pausa)

(pausa)... é... você acredita que a competição pode auxiliar na sua saúde de alguma forma?

De repente sim!

Como?

Tipo pra ta competindo com outra pessoa pra ta melhor preparada fisicamente, pode ajudar na sua saúde!

Quais são os aspectos positivos que você vê nessa competição? O que você vê de positivo?

Vai... posso falar... vai ajudar pra sua própria saúde, fazendo atividade física, competindo pra sempre ta melhor que o outro e... acho que é isso!

Você acha que a competição que você... que você... exerce assim jogando tênis né?... Ela se transfere pra outras situações da sua vida, do seu cotidiano, do seu dia-a-dia?

Não!

Não? Porque?

Porque isso aqui é só diversão! A gente não leva isso aqui pra outro lugar! Acabou aqui, a gente vai pra casa fazer outra coisa. Fica por aqui mesmo!

Você acha que de alguma maneira, é... o que você vive, por exemplo, na escola, exerce de você uma postura competitiva? O ambiente que você vive na escola?

Na escola eu acho que sim, porque tipo na sala de aula tem sempre um aluno querendo ser melhor que o outro. Isso eu acho que é uma competitividade! No meu caso eu não ligo muito pra isso não!

Porque?

Ah... porque ninguém é melhor do que ninguém! Eu não sou melhor do que ninguém, eu gosto de ficar ali no meu canto quieto, sem competir com ninguém. Eu sou assim...

Seus amigos ou parentes, eles lhe acham competitivo?

Não!

Não? Nunca? Nenhuma situação fez com que... com que as pessoas lhe achassem competitivo?

(balança a cabeça com sinal de negação)

Qual a importância da competição pra sua vida?

Competição na minha vida?... na minha vida eu acho que não tem competição! (risos) Eu acho que não tem!

Não tem? Em nenhum aspecto, nem na escola, nem aqui...

Nada, nada!

Então... você quer comentar mais alguma coisa?

Não sei! Tem mais alguma coisa?

Não! Seria isso!

Tem mais nada...

Nadinha, nadinha?

(balança a cabeça com sinal de negação)

Então ta. Obrigada!

Entrevista nº 16

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 16, CLAU (S16, CLAU)

Eu queria que você começasse se identificando, dizendo seu nome, idade, o que é que você faz...?

Meu nome é CLAU, sou funcionário publico do estado...

Sua idade?

E... tenho 39 anos!

Estado civil?

Solteiro!

Você tem filhos?

Sim!

Quantos?

Um filho! Moro com uma companheira, mas no papel, sou solteiro!

Quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Quase sempre pela manhã! Ou... não tenho certo, final de semana é mais pela manhã, porque eu só venho sábado ou domingo. Antes de ir na praia aí já passo aqui e jogo um teniszinho, depois vou na praia.

E de manhã que horas você costuma chegar aqui pra jogar?

Ah! Cedo! Eu sei que a concorrência é grande, daí eu venho já “de madrugada” (Exagero na expressão), quando ta amanhecendo eu tô aí já!

Então a escolha do horário é por que se não vier cedo...

Não tem vaga, é! E daí até esquentar... quase uma hora, pra depois dar um joguinho, daí demora uma hora!

Ah ta! CLAU quando você ta assim, muito atarefado com tuas coisas, né?... no trabalho etc e tal, o que é que te faz arrumar um tempinho né? Pra vir aqui jogar tênis?

Ah, eu acho... eu acho... (pausa)... não, eu arrango um tempinho, eu acho que... tem que... nem que eu cancele alguma coisa, eu arrango tempo pra fazer esporte que eu acho que é... tem que ter né? Tem que ter um esportezinho!

Mas o que é que te faz assim, até cancelar alguma coisa, mas ter que ir ali pra jogar, O que é... porque tu faz isso?

Unhum... ah, no caso mais pelo meu filho, porque ele que... joga mais do que eu. Eu sou um companheiro (risos). Eu sou a cobaia ali (risos)... no tênis é mais por ele mesmo, porque eu já inscrevi ele em campeonato várias vezes. Porque eu não jogo nada, ele é que joga mais.

Você pratica algum outro esporte?

Não, praticava quando jovem futebol, mas muito... futebol de salão, campo. Ultimamente só ando, só fazendo Cooper, dando umas corridinhas.

Sempre que você vem jogar, você vem com ele, com seu filho ou você já veio sozinho?

Não... sempre venho com ele!

Você nunca veio sozinho e aqui é... chamou alguém pra jogar, pra... sem marcar antes?

Não, sempre venho...

Toda vida que você vem jogar com ele, vocês sempre disputam pontos?

Se sempre tem partida assim, tu fala?

Unhum...

Sim, quase sempre.

Se fosse o caso de vir aqui, por exemplo só pra você bater paredão, jogar com a parede, você viria?

(Pausa prolongada)...

Sozinho... só você e a parede!

Ah, sim, sim! Também... praticar né? Pra ter mais uma...

Você se acha competitivo?

Às vezes!

Em que situações você se acha competitivo?

Em que situações que eu me acho competitivo?... que eu não tenho... quando é provocado né?... quando tem algum desafio, uma... ou uma torcida (risos)... é quando a gente tem que provar alguma coisa pra alguém ou pra gente mesmo né? ... eu acho... daí a gente tem um motivo extra, ou torcida ou um adversário provocante, alguma coisa assim, daí a gente quer...

O que é que você acha que é ser competitivo? O que é ser competitivo?

O que é ser competitivo? (pausa prolongada)

Unhum...

O que é ser competitivo? Boa pergunta!!! (risos)... o que é ser competitivo? (outra pausa)

Pode responder o que vier a cabeça! O que você entende, o que você sente que é ser competitivo?

O que é ser competitivo? ... eu acho que é “não ter sangue de barata” (força de expressão!)

Quais são os aspectos positivos da competição? O que é que tu acha que tem de positivo na competição?

O que é que tem de positivo na competição?... que é muito agitado eu acho! Seja ele positivo ou negativo! Se for negativo, sinal que tem que me esforçar mais e é claro que se for positivo, melhor né?

Como é que você consegue ver a competição fora das quadras de tênis, em outras situações?

A competição... setores...

Tudo! Em outras situações... como é que você consegue... você consegue ver a competição fora das quadras de tênis em outras situações?

Eu acho... acho que tem em tudo né? No serviço... (pausa)... umas até nem precisavam ter, mas tem!

Porque tu acha que tem competição?

Porque que tem competição? Fora das quadras você fala?

Unhum...

(Pausa prolongada)... porque que tem competição fora das quadras? Relacionamentos... de vizinhos, emprego assim... é... no vizinho eu acho que já é mais pra mostrar pra sociedade, mostrar pra alguém, alguma coisa assim né? (risos)... o outro compra um carro, quer comprar um carro do ano, novo, é... frescurada, bobagem! (risos). Já no emprego, também, eu acho que é... pra aparecer né? Pra sociedade, ter uma ascensão, conseguir um cargo, através de... eu acho que já é um... já é uma competição...

Você acredita que a competição, de alguma maneira, ela possa influenciar na sua saúde?

Competição possa influenciar na minha saúde? (pausa)... competição esportiva?

Também!

É, eu acho que sim! Físico, psicológico... se o cara tem a cabeça meia fraca já... se matar pra conseguir um cargo ou pisar no outro pra conseguir um posto de chefe ou alguma coisa assim, um emprego e numa quadra vai ter esforço físico (risos)... o cara vai estourar um joelho, vai estourar alguma coisa...

Você acha que o teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Eu acho... é!!! Em todos existe um pouquinho de competição. No meu já é funcionário público, já é mais relaxado, já...

Mas como é que você entrou nesse emprego?

Ah sim... foi com concurso! Através de um concurso público... (risos)... foi uma competição!

Seus amigos ou parentes, eles te acham competitivo de alguma forma?

(pausa)... é, de alguma forma!

Você consegue lembrar de alguma situação que isso possa ter acontecido?

É... talvez de... de eu entrar num concurso, de ser funcionário público... vou atrás e estudo, tento conseguir e consigo né?... Fiz vestibular aqui pra universidade, passei em geografia, só que desisti, daí é uma maneira de competição né? Eu fui, estudei, depois de anos voltei a estudar, eu acho que através disso aí, eu me acho meio competitivo (risos).

Qual a importância da competição, então, pra sua vida?

É importante!

Porque é importante?

Porque provoca! Provoca o ser humano pra correr atrás de... dos objetivos dela...

E pra terminar, o que significa competição, então, pra você?

Risos...

Agora eu quero ver! (risos)

O que significa competição... essa é aquela? (risos)...

A gente já falou aqui da competição em todos os aspectos né? Então, o que é competição?

É... o desafio! Desafio!

Você quer comentar mais alguma coisa?

Não! É isso aí!

Então é isso! Obrigada!

De nada!

Entrevista nº 17

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 17, MILS (S17, MILS)

Querida que você começasse se identificando né? Dizendo seu nome, profissão, o que é que você faz, idade...?

O meu nome é MILS, eu sou engenheiro civil, trabalho há vinte e oito anos no DEINFRA no Estado de Santa Catarina, que é o Departamento Estadual de Infra-Estrutura...

Qual é a sua idade?

A minha idade é 53 anos.

Seu estado civil?

Casado.

Você tem filhos?

Tenho três filhas!

Você trabalha quantas horas por dia mais ou menos?

Agora, seis horas...

Oficialmente seis horas?

É!

E fora essas seis horas que trabalha oficialmente lá no...

Departamento...

Isso! Você trabalha em casa?

Não... em termos profissionais não! Profissional só seis horas mesmo!

Unhum... MILS, quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Normalmente eu chego sete e meia (7h 30min).

Porque esse horário?

Eu acredito até pra conseguir uma vaga nas quadras. Quanto mais tarde você chegar mais difícil conseguir um horário pra jogar.

Você acha que esse horário é o mais indicado pra prática?

Eu acho legal! Acho até, bem melhor!

Quando você se sente muito atarefado, não só com o trabalho, mas com a família, com as outras coisas né?... o que é que te faz arrumar esse horarozinho né?... vir aqui logo cedo pra jogar tênis? O que faz vice deixar um pouco as coisas de lado e vir aqui pra jogar tênis?

Não, esse horário não atrapalha em nada as atividades de casa! Esse horário, normalmente, ta todo mundo dormindo! (risos)... e aí não atrapalha em nada!

No final de semana você joga?

Não! No final de semana não. Aí eu fico mais com a família!

Você faz alguma outra atividade física?

Olha, eu sempre... sempre caminho também! Mais assim na primavera, verão. No inverso eu normalmente suspendo essa minha caminhada, mas é em torno de seis quilômetros, quase todos os dias.

Quando você vem jogar aqui, você vem sozinho?

Venho sozinho!

Mas você... você encontra com alguém pra jogar aqui ou você combina antes?

Não, já é combinado antes né?

Mas aconteceu de você vir sozinho e chamar qualquer pessoa pra jogar?

Não, nunca aconteceu!

Hum, ta! Se fosse o caso de você vir aqui, por exemplo, só pra jogar paredão né?... ficar jogando com a parede, você viria?

(pausa) ... olha, eu acho meio difícil! (risos)... meio difícil!

Quando você joga com seus amigos, você disputa pontos?

Disputo!

Sempre que você vem, existe esse joguinho?

Existe esse jogo!

E se fosse pra vir aqui pra... pra não jogar, “não, hoje a gente não vai jogar!”

Só bater uma bolinha! Também acho legal!

Mas, no caso, porque não o paredão? Entre o paredão e bater bola?

Eu acho que, se é muito isolado assim... parece que o tênis tem que ter uma companhia assim... eu gosto muito do tênis essa companhia, ficar batendo na bola com outra pessoa.

Você se acha competitivo?

(risos)... olha, eu tô iniciando agora, tenho praticamente só tenho um mês no tênis. Então eu acho que é muita pretensão eu dizer, que eu sou competitivo! (risos) Eu acho... fazendo assim uma certa análise crítica, eu acho até que eu tenho um certo jeito pra jogar... não sei se é nato... tem pessoas que já tem aquela facilidade no esporte. Eu joguei muito futebol também...

No futebol, você se achava competitivo?

Eu achava!

O que é ser competitivo?

O que é ser competitivo? Eu acho que é jogar um pouquinho melhor que a média das pessoas, que as pessoas jogam. Eu penso assim. O parâmetro eu acho que seria um pouquinho acima da média!

Mas você disse assim, que no tênis você joga a pouco tempo, né?... mas quando você ta jogando com os teus amigos, você não tenta oferecer uma resistência, um embate com eles? Tipo assim, perder ninguém gosta, de perder né?!

Isso!

Quando você ta jogando com seus amigos, você não se esforça pra...

Ah, me esforço... eu acho que isso aí é da natureza humana né?! Acho que quando as pessoas praticam qualquer disputa assim, até no dominó, numa canastra com os amigos, eu acho que todos... eu não conheço ninguém que não queira ganhar né? Eu acho que aquilo faz bem pro ego né? (risos)

Você acha que existe algum aspecto positivo nessa competição aí?

Eu acho que existe!

Quais são os aspectos?

Eu acho que até pra... pra... na vida de uma maneira geral eu acho que é importante a pessoa ter esse espírito, até pra progredir em todos os sentidos na vida! Eu acho que a pessoa que não tem esse espírito competitivo, não.. é uma pessoa assim um pouco travada, um pouco acanhada, acho que fica muito acomodada,, acho que é isso que estimula a pessoa a vencer obstáculos... que a vida da gente é obstáculo em todos... em todas as atividades né? Profissionais, amorosas... em tudo tem!

Então, você acredita que a competição, ela acaba extravasando pra outros setores da vida?

Eu acho! Eu acho que... (pausa) ... eu penso assim!

Você acha que a competição, então, ela é benéfica pra saúde? Ela trás benefícios? Ela pode auxiliar de alguma maneira a sua saúde?

Olha, ela ajuda, mas é o seguinte, em tudo na vida tem que ter um equilíbrio. Eu acho que se for... se a pessoa não tiver um equilíbrio, pode até fazer mal a saúde. Tem exemplo de atletas, tipo, até o nosso Guga, que ta com um problema sério no quadril, até porque aquela vontade, aquela gana dele de querer ser o maior do mundo, eu acho que

ele ultrapassou os limites do corpo dele, por isso eu acho que tem que ter equilíbrio na pessoa, ele não pode ultrapassar o limite do corpo né?

Você poderia citar alguns exemplos da competição que acontece fora das quadras? Poderia destacar aí algum exemplo?

Exemplo no campo político eu vejo. É uma competição até desleal eu acho. Você queria mais um exemplo?

Não!... se, por acaso, vier a cabeça, você diz...

É, porque veio assim de repente... até porque eu tenho... eu sou filiado a um partido político. Então eu tenho uma certa limitância política. A gente vê que existe essa competição e até desleal.

Você acha que o teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Exigiu, exigiu e ainda exige! Até eu acho o seguinte... se tu pensa em fazer uma carreira dentro de um empresa, dentro de uma instituição, claro dentro das regras e da ética né?... eu acho que tem um pouco de competição, no sentido de ser... de... da competência, da boa vontade, da criatividade, isso aí... isso aí te dá suporte pra tu continue crescendo na empresa, na atividade profissional...

Você acha que os teus amigos ou teus parentes, teus conhecidos, eles te acham competitivo?

Eu acho... depende... eu acho que sim!

Em que sentido?

Eu acho que...pela... pela minha origem né?... que foi humilde e tal... e chegar onde eu cheguei né?...acho até que eles me admiram bastante!

Qual a importância da competição, então, pra sua vida?

Qual a importância da competição? Olha isso aí eu nunca pensei não! (risos)... nunca, nunca fiz nenhum tipo de análise nesse sentido, assim, isso é uma coisa que aconteceu naturalmente, mas eu nunca me preocupei se ela é importante pra minha vida. Nesse momento eu acho que não sei nem como responder. (risos)

O que significa competição então?

O que seria competição....

A gente já falou aqui da competição em vários aspectos né?... e você até comentou o quanto... assim... ela lhe ajudou na sua vida... então o que é competição?

Agora tu me pegasse! (risos)... como é que eu vou dar uma definição de competição? (risos)

O que significa competição “pra você”? O que “você” acha que é competição?

Eu acho... é uma disputa né? Acho que... é chegar num ponto maior, chegar no ápice de uma carreira... é uma disputa!

E qual é a importância disso?

Importância?... eu acho que é a satisfação pessoal! Eu acho q é isso! Isso aí a pessoa fica... (pausa)... é uma satisfação! Eu acho que isso aí faz bem pra pessoa! Eu acho que em todos os sentidos assim, até na saúde, mesmo. Eu acho que uma pessoa que é perdedor, acho que perde até a saúde! Eu acho que até atrai doenças... então au acho que afeta até o sistema imunológico dele. Se for uma pessoa vencedora, eu acho que é uma pessoa que tem mais saúde, eu acho que gera uma química no corpo dele, que ele fica imune a muita doença! Eu até vejo isso.. eu sou muito observador né?... das coisas... e eu vejo até lá em casa com a minha mulher, e... quando ela fica doente são períodos em que ela ta com a auto-estima muito baixa. É exatamente nesse período em que ela pega uma infecção bacteriana...

Você teria alguma coisa mais pra perguntar? Você queria comentar algo mais?

Não... acho até que já falei bastante! (risos)

Então obrigada, é isso aí!

Entrevista nº 18

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 18,ADIL (S18,ADIL)

Então vamos lá, comece se identificando, dizendo quem é você, profissão, função, estado civil, o que faz...?

ADIL, tenho 38 anos, professor aqui da universidade...

Estado civil?

É... casado.

Tem filhos?

Não.

Quando você vem jogar tênis aqui ADIL, você vem que horas mais ou menos?

Sempre pela manhã! Geralmente no finalzinho da manhã, dez (10h), dez e meia (10h 30min). Durante... dez horas (10h), dez e meia (10h 30min) e fico até o meio dia (12h).

Porque tu escolhe esse horário?

Tem uma sexta que eu venho a noite também.

Unhum..

É... porque escolhi esse horário? Porque eu tenho aulas de manhã bem cedo, aqui no curso e aí depois eu fico um tempo aqui para orientação e tal e depois no finalzinho da manhã eu já completo (pausa)... e me sinto bem jogando de manhã porque eu joguei futebol muito tempo a noite (pausa)... e eu gosto e, agora pra prática do tênis me traz pra manhã né?... Fazer prática física de manhã é uma novidade pra mim.

Tu acha que esse horário é o mais apropriado pra jogar?

Eu acho que o mais apropriado é...é... é de manhã mais cedo e a tardinha tipo cinco (17h), cinco e meia (17h 30min) hoje (pausa)... hoje em dia na queda do sol, assim... a ... o ... o horário que eu jogo, às vezes, é meio forte, onze, onze e meia, assim tem o sol muito forte. Eu acho mais apropriado o outro horário assim.

E o que te fez vir neste horário? Mesmo achando que de ele não é o mais apropriado, mas....

É como eu falo... porque.. é que mais cedo eu tenho aula (pausa),...aí eu só tenho disposição na verdade nesse horário, vamos dizer.

Faz quanto tempo que você joga tênis?

Agora nessa ultima leva da minha vida (risos), faz dois anos, eu acho. Foi do campeonato, do primeiro, a dois campeonatos atrás do NETEC (Núcleo de Estudos em Tênis de Campo), dois anos. Vou fazer dois anos em é... agora no próximo, vai fazer três... em outubro né?!

E antes você jogava o que?

Futsal

Qual é o teu histórico no futsal?

Futsal eu joguei a minha vida inteira, até... até agora, só que (pausa)... mas a parte forte foi eu joguei no Rio Grande do Sul e, no... todas as categorias mirim, infantil, infante, juvenil, aí fiquei, não é profissional, porque eu acho que não é profissão, mas eu joguei seis anos na liga né?... só fazendo isso. Aí joga... aí vim pra cá pra estudar engenharia, aí eu me mudei e parei de jogar. Aqui joguei em dois times. Mas era outro ritmo, só era, era um treinamento só por dia, lá a gente treinava duas vezes, dois turnos né?

Porque você escolheu jogar tênis então?

Ah, porque no futsal tava me machucando demais, na minha idade eu até praticava aqui com... eu tenho um grupo de futsal na extensão segunda, quarta e sexta, a gente joga a noite e é o time aqui da UFSC e a gente disputa JUB'S (Jogos Universitários Brasileiros)... e essas coisas assim... e eu tava jogando com eles, mas eu tava me maltratando demais, eu achei que tava... impediu um pouco na motivação também. Só tava vendo minha queda no... tecnicamente... não conseguia, não tinha mais motivação pra treinar como eu jogava antes. Aí o tênis é tudo novo pra mim. Quando eu acerto uma

direita, uma esquerda pra mim é uma beleza (risos). E o futsal pra mim, aquilo era uma coisa... rotina, então tava ficando meio chato né?

É... quando você tá muito atarefado, ADIL com tuas coisas né?... com seu trabalho, com todas as coisas, o que é que faz você arrumar um tempo pra vir jogar tênis? Mesmo que seja naquele horariozinho que, às vezes, é forte demais o sol... mas o que é que te faz deixar, um pouco de lado, as coisas e vir aqui jogar tênis?

Ah, isso é o histórico mesmo, eu sempre... até o futebol de salão pra tentar responder essa pergunta, falar, o futsal, por exemplo, eu treinava de manhã, a noite e quando tinha uma pelada ainda jogava meia noite ainda com meus amigos né?... É um absurdo, quem olha, eu acho, eu achava um absurdo, mas eu não ia. Então é uma coisa que chama e eu não sei explicar isso. Eu sei que mesmo tando nessa correria, surge uma coisa e a gente acerta um tempo, nem que seja uma meia hora, mas na verdade o que faz mesmo se pensar melhor é que a gente se sente bem depois. Sente mais relaxado assim. E o tênis tem me trazido isso pra mim. Eu jogo e depois passo a tarde inteira legal. Nada, me... nada me estressa, nada me deixa mal. Pode ter milhões de assuntos ruins e, mas eu fico tranquilo, assim. Pode me, aliás, depois do jogo é uma boa alguém perguntar alguma coisa assim, querer alguma coisa e pode levar (risos)... fico mias, mais tranquilo assim, isso o futebol também trazia isso.

Mas, você acha que você joga tênis por isso?

Não! Tênis é mais que isso. Isso também é! O tênis pra mim é novidade, é... é... é gostoso jogar. Eu aprendi que é gostoso assim. Eu achava muito bom jogar, eu aprendi que é gostoso assim. Eu achava muito bom jogar futsal né? Só que todos jogando meio que sem pensar, mais ou menos isso, resumindo. O tênis é... além de ter que jogar no sol, que há vinte anos eu não jogava (risos), no meio da fumaça e essas coisas assim e na época eu fumava né?...

Unhum...

Aí no ginásio... aí hoje é tudo, e é gostoso de jogar né? Acertar a técnica até acertar a bolinha. Essa coisa, essa encucação de tentar melhorar sempre foi o meu perfil, assim, no futsal, eu era meio louco falando. Tudo o que eu fazia com a perna direita, tinha que fazer com a esquerda. Tudo que eu fazia... virou uma paranóia. E aqui no tênis tá voltando isso. Não a loucura, mas a parte boa de motivação. Então não é só o ficar tranquilo depois né?... isso faz parte do negócio né?... o que eu poderia fazer é jogar, andar de bicicleta, essas coisas assim...

Unhum...

Também faz a mesma coisa.

Você se acha perfeccionista?

Não! Aí já é demais né? (risos)

Mas ... qual é a necessidade, por exemplo no futsal, o que você fazia com a direita, você tinha que fazer com a esquerda; pelo que você tá me dizendo né?... no tênis quanto melhor a sua... parece que você vai em busca de uma técnica que seja melhor. Qual a necessidade disso?

No tênis pra mim hoje?

No tênis e no futsal. Qual a necessidade que você tinha de fazer bem com as duas pensa? Qual a necessidade que você tem no tênis de... de cada vez ser o melhor na técnica?

É... é isso, é interessante. Na época do futsal era fácil né? Porque eu era, eu queria ser, eu queria viver daquilo né?... eu jogava na... na divisão especial, tenho que ser bom tecnicamente, não tinha como não. Pra poder vingar ali no outro ano, ter o contrato. Tu tinha que jogar bem. E eu era alucinado pra treinar assim. Então tinha essas coisas. Não tinha informação também lá, a gente o futsal é um meio levado a sério demais, então tinha os técnicos... falavam: "tens que jogar isso!" Milhões de vezes. E hoje em dia, não deveria levar muito a sério isso, porque já passou a época de competição, assim, mas eu ainda... ainda essa cobrança eu acho legal assim, pra mim hoje em dia, de brincar assim, de... e até pela novidade de... de ficar acertando a bola no... na madeira é horrível né? (risos) aí tu aos poucos, que tu vai acertando e quando acerta uma, dá aquela motivação

boa de tentar de novo né? Mas não levo isso tão a sério como eu levava antes. Antes eu era louco. Louco que eu falo assim de tocar com uma mão no mouse, se eu tenho que tocar com o direito, eu vou tocar com o esquerdo antes pra fazer (risos). Tinha problemas sérios assim. Minha mãe mesmo dizia, quando eu ia pra casa, morar assim, passar uns tempos, aí ela falava: “tu tá louco né? – não, eu tô bem!” (risos) “tô consciente!”(risos)... mas com o pé eu tinha que fazer tudo, até hoje né?... tudo igual assim. E... jogando e passes, essas coisas, fundamento, tudo eu fazia isso. Hoje eu não tenho necessidade nenhuma, mas o fato de aprender a acertar, o tênis é... é mais difícil pra mim, óbvio!... que futebol de salão, futsal, futebol de campo, eu mesmo joguei. Mas traz uma motivação de aprender que fazia tempo que eu não tinha. Futebol de salão já tá me tirando isso.

ADIL, o que te move a vir aqui então? Pra jogar tênis?

... um monte de coisa. Se eu fosse mais novo, eu garanto que talvez eu não jogasse. Continuava... continuasse no futsal, confesso né?... mas esse monte de coisa assim de lugar bom, é mais fácil também né? Telefona pra alguém ou alguém marca, eu tenho o “Élio” e a gente joga sempre! Agora, paramos né?... mas é, é... sempre três vezes por semana, nos mesmos horários, então mais fácil de jogar né?... mais fácil de gente né?... na preciso de vir um monte pra jogar ou a ... a questão pra mim, muito... que influencia muito é essa parte do corpo né?... de... e tava no futsal, a gente tava jogando na quadra de cimento ali e tava... e nunca tinha machucado nada e machuquei as costas e eu vi que já tava meio que na época de parar ou fazer outra coisa, mas eu...

Quando você vem pra cá, você vem sozinho?

Pra universidade?

Sim, pra jogar tênis!

Ah, pra jogar, é!

E aqui, você encontra com as pessoas e joga?

É pré-combinado, por exemplo eu jogo com o “Elio”, que é praxe, a gente treina faz um tempão já e, com o, quando sobra eu sou “sparing” (auxiliar de treino) do.. dos guris do Paulinho. Aí fico ali, se sobrar... mas tem os guris também que a gente, os caras de vez em quando combinam né? Mas é meio informal. Não totalmente né?... porque, às vezes, a gente combina um dia ou até dois pra jogar, então a gente vê.

Você se acha competitivo?

No tênis?... no geral assim?

Pode ser!

Eu... sou... sou!... quando eu quero né?... mas a maioria das vezes eu não explico isso!

O que é ser competitivo?

É querer ganhar, querer... querer melhorar, querer.. eu acho isso, de... no sentido de competir, às vezes, a gente compete com a gente, mas competir com o outro também, querer o melhor daquele momento assim.

Unhum...

Se o melhor é fazer o ponto.

Se fosse o caso, ADIL, de você vir pra cá, por exemplo, só pra bater paredão, você viria?

Tranqüilamente! Ia adorar, só que (risos) o que eu fazia no futsal antigamente, ficava lá sozinho batendo num goleiro assim... batendo no goleiro não, chutando a bola em gol (risos).

Mas toda a vez que você vem aqui jogar com o pessoal, você disputa pontos?

É... eu nunca faço as aulas, aquelas de... sempre é pontos... mas essa questão da competição é bem interessante, porque eu posso jogar também sem o mínimo... sem o mínimo estresse, de querer ganhar, como eu jogava pelada com os meus amigos né?... não tinha nenhum vínculo a fazer trinta gols e, com... ao mesmo tempo, no outro dia, eu tinha um jogo que eu tinha que fazer trinta gols se pudesse!

Unhum...

E pra mim é tudo mesmo coisa!

O que é que você consegue tirar de positivo da competição? Quais são os aspectos positivos?

Pra mim?

Unhum...

Ah... um monte de coisa... eu vejo só coisa boa. Eu sei que a competição tem muita coisa ruim, mas eu sempre enfatizei as coisas boas né?... de... até a relação com o outro, eu vejo que o que eu tenho de bom pra poder aprender, pra tentar fazer igual ou melhor e em mim também, eu tento melhorar essa parte a competição traz, de comparar com outro, de comparar consigo. Não é... eu não vejo essas coisas tão ruins como.. como tem igual na Educação Física. Como se competição fosse... tem as coisas ruins, mas eu não planto essas.

Unhum...

Não fico com raiva não... não tento me... trazer nada pra mim desse tipo de coisa que eu sei que existe, a gente vê, às vezes, nos outros, mas é só não plantar essas coisas que não vem.

Unhum...

Não tem porque vir.

Como é que você percebe a competição fora das quadras de tênis?

Como eu percebo?

Unhum!

Eu percebo que as pessoas deveriam ser mais educadas pra competir nesse sentido de não vincular a competição não só coisa ruim (pausa)... acho que a competição tem muita coisa boa, eu acho que toda essa tecnologia que a gente tem hoje é advinda da competição. Tecnologia que eu falo de eletrônico, de tudo... e então dá pra trazer coisa boa, da pra trazer a evolução, desde que a pessoa não... saiba diferenciar, saiba trabalhar a parte emocional da competição.

Como assim?

É essa questão, por exemplo, de lidar com... com a coisa, com um erro ou um acerto ou sem raiva, sem... simplesmente como um detalhe que da...

Unhum...

Mas nunca, nunca trabalhar essas coisas, é... essas coisas que eu chamo de ruim né?

Unhum...

É... porque é muito fácil né?... no tênis então a gente vê direto, eu fico e... eu aprendi isso aí no futsal que é muito mais difícil. No futsal tem gente te empurrando, te cuspindo, te passando a mão, é um saco! Mas se tu não ficar atento a isso, tu vai entrar nessa correria, agora se tu ficar atento tu... isso não existe né?... tu não precisa nem falar com... então tu faz o que tu tem, tu acha certo e eu sempre fui assim, desde novo né? E o tênis a mesma coisa né?

Você acha que a competição né?... a competição que você vivenciou no futsal e agora no tênis, ela se transfere para outras situações da vida?

É... eu tenho feito isso comigo, eu sou, talvez, um exemplo prático disso assim né?... tudo o que eu aprendi nessas coisas onde lidar com... eu sempre mexe, por exemplo, isso eu to falando de competição no futsal tinha muitas coisas ruins, mas tinha muito, muitas coisas boas né?... tinha relacionamento com... então tu tem que trazer as coisas boas à tona, então tenho muitos companheiros que jogavam no mesmo time ou eu em outros que não dava pra levar... pra levar muito a sério assim, no sentido, mas tinha muitos que sim e esses eu enfatizava. Então isso eu trouxe para os cursos que eu fiz, Engenharia e Educação Física. As coisas ruins eu tento passar por elas, mas sem me apegar a elas né? Não fazendo... fazendo parte do processo, mas não enfatizando ela como sendo interessante.

Você acha que a competição, ela lhe ajudou nos outros setores da sua vida? A seguir né, com suas coisas?

Sim! Eu... eu tenho... eu não tenho esse problema de, como se essa palavra fosse um, um esporte ou como se fosse uma coisa do outro, pra... pra... só pra ignorante né? (risos)... é o tempo inteiro né?... competindo e competindo consigo, pra melhorar e sempre quando eu via alguém que era bom, eu tentava me espelhar e tentar... isso na engenharia, nas coisas que eu faço, nas coisas de avaliação, no próprio esporte.

Tu acha que a competição influencia na tua saúde?

Bem, eu acho que tudo é igual né?... hum... é difícil! Nesse sentido sim, porque isso aí me move pra fazer algumas coisas que me deixam saudáveis de.. de cabeça, de corpo né?... Tudo a mesma coisa!

Você disse assim: “isso aí me move pra fazer algumas coisas”. Isso aí o que?

Essa... essa situação de... de não perfeccionista, mas de querer melhorar. Isso vem da competição. Não... depende com o outro, mas consigo, ou até mesmo outro também. “Oh, eu vou ganhar da Taise. Então vamo começar a treinar!” Agora minha função é ganhar do Cauli. (risos)

Unhum...

Não ganhar dele, (risos) não... não faz nexu isso, mas ver como ele joga e tentar contra ele. Não querendo: “Oh, vai ganhar dele”, mas simplesmente de tecnicamente tentar responder.

Claro! Tu acha que o teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Aqui no CDS? (pausa)... aqui na verdade eu vejo, pra ser sincero, eu acho que não existe muita exigência de nada. A gente que se exige na medida que ta com muita vontade né? Por um lado é bom e por lado também pode ser muito ruim, mas como eu gosto de ver essa parte boa, eu posso... pode... pode ser competitivo aqui dentro também, mas não sou cobrado. Isso não, me parece que não, não me sinto cobrado!

Teus amigos ou teus parentes, eles te acham competitivo?

Ah... o meu pai acha que sou pouco (risos)... é que o pai vê do outro lado, que é briga e, o meu pai sempre foi jogador de futebol de campo, meio frustrado, então ele ía sempre e ele era o pior crítico, no sentido, eu chegava em casa, além de ter ouvido um monte, tinha que ouvir ele, porque eu respeitava, mais velho... ele achava que eu tinha que chegar mais duro, dar porrada e esse tipo de coisa assim, e eu falava que isso eu não vou fazer e tal... então foi indo né?

Unhum...

Mas a família é assim é... a minha esposa acha... a Fernanda é ao contrário, é a mais travada ainda né?... ela não quer ta longe disso né?... ela ta longe de outras coisas... o que mais de família?...

Eles te acham competitivo?

Ela deve me achar, eu tenho que perguntar (risos).

Porque você acha que ela te acha competitivo?

Ah... porque, às vezes, eu to jogando né?... e ela nessas coisas e... treinando... eu acho que... mas nesse sentido assim, de... de competição boa assim, não essa coisa... porque quando a gente fala essa palavra, tem gente que desmonta. “Não, não sou!” É complicado. Eu acho que não... sou! Mas é uma parte... tem que perguntar pra ela isso né?... Fernanda... eu acho que sim...

Qual a importância, então, da competição na tua vida? O que tu acha?

É... é aquilo que eu falo assim, é... não é... no sentido bom ela sempre teve junto, sempre tive junto assim, não sei se é se eu vivesse em outro lugar, outra época, em outra civilização eu ia ser assim, ia ser melhor, porque comigo sempre foi assim, desde novinho, meu pai era meio desse jeito assim, mas eu tive uma influência incrível e depois eu tomei meu rumo.

Mas qual é a importância disso pra tua vida?

Motivacional tu fala... Nesse sentido? Pode ser? Deixa eu pensar...

Porque isso é importante pra você?

É... por exemplo... é tão importante, que gosto de jogar, ainda. E isso reflete em outras coisas, na parte saudável, de saúde, é... não que eu faça só do jogo uma competição, como eu falei né? Mas eu falo competição comigo, então isso me motiva a jogar, motiva a estudar, motiva a criar, é... a programar, ver novos programas, tipo de... de software, hardware, ver o que tem de novidade, isso é, a gente fala competição, eu não to competindo com os caras lá que fazem isso, mas eu to, no fundo eu to querendo me aperfeiçoar e seria uma competição comigo mesmo né? Eu quero melhorar, eu quero... não aquela “ah neurose!” de querer ser perfeito, mas pelo menos tentar o possível né?

E o que é competição?

O que é competição pra mim? A competição (risos)... depois de eu ter falado tudo isso... deixa eu ver... competição é... é nesse sentido que eu falo assim de... pra mim é um, uma situação ou algo que é motivante pra outras coisas. Por exemplo, se aperfeiçoar mais. É nesse sentido que eu vejo assim e não de... de querer ser melhor que o outro, mas melhor pra si. Eu vou treinar pra mim né?... e eu não to nem aí e agora é claro que eu vejo o outro fazendo pra poder entender e tentar melhorar. Aí se eu ganhar do outro é um detalhe. Posso perder pro outro. Essa é a situação da competição que eu acho que é interessante. Tu mesmo perdendo, tu não precisa ficar pra baixo, simplesmente o cara ganhou ou alguém ganhou porque... porque tem... na hora foi mais técnico ou melhor emocionalmente assim, aí tu tem que tirar daquilo ali pra trabalhar aquilo ali. Não pra ganhar do cara e sim pra melhorar né?... Então essa parte da competição...isso pra mim é competição. Não passar por cima de ninguém e sim levar mais a sério o que tu faz né?

Quer comentar mais alguma coisa?

Sobre competição? (risos)

Sobre o que você quisier, sobre o que a gente conversou aqui...

Faz tempo que eu não faço uma competição (muitos risos)...de entrar em torneios...na verdade, eu não entrei em nenhum torneio em toda a minha vida aqui no CDS né?... que tem aqui no NETEC, o pessoal ta me cobrando demais ali, mas qualquer dia eu vou entrar nesses assim. O problema é quem tem uma questão de horário de fim de semana que eu não gosto muito assim, de...o tênis é ridículo assim, a partir das duas horas (14h), aí tu fica lá das duas (14h) até as oito (20h).

É verdade!

Ta chovendo e tal... no futsal pelo menos era mais decente. Na quadra oito horas. Não chove, não tem problema.

É verdade!

Aí eu me programo pra aquilo ali. O tênis eu entrei numa dessas aí e ficava lá a tarde inteira, num sol danado e eu querendo ir pra praia e esperar pra jogar com um outro que tava lá esperando.

Tem que ter um pouquinho de paciência.

É, eu... pra fim de semana não dá pra mim! Então esses jogos que eu faço me satisfazem nesse sentido, a gente marca e vai pra quadra. Não tem que ta esperando sobrar quadra e ajeitar a bolinha. Claro que tem competição. (risos)

É isso aí ADIL!**Entrevista nº 19**

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 19, WAL (S19, WAL)

E... vamo começar assim, você se identificando né? Teu nome, idade, profissão, estado civil...

Meu nome: WAL, sou professor do departamento de Engenharia Elétrica da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, eu tenho... bom, hoje eu digo que eu tenho 39 anos, se você me fizesse essa pergunta amanhã, eu diria que eu tenho 40, que eu mudo de idade amanhã, então amanhã eu tenho 40 anos...

Ah... parabéns!

Brigado!... Eu sou casado e tenho um filho de três anos!

Quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Normalmente... bom, eu venho sempre de manhã! Agora eu não tô mais jogando tênis na universidade, faz um tempo que eu estou jogando na polícia militar, porque eu tenho um

irmão que é da polícia, então as quadras lá tem mais disponibilidade, então eu tenho jogado lá, também de manhã, final de semana.

E... que horas esse horário da manhã?

A partir das oito da manhã (8h), mais ou menos padronizado esse horário das oito da manhã.

Porque você escolhe esse horário?

Porque... bom, de manhã, final de semana, as outras pessoas tão dormindo e eu gosto de aproveitar bastante o dia né?... Então também tem o fato de ter quadras disponíveis, se eu chegar as dez (10h), talvez não tenha quadra disponível. Então eu chego as oito (8h), ta garantido, mas, às vezes, eu jogo... quando é na ufsc eu jogava pouco tempo, uma hora, duas horas, na polícia se não tem ninguém, às vezes, eu fico de oito (8h) ao meio dia (12h), se deixar...

Você quando vem jogar aqui na ufsc, você normalmente vem sozinho?

Não! Eu sempre vinha com uma colega que jogava tênis comigo.

Mas já aconteceu de você vir alguma vez sozinho e encontrar com alguém aqui pra jogar?

Não, nunca! Nenhuma vez!

Quando você ta muito atarefado com suas coisas da faculdade, do trabalho, tudo, o que é que te faz arranjar um tempinho e ir jogar tênis?

Eu nunca... esporte pra mim é prioridade, então, sábado de manhã, domingo de manhã, eu jamais estaria fazendo alguma coisa relacionada ao meu trabalho, mesmo que eu tivesse ou andando e passeando no centro, então esses horários, eu nunca utilizo pra trabalhar, então por mais atarefado que eu esteja, final de semana, pelo menos de manhã, sábado e domingo, nunca faço nada relacionado ao trabalho, então o tempo que eu tenho disponível, na maioria das vezes pra fazer esporte.

Se fosse o caso de você vir aqui, por exemplo, só pra bater paredão, você viria?

Sim! Com certeza! Já senti falta inúmeras vezes de um paredão aqui. Com certeza viria! Pra vir sozinho, porque... bom, primeiro porque vai depender da disponibilidade de outra pessoa, né? Se eu quisesse vir sozinho, no horário que eu quisesse, poderia vir! Segundo que, primeiro: - Não sei bater paredão! É uma coisa que eu quero aprender, eu nunca tive acesso a um paredão, porque não tem na polícia nem na ufsc, então eu queria bater paredão. Uma das coisas que eu poderia tentar sem depender de ninguém e terceiro, que eu acho que seria uma boa idéia ter um paredão por aqui, que em pouco espaço, daria chance pra várias pessoas jogarem. Às vezes chega tarde, ta tudo ocupado, vai fazer o que, vai embora? Se tivesse um paredão eu jogaria constante, mas eu viria sim, com certeza!

Você se acha competitivo?

Competitivo? No esporte?

Pode ser!

Em qualquer esporte?

Pode ser!

É.. sim! Não gosto de fazer nada pra perder! Mesmo que seja brincadeira, mesmo o futebol com os amigos eu... eu jogo pra ganhar. Se eu não ganhar, tudo bem! Se eu fiz o melhor de mim, eu fico feliz, mas eu jogo "sempre" (ênfatisa esta palavra) pra ganhar. Nunca, nunca deixo... dou 50% de mim, não! Sempre pra ganhar!

Quais são os aspectos positivos dessa competição?

Ah, me faz melhorar, me faz me esforçar mais, ficar concentrado o tempo inteiro no jogo. Eu joguei muito tempo tênis de mesa, eu tinha que ta sempre concentrado em casa ponto, em cada bola... "essa bola eu vou ganhar, essa bola eu vou ganhar!" cada ponto. No final podia ta perdendo, mas me concentrava. É bom, porque me dá uma linha (demonstra com as mãos), eu me concentro aqui, eu vou ao final, mas aqui eu tô fazendo errado, vou procurar melhorar...

Você acha que essa competição se transfere pra outras situações da vida?

Não! No meu caso não. Eu não sou competitivo nas outras coisas e... por exemplo, na escola, comparar na nota, deixar de ajudar amigo, nunca tive esse tipo de coisa, então isso é uma coisa restrita ao esporte pra mim, só!

O que é ser competitivo então?

Pra mim, o que é ser competitivo? Bom, depende o contexto, mas no esporte é você dar o máximo de si até o final e não gostar da idéia de poder perder por antecipação. Pelo menos, saber que tem a chance de ganhar e lutar pra fazer o máximo.

E em outros contextos, o que seria?

Bom, tem gente que é competitivo em tudo na vida né? Tem colega, por exemplo, que no segundo grau compara nota, “aí tirou nota mais alta, tirou nota mais baixa”, então, esse tipo de coisa, eu nunca tive, nunca fui de comparar nota, sempre dei bola pro que era meu e nunca liguei muito pros outros. Então, ser competitivo por der a vantagem em alguns aspectos, mas principalmente no esporte. Agora em algumas outras coisas eu não sei se é tão importante.

Mas você comentou agora pouco que... “sim, eu sou competitivo porque isso me faz melhorar!”...

No esporte! Sim! No esporte sim! Porque eu sempre quero me melhorar e procurar me concentrar em cada bola no tênis, por exemplo, em cada bola no tênis de mesa. Concentrar: “agora eu vou fazer certo!” Às vezes dá errado, mas às vezes não: “a próxima eu vou fazer certo!” Às vezes dá raiva!

WAL, qual a tua formação?

Minha formação? Sou engenheiro eletricitista!

E... você fez pós-graduação?

Fiz mestrado aqui na ufsc mesmo em engenharia elétrica e fiz Doutorado na França.

Porque você fez pós-graduação?

Porque desde o tempo que eu era estudante de graduação, desde o início do curso, eu sabia que eu ia seguir carreira acadêmica, eu sabia que eu ia ser professor, pelo menos, esse era o meu objetivo. Eu não sou professor por acidente, eu sou professor por vocação. Quando eu já tinha.... quando eu era calouro da universidade, a primeira coisa que eu fiz foi ser monitor, a primeira coisa que eu busquei. Eu fui dois anos monitor e eu sabia que eu seria professor, então o caminho natural... eu gosto de trabalhar com pesquisa, com ensino, então eu sabia... eu tinha várias propostas, que eu trabalho em empresa, até os concursos, passei, fui chamado, não fui, porque eu queria realmente entrar numa universidade.

Certo... tu acha que... que de alguma maneira o teu trabalho exige de você uma postura competitiva?

Olha, até exige, mas particularmente eu não aprecio muito! Eu não aprecio muito, eu sei que tem outros colegas do departamento que são bem mais... levam isso muito mais a sério, isso acaba causando separação entre as pessoas; então no serviço eu sou meio que o amigo de todo mundo! Me dou bem com os professores de várias... vários laboratórios diferentes, então eu tenho um relacionamento bom em todos os lugares, com qualquer pessoa do meu departamento, mas isso não acontece com todos, porque tem uns que realmente... se fecham e...”não, eu quero subir aqui...” são carreiristas né? Mas comigo não acontece assim não! Eu prefiro ganhar menos e demorar mais pra chegar no topo, do que perder a amizade com as pessoas e ser meio mal visto!

Mas, você quer chegar no topo?

Onde for possível! Por exemplo, eu sou professor adjunto, em breve eu vou ser professor adjunto quatro, daqui a um tempo. Aí eu cheguei no topo, daí pra frente só titular, não é nada que eu fiquei “ai meu Deus, tenho que ser titular, eu tenho que fazer alguma coisa pra titular” não é algo que eu fique pensando ou tenha deixado de dormir por causa disso, nem fico pensando nada disso. Pra mim, desde que eu esteja feliz, fazendo o que eu tô fazendo, pra mim já tá bem bom!

Mas é algo que você almeja?

Até... ter uma condição financeira, uma posição melhor, sim! Eu almejo, mas eu não coloco isso na frente de nada. Do meu bem estar, da minha tranquilidade, de dormir

bem... não preciso passar por cima dos outros pra chegar lá! Como acontece muito hoje em dia.

E como conseguir isso?

De que? De chegar lá? A importância, obviamente, é financeira né? O ganho financeiro de um professor titular, por exemplo... essas pessoas tem um poder aquisitivo maior ou até o status de dizer que é professor titular, mas, do ponto de vista do trabalho, no dia-a-dia, não vi diferença nenhuma. Não vi diferença realmente nenhuma. No dia-a-dia, na atividade como professor, como pesquisador, não muda nada. Claro que é bom, é o topo das carreiras, mas não é nada com o qual eu me preocupo!

Tu acha que teus amigos ou parentes, eles te acham competitivo?

É... sim! Alguns... na minha família eles acham que eu sou!

Porque?

É uma boa pergunta! No meu trabalho não! No meu trabalho, no meu ambiente de trabalho, as pessoas sabem, me conhecem bem no meu dia-a-dia de trabalho e não acham que eu seja competitivo. A minha família, talvez eles achem que eu seja competitivo em tudo, por causa do lado do esporte. Sempre que eu vou fazer alguma coisa, quando é um jogo, até um jogo bobo coma família, coisinha assim, eu não gostava de perder, mas não gostava mesmo. Não gostava, eu jogava ping-pong, eu jogava pra ganhar! Daí o pessoal: "Ah, parece que joga sempre pra ganhar!" É, eu jogo sempre pra ganhar! Eu nunca joguei pra perder! Se eu perder, eu perdia, mas eu joguei pra ganhar! Mesmo jogo bobo, sei lá! Então assim, eles acham que eu sou competitivo. Só que eu sou competitivo no esporte. Assim como tem umas pessoas que eu conheço que dentro de um campo de futebol, são insuportáveis! Que brigam, que são mal humoradas, grosseiras; acabam o jogo? São uns doces! Eu tenho amigo que é assim! Então se a pessoa, visse aquela pessoa naquele contexto, vai achar que é o pior idiota da face da terra. A partir do instante que acaba o jogo, a pessoa ta bem calma, tranqüila! Uma coisa meio esquisita. Eu sou um pouco assim, mas o meu é da competitividade, dar o máximo até o final! De correr bastante, de tudo! Suar a camisa!

Então... a gente já falou aqui de competição em vários aspectos. ...

Unhum...

Qual a importância da competição pra sua vida?

Como eu falei pra ti, fora do contexto esportivo, jogo, eu não sou competitivo, então eu não... eu acho que a pessoa tem que ter um... uma visão: "eu quero chegar lá!" Eu quando tava na graduação, o meu objetivo era fazer mestrado, era fazer doutorado e era ser professor da ufsc. Esse era o meu objetivo, até eu conseguir!

Pautado em que, esse objetivo?

Pautado em saber o que eu gostava de fazer. Eu sabia que, primeiro, eu sou de Florianópolis, me criei aqui, gosto daqui e queria trabalhar aqui. Trabalhei três anos fora, em Curitiba. Fui dar aula lá na Universidade Federal do Paraná, mas eu sabia que era uma fase de transição, que não era o meu objetivo final como profissão ou, pelo menos, profissão era, mas não o local, que o meu objetivo final era aqui; aqui eu sempre gostei, aqui sempre me fascinou o fato de dar aula, então, eu queria. Queria e sempre quis isso! Então, não tive competitividade no mestrado, não tive no doutorado. Bom, obviamente pra fazer concurso eu fui obrigado a competir com outras pessoas, mas eu nunca... no mundo profissional eu nunca precisei exercer nada de competitivo, nunca precisei nem me preocupar com isso. Então, acho que é como eu falei, a pessoa tem que ter um objetivo e ir atrás do objetivo, mas não precisa passar por cima dos outros.

E com a competição na tua vida?

Ah , a competição, justamente... é como eu falei, independe... pra dar o máximo de si, mas sem precisar passar por cima dos outros. No futebol, no esporte, às vezes, tem que dar uma... uma chegada mais próxima, um grito, uma coisa assim, chegar mais junto, isso acontece, às vezes, sem violência, mas, às vezes, tem que... expandir um pouco mais. No trabalho, no meu caso, eu não preciso disso! Sou considerado muito calmo no meu ambiente de trabalho. Já dentro do campo de futebol, sou um pouco menos, não sou

aquele estouradisse, mas sou... não jogo quieto entende? Eu fico falando o tempo inteiro.

Você queria comentar mais alguma coisa?

Não sei! Então como eu falei pra ti, competição pra mim, eu acho legal quando a pessoa... no esporte e que não prejudique ninguém, né? No mundo da profissão... bom, hoje em dia o mundo ta cada vez mais competitivo, né? Principalmente eu fico até com certa pena das pessoas que vão ingressar no mercado de trabalho hoje, porque... porque é uma guerra! É uma guerra ou melhor, só pra te contar uma história, quando eu fiz mestrado, na época em que eu fiz mestrado, existia um curso de nivelamento que era um mês e meio de aula, dado antes de começar o mestrado, com todas as pessoas que chegavam de todos os lugares do Brasil e durante esse curso de nivelamento, era dado três disciplinas e tinha prova, trabalhos e etc e era ranking, primeiro, segundo, terceiro pra locar as bolsas, porque você podia escolher “eu quero tal bolsa, eu quero tal bolsa...” e... eu lembro que... modesta parte, eu sempre fui um aluno muito bom né? Mas eu fazia os trabalhos, as pessoas vinham pedir explicação, ajuda, não tinha problema nenhum!!! Eu nunca fiz assim, deixei de lado e: “não, não vou dar nada porque ele ta competindo comigo” Nunca! Em nenhum instante eu fiz isso na minha vida! Ah, quer ajuda? Te ajudo, vem cá, vou te ajudar! “ah, não entendi! – Vem cá, te ajudo, vamo fazer!” né?... Isso não me prejudicou...

Mas assim, eu entendi o que você ta dizendo, mas você não acha que... você acredita que de alguma maneira a competição exercida no esporte, no teu caso o tênis, futebol... ela influencia de alguma maneira em outros setores da vida?

É... influenciar até... com certeza influencia como aquilo que eu te falei, colocar um objetivo e ir atrás desse objetivo. Chegar e: “eu quero fazer isso!” Eu falei... quando eu tava na graduação, eu queria fazer doutorado na França, porque? Porque eu tinha fascinação pra ir pra França! Então esse era objetivo. Então tudo que tiver ao meu alcance, dentro de certos limites prejudicar ninguém, é ir pra conseguir esse meu objetivo, então... não sei se isso é ser competitivo, mas pelo menos é ser determinado. Então, talvez o lado do esporte daquele de determinação... “agora eu vou fazer até o final, pra fazer o melhor de mim...” Então eu acho que essa determinação, o esporte ajuda! Ajuda a passar sim! Nunca deixar, nunca ta derrotado, sei lá... pra mim só perde com nota boa!

O que te move a ir jogar futebol, vir jogar tênis... o que é que te trás aqui?

Ah, primeiro que eu gosto. O prazer de ta numa quadra jogando futebol e jogando tênis! Isso é a primeira coisa. Tanto que, tem o lado da saúde, claro, mas, por exemplo, pra saúde eu já fiz, já fiz musculação em academia, mas isso eu parei, porque isso não me dava prazer. No lado da saúde é até melhor do que tênis ou futebol. Lá, pelo menos, eu movimento todos os músculos, tudo e ... só que eu sabia que tava fazendo muito bem pra minha saúde, só que não era uma coisa que eu conseguia fazer por quatro horas por prazer como eu consigo fazer com o tênis!

Porque é que é que tu acha que consegue jogar tênis e futebol e não consegue ficar na sala de musculação?

É... pelo prazer do esporte! Sei lá... o jeito, o tipo de coisa! A musculação, por exemplo, é um esforço físico. A sensação que dá depois é muito boa! Quando a gente sai da academia é maravilhoso realmente! Dopamina né?! A pessoa sai bem levinha! E isso realmente é bom! Só que o fato de ir numa academia e... bom, talvez se eu tivesse uma academia na minha casa, talvez eu gostasse mais. Não sei...

Quando você joga tênis é... você sempre disputa pontos?

No início quando a gente chega não! Fica batendo, batendo... mas depois, geralmente sim!

E no futebol sempre tem aquela peladinha...

Ah, futebol, pelo menos o que eu jogava, futebol de salão, é... era bem competitivo, porque era sempre uma equipe contra a outra. Sempre as mesmas. E tinha uma pessoa lá que organizava o futebol, ele escreve num papel e faz o ranking do ano. Então no final

do ano pra ver qual foi o time que conseguiu mais vitórias. Então ali tinha competição sim! Competição sim! Não era só aquela peladinha de amigos que eu vou jogar não.

Se fosse o caso de ir pra não jogar a “peladinha” você não iria? Só iria se fosse pra jogar?

Esse do futebol de salão? Não até que... eu gosto de jogar, mesmo que não tenha essa competição, só que, por exemplo, às vezes eu participo de... com alunos de churrasco, desse tipo e tem futebol e eu jogo. Então eu gosto de jogar, só que daí entra um cara com um copo de cerveja na mão e pega a bola com a mão e sai correndo, não adianta... não gosto! Na hora que ta jogando, ta jogando. Na hora que ta jogando, jogo pra ganhar... fazer gracinha não... no tênis eu posso vir e ficar batendo, sem contar ponto, não tem problema nenhum. Já vim algumas vezes quando era na ufsc, com a moça que jogava comigo, várias vezes a gente veio e não jogou. Só ficava batendo, só! Batendo, batendo... não tinha problema nenhum. Com meu irmão, a gente joga ponto, também.

Então era isso WAL, obrigada!

Entrevista nº 20

LEGENDA: Em negrito – Pesquisadora
Normal – Sujeito 20,CLS (S20,CLS)

Quería que você começasse se identificando né? Dizendo seu nome, idade, o que é que você faz...

Unhum... meu nome é SAN, eu tenho 19 anos, eu estudo na Universidade Federal, faço curso de Geografia e tô no segundo semestre.

Ta, e... qual o teu estado civil?

Solteiro!

Tem filhos?

Nenhum!

Quando você vem jogar tênis aqui, normalmente você vem que horas?

Normalmente eu procuro vir logo após a aula, né?... almoço e geralmente das duas (14h) em diante.

Porque esse horário?

Porque fica mais fácil minha flexibilidade de aulas, pra, mim é melhor né?... no caso, a tarde eu fico com tempo livre!

E... no final de semana você vem jogar também?

Não, final de semana não, porque fica difícil o acesso né?... em termos de locomoção, daí é melhor não ir né?

E você vem sempre nesse horário ou você vem em outros horários?

Não.. eu sempre venho nesse horário, mas tem alguns semestres que não tem aulas ou professores avisam que vão faltar, daí a gente vem em grupo né?... normalmente pra sala, da sala. Daí eu venho com o grupo as sala de manhã também.

Você acha que esse horário é mais apropriado pra você jogar?

A tarde?

Sim?

Não é o mais apropriado por causa do calor intenso, mas é o que ta podendo...

Quando tu ta muito atarefado com tuas coisas da universidade, né?... com outras coisas,

O que é que te faz arranjar esse tempinho pra jogar?

Esse tempinho? ... seria quase uma prática física né? ... que eu tenho, sei lá, que eu gosto de praticar esportes e daí eu arrumo um tempinho, mas quando ta atarefado, muito atarefado, às vezes, na sexta feira é o melhor, na sexta feira a tarde, porque daí ta passando o final de semana, passou tudo né? Ta tranqüilo!

Mas você sempre arruma um tempinho pra vir?

Quase sempre... quase sempre! O mínimo... no mínimo umas seis vezes no mês.

Quando você diz assim... quando eu tô muito atarefado, eu arranjo um tempinho na sexta, porque aí já tem passado tudo! O que é que faz você vir praça e não ir fazer qualquer outra coisa? Vir pra cá jogar tênis? Na sexta feira depois de ter passado tudo?

Ter passado tudo? Ah, relaxar né? Com meus amigos, porque daí a gente dá muita risada, se diverte é mais... o esporte faz mais essa descontração, essa interação entre as pessoas.

Você... você se considera competitivo?

Não, não!

Mas, quando você vem jogar com seus amigos aqui, vocês disputam pontos?

Não, a gente conta ponto e tudo porque tem várias pessoas né?... Então, como é uma quadra de tênis, aí fica, às vezes, pessoas de fora daí a gente conta pontos né?

E isso não é uma maneira de competir?

Podemos dizer que sim! Porque depois há sátiras, tudo mundo tira sátiras um do outro porque venceu de não sei quanto...! Considero que sim!

O que é ser competitivo?

É... sei lá, tu ter vontade de ta ganhando aquilo pra mim, é ter vontade de ta ganhando aquilo pra depois ta fazendo as brincadeiras como eu falei antes, que eu tinha citado.

Quais são os aspectos positivos dessa competição?

Os aspectos positivos? É o relaxamento né? No caso o estresse, que eu acho que eu tenho e meus colegas tem também. É isso aí eu acho!

Você acha que essa competição contribui com a sua saúde?

Se chega a contribuir? Chega!

O que te move a vir aqui?

O que me move a vir aqui?... é ta com os amigos e praticar esportes né?

Se fosse o caso de você vir só pra jogar paredão, por exemplo, pra bater com a bolinha na parede, você viria?

Não!

Porque?

Porque ta o intuito da competição e ta dando certo com meus amigos, eu prefiro... eu acho que... tipo, eu não sou um desportista que tem que ta treinando tida hora. Normalmente que faz isso são os esportistas e pra mim não é interessante! Pra mim é interessante vir, jogar com um colega meu pra poder conversar, trocar uma idéia...

Como é que você percebe a competição fora das quadras de tênis?

Como é que eu percebo?

A competição...

Tipo, a competição voltada pra que? Tipo assim...

“A competição!”

Ah, muito acirrada em todos os momentos, não só no esporte como... como aqui na faculdade, na universidade, acontece muita competição entre trabalhos, entre pessoas assim. Tem a competição, existe né? Fora as provas, existe também a competição de vários querer ser sempre o melhor, sempre tirar uma nota máxima, sempre vai querer fazer tudo...

Então você acha que a competição, ela acaba se transferindo pra outras situações da vida? Do cotidiano?

Unhum... eu acho que ela se transfere sim!

A tua universidade, o teu curso, ele exige de você uma postura competitiva?

Como é que eu vou dizer... no meu curso não, mas o pessoal da minha sala exige porque todos são de um nível muito alto assim, todo mundo compete entre si bem dizer, porque pra tu ta conseguindo bolsa em algumas coisas, a universidade exige notas altíssimas, então, no caso, é competitivo, tu tem que pisar em alguém pra conseguir aquilo.

Teus amigos ou parentes, eles te acham competitivo?

Não... nunca cheguei a comentar assim com... tipo, com meus parentes, nunca cheguei a comentar, mas os meus amigos não!

Não?

Não... não acreditam porque tipo, eu não tô muito aí pra nada eu tô mais aí pra usufruir de tudo que ta aí e aprender se for possível né?

Qual a importância da competição então, pra você?

A importância da competição?... pra mim seria um meio de dentro... fora das quadras, nenhum, mas dentro da quadra seria um meio de ta brincando depois de ter de tirar sátira dos colegas.

Mas, mesmo você não se achando muito competitivo, você... você assume assim, que o meio ele é competitivo não é?

Que o meio é!

E você não acredita que essa competição que... mesmo que seja pra tirar sarro, na qual ela possa lhe auxiliar no meio?

Ah, pode me tornar competitivo dentro do meio, mesmo eu não me achando competitivo. Pode influenciar!

Mesmo sem saber?

Mesmo sem saber!

Tu acha que isso é importante?

Se é importante competir? Eu acho que... não! Falando do meio assim, eu acho que não... sei lá! No meu ponto de vista, eu acho que... não!

O que significa competição então?

O que seria competição? Ah, seria um modo que as pessoas encontram tentar se demonstrar pra si mesmo melhores do que os outros e assim elevar seu ego né? No caso, eu vejo assim!

Quer comentar mais alguma coisa?

Não, não!

Então seria isso!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)